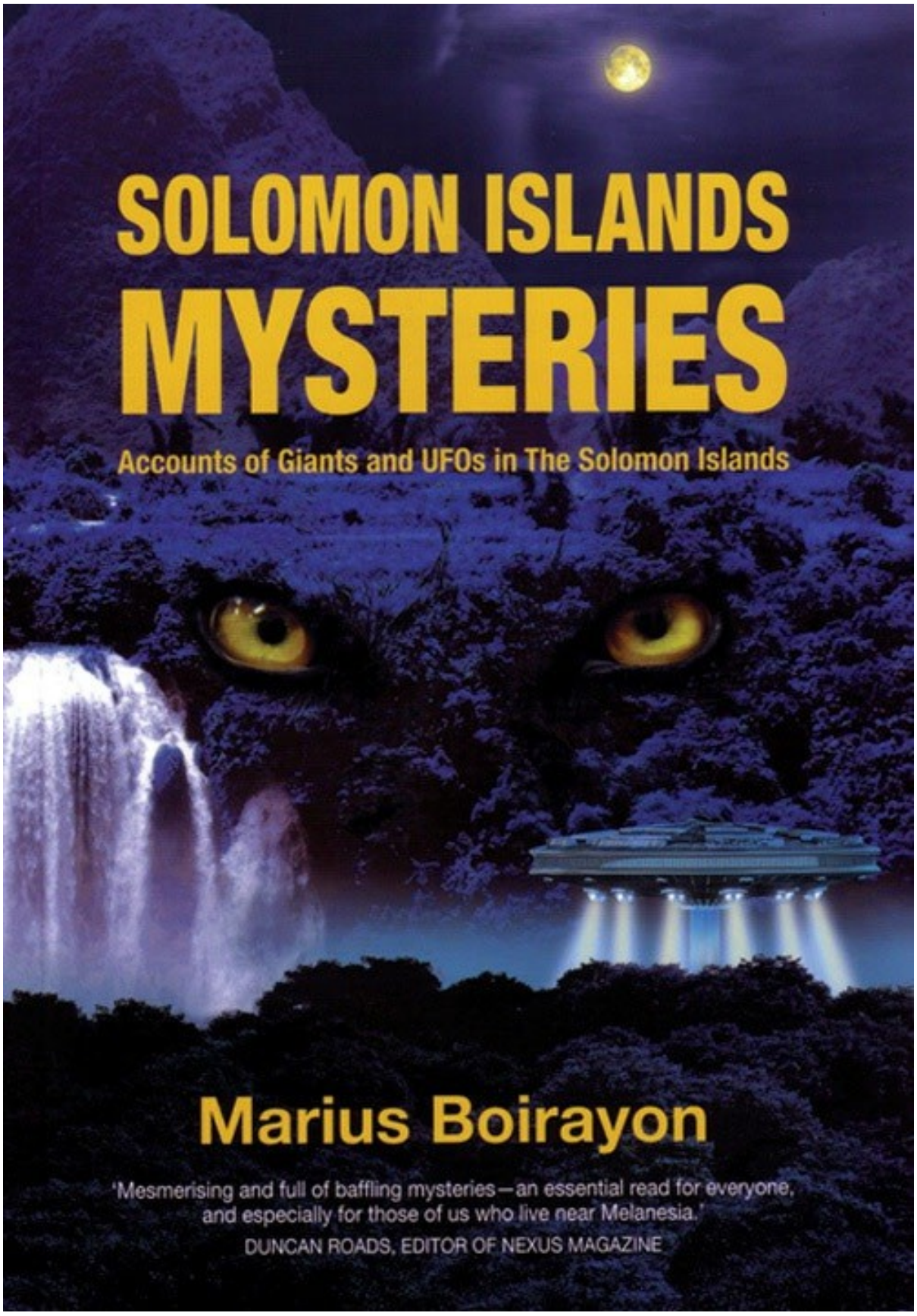
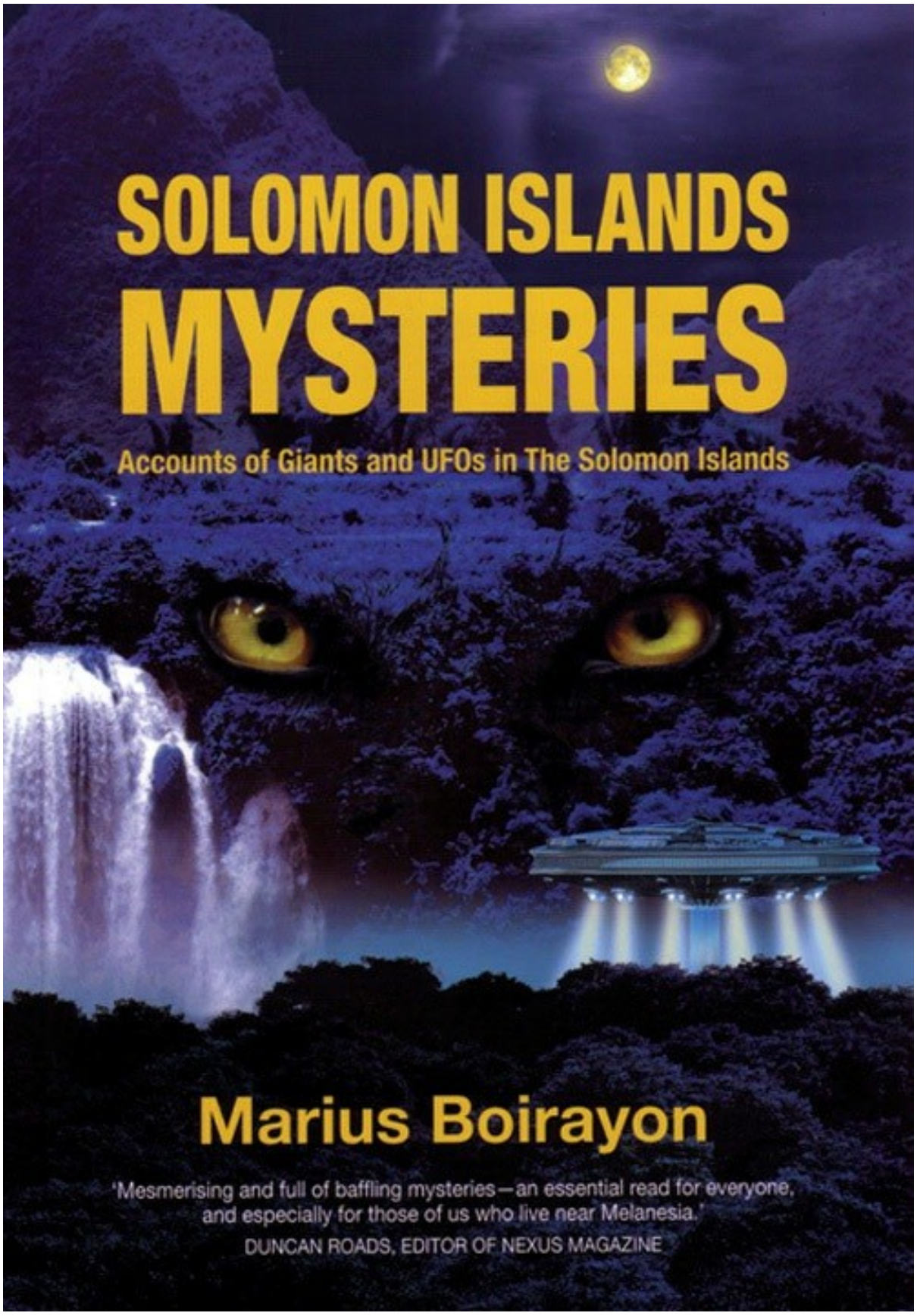

SOLOMON ISLANDS
MYSTERIES
Accounts of Giants and UFOs in The Solomon Islands
Marius Boirayon
'Mesmerising and full of baffling mysteries—an essential read for everyone, and especially for those of us who live near Melanesia.'
DUNCAN ROADS, EDITOR OF NEXUS MAGAZINE


SOLOMON ISLANDS
MYSTERIES
Accounts of Giants and UFOs in The Solomon Islands
Marius Boirayon
'Mesmerising and full of baffling mysteries—an essential read for everyone, and especially for those of us who live near Melanesia.'
DUNCAN ROADS, EDITOR OF NEXUS MAGAZINE

SOLOMON ISLANDS MYSTERIES

Accounts of Giants and UFOs in The Solomon Islands

Marius Boirayon

Publicado pela primeira vez por Marius Boirayon em 2009

www.solomonislandsmysteries.com

Direitos autorais© Marius Boirayon

Todos os direitos reservados. Sem limitar os direitos reservados acima, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou introduzida em um sistema de recuperação, ou transmitida,
sob qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro) sem a prévia autorização por escrito do editor deste livro.

INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com Marius e suas estranhas histórias sobre gigantes e OVNIs nas Ilhas Salomão foi através de um artigo publicado na revista Nexus há vários anos, e ainda me lembro da minha total descrença quando li o artigo pela primeira vez e como o abandonei em mais de uma ocasião em favor de uma prosa mais crível.

No entanto, por alguma razão que até hoje não consigo explicar, continuei voltando a esse artigo bizarro, onde as palavras pareciam rastejar pelas páginas e se alojar sob minha pele como alguma estranha forma de vida tropical em busca de um hospedeiro adequado.
Lá ficaram essas palavras até que, certa manhã, finalmente liguei para Duncan Roads, da Nexus, para saber como poderia entrar em contato com o autor dessas histórias estranhas, que na época estava procurando patrocinadores para continuar sua busca pelos mistérios das Ilhas Salomão.

Em poucos dias, eu estava em um avião saindo de Sydney com destino a um lugar obscuro em Queensland para me encontrar com Marius e outro contato de Melbourne chamado Peter Tulloch, que também, por razões que nem ele mesmo entendia, estava indo para o mesmo lugar como parte de um estranho encontro que, em momentos de introspecção racional, não fazia nenhum sentido para nenhum de nós dois na época.

De alguma forma, todos nos conhecemos e a estranheza foi aumentando à medida que ouvíamos mais sobre o passado de Marius nessas ilhas. Foi então que descobri que Peter era um conhecido ex-cinegrafista de TV que decidira explorar os mistérios do mundo de uma forma mais empreendedora do que a televisão convencional poderia oferecer. Isso significava que tínhamos Marius com suas histórias estranhas, Peter com a habilidade de registrar profissionalmente qualquer expedição e eu com alguns fundos escassos para tentar financiar nossas possíveis

visitas a essas ilhas.

Após um longo dia com Marius sob o sol quente, o que pode ter prejudicado nosso julgamento, Peter e eu concordamos que tudo isso era tão louco, tão bizarro e tão totalmente inacreditável que precisávamos montar uma expedição para ver o que diabos estava acontecendo nessas ilhas. Se, de alguma forma, todos nós tínhamos sido levados a este pedaço de terra australiana apenas para discutir uma realidade aparentemente impossível ao largo da nossa costa, então tínhamos de ir, nem que fosse só para ver o que nos esperava no nosso futuro coletivo.

Superficialmente, tudo parece fácil. Basta reservar uma passagem na Solair (que agora é a Solomon Airlines) e, em cerca de três horas, você chega a Honiara, capital das Ilhas Salomão, ansioso para começar sua aventura. Quão difícil poderia ser? Afinal, apenas alguns anos antes, eu havia levado minha família para uma das Ilhas Salomão para duas semanas de solidão e beleza inesquecíveis, e todos nós estávamos bem.

Bem, naquela época não estávamos caçando gigantes e OVNIs, nem tentando localizar suas supostas bases subterrâneas, mas agora que estávamos, os lugares que precisávamos visitar poderiam muito bem estar nas profundezas da Área 51, no deserto de Nevada. Na verdade, isso provavelmente era pior, pois pelo menos em Nevada você se depara com guardas de segurança convencionais, embora intimidadores, com armas que você reconhece, mas aqui os obstáculos são sutis, depois evidentes e, por fim, diretamente fatais. A menos, é claro, que você tenha as senhas certas, das pessoas certas, entregues no momento certo, aos ouvidos certos. Sim, é assim tão complicado, potencialmente perigoso e certamente não é para os fracos de coração.

Chegou ao ponto em que apenas tentar chegar aos locais preferidos de Marius nos deu informações suficientes para um livro do tamanho de Guerra e Paz, enquanto nos agarravamos à montanha-russa que se seguiu apenas para tentar organizar como chegaríamos a essas áreas remotas nas ilhas. Então, só para adicionar mais um componente a tudo isso, a Austrália decidiu dar assistência militar a essas ilhas em conflito depois que John

Howard voltasse de uma visita ao seu amigo George Bush, o que significava que havia uma complexidade adicional não só em chegar às ilhas, mas também em se deslocar uma vez lá.

Finalmente, os preparativos foram concluídos, o que, nos termos das Ilhas Salomão, é um tipo de "concluído" diferente do que você está acostumado com seu agente de viagens local, e nosso intrépido explorador Peter Tulloch entrou no mistério das remotas ilhas exteriores das Salomão e, quanto mais ele se aprofundava, mais estranho se tornava e mais perto a realidade, a ficção e a magia começavam a se fundir. Tudo o que faltava era encontrar Marlon Brando em uma caverna na floresta tropical com Francis Ford Coppola gritando "Ação". Era realmente muito estranho.

Quanto mais Peter era aceito pelos ilhéus nessas comunidades remotas, mais as histórias fluíam e, se é que podemos acreditar nelas, gigantes e OVNIs realmente habitam essas ilhas primitivas; certamente dentro do reino da realidade em que essas pessoas vivem, que por si só está tão distante da nossa experiência ocidental que poderíamos muito bem ser outra raça de alienígenas saindo dos nossos OVNIs e caindo nas garras das imponentes florestas tropicais escuras, que são tão densas que, nas palavras de Peter, poderiam esconder um Tiranossauro Rex a vinte passos de distância.

Tragicamente, nosso plano para uma série progressiva de expedições a essas terras incríveis foi interrompido quando, um ano após nossa primeira visita às ilhas, Peter foi diagnosticado com um tipo muito raro e virulento de câncer, do qual morreu 18 meses depois. Portanto, embora tenhamos apenas arranhado a superfície das estranhas histórias das Ilhas Salomão, este livro lhe dará uma ideia da magia e do mistério que Marius encontrou como morador dessas ilhas, onde se casou com uma mulher da comunidade local.

Então, a Peter Tulloch, um grande amigo e um espírito incrível. Você inspirou a todos nós e sua jornada para aceitar o desafio lançado por Marius de seguir seus passos para ver o que realmente se esconde nas profundezas dessas terras incríveis nunca será esquecida.
Peter, sentimos sua falta, seu espírito e tudo o que você é. Ah, sim, e obrigado pela

a nuvem em forma de pires!

Gareth Owen

Sydney

2009

PREFÁCIO

Por que tive que recontar, ao escrever este livro, as descobertas da raça gigante das Ilhas Salomão e dos OVNIs extraterrestres, que fiz nessas ilhas anos atrás? Embora tenham sido descobertas surpreendentes, além do pensamento contemporâneo, por muitas razões elas ainda não foram reconhecidas pela ciência convencional – embora agora eu compreenda perfeitamente por que isso acontece.

Nos últimos dez anos, fui sequestrado nas Ilhas Salomão sem passaporte ou quaisquer pertences e, em seguida, enviado de volta para a Austrália pela polícia federal do meu próprio país, sob escolta. Seus chefes também me impediram de deixar a Austrália para outros países do mundo. Mesmo que o atual primeiro-ministro das Ilhas Salomão me implorasse para voltar, eu teria que obter permissão das agências de inteligência secretas e ultrassecretas do governo australiano, que estão ligadas às suas contrapartes, pelo menos nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. E isso definitivamente não vai acontecer, por razões que podem ser encontradas neste livro.

Este livro também contém um vislumbre nunca antes registrado da história incrivelmente bizarra das Ilhas Salomão, um país ao norte da Austrália.

Ele apresenta uma pequena coleção de histórias folclóricas conhecidas e históricas das Ilhas Salomão, que usei para retratar a relação tumultuada que os habitantes das Ilhas Salomão têm vivido com sua raça gigante e outros seres subterrâneos extraterrestres, que vivem com eles há milênios, até os dias atuais.

Além disso, neste livro, há algumas das minhas experiências pessoais que me levaram à descoberta desta parte surpreendente da história das Ilhas Salomão.

É tudo sobre duas civilizações fenomenais que descobri nas Ilhas Salomão e este livro é, mais uma vez, uma tentativa de trazer essas descobertas à atenção do mundo moderno e da ciência convencional.
Embora, no momento, seja necessário muito mais do que este livro para fazer isso.

A primeira descoberta é que o povo das Ilhas Salomão compartilha seu lar com hominídeos gigantes anteriormente desconhecidos. E, por várias razões, isso não era conhecido, ou pelo menos explicado dessa forma, para o resto do mundo até agora.

A segunda descoberta diz respeito ao paradeiro de cinco entradas subterrâneas de OVNIs, que me levaram à descoberta de civilizações extraterrestres que existem sob as Ilhas Salomão há tanto tempo quanto os gigantes, se não mais. Também parece haver uma ligação entre os gigantes e esses extraterrestres que fizeram das Ilhas Salomão o seu lar.

Por motivos urgentes, essas descobertas revolucionárias me obrigaram a persistir na tentativa de compartilhar o que descobri com o resto do mundo – e agora a escrever este livro. Precoce ou não, a ciência é uma progressão de novas descobertas, e algumas delas podem ser encontradas neste livro.

Em média, há um avistamento de OVNI em algum lugar do mundo a cada dois minutos. Embora não haja escassez de tráfego extraterrestre ao redor do planeta Terra proveniente de outras partes da galáxia, a maioria dos avistamentos de OVNIs que nós, homo sapiens habitantes da superfície, vemos são, na verdade, de espécies subterrâneas extraterrestres que vivem abaixo do nosso planeta. É um mundo grande lá embaixo...

Durante a minha estadia nas Ilhas Salomão, descobri cinco entradas para

civilizações subterrâneas que os OVNIs utilizam, mas, décadas atrás, as agências secretas de inteligência militar dos governos americano, britânico e australiano também o fizeram. Eu sei bem disso...!

Este livro é dedicado com muito carinho ao meu filho Errol.

CAPÍTULO UM

UMA NOVA VIDA

Aos trinta e cinco anos, eu estava no fundo do poço moral e espiritualmente. Principalmente devido à perda de amores e à minha natureza aventureira e rebelde, eu havia chegado ao fundo do poço, estava emocionalmente arruinado e não via mais futuro para mim na Austrália. Como cheguei a esse estágio de desânimo na minha vida é uma história incrível, mas, na época, dinheiro não era problema e eu estava pensando para onde poderia ir.

Eu alugava um apartamento de luxo à beira-mar, ao norte de Brisbane, e era tarde da noite, enquanto pensava para onde ir, que decidi folhear meu velho atlas. Quando cheguei à página do Oceano Pacífico, encontrei as Ilhas Salomão circuladas, com uma seta e uma anotação que dizia: “Aqui... As Mil Ilhas!” Minha mãe tinha feito isso quando ainda era viva. Naquele momento, tive a certeza, como se fosse um presságio ou um sinal, de que meu destino estava nas Ilhas Salomão.

Tarde da noite, alguns dias depois, cheguei ao Aeroporto Henderson, na ilha de Guadalcanal, nas Ilhas Salomão, e fui recebido por um ônibus de cortesia do hotel onde eu havia reservado minha estadia.

Minha aventura estava prestes a começar. Na madrugada do dia seguinte, fui abrir a torneira para pegar um pouco de água, mas nada saiu, exceto muito ar, e eu estava com uma sede terrível. Depois de descobrir que o mesmo acontecia no resto do hotel, saí para a cidade deserta e desci a rua principal, procurando um lugar para matar minha sede. Foi nesse momento que um Toyota Camry preto

Camry preto parou ao meu lado e o motorista perguntou se eu precisava de uma carona. Contratei esse homem e seu táxi pelo mês seguinte, por US$ 100 por dia. John se tornou um bom amigo meu ao longo dos anos e tivemos muitos momentos memoráveis juntos. Indiretamente, há alguns anos, e por meio da minha amizade com ele, "Big John" foi eleito chefe de uma seção do temível povo Kwara'ae de Malaita, nas Ilhas Salomão. Essa população, estimada em 30.000 pessoas, vive em uma área da grande selva tropical montanhosa daquela ilha.

Durante aquele mês, "Big John" foi uma fonte de informações sobre o país e seu povo, e eu conheci muitos deles – mais do que a maioria dos homens brancos normalmente conheceria. Foi nessa época que também conheci minha primeira esposa das Ilhas Salomão, Miriam. E u me apaixonei por ela. Ela era uma jovem de vinte anos, pequena, educada e articulada, a mais velha de uma família grande e respeitável de Malaita, e eu a pedi em casamento; o que, sem surpresa, ela aceitou, já que eu era um cara legal, u m homem branco e tinha conversado com o pai dela sobre o assunto.

Eu me apaixonei pelo país e pela natureza amigável do povo. Isso me lembrou da infância feliz que tive nas terras altas de Papua Nova Guiné. Como bônus, eu já falava quase fluentemente o pidgin inglês e, devido à minha habilidade em falar essa língua simples, fui facilmente aceito e fiz muitos amigos e conhecidos genuínos, mais rapidamente do que outros homens brancos naquela época.

Apaixonado pelo meu novo futuro neste belíssimo arquipélago tropical, deixei Miriam com dinheiro para começar a organizar nosso casamento e voei para Brisbane para embalar um contêiner com todos os meus bens materiais e outros itens que achei que poderia precisar.

Algumas semanas depois, voei de volta para as Ilhas Salomão com um amigo australiano, a quem eu havia patrocinado para vir e ser meu padrinho de casamento. Poucos dias após nossa chegada à capital, Honiara, aluguei uma casa espaçosa, moderna e elevada

no sopé de uma colina com vista para Iron Bottom Sound. A vista do mar da varanda da frente era de tirar o fôlego. Algumas semanas se passaram, durante as quais comprei um carro sedan de quatro portas. Meu contêiner chegou uma semana antes do casamento e, na presença de algumas dezenas de pessoas, nos casamos à beira-mar, no jardim da antiga Casa do Parlamento, onde também fizemos a recepção.

Embora houvesse apenas algumas dezenas de pessoas na cerimônia, meia hora depois, na recepção, centenas de convidados chegaram. Antecipando-me a isso, eu não tinha poupado despesas, contratando um restaurante chinês de renome em Honiara para preparar o banquete de casamento.

O que eu não sabia na época era que, quando um homem branco se casa com uma mulher de Malaita — e eu fui o primeiro a fazê-lo em muito tempo —, ele se casa com toda a ilha. Alguns anos depois, isso certamente se provou verdadeiro...

Durante os meses seguintes, regularizei minha situação de imigração e obtive uma autorização de trabalho de dois anos, pois havia muitas oportunidades para abrir qualquer tipo de negócio. Meu sogro conseguiu isso para mim e Miriam se adaptou à vida de esposa, com muito apoio da família e dos amigos. Não era incomum eu chegar em casa e encontrar metade da tribo debaixo da casa. Eu sempre aceitei isso como algo normal e não fazia questão.

Entre os pertences que chegaram no meu contêiner estava uma moto nova Yamaha WR500 de 2 tempos para motocross, uma das poucas motocicletas nas Ilhas Salomão e, com certeza, a única desse tipo lá. De vez em quando, eu colocava combustível na minha mochila, jogava-a nos ombros e saía para andar de moto, explorando Guadalcanal por um dia ou mais. Como eu tinha uma boa moto para essas aventuras e era a primeira pessoa a andar de moto em Guadalcanal, eu realmente me soltei nos meses seguintes, indo a muitos lugares diferentes, a leste e a oeste, até onde as estradas de terra da ilha me levavam.

Foi durante uma dessas viagens que conheci Joseph, que mais tarde se tornou meu bom amigo e se juntou a mim em expedições e outras viagens, algumas mencionadas neste livro. Ele também me ensinou muito sobre a existência dos gigantes de Guadalcanal e das Ilhas Salomão, entre outras coisas.

Com o passar dos meses, senti uma vontade crescente de explorar o resto das Ilhas Salomão. Eu havia me interessado pela província das Salomão Ocidentais, em particular por Gizo, a principal cidade do grupo de ilhas da Nova Geórgia. Além disso, não conseguia nos imaginar vivendo em Honiara pelo resto da vida, pois tinha o desejo de mudar para outro tipo de estilo de vida insular. Com nossos pertences de volta em um contêiner, voamos para Gizo, cerca de 400 quilômetros a oeste.

Aqui, experimentamos um agradável estilo de vida insular, morando em uma charmosa casa semi-tradicional de madeira construída sobre palafitas, nos arredores de uma pequena e tranquila cidade à beira-mar. Eu havia comprado uma canoa de madeira de 8 metros com motor de popa para me locomover e explorei muitas das ilhas, acabando por comprar uma delas. Moramos lá por várias semanas antes que meu sogro exigisse que voltássemos para Guadalcanal. Isso se deveu simplesmente ao fato de estarmos muito longe para que ele pudesse continuar me sangrando milhares de dólares por semana até voltarmos!

Deliberadamente, fiz esta primeira parte da minha estadia nas Ilhas Salomão breve, para que possamos prosseguir com o verdadeiro objetivo deste livro – os gigantes e os OVNIs das Ilhas Salomão.

CAPÍTULO DOIS

A SERPENTE DRAGÃO

Tínhamos acabado de voltar do arquipélago de Nova Geórgia, onde eu havia comprado uma bela ilha tropical com praias de areia branca e coqueiros, e precisávamos desesperadamente de um novo lugar para alugar em Guadalcanal. Meu melhor amigo, Joseph, estava me ajudando a encontrar uma casa, de preferência fora da área de Honiara. Como havia escassez de moradias habitáveis, estávamos quase chegando ao ponto de aceitar qualquer coisa que aparecesse.

Durante aquela semana procurando algo adequado, encontramos uma casa à beira-mar que ficava em uma plantação de coca abandonada. Precisava de alguns reparos, mas era perfeita para o que eu precisava. Depois de investigar quem era o proprietário do imóvel, descobri que pertencia a um ministro do governo. Na época, achei um pouco estranho que um ministro com um salário equivalente a 25.000 dólares australianos por ano pudesse realmente possuir uma propriedade tão grande. Mesmo assim, levamos o zelador da propriedade conosco para nos dar informações, além de algumas dezenas de seus "puxa-sacos", que estavam fazendo uma festa barulhenta. Depois, voltamos para Honiara, para a casa do "Honrado Ministro".

Era uma casa enorme de dois andares com varandas ao redor. Subimos as escadas até chegarmos ao local onde finalmente encontramos o "Honrado Ministro" deitado sobre sua barriga avantajada, montando um grande quebra-cabeça de madeira com letras do alfabeto, enquanto uma dúzia de seus "puxa-sacos" faziam uma festa barulhenta, bebendo. Como eu nunca tinha visto o senhor antes, apresentei-me educadamente e expliquei o motivo da minha visita. Ele simplesmente olhou para mim e voltou a se concentrar no quebra-cabeça.

Fiquei um pouco surpreso com sua grosseria e ignorância em relação a mim. Joseph percebeu meu constrangimento e repetiu para ele o que eu havia dito, na língua de Guadalcanal. O ministro então respondeu a Joseph que teríamos que esperar até que ele terminasse o que estava fazendo, o que Joseph me transmitiu. Como ele tinha apenas mais algumas peças para encaixar e nós tínhamos um motivo importante para estar ali, decidi esperar. O ministro me fez esperar deliberadamente para poder demonstrar seu poder sobre o homem branco.

Foi durante esses dez minutos, enquanto eu estava em posição de sentido esperando esse homem "honrado" terminar seu quebra-cabeça ridiculamente fácil de pré-escola, que percebi que o quebra-cabeça não só tinha letras maiúsculas do alfabeto, como também tinha uma imagem de um animal relacionado àquela letra específica. Minha paciência começou a se esgotar quando vi a dificuldade que ele tinha em encontrar o lugar para a peça "M", que por coincidência tinha a imagem de um macaco. Tive vontade de me esticar e montar o resto do quebra-cabeça para ele. Finalmente, com um grande suspiro de satisfação por sua conquista, ele rolou do chão e sentou-se em um banco próximo. Enquanto descascava uma noz de bétele, ele me perguntou o que eu queria. Repeti mais uma vez meu interesse pela casa. Como se tivesse pensado nisso a vida inteira, ele me disse que eu poderia alugar a casa, mas que primeiro precisaria de US$ 6.000 para mostrar boa vontade. Respondi com uma pergunta razoável, perguntando se esse dinheiro era para garantir o aluguel da casa, mas, sem responder, ele foi falar com outro homem. Quando voltou com o homem com quem estava conversando, ele o apresentou cordialmente como outro "Honrado Ministro", que também exigiria US$ 6.000 se eu quisesse alugar a casa.

O comportamento absurdo deles me fez questionar se eles estavam falando sério ou se eram apenas simplórios audaciosos. Infelizmente, depois de ponderar tudo, a resposta que cheguei foi que eram as duas coisas. O mais estranho de tudo foi que, quando recusei educadamente a oferta extorsiva, eles me olharam como se eu fosse o maior bastardo do planeta e fizeram alguns comentários em Guadalcanal enquanto estávamos indo embora. Quando entramos no carro, perguntei a Joseph o que eles tinham dito, mas ele educadamente me disse que não valia a pena mencionar. Então eu fiquei...

De volta à estaca zero...

Isso me lembra uma coisa! Alguns meses depois, eu estava no bar tropical do Mendana Hotel esperando alguém chegar, quando conheci um senhor que me disse que seria deportado naquela tarde, pela segunda vez. Curioso para saber por que esse empresário de aparência distinta estava sendo deportado, pedi que ele me explicasse o motivo.

O senhor me disse que era o "representante do Banco Mundial para o sudoeste do Pacífico" e que o governo das Ilhas Salomão o havia convidado para discutir um segundo empréstimo. Ele continuou a me contar que havia questionado o motivo pelo qual eles não haviam começado a implementar algumas das diretrizes básicas estabelecidas pelo Banco Mundial quando receberam o primeiro empréstimo. Essas diretrizes incluíam coisas "simples" como o desmatamento sustentável da floresta tropical, a pesca do atum e uma série de reformas nas políticas governamentais. Ao fazer isso, o primeiro-ministro, agora falecido, disse a ele que tinha que sair do país imediatamente e nunca mais voltar.
Casualmente, ele levantou o dedo indicador e apontou para onde eu vi dois policiais parados. Nunca esqueci o comentário determinado que ele fez quando lhe perguntei se as Ilhas Salomão receberiam o segundo empréstimo.

"Não quando eu voltar para Washington, não vão receber!", respondeu ele.

Naquela época, as Ilhas Salomão tinham uma dívida externa superior a um bilhão de dólares e ainda crescente. Para um país com recursos naturais ilimitados, eles só sobrevivem pedindo ajuda externa ao Banco Mundial, ao Fundo Monetário Internacional e a outros países. Todo o dinheiro recebido nunca é, ou nunca foi, reservado para o bom uso em qualquer desenvolvimento econômico futuro.
Com as contínuas alegações de corrupção no governo e sua incapacidade de administrar eficazmente os recursos que possuem, é uma receita para o desastre econômico. Para mim, isso explica por que tantos habitantes das Ilhas Salomão me disseram que gostariam que o país voltasse a algo semelhante ao regime colonial.

Enquanto Joseph e eu nos afastávamos da casa do “desonroso” ministro, um sentimento de desânimo tomou conta de mim. Para piorar, o barulho contínuo do carro batendo em buracos rachou um tubo do ar-condicionado, e estava um calor infernal. Depois de comprar algumas cervejas em uma loja chinesa, seguimos para a praia para nos refrescar e pensar um pouco. Foi enquanto estávamos sentados na praia que Joseph me contou sobre uma casa que ele conhecia em sua aldeia; ele achava que não seria adequada para mim porque eu era um homem branco. Eu disse para ele parar com esse tipo de pensamento tolo e que deveríamos ir dar uma olhada.

Eu conhecia a aldeia de Joseph, mas não conseguia localizar a casa que ele me descreveu, enquanto percorríamos os cerca de setenta quilômetros de estrada de terra batida ao longo da costa, em direção oeste, a partir de Honiara. Ao chegar ao Cabo Esperance, Joseph apontou para uma pequena e pitoresca casa de madeira com três quartos, situada no extremo leste da aldeia. Ela tinha piso de cimento e telhado de zinco, com um banheiro externo perto da cozinha de palha, e a mais bela vista para o mar que alguém poderia desejar. Havia uma torneira e um chuveiro do lado de fora com água da nascente da montanha. Não me incomodava a falta de eletricidade, pois eu tinha um gerador. Decidi alugar a casa; não tinha muitas opções. Enquanto a inspecionava, a mulher divorciada dona da casa chegou e formalizei um acordo para me mudar no dia seguinte.

No final da tarde seguinte, chegamos à casa com todos os nossos pertences na traseira de um caminhão de seis toneladas e descarregamos tudo. Isso atraiu a atenção de boa parte dos moradores da vila, pois eu era o único homem branco que já havia morado na região.

Tive que ficar de olho no meu cachorro australiano da raça blue heeler, pois ele tinha a tendência de morder qualquer pessoa que não conhecesse. Em várias ocasiões, tive que pagar indenização por esse comportamento indomável. Eu havia trazido esse cachorro comigo quando voltei da Austrália, e ele era muito procurado para reprodução, pois era o único da sua raça nas Ilhas Salomão.

Naquela noite, depois de colocar algumas luzes fluorescentes pela casa, liguei o gerador e sentei-me com Joseph e alguns novos amigos para relaxar e beber uma cerveja. Miriam não tinha gostado da ideia de se mudar para uma vila habitada predominantemente por pessoas de Guadalcanal. Mais tarde naquela noite, enquanto tomávamos algumas cervejas e eu descobria um pouco mais sobre a região, Joseph me disse que eu precisava tomar cuidado com a "Serpente Dragão" que vivia na área.

"Cobra-dragão! Que #****# cobra-dragão?" Só de ouvir o nome, senti um arrepio na espinha. Todos começaram a me contar que essa criatura saía das montanhas à noite e voava por aí. Todos na região temiam essa tal cobra-dragão há gerações, pois ela tinha olhos vermelhos penetrantes que matavam pessoas e era responsável pelo desaparecimento de várias pessoas. "E agora?" Tudo o que eu queria era relaxar e pescar em um ambiente tropical agradável e tranquilo. Agora, eu tinha que lidar com uma cobra-dragão mitológica. Não pensei mais nisso e atribuí tudo à superstição deles, que parecia ser bastante comum.

Na frente da casa, saindo da praia, havia um pequeno recife, e eu estava ansioso para tentar pescar com arpão. Enquanto Miriam organizava o conteúdo da casa, decidi tentar. Colocando meus óculos de mergulho, snorkel e nadadeiras, entrei na água com a intenção de pescar algo para o almoço, levando comigo minha arma havaiana de cinco pontas. Era exatamente como eu tinha visto em todas as revistas de mergulho: águas cristalinas habitadas por centenas de espécies diferentes de peixes tropicais. No entanto, achei um pouco mais difícil pescar os peixes do que eu havia imaginado. Era como se todos os peixes tivessem "ESP". Assim que eu soltava a lança, todos se espalhavam em diferentes direções. Para aumentar minha frustração, todas as crianças que estavam nadando comigo estavam pegando muitos peixes. Depois de uma hora dessas tentativas frustradas, decidi abandonar minha busca pelo almoço, abrir uma lata e voltar para casa.

Ao me aproximar da praia, vi um cardume de xaréus nadando. Com minha rede havaiana já carregada, virei-me para segui-los e, sem querer,

soltei a lança, que se cravou com duas pontas no dedo médio da minha mão esquerda. A dor era insuportável! Depois de perceber o que tinha feito, saí da água e chamei Miriam. Com sangue por toda a mesa da sala, tentamos cortar as pontas, mas logo percebi que era um trabalho para o hospital. Felizmente, havia um médico no hospital de Honiara naquele dia, pois era domingo. Na verdade, era uma sorte encontrar um médico a qualquer hora. Consequentemente, nunca mais tentei pescar com arpão e limitei minhas atividades de pesca apenas à linha de pesca.

Alguns dias se passaram e as coisas começaram a se acalmar um pouco. Eu havia me tornado um pescador bastante entusiasmado com minha vara de pescar e estava pescando muitos peixes bonitos no recife. No entanto, Joseph era conhecido por todos na vila como o melhor pescador com arpão e decidiu fazer uma pescaria noturna, pois era fácil pescar com arpão à noite à luz de uma tocha. Decidi que, enquanto ele usava sua lança, eu lançaria algumas linhas para ver que tipo de peixe conseguiria. Ci-Ci, outro bom amigo meu, e eu estávamos limpando peixes quando Joseph saiu da água com sua canoa cheia de peixes para adicionar à nossa pilha já grande. Enquanto inspecionávamos sua pesca, ele de repente gritou para chamar nossa atenção.

“Ali! Ali! Ali! A cobra-dragão! A cobra-dragão!”, gritou ele, apontando para a direita. Quando olhei para a praia, não pude acreditar no que estava vendo. A cerca de um quilômetro de distância, havia um objeto branco muito brilhante voando lentamente sobre a água. Lembro-me de ter me perguntado se estava realmente vendo aquilo. Chamei Miriam para trazer meus binóculos.

Depois de focar no objeto brilhante, parecido com uma estrela, percebi que tinha cerca de 18 metros de diâmetro e parecia não fazer barulho. Observamos por alguns minutos até que ele mergulhou no mar. Joseph me disse para esperar cerca de dez minutos e que eu o veria aparecer novamente — e foi o que aconteceu! Quando ele saiu da água, estava brilhando duas vezes mais do que quando mergulhou. Continuamos observando com meus binóculos enquanto ele voltava para a costa na mesma direção em que havia chegado e desaparecia de vista por cima dos coqueiros. Um pouco assustados com essa experiência, voltamos para casa

casa e ficamos conversando sobre essa tal de Serpente Dragão até altas horas da madrugada.

Joseph e Ci-Ci me disseram que, se você não visse uma noite, provavelmente veria na seguinte. Eles estavam certos novamente! Na verdade, ao longo de um período de sete meses, comecei a perder a conta dessas aparições quando chegaram à marca de sessenta. Enquanto estávamos sentados conversando, comecei a explicar a Joseph e Ci-Ci a estrutura do universo. Mostrei-lhes imagens espaciais do meu livro "O Universo", da coleção Time Life, e expliquei que esses chamados Dragões-Serpentes não eram o que eles realmente pensavam que eram, mas sim o que os homens brancos chamavam de "Objetos Voadores Não Identificados". Eles ficaram absolutamente maravilhados, pois passaram toda a vida temendo-os, devido à superstição e à falta de compreensão real. E, na verdade, eu também.

Esta observação foi a primeira de mais de sessenta outras que se seguiram, durante as quais investiguei a base OVNI na cascata-lago no noroeste de Guadalcanal, centro-leste de Malaita e centro de Small Malaita. Esta primeira observação, porém, também mudou completamente a minha opinião sobre a existência de extraterrestres, OVNIs e coisas do género, pois uma pequena investigação revelou que este chamado Dragão-Cobra estava na área há mais de um século. Comecei a pensar seriamente na possibilidade de extraterrestres habitarem nosso planeta.

Minhas extensas investigações sobre a presença de espécies subterrâneas desconhecidas pelo homem moderno, sob Guadalcanal e Malaita, revelaram que esses "subterrestres", às vezes invisíveis aos olhos, têm demonstrado um comportamento totalmente inaceitável e hostil em relação ao povo de Guadalcanal e Malaita.
Na verdade, isso inclui vários assassinatos e sequestros. Por causa disso, eles nunca podem ser considerados amigáveis, e mais adiante neste livro eu explico o motivo. Mas, resumidamente, como exemplo: o avô de um bom amigo meu foi incinerado por uma dessas bolas de luz OVNIs no início do século XX. Dezenas de fontes independentes confirmaram isso. Um relato disso, além de vários outros eventos horríveis desse tipo, pode ser encontrado neste livro.

Nas duas semanas seguintes, vi o OVNI mais três vezes, indo para o mesmo lugar onde o vi pela primeira vez. Isso me fez questionar várias vezes o que eu estava realmente vendo. Também levantou mais algumas questões preocupantes.
O que era tão interessante para o OVNI no fundo do mar e para onde ele ia quando não estava voando?

O mar em frente à vila foi onde as "Forças Aliadas" encontraram uma frota japonesa em uma grande batalha naval que resultou na maior perda de navios aliados durante qualquer combate naval na Segunda Guerra Mundial. Isso incluiu o cruzador pesado australiano HMAS Canberra e o cruzador pesado americano USS Chicago. Não vou entrar em detalhes tristes sobre como eles foram perdidos, mas foi uma tragédia e muitos homens perderam a vida. Na verdade, seria uma ótima ideia se alguém fizesse um documentário sobre esses submarinos, como fizeram com o "Titanic"; depois viajasse para um lugar a alguns quilômetros de distância, a 7.000 pés de profundidade, a noroeste desses destroços, e ficasse por lá por um tempo.

Alguns dias depois, Joseph e eu fomos a Honiara para comprar um barco de fibra de vidro de 23 pés e um motor. Enquanto estávamos lá, fui ao Arquivo Histórico para procurar algumas informações sobre onde esses navios realmente afundaram. Para minha surpresa, descobri que os OVNIs estavam submergindo exatamente na área onde o HMAS Canberra, o USS Chicago e outros navios haviam afundado. Essa posição exata não era mera coincidência, ou pelo menos eu não achava que fosse. Naquela época, eu não sabia que havia mais de uma dessas coisas voando por ali e que elas podiam se deslocar muito bem debaixo d'água.

Além disso, na época, o motivo pelo qual esse OVNI tinha tanto interesse nesses antigos navios de guerra se tornou um problema um tanto intrigante para mim. Lembro-me de ter especulado sobre a possibilidade de haver pólvora restante, mas questionei-me por que esses alienígenas precisariam dela. Um pouco curioso com todos esses acontecimentos intrigantes e mistérios, enquanto ainda tentava manter alguma sanidade, um plano engenhoso me veio à mente. Então, fui ao Departamento de Terras, nas proximidades, e comprei um mapa topográfico em escala 1:25.000 do noroeste de Guadalcanal.
Enquanto isso, a esposa de Joseph deu à luz um menino, a quem Joseph deu

batizado em minha homenagem. Este era o décimo filho do casal. Para um casal na casa dos vinte e poucos anos, achei que era uma conquista notável.

O batizado da criança seria no domingo seguinte. Era função do José celebrar a missa dominical na igreja da aldeia. Só Deus sabe por quê! O José era o maior malandro de todos. Eu fui a uma das missas dominicais dele, mas achei difícil ficar até o fim. Nessa ocasião em particular, havia cinco bebês para serem batizados e, por isso, um padre católico branco de Honiara havia sido chamado para realizar a cerimônia. Eu havia comprado dois porcos no matadouro de Honiara especialmente para este evento e enviado um convite para os dois chefes idosos da região virem à minha casa para a festa, que seria realizada na grama do lado de fora da minha casa.

A cerimônia de batismo transcorreu conforme o planejado. Os porcos haviam sido abatidos e estavam sendo assados no forno de pedra quente quando os dois chefes idosos e seus acompanhantes chegaram. Era um grupo bastante grande. O padre católico branco da cidade fez um esforço especial para conversar comigo e descobrir qual era a minha religião. Quando ele foi embora, fui até os dois chefes e me apresentei respeitosamente. Enquanto conversávamos, mencionei o tema da Serpente-Dragão. Minhas suspeitas estavam corretas: eles sabiam muito sobre ela. Um dos irmãos do chefe havia sido morto por ela quando era apenas um menino. Contaram-me várias histórias de mortes e sequestros, todas confirmando que esses OVNIs definitivamente não eram amigáveis. Talvez fossem em outras partes do mundo, mas certamente não estavam ali.

Pedi licença, fui até a casa e voltei com meu mapa local e perguntei a eles onde ficava a casa da Serpente Dragão. Como era de se esperar, eles sabiam! Levou algum tempo para se familiarizarem com o mapa, até que finalmente concordaram e apontaram o lugar para mim. É uma montanha sem nome que faz parte da cordilheira da qual, mais ao sul, o Monte Popori faz parte.

Essa montanha sem nome, que, por conveniência, acabei batizando de

O “Monte Dragão” fica a cerca de oito quilômetros em linha reta para o interior. Disseram-me que havia uma grande cachoeira no alto da montanha e, abaixo dela, um lago onde a água caía. Dentro desse lago era onde vivia a Serpente Dragão! Um estudo mais aprofundado do Monte Dragão revelou que existe um pequeno lago na montanha que é o início de um rio. Como esses caras não tinham noção de linguagem cartográfica, isso confirmou para mim que poderia haver alguma credibilidade no que eles diziam.

Se o que me disseram era verdade, isso levantava mais algumas questões: o que havia no fundo dessa cachoeira-lago e quantos OVNIs havia lá? Tive que parar de especular sobre as respostas para essas perguntas, pois elas estavam começando a parecer muito com um filme de ficção científica, e eu estava começando a questionar a sanidade do que estava fazendo. Em muitas ocasiões, passou pela minha cabeça contar a alguém, mas quem eu poderia contar e quem acreditaria em mim? Por mais incrível que essa história possa parecer, tudo o que é necessário para provar tudo isso é ir ao noroeste de Guadalcanal e a alguns outros lugares nas Ilhas Salomão e perguntar a alguns moradores locais. Você ficaria surpreso com o que descobriria.

Certa manhã, pouco tempo depois, Joseph chegou à nossa casa e me contou que um pescador que ele conhecia estava no hospital devido a ferimentos sofridos duas noites antes, causados pelo OVNI. Ele era um homem de uma aldeia situada a três quilômetros a leste da nossa. Depois de perguntar a Joseph que tipo de ferimentos ele tinha sofrido, ele me disse que, aparentemente, ele tinha queimaduras em quase todo o corpo. Nós já estávamos planejando uma viagem à cidade, pois Miriam queria fazer algumas compras e visitar sua família, então decidimos ir ao hospital de Honiara e visitar esse pescador.

Depois de deixar Miriam na cidade, Joseph e eu fomos para o hospital. Após algumas perguntas sobre onde ele estava, chegamos ao leito do pescador. Ele estava coberto de bandagens da cabeça aos pés. Como ele estava com muita dor e drogado com petidina, Joseph começou a falar com ele em Guadalcanal para descobrir o que exatamente havia acontecido com ele.

Ele contou a Joseph que estava pescando em seu barco de fibra de vidro por volta das 3h da manhã, quando viu o Dragão-Serpente voando. Tolamente, ele começou a apontar sua lanterna para ele. Foi quando ele voou em sua direção em um instante e pairou sobre sua cabeça. Em pânico, ele ligou o motor e partiu para fugir, mas ele o seguiu enquanto ele ziguezagueava de volta para a costa.

Foi durante essa curta perseguição até a praia que o chamado Dragão-Cobra disparou algum tipo de luz contra ele, atingindo-o apenas parcialmente. Uma inspeção posterior em seu barco de fibra de vidro de 5,8 metros revelou vestígios de queimaduras em parte da pintura interna. O pescador disse que, quando dirigiu o barco até a praia e correu para o mato, o Dragão-Cobra o seguiu até onde ele se escondia atrás de uma árvore e pairou sobre ele. Quando ele se moveu para o outro lado da árvore, ela também se moveu. Foi então que ele literalmente se ajoelhou e começou a rezar a Deus com as mãos postas diante de si. Com isso, a Serpente-Dragão seguiu em frente. Depois disso, o pescador voltou cambaleando para sua aldeia e foi levado ao hospital.

Era hora de deixá-lo descansar e, ao sair, perguntei à enfermeira responsável pela ala sobre suas queimaduras. Ela me disse que, embora ele tivesse queimaduras em quase todo o corpo, elas eram mais graves em todas as partes, exceto onde sua camisa e bermuda estavam.

Tinha sido uma história incrível, mas verdadeira, pois ele definitivamente não tinha motivos para mentir. Pensando nisso agora, lembro-me de um sentimento subjacente de vingança surgindo na minha mente. Esse tipo de encontro com alienígenas aconteceu em várias ocasiões ao longo do último século e milênio, mas, estranhamente, como os habitantes das Ilhas Salomão estão acostumados a essas coisas, elas não são levadas a sério.

Além disso, durante esse tempo, eu havia começado a discutir a atividade OVNI em Malaita com meus amigos malaitanos, dos quais eu tinha muitos, sendo um homem com uma esposa malaitana. Como dizia o ditado: “Se você é um homem branco e se casa com uma

Mulher de Malaitan, você se casa com uma ilha inteira... Foi assim que comecei a aprender sobre o paradeiro de alguns dos subterrâneos de Malaitan e as entradas da civilização gigante subterrânea, e me dei ao trabalho de encontrar esta em Guadalcanal. Tenho certeza de que haveria muitos mais nesta vasta selva desolada da ilha, sem falar nas outras enormes ilhas equatoriais das Salomão.

Depois de sair do hospital, fomos à casa dos "sogros" para buscar Miriam. Comecei a discutir o assunto do chamado Dragão-Cobra com meu então sogro John e expliquei como alguns homens brancos acreditam que alienígenas de outros mundos no espaço são os responsáveis por dirigir esses veículos, dos quais ele tinha visto apenas algumas dezenas. É difícil explicar a relação que eu tinha com esse homem. Era uma época um pouco louca! Ao descrever para John como eles eram comumente imaginados: um metro e vinte de altura, cabeça grande, olhos grandes, quatro dedos, pele transparente, ele me disse que havia um livro no Museu Cultural das Ilhas Salomão com fotos exatamente assim. Um pouco surpreso, perguntei a John se poderíamos dar uma passada na cidade para que ele me mostrasse esse livro, e ele concordou. Ao chegar ao Museu Cultural, e após algumas indicações para encontrar o livro, lá estava ele! Quinze páginas de desenhos detalhados feitos à mão de alienígenas, exatamente como os que estamos acostumados a ver na televisão.
Um ilhéu compilou essa pequena coleção para o museu a partir de diferentes relatos de testemunhas oculares sobre essas criaturas de aparência estranha. Havia um verso descritivo inicial como introdução, explicando que os desenhos eram de alguns seres mitológicos das Ilhas Salomão.

O que eu queria saber era como os habitantes das Ilhas Salomão podiam saber alguma coisa sobre esse tipo de alienígena, quando 95% dessas pessoas nunca tiveram qualquer tipo de contato significativo com a mídia ocidental, como os filmes "Aliens" e "Área 51", etc? A maioria dos antigos membros das tribos tradicionais ainda acreditava que as estrelas eram causadas por picadas no céu e que a Terra ainda era plana, então como é que eles tinham desenhos feitos à mão desses tipos de alienígenas de aparência estranha? Na época, isso também se tornou outro pequeno mistério desconcertante para mim, mas agora não é mais.

Reunimos Miriam e voltamos para casa, durante o trajeto pedi a Joseph que

me contar sobre a vez em que ele, Ci-Ci e seu irmão Ben encontraram o OVNI enquanto pescavam. Os três estavam em suas canoas por volta da meia-noite quando viram o OVNI. Inicialmente, eles estavam separados por cinquenta metros. Como se estivesse curioso sobre cada um deles, ele pairou sobre cada um por um minuto e depois partiu a uma velocidade incrível em direção à ilha de Santa Isabel. Quando os três finalmente chegaram à costa, estavam espalhados por um quilômetro ao longo da praia. Embora Joseph tenha descrito a história como engraçada, havia algo sério a ser considerado.

Durante as semanas seguintes, refleti sobre todos os acontecimentos das semanas anteriores. Percebi que provavelmente fui o primeiro ser humano a estar na posição de vivenciar todos esses fenômenos e fui capaz de compreender o significado das circunstâncias únicas em que me encontrei. Eu tinha sido a primeira pessoa a viver na área que sabia a diferença entre esses OVNIs e as cobras-dragão. Além disso, pelo que eu sabia, eu devia ter sido o primeiro ser humano no planeta a encontrar o que parecia ser uma base oculta de OVNIs. No entanto, eram necessárias mais investigações para confirmar isso.

Esse tipo de descoberta incomum estava começando a afetar meu senso lógico apurado, mas a realidade era que todos esses acontecimentos inesperados eram, na verdade, comprovados. Antes de todas essas aparições de OVNIs, eu era um pouco cético quanto à existência real deles, mas isso mudou drasticamente para mim. Também percebi as possíveis consequências se eu investigasse mais a fundo esse assunto. Algumas eram futuristicamente muito positivas, mas outras eram extremamente negativas. Uma dessas consequências negativas era o meu precioso bem-estar.

Embora não tenha sido assim, inicialmente eu tinha ido para as Ilhas Salomão apenas para aproveitar uma aposentadoria precoce, não para perseguir OVNIs.
Mas, como ex-militar, não conseguia parar de pensar no fato de que esse OVNI estava continuamente indo até navios que estavam envolvidos em uma grande batalha onde milhares de homens perderam suas vidas pela causa da liberdade. Parecia que esse

OVNI estivesse roubando túmulos. Isso pesava muito na minha mente há semanas, e eu também havia convencido Joseph disso.

Uma noite, porém, enquanto estava sentado pescando, minha indecisão foi superada. Eu estava observando o OVNI submergir no mar perto do USS Chicago e depois emergir novamente com grande brilho. Eu tinha meus binóculos fixos nele quando vi as luzes de um navio que se dirigia em minha direção aparecerem. Pela trigonometria, o OVNI não podia ver o navio por causa do ponto que bloqueava sua visão, mas eu podia. Após cerca de 30 segundos, quando ele viu o navio, desapareceu instantaneamente. Eu tinha o navio e o OVNI à minha frente. Ele não parecia ter ido a lugar nenhum; simplesmente desapareceu como se tivesse apagado suas luzes. Tirei os binóculos dos olhos. Não tinha certeza se ele havia acelerado instantaneamente ou se de alguma forma se camuflou. Parecia que o OVNI não se importava que os indígenas o vissem, mas se importava quando alguém que possivelmente conhecia sua verdadeira identidade o via. Se há uma coisa que odeio, é dissimulação! De qualquer forma, decidi ali mesmo que iria reunir informações sobre esse tal Dragão-Cobra, fazendo um reconhecimento de seus movimentos. Entrando em modo soldado, fui dormir elaborando um plano.

Algumas investigações posteriores sobre a capacidade característica do OVNI de "se camuflar" revelaram que isso era comumente conhecido por todos na área e considerado uma parte misteriosa da superstição sobre a Serpente-Dragão. Há muitas outras histórias sobre o destino da Serpente-Dragão, muitas para discutir agora.

Já sobre a pesca, houve algumas ocasiões em que estávamos sentados pescando à noite e o OVNI voava ao redor, mas estávamos mais interessados nos peixes que estavam na ponta da linha do que em observar o OVNI novamente. É difícil explicar como todas essas aparições se tornaram algo natural. Eu explorei as profundezas da realidade!

Na manhã seguinte, fui até a casa de Joseph e contei a ele meu novo plano. Minha

intenção era nos colocarmos, à noite, em um local elevado com vista panorâmica, para nos familiarizarmos inicialmente com os movimentos do OVNI. Com o mapa aberto, começamos a estudar a área em busca de possíveis posições.

De onde ficava o "Monte Dragão", havia realmente apenas um caminho para a costa que o OVNI poderia ter tomado sem ser detectado de forma mais perceptível ao passar por cima das montanhas: um vale de cinco quilômetros que segue em direção ao norte, passando pelo Monte Dragão. Discussões anteriores com algumas pessoas que moravam a poucos quilômetros nessa direção confirmaram isso para mim, pois elas estavam acostumadas a vê-lo voando na área. Depois de procurar pela área um local adequado naquela tarde, escolhemos uma pequena montanha acessível de 240 metros que tinha todos os requisitos que procurávamos. Então, voltamos para casa para nos preparar para o que estava se tornando uma "missão militar" para mim.

No dia seguinte, reunimos todo o equipamento que achamos necessário. Também carreguei minha arma de 7,62 mm com trinta tiros e minha espingarda, para levar comigo por precaução. Também existe o perigo de ser atacado por porcos selvagens, que são muitos por lá. Isso deixou minha esposa bastante agitada com minhas ações e lembro-me de que tivemos uma discussão acalorada naquela noite.

Joseph e eu partimos para nossa posição vantajosa às 20h da noite seguinte, pois sabíamos que o OVNI tinha o hábito de aparecer por volta das 22h ou 3h da manhã. Depois de estacionar o carro no mato, com lanternas acesas, subimos até o topo da montanha.

Esse acabou sendo um lugar perfeito para nós, pois tínhamos uma visão praticamente ilimitada de 270 graus da área. Devido à orientação da montanha, estávamos voltados para o leste. Com uma visão clara do mar à nossa esquerda e da entrada do vale à direita, não havia como perdermos o OVNI quando ele aparecesse, e não perdemos.

Pouco depois das 2h30, depois de passar metade da noite sentados observando e esperando, e tomando algumas cervejas para passar o tempo, vimos o primeiro brilho da luz do OVNI saindo da entrada do vale. Havia um clima de excitação entre nós. Enquanto apontava meus binóculos para ele, notei que estava se movendo em nossa direção a uma velocidade razoável, que mais tarde estimamos ser de cerca de 100 nós.

Estávamos observando-o se aproximar por quase um minuto, quando ele passou a uma altura estimada de 300 pés AGL, a meio quilômetro de distância. Assim que o OVNI passou, ele fez uma curva instantânea de 45 graus para a esquerda, acelerando a uma velocidade fenomenal. Quando tirei os binóculos dos olhos, vimos claramente a luz do OVNI desaparecer no horizonte em questão de segundos, enquanto ainda viajava perto do nível do mar. Todo esse episódio foi uma experiência alucinante, mesmo quando penso nisso hoje. Todos os nossos esforços valeram a pena. Essa observação foi a confirmação da informação que eu precisava saber. Esse OVNI definitivamente veio de algum lugar naquele vale!
As informações que os dois velhos chefes me deram estavam começando a se provar corretas. Naquele momento, só me restava uma opção: fazer uma expedição ao Monte Dragão e tentar documentar as atividades desse OVNI em filme.

Eu estava com muito pouco dinheiro para realizar a expedição da maneira que queria, pois a maior parte do meu dinheiro estava investido em bens essenciais e eu vivia da minha pensão militar quinzenal. Embora tivesse a maior parte do equipamento necessário para começar, ainda me faltava uma boa câmera de vídeo que pudesse filmar à noite. Eu tinha uma Kodak Instamatic, mas ela era inútil para qualquer trabalho noturno e certamente não era do calibre que eu precisava para esse trabalho. Eu estava em uma situação sem saída. Não podia pedir uma câmera emprestada, pois só havia um homem branco que eu conhecia bem o suficiente para pedir, mas ele não tinha uma câmera de vídeo. Pensei em pedir um empréstimo pessoal a um banco australiano, mas eles não emprestavam dinheiro a expatriados, nem a ninguém nas ilhas, pois as Ilhas Salomão eram consideradas um risco elevado. Mesmo que eu tivesse tentado contar a alguém o que tinha descoberto, na esperança de obter alguma ajuda, teriam pensado que eu era louco; e, sinceramente, olhando para trás agora, eu também pensaria o mesmo.

Com o passar das semanas, cada vez que eu via o OVNI, ficava cada vez mais frustrado com a situação da minha câmera de vídeo. Certa manhã, algumas semanas depois, por volta das 3h, Joseph e eu estávamos na grama do lado de fora da casa descascando cocos ao redor de uma fogueira quando avistamos o OVNI. Enquanto observávamos, percebemos que ele se movia lentamente em nossa direção. Começou a se aproximar cada vez mais e nos pareceu que, se continuasse naquela trajetória, iria sobrevoar a gente. À medida que se aproximava, começamos a nos mover em direção à porta da casa. Joseph e eu estávamos parados na porta quando ele sobrevoou as árvores próximas e o telhado da casa. O brilho de sua luz branca iluminou toda a área, como se estivéssemos sob a luz de uma dúzia de soldadores elétricos ao mesmo tempo. Foi a primeira vez que pude ver claramente a esfera do veículo a olho nu. Ele não fez nenhum barulho ao passar assustadoramente sobre nós; na verdade, comentamos em voz alta o que estava acontecendo. Depois que passou, nós dois corremos para vê-lo desaparecer sobre as árvores. Joseph já havia experimentado esse tipo de coisa muitas vezes antes, mas eu não. Depois que a realidade do que havia acontecido se estabeleceu, ele e eu decidimos que iríamos ao Monte Dragon, com ou sem câmera de vídeo. Eu tinha em mente confirmar pelo menos se essa cachoeira-lago na montanha era realmente a entrada da base OVNI.

Naquela época, um sentimento melancólico de inadequação e impotência começou a dominar meus pensamentos, como se eu estivesse carregando um peso enorme nos ombros. Isso se devia ao meu questionamento contínuo sobre a realidade de tudo aquilo e também ao fato de permitir que meu humor fosse afetado pela necessidade de ter uma câmera de boa qualidade. Não conseguia explicar isso a ninguém, pois não havia ninguém que pudesse entender. Era como estar sozinho no meio de uma multidão de mil pessoas. Isso me levou a examinar a mim mesmo por um longo tempo. O mais estranho de tudo é que me lembro de ter pensado que, se algum dia escrevesse tudo isso, teria que me lembrar daquele momento específico...

Para encerrar este capítulo, não muito tempo atrás, eu estava navegando pela internet quando me deparei com um site interessante. Um senhor idoso havia escrito que, certa noite, durante as batalhas navais da Segunda Guerra Mundial em Guadalcanal e nas Ilhas Salomão, toda a frota dos Aliados viu mais de cinquenta OVNIs do tipo bolas de luz

em formação de diamante, com todos testemunhando o evento. Os comandantes da frota na época pensaram que essas bolas de luz eram uma nova arma secreta japonesa. No entanto, como descobri mais tarde, não era o caso.

CAPÍTULO TRÊS

MONTE DRAGÃO

Em algum momento durante as semanas que antecederam “a missão” ao Monte Dragão, houve uma notícia em particular na estação de rádio da Solomon Islands Broadcasting Corporation que me interessou muito.

Duas freiras católicas, naturais das Ilhas Salomão, tinham desaparecido enquanto caminhavam pela estrada na nossa zona, a poucos quilómetros a leste da nossa aldeia. Eu conhecia aquele trecho desolado e solitário da estrada de terra onde elas foram vistas pela última vez, pois já havia passado por um incidente lá, embora não tivesse nada a ver com o desaparecimento delas. Esse tipo de evento era incomum nas Ilhas Salomão, especialmente quando se tratava de freiras. Todas as investigações policiais sobre o paradeiro delas não revelaram nada.

Embora eu soubesse que as Ilhas Salomão eram um lugar um pouco selvagem para se viver, coisas como “loucos psicopatas” correndo por aí e estupros eram algo inédito. Uma coincidência foi que as freiras desapareceram no mesmo lugar onde avistamos pela primeira vez o OVNI deixando o vale. A outra foi que a região noroeste de Guadalcanal era conhecida pela reputação do Dragão-Cobra de roubar pessoas; e, mais especificamente, a parte da estrada onde elas foram vistas pela última vez fica exatamente na mesma área onde Joseph e eu escalamos uma montanha de 240 metros para nos familiarizarmos com os movimentos do OVNI.

Pode ter havido a possibilidade de que os gigantes tivessem levado essas duas freiras, pois isso havia acontecido nos últimos anos em outras partes de Guadalcanal. Apesar de não ter provas conclusivas, o desaparecimento coincidente das freiras

alimentou minha atitude investigativa já enfurecida e vingativa em relação a esses motoristas de OVNIs e seu paradeiro quando não estavam voando com suas máquinas; e o desaparecimento das senhoras naquela época me ajudou a prosseguir com minha missão. O mistério do desaparecimento dessas freiras ainda não foi resolvido, mas acho que posso saber a resposta para onde elas podem estar; isto é, se ainda estiverem vivas.

Joseph já havia se aventurado bastante na área montanhosa e acidentada do vale onde ficava o Monte Dragão, durante viagens de caça. Ele me avisou que essa caminhada não seria uma simples trilha na mata, pois era uma floresta tropical montanhosa muito densa, sem trilhas para seguir. Havia o perigo de porcos selvagens que podiam atacar e, se você não fosse morto, provavelmente ficaria gravemente ferido. Havia também o perigo de enormes cobras constritoras que podiam cair em cima de você do alto das copas das árvores e espremer toda a sua vida. Além disso, havia sanguessugas que podiam ser encontradas em todos os cantos. As únicas trilhas que poderíamos usar eram as feitas pelos porcos selvagens. O quadro sinistro que ele pintou não parecia muito com um "passeio pelas tulipas" para nós. Eu já havia feito várias trilhas em florestas tropicais, mas essa parecia muito mais difícil, e realmente era! No entanto, esse aviso me deixou mais alerta e me fez olhar para minhas armas com mais seriedade.

Pelo nosso estudo do mapa, sabíamos que os primeiros quilômetros não seriam tão difíceis, pois o terreno era mais plano, mas depois disso, tudo parecia um "terreno infernal". Todas as montanhas ao longo do vale de cinco quilômetros eram bastante íngremes e tinham entre 600 e 900 metros de altura. Tínhamos feito um plano para seguir o rio até um local que ficava a meio caminho do vale até o Monte Dragão e, em seguida, subir até essa crista específica, para que pudéssemos seguir o topo da cordilheira pelo resto do caminho até o Monte Dragão. Também decidimos que ficaríamos atentos a qualquer sinal das atividades dos OVNIs ao longo do caminho.

Eu havia estimado que ficaríamos fora por dois ou três dias, mas

não foi o que aconteceu. Eu nunca me preocupei em verificar a previsão do tempo, embora não houvesse nenhuma disponível. Era o início da estação chuvosa do monção.

Durante aqueles poucos dias em que estávamos nos preparando para nossa missão, refleti sobre todas as vezes em que trabalhei como piloto de helicóptero na Austrália e desejei ter um naquele momento. Além de não ter nenhum equipamento fotográfico de qualidade, o fato de não ter dinheiro para alugar o único helicóptero nas Ilhas Salomão foi outra decepção.

A tarefa assustadora de abrir caminho pela selva densa durante dias, apenas para ser recompensado com a falta de provas em filme do que encontrássemos, fez-me decidir ir a Honiara e tentar, como último recurso, pedir emprestada uma câmara adequada a alguém. Este esforço acabou por ser uma perda de tempo, pois a única loja nas Ilhas Salomão que vendia câmaras de qualidade superior não tinha em stock câmaras de vídeo capazes de filmar à noite. A tecnologia simplesmente não estava disponível naquela época. Abordar turistas estava definitivamente fora de questão.
Imagine dizer a alguém: “Com licença, acredito ter encontrado uma entrada subterrânea para um OVNI que leva a Deus sabe o quê; posso pegar sua câmera de vídeo emprestada, por favor?” Eles poderiam responder perguntando se havia um manicômio nas Ilhas Salomão, o que não é o caso.

Enquanto questionava constantemente a sanidade do que estava fazendo, tive que ignorar as decepções da expedição e pelo menos ir até lá para descobrir se estava no caminho certo; e, se estivesse, talvez um dia pudesse voltar com o equipamento necessário.

Estávamos todos prontos para partir e, bem cedo numa manhã, Joseph e eu fomos deixados no final de uma pequena estrada de terra perto da entrada do vale, aproveitando o frescor da manhã para entrar no vale. Lembro-me bem, pois começou a chover e pensei que a chuva iria passar. Como eu estava enganado! A caminhada foi difícil, pois a selva era extremamente densa, exigindo o

uso de facões e pausas frequentes. Enquanto seguíamos a margem do rio turbulento, nosso progresso era lento.

Para aqueles que nunca caminharam por uma selva tropical montanhosa, em algumas ocasiões eu já estive em bordas de montanhas e vi “em linha reta” a distância de um quilômetro e meio até onde precisávamos chegar, mas levei dois dias para chegar lá. Isso porque primeiro tivemos que descer 1.200 metros por um vale e depois subir outros 1.200 metros para chegar lá. Na maioria das vezes, ao seguir as margens de rios ou riachos, eu só conseguia avançar em média 1,6 km a cada quatro ou cinco horas. Como eu disse, helicópteros são bastante convenientes nessas situações.

Cometi um erro infeliz ao calcular o tempo, pois começou a chover constantemente. Passamos a primeira noite acordados, encolhidos debaixo da minha poncho, ouvindo o barulho da torrente do rio nas proximidades. Com os traseiros empoleirados em uma pequena rocha, Joseph e eu passamos as horas conversando até o amanhecer. Quando os primeiros raios de luz apareceram, nos reunimos e seguimos em frente. Ainda chovia torrencialmente.

Olhando para trás agora, deveríamos ter voltado naquele momento. Naquela manhã, estávamos procurando um lugar para atravessar o rio para o lado oeste.
Mais uma vez, em retrospecto, deveríamos ter começado nossa expedição do outro lado do rio. Eu achava que seria fácil atravessá-lo com segurança em algum lugar mais acima no vale. Por fim, encontramos uma grande árvore caída atravessando o rio e decidimos usá-la como ponte.

Atravessar o rio na grande tronco que encontramos foi a situação mais perigosa que já passei sem perder a vida. Houve um incidente no meio do caminho enquanto atravessávamos o rio. Se não fosse pelo Joseph ter me encontrado no meio do caminho, duvido que estaria aqui agora. Estranhamente, semanas depois dessa missão de “reconhecimento” à entrada subterrânea do OVNI, uma das coisas que permaneceu em minha mente foi a possibilidade assustadora de que eu pudesse ter deixado meu filho ainda não nascido sem pai, o que, com o passar dos anos, aconteceu.

Subir aquela cordilheira levou quase um dia inteiro. Em determinado momento, enquanto olhava para baixo por cima do ombro, lembro-me de pensar: “O que diabos estou fazendo aqui?” Joseph decidiu ficar para trás, para o caso de eu cair e morrer. A cerca de 300 metros de altura, havia uma raiz de árvore à qual precisei me agarrar, mas não tinha certeza se era segura. Lembro-me de pensar que, se conseguisse passar por ali, parecia que o terreno ficava plano por u m tempo. A raiz da árvore quebrou e eu caí de costas nas mãos de Joseph. Ainda não consigo entender como ele teve força para me impedir de cair.

Exaustos em uma crista perto do topo daquela cordilheira, decidimos por unanimidade construir um abrigo com palmeiras sagu e mudas próximas, onde passamos a noite, dormindo um pouco mais confortavelmente do que na noite anterior.

Na manhã seguinte, atravessamos outra pequena crista até o topo da cordilheira do Monte Dragão. O tempo inclemente ainda estava sobre nós, embora no início da manhã tivesse diminuído temporariamente para chuvas fortes de meia hora. A partir do meio da manhã, passamos grande parte do dia indo de um lado a outro da crista.

Foi no final da tarde que, enquanto espreitávamos a borda da cordilheira, avistamos pela primeira vez o lago com cachoeira um pouco mais ao sul e abaixo de nós. Ele tinha cerca de metade do tamanho de um campo de futebol, com juncos crescendo ao redor e uma cachoeira alimentando-o de cima. Aproveitamos a última luz do dia para nos posicionarmos de forma a ter uma visão clara. O local que acabamos escolhendo tinha uma vista panorâmica perfeita da cachoeira, do lago e do vale abaixo, então nos preparamos para uma longa espera.

Eu estava preocupado que esse OVNI pudesse ter tecnologia de visão infravermelha e, até certo ponto, acho que fiquei um pouco paranóico com isso.

Decidi construir uma barreira de folhas com galhos cortados para que pudéssemos olhar para o lago sem sermos reconhecidos pelo OVNI; isto é, se houvesse algum, o que, naquele momento, eu estava convencido de que havia.

Eram quase 21h45 quando vimos pela primeira vez a luz do OVNI brilhar na água do lago antes de emergir e, depois de se deslocar para a margem do lago, voar lentamente para norte ao longo da cordilheira, num ângulo de 45 graus, continuando ao longo do vale e, após cerca de um minuto, desaparecendo de vista. Lembro-me desse momento como sendo toda a confirmação de que eu precisava do que os chefes me haviam dito – e o início de uma percepção que mudou minha mente.

Estávamos esperando que ele voltasse por cerca de duas horas quando vimos a luz de outro OVNI emergindo do lago. "O quê! Dois deles! Quantos eram?" Este não seguiu para o norte, mas sim para o sul ao longo do vale e, pouco depois, desapareceu de vista. Era aproximadamente 2h30 da manhã quando, presumo, o que foi para o norte emergiu da escuridão e voou de volta pelo vale, subindo lentamente até a entrada do lago e submergindo nele, com o brilho do veículo diminuindo à medida que se aprofundava. Eu esperava que o OVNI que foi para o sul voltasse naquela noite, mas isso não aconteceu. Durante a maior parte da noite, Joseph e eu ficamos fora de nós com a compreensão do que estava acontecendo.

Então, por que esse OVNI do norte levou duas horas? E por que o OVNI que foi para o sul não voltou naquela noite? Ou, pelo menos, com a chuva, nós não o vimos. O aparecimento desse segundo OVNI dispersou minhas teorias sobre os movimentos dos OVNIs/dragões-serpentes, pois até então eu sempre pensei que havia apenas um deles. Embora eu tivesse visto apenas dois OVNIs diferentes em uma noite, um ano depois descobri que estava muito longe da realidade quanto ao número de OVNIs que realmente existiam sob as Ilhas Salomão. A propósito, já que estou falando sobre isso: alguns meses depois, graças a uma dica, tarde da noite, no a caminho de casa, vimos outro OVNI em forma de bola de luz voar para outra entrada subterrânea que fica a aproximadamente um quilômetro a leste, ao lado da cordilheira, na entrada do vale de cinco quilômetros.

Na manhã seguinte, depois de passar a noite em claro e suportar chuvas persistentes em nosso abrigo improvisado feito de folhas, tirei mais algumas fotos e começamos nossa viagem de volta para o norte, em direção à costa. A viagem de volta foi muito mais rápida do que a de ida, pois pegamos o caminho mais direto, sem precisar atravessar o rio, o que deveríamos ter feito desde o início. Depois de acampar naquela noite, chegamos perto da costa na tarde seguinte e, após mais uma noite acampados, na manhã seguinte chegamos à beira da estrada, onde pegamos carona com um caminhão que passava. Quando chegamos em casa, eu estava tão exausto que dormi por dois dias seguidos.

Gostaria de fazer as seguintes perguntas: “O que você teria feito com essa informação se estivesse na minha situação? A quem você teria contado? A quem você poderia contar? Quem ouviria e quem se importaria com coisas tão anormais?”

Envolvi-me em muitos outros projetos, mas, anos mais tarde, escrevi alguns artigos que foram publicados na edição de agosto de 2003 da revista “Nexus Magazine” e, na mesma época, criei o site www.thesolomongiants.com. Ainda hoje, tudo continua igual, exceto que, em agosto de 2003, essas publicações, além de algumas situações e eventos anteriores em que me envolvi, tiveram, à sua maneira, um papel nas “verdadeiras razões” da invasão das Ilhas Salomão pelo governo australiano, então liderado pelos Estados Unidos.

Embora não estivesse completamente ciente disso na época, todos os eventos e circunstâncias que eu acabara de vivenciar mudaram minha vida para sempre. É difícil explicar como a mente pode se tornar tão alheia às coisas. Levei anos para realmente compreender a realidade e perceber aonde essas descobertas poderiam levar e, eventualmente, significar para a humanidade.

CAPÍTULO QUATRO

OS GIGANTES

Alguns dos seres mais primordiais existem sob a superfície do planeta. O seu meio de transporte preferido pela superfície do planeta e além é o que chamamos de OVNIs. Quantas espécies e civilizações diferentes existem lá em baixo, duvido que muitos de nós saibamos.

Foi durante o tempo em que morei no noroeste de Guadalcanal, tendo minhas primeiras experiências com OVNIs, que comecei a aprender sobre a existência dos gigantes de Guadalcanal. Como se toda a situação com OVNIs que eu estava vivenciando não fosse alucinante o suficiente, agora todas as pessoas com quem eu conversava e perguntava sobre os gigantes respondiam casualmente como se fossem de conhecimento comum e parte da história das Ilhas Salomão, assim como os OVNIs.

Um pouco fascinado por essas revelações ainda mais oníricas, acabei ficando bastante entusiasmado para saber por que, ao contrário da Austrália, todos nas Ilhas Salomão sabiam que era de conhecimento comum que os gigantes viviam em suas ilhas há milênios, até os dias atuais, e que havia centenas deles por toda parte. Parecia que, não importava a quem eu perguntasse, todos sabiam algo sobre eles.

É linguisticamente irônico que o povo das Ilhas Salomão tenha chamado sua raça de hominídeos "desconhecida pelo mundo moderno" de "gigantes", já que ao longo da história, incluindo na Bíblia e em outros livros proeminentes, o mesmo nome foi usado em outras partes do mundo para descrever esses enormes e esquivos hominídeos subterrâneos. Para explicar alguns fatos sobre a raça gigante que existe nas

Ilhas Salomão, usarei os gigantes de Guadalcanal como exemplo.

Os gigantes de Guadalcanal são assim chamados pelo povo de Guadalcanal e, pelas minhas observações, parecem ser muito semelhantes ao sasquatch Bigfoot, ao yeti e ao yowie que podem ser encontrados em outras partes do mundo. Neste momento, existem centenas, ou possivelmente milhares, desses gigantes (e uso a palavra "pessoas" por uma razão) vivendo dentro das enormes cadeias montanhosas da floresta tropical de Guadalcanal, como dirá o povo de Guadalcanal. Os indígenas da ilha de Guadalcanal podem confirmar todas as afirmações feitas neste livro sobre os gigantes de Guadalcanal, pois eles desempenharam um papel importante em toda a sua cultura popular durante milênios, até os dias de hoje.

Além de serem conhecidos por construir estruturas de madeira com palmeiras sagu e outras folhas, os gigantes têm vastos sistemas de cavernas que se estendem por grande parte das montanhas desta ilha tropical de mais de 200 quilômetros. Alguns dos gigantes de Guadalcanal levam uma vida organizada, com estruturas sociais, e encontrei muitos habitantes de Guadalcanal que acreditam que eles podem ir de leste a oeste através de seus sistemas de cavernas sem ver a luz do dia, e muitos acreditam que sua população chega a milhares. Os habitantes da ilha de Guadalcanal também acreditam que existe uma enorme cidade onde eles vivem dentro ou sob as grandes montanhas da ilha.

O Monte Tatuva é definitivamente uma das principais entradas dessa cidade e, se alguém quiser obter provas documentais dos gigantes, as aldeias mais próximas do Monte Tatuva, onde eles também são vistos regularmente, são um bom ponto de partida. Mas isso não é necessário, pois eles estão por toda parte e são vistos diariamente em algum lugar da ilha. Na verdade, posso pensar em dezenas de lugares nessa ilha, além do Monte Tatuva, que seriam um bom ponto de partida para reunir provas fotográficas documentais sobre eles. Aliás, conheço dezenas de lugares nas Ilhas Salomão, Papua Nova Guiné e Vanuatu (Melanésia como um todo) que seriam iguais.

Você pode perguntar a praticamente qualquer pessoa de Guadalcanal, e na verdade das Ilhas Salomão, se algum de seus ancestrais recentes ou eles próprios tiveram contato com esses gigantes, e você encontrará uma resposta muito positiva, com muitas histórias que comprovam sua existência. Sei com certeza que, ao chegar às Ilhas Salomão, você pode perguntar à primeira pessoa que encontrar se os gigantes podem ser encontrados lá, e ela começará a apontar em todas as direções. Ou rapidamente o encaminhará a alguém que lhe contará tudo sobre eles.

Pelo que entendi, existem três espécies diferentes desses gigantes. Os maiores e mais comuns têm mais de 3 metros de altura, mas encontrei vários relatos de ilhéus com evidências de que eles crescem muito mais do que isso. Esses gigantes têm cabelos longos pretos, castanhos ou avermelhados, ou uma mistura desses, e quando querem olhar bem para você, eles os afastam do rosto com uma mão. Eles têm sobrancelhas duplas salientes, olhos vermelhos esbugalhados, nariz achatado, boca larga e um odor inconfundível, que os habitantes da costa costumavam usar como sinal de sua presença, dependendo do vento.

A partir do tipo grande e peludo, eles variam em tamanho, com quantidades cada vez menores de pelos no corpo. A versão menor, embora maior do que um ser humano normal, é como um homem selvagem que vive na selva. É assim que o povo de Guadalcanal os descreve. Eu sei que é estranho, mas é muito real... Se você percebesse quem está falando com você agora, prestaria atenção.

Innermente, quando os indígenas das Ilhas Salomão veem esses gigantes menores, meio humanos, eles se esforçam para matá-los. Embora seja realmente mais complexo do que isso, significa também uma forma de redenção de erros do passado.

Essas versões menores estão em um nível inferior na ordem social gigante, vivendo predominantemente fora de seus sistemas de cavernas na selva, embora os três tipos sejam encontrados na selva da ilha. Já que estamos falando sobre isso, há muitos relatos em jornais e rádios, mesmo recentemente, de avistamentos desses gigantes peludos

na Papua-Nova Guiné. Uma das reportagens mais conhecidas foi uma matéria de primeira página do principal jornal da PNG publicado em Port Moresby em 2002.

Uma dúzia de policiais foi enviada à província de Sepik Ocidental para resolver uma disputa em curso entre duas tribos da região. Um dia, enquanto as negociações estavam em andamento e centenas de pessoas se reuniam em uma zona neutra de mata aberta, um grupo de mais de vinte gigantes peludos e negros, com cerca de 4,5 metros de altura, passou casualmente pela multidão a uma curta distância. Todos os presentes testemunharam o grupo e, mais tarde, o fato foi relatado no principal jornal da PNG e no noticiário de rádio de Port Moresby.

Na PNG, os gigantes são conhecidos como “tambaran” e, assim como nas Ilhas Salomão, os povos indígenas da Papua Nova Guiné reverenciam seus tambarans há séculos, até hoje. Tendo passado minha infância lá, eu sei muito bem disso!

Também é importante notar que as notícias vindas das selvas da PNG são escassas devido ao isolamento e à falta de comunicação, em comparação com as Ilhas Salomão.
Papua-Nova Guiné é uma ilha muito grande, o que significa que os gigantes da Melanésia, presos nas ilhas, são mais frequentemente vistos nas Ilhas Salomão, que são menores e, portanto, mais facilmente relatados a alguém que possa estar interessado. No entanto, como a existência dos gigantes é de conhecimento geral, quando eles são encontrados, pode ser apenas mais um caso de “Lá vem outro”.

Sei com certeza que o povo de Vanuatu também teve uma história semelhante com sua raça gigante, como os habitantes das Ilhas Salomão e da PNG, mas em uma escala muito menor, como aqueles que acompanham minha pesquisa descobrirão.

Devo salientar que os habitantes das Ilhas Salomão, e suponho que a PNG e, em menor grau, o povo de Vanuatu, não compreendem que a raça gigante que vive entre

eles é uma grande descoberta científica para o resto do mundo moderno. Seja intencional ou não, é apropriado que o logotipo nacional das Ilhas Salomão seja “O lugar que o tempo esqueceu”.

Guadalcanal é rica em ouro, um fato que os europeus descobriram há séculos. Trinta anos atrás, diferentes empresas de mineração de ouro começaram a negociar com os proprietários tradicionais das terras, com “Memorandos de Entendimento”, a fim de capitalizar esse ouro. Seguiu-se uma série de tentativas fracassadas, até que, nos últimos anos, por meio de suposto suborno dentro do então governo das Ilhas Salomão, a Ross Mining conseguiu um acordo de 3% com os povos indígenas. Em 1998, em Gold Ridge, onde a mina estava sendo construída, eles começaram a trabalhar com suas escavadeiras de mineração de maior porte, limpando a área da mina. A mina faz fronteira com o território dos gigantes e parece que eles são bastante territoriais.

Em uma ocasião, uma dessas enormes escavadeiras quebrou, com um dos pinos da lâmina inutilizado. Como já era tarde da tarde, eles decidiram deixar a lâmina lá e levar a escavadeira de volta à oficina para fazer os reparos durante a noite, para continuar no dia seguinte. Quando voltaram na manhã seguinte, a lâmina havia desaparecido. Todos os rapazes ficaram confusos. Como um objeto tão pesado poderia simplesmente desaparecer? Lembre-se de que estamos falando de mais de dez toneladas. Então, eles começaram a procurar nos arbustos próximos e por acaso notaram pegadas gigantes, com cerca de um metro de comprimento, perto de onde a lâmina havia sido deixada. Finalmente, a cerca de cem metros de distância, em uma pequena colina próxima, um dos rapazes gritou: “Aqui está!” A partir de uma investigação mais aprofundada das pegadas, eles deduziram que os gigantes não a haviam carregado até lá, mas a haviam jogado, ou ela havia chegado lá de alguma outra forma.

A propósito, essa mina de ouro ainda inoperante em Gold Ridge, que, segundo os relatórios geológicos da ilha, é pequena em comparação com o potencial de várias outras áreas, ainda tem um valor estimado de 20 bilhões de dólares australianos em ouro.

Há alguns anos, quando eu trabalhava como piloto/engenheiro de helicóptero na Austrália, fui

fui convidado para trabalhar para um chefe piloto de helicóptero de uma frota de pesca americana, que tinha helicópteros para cuidar de suas peças sobressalentes. O trabalho durou seis semanas e fui muito bem pago pelo meu esforço.

O escritório que eu ocupava ficava bem em frente ao antigo quartel-general provincial de Guadalcanal e, na hora do almoço, eu às vezes atravessava a rua para tomar algumas cervejas com o então primeiro-ministro de Guadalcanal e Victor, o ministro das Finanças. Foi durante um desses almoços que eles me contaram sobre um encontro gigantesco que tiveram alguns meses antes.

Tanto o primeiro-ministro, que agora é ministro nacional, quanto Victor, que agora é novamente ministro de Guadalcanal, decidiram ir a Gold Ridge para inspecionar a área da mina de ouro proposta. Eles pegaram sua Toyota Hilux cabine dupla no meio da tarde e dirigiram até lá. É uma viagem bastante longa e, depois de passar por algumas aldeias no caminho, eles chegaram à área da mina. Uma escavadeira havia aberto uma estrada, mas, como chove com frequência, a estrada ao redor da colina estava escorregadia e eles escorregaram da beira e ficaram atolados. Eles se esforçaram sinceramente para tentar voltar para a estrada, mas decidiram voltar a pé até a última aldeia por onde haviam passado para pedir a ajuda de um grupo de meninos para puxar a caminhonete.

Reunindo cerca de trinta homens, eles voltaram. Quando estavam contornando a última esquina para chegar ao local onde o 4x4 estava atolado, viram o veículo de volta na estrada, com dois gigantes enormes em pé, um na frente e outro atrás. Naturalmente, a primeira reação de todos foi fugir gritando, em pânico total. Eles me contaram que, quando reuniram coragem, meia hora depois, todos voltaram e descobriram que os gigantes haviam desaparecido. Obviamente, perguntei qual era a altura deles. Eles me disseram que o mais alto dos dois era aquele que levantou a frente do veículo para a estrada e, quando inspecionaram as pegadas, cada um havia levantado o veículo colocando um pé na estrada e o outro perto do veículo. Apontando pela janela para uma árvore, o primeiro-ministro disse: “Mais ou menos dessa altura”, que eu estimei ser mais de quatro metros e meio, o que correspondia ao tamanho das pegadas de um metro e meio a dois metros que eles haviam descrito.

O povo de Guadalcanal e muitos outros habitantes das Ilhas Salomão conhecem a história de “Mango”, que faleceu no ano 2000. Ela havia sido sequestrada pelos gigantes há cinquenta anos e passou mais de vinte e cinco anos com eles, e todos a consideravam morta até que foi encontrada grávida, histérica e com espuma na boca, em um jardim na costa nordeste de Guadalcanal. Um gigante a havia tomado como esposa. Quando os homens perceberam quem ela era, tentaram capturá-la, mas como sua pele era viscosa como a de uma enguia, tiveram dificuldade em segurá-la. Um dos homens teve uma ideia engenhosa e pegou algumas folhas particularmente ásperas, que usaram para imobilizá-la e amarrá-la com cipós. Compreensivelmente, ela ficou mentalmente instável pelo resto da vida, mas durante a gravidez deu à luz um menino mestiço. O menino bastardo viveu até os cinco anos, quando um dos irmãos de Mango o matou. Alguns dos meus bons amigos nas Ilhas Salomão sabem onde ele está enterrado. Mango é apenas uma das muitas pessoas a quem esse tipo de coisa aconteceu, mas você não precisa acreditar em mim, basta perguntar a um morador das Ilhas Salomão. Mais dois casos semelhantes em que mulheres de Guadalcanal foram levadas pelos gigantes podem ser encontrados em outros capítulos deste livro.

É impossível que macacos ou símios se reproduzam com homo sapiens. De onde eu acho que vêm os gigantes, sasquatch, yowie, yeti e nefilim, etc.? Como essa resposta é longa e complexa, e quase além da imaginação, ela será deixada para os últimos capítulos deste livro, onde também discuto outras conclusões.

Os habitantes das Ilhas Salomão acreditam que os gigantes existiam antes deles. Eu sei com certeza que o patrimônio genético dos gigantes permite que eles se reproduzam conosco, como aqueles que acompanham minha pesquisa descobrirão. Os gigantes das Ilhas Salomão são definitivamente algum tipo de espécie sobrevivente de hominídeos intimamente relacionados ao homo sapiens, já que os cientistas afirmam que é geneticamente impossível que o homo sapiens se reproduza com macacos ou símios. Ainda vivem hoje em Guadalcanal, e só Deus sabe onde mais, descendentes mestiços de homo sapiens e gigantes. Basta perguntar a qualquer pessoa de Guadalcanal e ela lhe dirá sobre eles e onde vivem. Aqui estão alguns exemplos que conheço. Além das duas mulheres gigantes mestiças que vivem no nordeste de Guadalcanal, há homens mestiços e quartos mestiços que têm filhos de oitava geração com mulheres de Guadalcanal, que ainda vivem hoje em Tangarare, na Costa do Tempo, no sudoeste de Guadalcanal. Qualquer pessoa pode ir ver esses gigantes inter...

pessoas criadas pela espécie. Embora “Silver” tenha morrido no início dos anos 90, seu filho “Genny” e seus filhos, alguns dos quais também se reproduziram, ainda estão vivos. O enorme gigante mestiço Genny é famoso entre os habitantes da região por ser capaz de comer sozinho um porco inteiro, com ossos e tudo. E crocodilos também. Algumas histórias engraçadas sobre esse homem extraordinário podem ser encontradas mais adiante neste livro.

Amostras de DNA para análise/pesquisa dos gigantes das Ilhas Salomão e de seus descendentes humanos mestiços seriam uma ferramenta inestimável para muitos desenvolvimentos futuros na pesquisa genética. Elas podem até mesmo ajudar na busca por remédios que salvam vidas e ajudar a determinar nossas origens e as deles.

Além disso, e de interesse: em 2002, um cientista/médico da Universidade da Papua Nova Guiné mapeou o DNA do povo melanésio e encontrou pequenas diferenças em relação ao de outros homo sapiens, como os europeus, o que ele achou desconcertante. Gostaria de especular que talvez eu tenha uma resposta para sua perplexidade. É bem possível que, ao longo de milhares de anos, os papua-novo-guineenses, os habitantes das Ilhas Salomão e o povo de Vanuatu tenham tido seu DNA ligeiramente alterado pelo cruzamento com as raças gigantes de suas ilhas.

Por que os gigantes, sasquatch, yowie e yeti, etc., em todo o mundo são tão secretos e universalmente tímidos? Como aqueles que acompanham minha pesquisa descobrirão, esse não é exatamente o caso nas Ilhas Salomão, mas como isso tem algo a ver com a resposta complexa sobre de onde eles vêm, isso também é respondido no final deste livro. Posso dizer, porém, que tenho certeza de que, na próxima década, descobriremos se eu estava certo.

Tal como o homo sapiens e outros hominídeos, os gigantes das Salomão são carnívoros e herbívoros, como a maioria dos habitantes de Guadalcanal e das outras ilhas Salomão podem testemunhar. Até à história recente, este misterioso povo hominídeo considerava os seres humanos da costa de Guadalcanal e das Salomão uma fonte fiável de alimento, algo semelhante a outra carne a ser consumida em caso de necessidade. Ao longo dos milénios, muitos milhares de habitantes de Guadalcanal e das ilhas Salomão

perderam a vida ao serem canibalizados por esses gigantes; daí a razão pela qual eles são uma parte importante da história geral e das culturas populares das Ilhas Salomão.

Durante minha pesquisa limitada sobre a existência dos gigantes das Salomão, descobri que eles realmente já consideraram os habitantes das Ilhas Salomão como "porcos para serem comidos". Esse tipo de pensamento primitivo levou tragicamente as crianças da costa a serem enjauladas e criadas para serem comidas quando ficassem maiores. Existem inúmeras histórias folclóricas/tradicionais transmitidas de geração em g e r a ç ã o nas quais os gigantes invadiam aldeias, agarravam pessoas, arrancavam seus membros e os comiam ali mesmo, enquanto todos corriam em pânico absoluto. Além disso, há muitas histórias sobre o que os habitantes das Ilhas Salomão chamavam de "gigantes assassinos", que voltavam persistentemente às aldeias para fazer deles sua refeição. Às vezes, durante esses ataques às aldeias, havia grupos desses "gigantes assassinos". Neste livro está registrada a conhecida história tradicional de Guadalcanal, "Os Cinco Irmãos Gigantes Assassinos".

Acredito que uma das principais razões pelas quais a população das Ilhas Salomão é muito menor do que deveria ser é porque, com mais de cinco mil anos de gigantes nas ilhas considerando os homo sapiens como alimento, essas pessoas nunca tiveram a oportunidade de se reproduzir.

Mesmo que fossem apenas cinquenta pessoas por ano que fossem canibalizadas pelos gigantes, em pouco mais de 5.000 anos, isso significa 250.000 pessoas que nunca se reproduziram. Infelizmente, as estatísticas do canibalismo dos gigantes são muito piores do que isso, como aqueles que conseguirem acompanhar minha pesquisa descobrirão.

No entanto, há um gigante famoso entre o povo de Guadalcanal por ter sido responsável por tirá-los do cardápio. Luti Mikode, que ainda é "O Chefe dos Gigantes", mudou para sempre o comportamento assassino dos gigantes em relação ao povo de Guadalcanal na Guerra dos Gigantes, no início do século XX, que foi travada contra clãs que se opunham a essas mudanças.

Quando você conhecer a história de como ele mudou a atitude dos outros gigantes em relação ao canibalismo do povo de Guadalcanal e, eventualmente, do resto dos gigantes das Ilhas Salomão, há cerca de um século, você ficará impressionado. É absolutamente incrível e, através da minha pesquisa, por mais incrível que seja a história, provei que é verdade.

Embora haja muito que eu não saiba sobre os gigantes de Salomão, acredito que o canibalismo deles em relação aos povos costeiros das Ilhas Salomão tenha cessado por três razões principais, que mencionarei brevemente: a "Guerra dos Gigantes" de Guadalcanal; sua associação com alienígenas extraterrestres que habitavam Guadalcanal e outras grandes ilhas de Salomão; e o advento da descoberta pelo homem branco moderno, quando ele começou a ocupar as Ilhas Salomão. Os tópicos deste parágrafo são discutidos em capítulos posteriores.

Como sei que Luti Mikode ainda está vivo? Além de muitas pessoas me dizerem que ele está, e do fato de que se acredita que os gigantes têm uma longevidade muito maior do que a do homo sapiens, um dos bispos da Igreja Anglicana das Ilhas Salomão, enquanto tirava uma licença sabática em sua casa na aldeia no noroeste de Guadalcanal, encontrou-o em um jardim em 2000 para discutir a guerra étnica em curso nas Ilhas Salomão. Como Luti Mikode sabia que o bispo estava em retiro na sua aldeia? Além da notícia da licença sabática do bispo ter sido divulgada na rádio, a única coisa que consigo imaginar, e que pode parecer ridícula para alguns, é que deve ter havido alguma dimensão espiritual, da qual, aparentemente, como relatado, os gigantes são abundantes. O bispo encontrou Luti Mikode mais uma vez depois disso. Basta perguntar a ele ou à Solomon Islands Broadcasting Corporation (SIBC), pois isso também foi noticiado novamente na época. É um lugar estranho para coisas assim e, por algumas razões psicológicas e comportamentais que agora compreendo, os europeus simplesmente não parecem levar essas notícias a sério. Alguns habitantes das Ilhas Salomão, porém, levam!

Não tenho nenhuma evidência de que os gigantes já tiveram "tecnologia" antes, mas certamente têm agora. Na verdade, sei que eles têm um sistema de iluminação

em suas cavernas há pelo menos cinquenta anos, que não tem nenhuma fonte de luz óbvia, como lâmpadas ou lâmpadas. No entanto, de alguma forma, dentro das montanhas é como se fosse dia, pelo que me contaram testemunhas oculares que foram capturadas e libertadas.

A razão pela qual uso a palavra “tecnologia” é porque outras testemunhas oculares independentes e confiáveis me contaram de outros acontecimentos que apoiam de forma esmagadora que eles possuem esses diferentes tipos de tecnologia.

As maiores ilhas Salomão, Guadalcanal, Malaita, Choiseul, Santa Isabel e Makira, e sem dúvida algumas ilhas menores, têm literalmente centenas de cavernas e vestígios de artefatos gigantes, e qualquer pessoa pode visitar muitos deles. Basta ir até lá e discretamente começar a perguntar aos moradores locais. Vá direto ao chefe!

Alguns gigantes da antiguidade enterravam seus mortos de maneira semelhante a Jesus, com uma pedra rolada na entrada do túmulo. Ezekiel Alebua, ex-primeiro-ministro e ex-governador de Guadalcanal, sabe da existência de uma caverna funerária de gigantes no leste de Guadalcanal, para onde seu pai o levou quando era criança. Dentro dessa caverna, há um esqueleto gigante perfeito de 4,5 metros. Por circunstâncias incomuns, ou melhor, comuns, nunca cheguei a vê-lo, mas agora conheço muitos outros, assim como muitas outras pessoas que conheço.

Pouco antes da guerra étnica nas Ilhas Salomão, alguns homens de Tangarare foram ver os gigantes nas montanhas da ilha para pedir conselhos sobre o que deveriam fazer. Eles não seguiram os conselhos dos gigantes e, assim, a guerra começou. Quando voltaram pela segunda vez para pedir mais conselhos e possível ajuda, os gigantes disseram-lhes que agora tudo dependia deles e mandaram-nos embora.

Como eu sei disso? Tudo foi noticiado no noticiário da Rádio Solomon Islands Broadcasting Corporation! Quando a maioria dos homens brancos ouve falar de coisas assim

coisas, por alguma razão, tudo passa direto pela cabeça deles e eles nem ficam um pouco curiosos para saber do que se trata. Bem, eu fico!

Resumidamente, você pode perguntar a quase qualquer morador mais velho das Ilhas Salomão, especialmente ao povo de Guadalcanal, sobre esse incidente específico! Certa noite, durante a década de 1960, por alguma razão que nunca descobri, mas posso especular, os gigantes de Guadalcanal passaram por Honiara e destruíram a cidade. Essa é uma história bem conhecida da história recente dos gigantes de Guadalcanal. Lembre-se de que há muitas outras.

No Natal de 2002, por volta da hora do almoço, eu estava sentado na varanda com minha esposa e alguns amigos quando dois homens chegaram correndo para nos contar que uma família que trabalhava em seu jardim, não muito longe de onde morávamos, perto do Monte Austin, nos arredores de Honiara, tinha acabado de ver um gigante enorme vagando casualmente pela grama alta na encosta acima de sua horta.
Quando finalmente alcançamos essa família, eles me contaram que o gigante não fez nenhum esforço para se esconder durante os poucos minutos em que caminhava despreocupadamente. Disseram que ele até parou por um momento para afastar o cabelo e olhar novamente para eles enquanto saíam da horta.

Os gigantes de Guadalcanal e os “Ramo” de Malaitan, que são gigantes com outro nome, têm sua própria língua escrita, como aqueles que continuarem a ler descobrirão; há muitas paredes de pedra antigas e objetos com inscrições gravadas neles.

Por falar em língua, eis uma curiosidade que descobri e uma teoria a respeito. A língua do povo de Guadalcanal e a língua fijiana são muito, muito semelhantes. Existem mais de cem palavras comuns entre elas. Isso significa que um habitante de Guadalcanal pode ir para Fiji e falar fijiano em uma semana, e vice-versa, como descobriu meu amigo Peter Casi quando ele e sua banda fizeram uma turnê por lá. A língua dos gigantes de Guadalcanal é muito semelhante em dialeto à do homo sapiens de Guadalcanal. É minha convicção, e de outros, que outrora existiu uma

enorme civilização desses gigantes espalhada por todo o Pacífico, chegando até Fiji e além, muito antes da chegada do homo sapiens a essas ilhas.

Ao longo dos séculos, como os gigantes tinham apetite por seres humanos e estes eram fáceis de capturar, o povo de Guadalcanal oferecia-lhes sacrifícios em substituição, e os gigantes saíam da floresta para os receber, embora isso não impedisse o canibalismo em grande medida. Hoje ainda existem homens que podem e, às vezes, praticam isso, como em uma aldeia perto do Monte Tatuva. As oferendas incluem porcos brancos sem manchas e limão de betel de Guadalcanal, que é moído a partir de conchas de caracóis de água doce; e também o dinheiro tradicional de Guadalcanal, que consiste em quatro ou cinco pedaços de corda reunidos com pequenas conchas marinhas amarradas em um fio. Essas conchas também devem ser brancas e de água doce. O dinheiro de concha ou dinheiro tradicional é a moeda original das Ilhas Salomão e ainda é usado em vez de dólares e centavos. Em uma clareira sagrada na selva próxima, esses itens são colocados e, por métodos conhecidos por aqueles a quem foram transmitidos de geração em geração (e queimando ossos de enguia de água doce, cujo cheiro é irresistível para eles), os gigantes logo chegam para receber suas oferendas.

A propósito, os porcos em Guadalcanal, e sem dúvida em alguns outros lugares da Melanésia, aprenderam ao longo da evolução a não usar nenhuma das trilhas ou caminhos dos gigantes. Em Tangarare, uma grande área no sudoeste de Guadalcanal, alguns dos gigantes colocaram barreiras nas entradas de suas trilhas para impedir que os humanos as usassem inadvertidamente. Até cerca de um século atrás, os gigantes não faziam isso.

É sabido que os gigantes não gostam de fogo, possivelmente devido ao seu cabelo comprido. Quando se viaja pelo território dos gigantes, é aconselhável levar um isqueiro e uma lata de pressão, por precaução. Há alguns anos, Ezekiel Alebua, então primeiro-ministro de Guadalcanal, contou-me um incidente que aconteceu na Costa do Tempo, no sul de Guadalcanal, em 2000, durante a guerra étnica.

Cinco homens Tangarare foram caçar porcos com seus arcos e flechas e, durante a caçada, perderam a noção do tempo. Como estava ficando tarde e o tempo

ameaçava chover, eles decidiram construir rapidamente uma cabana de palmeira sagu para acampar durante a noite. Durante a noite, com a chuva caindo forte, enquanto estavam sentados ao redor de uma fogueira dentro da cabana, uma mão e um braço enormes apareceram através da parede. Um gigante curioso se inclinou sobre a cabana e estava tateando o interior. Os cinco homens começaram a gritar e a usar gravetos da fogueira para espantar a mão monstruosa. Aparentemente aterrorizados, os homens correram direto pela parede dos fundos da cabana para a escuridão da selva. Após uma noite de horror, com um gigante prestes a alcançá-los enquanto fugiam, eles se encontraram na manhã seguinte na costa e perceberam que se espalharam por vários quilômetros.

Isso me leva a uma teoria sobre a ocupação japonesa de Guadalcanal durante a Segunda Guerra Mundial. Há um mistério que nunca foi resolvido sobre por que não foram encontrados japoneses para resistir inicialmente às forças aliadas em Red Beach e Henderson Airfield quando elas chegaram. Curiosamente, a força de intervenção australiana liderada pelos americanos, em outra tentativa de imitar os americanos, usou heroicamente Red Beach novamente para chegar vitoriosamente. Quando as forças aliadas chegaram, na Segunda Guerra Mundial, esperavam perder alguns soldados, mas, em vez disso, não encontraram nenhum japonês, inicialmente. Isso era incomum para os japoneses e para qualquer outra campanha insular. Eles lutavam até o último suspiro. Por que uma força tão grande de japoneses acabou fugindo? Acredito ter uma resposta para essa pergunta, e não é a versão que a história nos conta.

Acredito que os japoneses encontraram os gigantes no centro da ilha e, muito provavelmente, algumas outras criaturas, e muitos japoneses perderam a vida porque os gigantes e esses outros seres subterrâneos estavam definitivamente do lado dos habitantes das Ilhas Salomão/forças aliadas.

Coincidentemente, em 1999, os japoneses, com a aprovação do governo das Ilhas Salomão, estavam prestes a realizar um exercício militar com 2.000 soldados no meio de Guadalcanal, quando a tensão étnica do ano 2000 impediu isso. Então, a força de invasão multinacional de John Howard chegou em 2003. Então, por que os japoneses queriam fazer um exercício militar justamente em Guadalcanal? Seria de se esperar

pensaria que, depois de perder mais de 100.000 soldados durante a Segunda Guerra Mundial, eles já teriam se cansado daquele lugar.

Tenho certeza de que a invasão liderada pela Austrália às Ilhas Salomão em 2003 não exigiu mais de 2.000 homens, dois aviões espiões multimilionários, um caça-minas, barcos de patrulha, um navio de transporte de suprimentos com helicópteros, vigilância por satélite e um
Um compromisso de US$ 300 milhões por ano, conforme declarado, durante dez anos.

A verdade é que as minhas descobertas sobre a existência dos gigantes e das bases subterrâneas de OVNIs nunca deveriam ter chegado ao conhecimento do resto do mundo, e agora as Ilhas Salomão estavam sob controlo do governo australiano liderado pelos Estados Unidos precisamente por essa razão. Agora, mais vale chamar às Ilhas Salomão "Ilhas Salomão Australianas", uma vez que as forças de intervenção australianas nunca sairão, mesmo que o governo das Ilhas Salomão lhes peça.

Mais uma vez, tal como o seu amigo Bush, que era, neste tipo de assuntos, apenas um fantoche de uma organização mundial mais secreta para justificar as suas ocupações estrangeiras, Howard também utilizou a "guerra contra o terrorismo" como desculpa para a invasão das Ilhas Salomão. Mas atenção, seria preciso ser um terrorista muito corajoso para viver nas Ilhas Salomão.

Já que estou falando nisso, há outras razões pelas quais essa ocupação convenientemente foi adiante: sim, você adivinhou, petróleo e gás e algumas outras coisas que valem a pena se apoderar. Além da indústria pesqueira potencialmente muito rica e das florestas tropicais sustentáveis das Ilhas Salomão, há: as seis enormes bacias de petróleo e gás "light crude" (só a Bacia Indispensável tem 2.200 km², estendendo-se de Guadalcanal a Malaita); os vastos depósitos de ouro altamente concentrados de Guadalcanal e os depósitos maiores de ouro em Choiseul; as enormes quantidades de esmeraldas, safiras, rubis, granadas, zircônio e os diamantes recentemente descobertos em Malaita; os gigantescos depósitos de cobre de Choiseul, três vezes maiores que os da vizinha Bougainville; os dois grandes depósitos de níquel da

“Baía dos Mil Navios” na ilha principal de Isabel; os dois enormes depósitos de óxido de titânio em Royal Harbour, Malaita; e alguns outros que, segundo relatos, foram mantidos em segredo por uma dúzia de conselheiros do governo australiano ao gabinete do primeiro-ministro das Ilhas Salomão durante a última década. Desde 1996, o governo australiano de Howard ajudou de forma secreta e calculista a colocar as Ilhas Salomão de joelhos.

No que diz respeito à ocupação japonesa de Guadalcanal durante a Segunda Guerra Mundial, há muitas questões inexplicáveis, além dos gigantes de Guadalcanal que se encontram no centro da ilha. Tenho também provas adicionais que corroboram totalmente as minhas afirmações. Poderia perguntar a Ezekiel Alebua sobre a estátua do Memorial de Guerra Japonês e penso que chegaria à mesma conclusão que eu, e sem dúvida que os japoneses também chegaram.

Se algumas das minhas descobertas neste livro são suficientemente impressionantes para o “Zé Ninguém” comum em todo o mundo, então o que estou prestes a discutir irá realmente deixá-lo perplexo. Mas isso não se aplica a muitos habitantes da ilha de Guadalcanal que sabem que isso é verdade, incluindo Ezekiel Alebua, alguns ministros nacionais, bispos anglicanos, padres e a maioria dos residentes do interior da ilha. Sem querer tirar a credibilidade da descoberta da raça gigante, relato isso com relutância.

Ao longo dos anos, tenho recebido relatos surpreendentes de pessoas confiáveis que vivem em diferentes áreas próximas ao centro de Guadalcanal. Curioso com esses relatos estranhos, decidi me esforçar um pouco para descobrir do que se tratava. Pessoas confiáveis têm me contado que, às vezes, ao entardecer, ao amanhecer ou durante a noite, veem dezenas de uma espécie específica de criatura voando em formações grupais sobre a selva, indo de um lado para outro. Todos descrevem a mesma coisa, enquanto voam acima da selva. Eles veem uma criatura parecida com um homem, com uma cauda longa e um brilho vermelho nas costas, e ouvem um zumbido rouco vindo dos grupos quando passam por cima deles. Muitos me disseram que viram centenas deles ao mesmo tempo. Eles também foram vistos ao amanhecer, individualmente, voando aleatoriamente acima da neblina dos vales montanhosos no interior. Eles têm sido regularmente

em grandes grupos indo para o mar e voltando para a costa centro-sul de Guadalcanal. Ocasionalmente, eles foram vistos na selva e são descritos assim: parecem homens fortes, semelhantes a homosapiens, com pele escamosa marrom-esverdeada, uma longa cauda como a de um crocodilo e algumas vestimentas, que andam eretos.
Naturalmente, esses tipos de relatos são muito estranhos para pessoas não iniciadas, mas para mim, eles não são mais tão estranhos assim.

O Memorial de Guerra Japonês das Ilhas Salomão, localizado no Monte Austin, com vista para Honiara, deve ser o único do tipo no mundo.
A maioria dos memoriais de guerra que já vi tem algo a ver com soldados, armas e pessoas mortas. Este não! Tem cerca de 30 x 10 metros em uma área ao ar livre com piso de seixos de mármore importados. Na extremidade oeste, há quatro grandes paredes verticais de mármore em branco que deveriam ter inscrições, e ao norte, uma fileira de cerejeiras que estão tendo dificuldade para sobreviver no ambiente tropical. A única inscrição que se encontra, sobre o famoso escultor japonês, está na base da estátua de bronze de um homem meio humano com escamas, que segura um objeto semelhante a uma arma de raios preso à ponta da cauda.

Este ser reptiliano meio humano, muito futurista, ao estilo "Star Trek", tem uma expressão muito determinada no rosto, enquanto segura sua arma de raios na mão direita e aponta para o oeste com a esquerda. Surpreendentemente, quando me alinhei no lugar para onde ele está apontando, por alguma razão ele está apontando diretamente para a base do lago com cachoeira do OVNI Mt. Dragon, no noroeste de Guadalcanal. A estátua menos detalhada e crivada de balas que está lá agora foi substituída pelo cônsul japonês em retrospecto, pouco antes da guerra étnica nas Ilhas Salomão. Como mencionado, ironicamente, em 1999, os japoneses, com a aprovação do governo das Ilhas Salomão, estavam prestes a enviar um contingente de 2.000 soldados do exército japonês para o centro de Guadalcanal para realizar um suposto exercício militar, mas a tensão étnica nas Ilhas Salomão pôs fim a isso. Lembre-se de que havia centenas de ilhas Salomão adequadas que eles poderiam ter escolhido. Então, o Sr. Howard, seguindo as ordens de seu chefe americano, enviou um contingente militar japonês equivalente a 2.000 homens às Ilhas Salomão para realizar uma dispendiosa
Uma ocupação que custa US$ 300 milhões por ano, como se diz há dez anos, para restaurar a "lei e a ordem" e acabar com o terrorismo; ou por qualquer outra razão arrogante que ele tenha, e que tenho certeza de que ele não compreendeu totalmente, assim como seu chefe americano dos conservadores neoconservadores, que era apenas um fantoche...

conservadores, ele era apenas um fantoche...

Acredito que, além de alguns soldados japoneses da ocupação de Guadalcanal na Segunda Guerra Mundial terem perdido a vida por servirem de alimento para os gigantes, é mais do que provável que eles tenham tido alguns encontros com esses guerreiros meio humanos, meio lagartos, e quando as notícias chegaram ao quartel-general japonês sobre o que estava acontecendo, a ordem foi: "Abandonem a ilha! E deixem-nos ficar com ela!" É por isso que não havia japoneses quando os aliados chegaram a Guadalcanal e por que os japoneses levaram uma boa surra na retirada.

Além disso, foi relatado na internet por veteranos navais da Segunda Guerra Mundial da campanha de Guadalcanal que, certa noite, enquanto estavam ancorados em Iron Bottom Sound, viram dezenas de OVNIs do tipo bolas de luz sobrevoando seus navios de guerra em formação triangular. Mas como nenhum dos homens a bordo dos navios de guerra compreendeu na altura o que estavam a ver e pensaram que poderia ser uma arma secreta japonesa, os navios foram colocados em alerta máximo. O Quartel-General Naval do Havai foi imediatamente contactado, mas como os cinquenta OVNIs não regressaram após o seu lento sobrevoo, todos a bordo dos navios foram instruídos pelos seus superiores para esquecerem o incidente – embora, obviamente, alguns não o tenham feito. Então, quem está a pilotar esses OVNIs?

Aliás, os ocupantes americanos liderados por Howard estavam em uma situação sem saída: cumprir as ordens de um "governo mundial" secreto para impedir que o resto do mundo soubesse a verdade sobre as Ilhas Salomão – e quais acordos secretos eles estavam fazendo com os habitantes subterrâneos; e, ao mesmo tempo, esperar obter suas enormes reservas de petróleo. Eles estavam em uma situação "sem saída" com os gigantes.

Além do fato de que os gigantes têm um apetite voraz, nem pensar que eles acham que podem simplesmente entrar nas selvas de Guadalcanal ou Choisel e, se quiserem, enfrentar os gigantes, pois muitos dos soldados inocentes não voltariam. Seria semelhante ao filme "Predador" e ao que os japoneses viveram na Segunda Guerra Mundial. Seria interessante explicar a perda dos soldados às suas

famílias e à mídia global seria interessante. Como os gigantes podem ser encontrados em outras ilhas das Salomão, conter militarmente todas as Ilhas Salomão exigiria muitas explicações ao resto do mundo.

Em breve, dentro de uma década ou mais, tenho certeza de que eles não terão mais que dar explicações enganosas, pois a próxima Guerra Mundial do "governo mundial" secreto, que é uma cobertura para sua ganância em tentar dominar o mundo inteiro, será travada entre os países do mundo e, eventualmente, algumas das espécies avançadas do submundo. Sem sequer considerar as entradas subterrâneas conhecidas de OVNIs nas Ilhas Salomão, das quais algumas organizações secretas americanas têm tirado proveito há já algum tempo, se tentarem conter os **1** .900 quilómetros das Ilhas Salomão, mais vale invadirem também a Papua-Nova Guiné, pois lá existem gigantes e entradas subterrâneas de OVNIs para civilizações subterrâneas.

De "The Borderline", onde morei muito perto do Monte Austin, e mais adiante na estrada, depois do Memorial Japonês da Segunda Guerra Mundial, existem três tribos de Guadalcanal. No extremo oeste está a tribo Simba; e mais a oeste, não muito longe deles, vivem dois gigantes aposentados, do tipo alto e peludo (um homem e uma mulher). Pergunte a qualquer membro das tribos por lá e eles lhe contarão tudo sobre eles, pois são de conhecimento comum e já foram vistos inúmeras vezes. Pensei em filmar lá muitas vezes, mas, como sempre, fui vítima de circunstâncias que impediram isso. Joseph é o nome do chefe supremo daquela área. Durante o conflito étnico de 2000, muitos residentes de Guadalcanal em Honiara fugiram para a selva atrás. Essas pessoas viram os dois gigantes várias vezes durante esse período. Na verdade, um atalho para chegar ao local onde vivem esses dois gigantes é seguir a trilha que leva ao outro lado do riacho, no extremo sul do jardim botânico, localizado atrás da prisão de Honiara. Mas seria melhor obter permissão de Joseph, com uma gratificação adequada para uma expedição ao local onde vivem esses gigantes.

Ao redor da área onde essas três aldeias estão localizadas, há várias cavernas de ex-gigantes que podem ser observadas e filmadas. Aparentemente, uma dessas cavernas é

bastante grande e seu comprimento é desconhecido. Um dia, essas cavernas serão sítios arqueológicos e antropológicos que valerá a pena explorar. Os habitantes da área tribal das três aldeias têm muitas histórias folclóricas relacionadas à sua tumultuada relação histórica com os gigantes, assim como todos os outros habitantes da ilha e, aliás, todos os outros habitantes das Ilhas Salomão. Praticamente todas as grandes ilhas das Salomão têm histórias folclóricas conhecidas sobre os gigantes que viviam nelas.

Uma dica para expedições: para qualquer pesquisador de OVNIs/gigantes que vá às Ilhas Salomão, faça o que fizer, não diga a ninguém o motivo da sua visita, ou poderá acabar no próximo avião de volta.

Embora o nome “gigantes” seja comumente usado entre todos os habitantes das Ilhas Salomão, “Mu-Mu”, como o som de uma vaca, é o nome universal dado pelos habitantes das Ilhas Salomão a essa raça de pessoas enormes. Coincidentemente, ou talvez não, nos últimos anos, pesquisadores afirmaram que uma enorme civilização que atravessava o Pacífico existiu e foi chamada de “Mu”. Sempre me perguntei se isso era apenas uma mera coincidência.

Choiseul, no extremo oeste das Ilhas Salomão, com 300 x 80 quilômetros de largura, tem, segundo relatos, tantos gigantes vivendo em seu interior quanto Guadalcanal. Ao observar o mapa de Choiseul, você notará que não há nenhuma vila no interior da ilha, e há uma boa razão para isso. Na verdade, às vezes me pergunto por que os povos das diferentes Ilhas Salomão sempre tentavam recuperar o território das ilhas uns dos outros na época da caça às cabeças, e pensei que talvez isso tivesse algo a ver com o fato de eles sempre tentarem fugir de suas próprias ilhas, onde eram canibalizados por suas populações gigantes. Se fosse esse o caso, e tenho certeza de que tinha algo a ver com isso, eles mal sabiam que teriam o mesmo problema, independentemente da ilha que tentassem conquistar.

Santa Isabel, uma grande ilha a noroeste de Guadalcanal, tem gigantes peludos

que ainda vivem em duas áreas diferentes, mas a população da ilha é muito menor do que a de Guadalcanal. O centro-nordeste de Isabel e o centro-norte são as duas áreas onde eles podem ser encontrados; basta perguntar a qualquer pessoa lá e ela lhe indicará a direção certa.

Makira, que fica a leste de Guadalcanal, tem apenas os pequenos gigantes anões superfortes, que eu esqueci de mencionar que também podem ser encontrados em Guadalcanal. Esses são outro tipo de raça hominóide desconhecida que pode ser encontrada vivendo nas Ilhas Salomão. Eu só tenho conhecimento da existência deles nessas duas ilhas diferentes, mas sem dúvida eles estão em muitas outras ilhas Salomão e, segundo relatos, também em Vanuatu.

Já que estou falando sobre esses anões peludos, superfortes e com menos de um metro e meio de altura, recentemente cientistas relataram ter desenterrado um esqueleto de um hominídeo anão desconhecido em uma caverna em uma das ilhas do sul da Indonésia. Esses cientistas batizaram esse hominídeo anão recém-descoberto de "O Hobbit". Talvez se algum desses cientistas ler sobre minhas descobertas e acreditar nelas, eles possam ir a Guadalcanal ou Makira, onde podem encontrar exemplares vivos. E se tiverem dificuldade em descrever aos povos indígenas dessas ilhas o que estão procurando, basta dizer aos moradores locais que estão procurando o "Chowa-Chowa", ou a outra pronúncia "Cho-Cho".

Em 1991 e em 1996, foram publicadas fotos na primeira página do jornal "Solomon Star" de um desses "Chowa-Chowa" ruivos, superfortes e com cerca de 1,20 m de altura. Na reportagem e foto da primeira página de 1996, ele saiu da selva e entrou em uma vila perto de Gold Ridge, e então colocaram um short nele e o levaram para Honiara para exibi-lo. A foto da primeira página mostra o Chowa-Chowa sendo conduzido pela mão pela rua principal de Honiara, seguido por centenas de indígenas seguindo-o. Os habitantes das ilhas Guadalcanal e Makira conhecem esses Chowa-Chowa (e, na minha opinião, Hobbits) como uma espécie de gigantes, mas com tamanho oposto. Esses Chowa-Chowa nunca foram conhecidos por prejudicar os humanos indígenas e, por isso, são considerados mais uma novidade quando vistos. Os aborígenes australianos falam de um pequeno homem ruivo semelhante

peludo que chamam de “Homem Jungarre”. Outras culturas ao redor do mundo, mais particularmente na Indonésia, relataram ter visto o mesmo. Conheço histórias de pessoas de Guadalcanal que falaram ter visto esses pequenos Chowa-Chowa na selva e, enquanto os perseguiam por diversão, observaram que eles demonstravam uma habilidade extraordinária de pular distâncias consideráveis, muito além da capacidade humana.

Embora curioso sobre eles, nunca me interessei particularmente em pesquisá-los mais a fundo, apenas porque estava mais preocupado com outras coisas; mas posso dizer que eles devem viver socialmente em algum lugar. Peter me diz que sabe onde eles podem ser encontrados, mas uma coisa de cada vez. Como outros habitantes das Ilhas Salomão, ao longo de sua história, os bisavós de Peter, até seu pai, sempre adoraram os gigantes.

Malaita tem uma história muito rica com sua raça gigante, ou, como o povo malaitano os chama, os “Ramo”. Os Ramo de Malaita são da mesma espécie que os gigantes de Guadalcanal, mas, no caso de Malaita, eram culturalmente diferentes dos de Guadalcanal. Quando você começa a entender os antigos costumes populares e as diferenças culturais entre os humanos de Malaita e Guadalcanal, descobre que eles seguem a cultura da raça gigante de sua ilha específica. Isso é difícil de explicar sem escrever um ensaio sobre o assunto, mas espero que alguns capítulos mais adiante neste livro possam dar uma ideia melhor do que estou tentando explicar.

As histórias folclóricas de encontros com gigantes proeminentes dos povos indígenas das duas ilhas diferentes retratam seus gigantes de acordo com suas próprias culturas. Por exemplo, o Ramo de Malaitan era conhecido por usar um enorme “subi” (uma arma de madeira afiada em forma de diamante, com 3 a 4,5 metros de comprimento). Durante séculos, os guerreiros homo sapiens de Malaitan também usaram uma versão muito menor do “subi” como uma de suas armas preferidas, embora agora elas só sejam encontradas como ornamentos domésticos.

Esses gigantes Ramo, assim como os gigantes de Guadalcanal, costumavam invadir as aldeias costeiras de Malaitan com essas armas, às vezes matando dezenas de homens com um único golpe. Alguns dos gigantes Ramo usavam culturalmente faixas coloridas em torno dos bíceps e alguns também usavam roupas de fibra tecida (feitas pelas mulheres para eles) na região da virilha. No entanto, nem todos os Ramo eram culturalmente assim. A maioria era totalmente nua e conhecida apenas como assassinos vorazes.

Séculos atrás, quando os Ramo ainda canibalizavam o povo da costa de Malaitan, todas as aldeias de Malaita ficavam ao longo da costa e, por razões de segurança, eram consideravelmente maiores em população do que são hoje, algumas com centenas de habitantes. Todas as aldeias tinham guerreiros de guarda 24 horas por dia para qualquer ataque ou incursão dos Ramo. Se, a qualquer momento, um gigante fosse avistado, os tambores tocavam para alertar os habitantes da aldeia e das aldeias vizinhas.

Entre as inúmeras histórias tradicionais transmitidas de geração em geração, há uma sobre um jovem Ramo que me lembra isso. Séculos atrás, na principal aldeia costeira de Kwaio, Atoifi, um adolescente Ramo havia se instalado em uma árvore alta nos arredores da aldeia e, embora os guerreiros tivessem disparado muitas flechas contra ele, ele continuava lá, observando-os enquanto aguçava o apetite. Este jovem Ramo não era forte, maduro ou corajoso o suficiente para enfrentar os guerreiros da aldeia, mas as mulheres da aldeia não se atreviam a ir aos seus jardins próximos, com medo deste jovem Ramo. Os dias passavam enquanto este jovem gigante se sentava na árvore, apenas observando as pessoas da aldeia. Embora cientes do perigo que ele representava, as pessoas da aldeia começaram a se tornar complacentes com a sua presença. Certa manhã, todos perceberam que o jovem gigante havia desaparecido, voltando para a floresta próxima. Com essa ameaça fora do caminho, as mulheres organizaram um grupo, com guerreiros para protegê-las, para ir aos jardins próximos. Enquanto todas caminhavam pela trilha na selva em direção aos jardins, o jovem Ramo, que estava esperando a chegada delas, saiu correndo da selva, agarrou duas das mulheres e continuou correndo; e, devido à sua velocidade e agilidade, nunca foi pego. Sem dúvida, essas mulheres se tornaram a próxima refeição do jovem Ramo e seus parentes.

Descobri que, em muitos casos em que os gigantes das Ilhas Salomão matavam pessoas para se alimentar, eles demonstravam astúcia e, na maioria das vezes, a única maneira de os humanos conseguirem matá-los era sendo mais espertos do que eles. Exemplos disso podem ser encontrados nos capítulos posteriores deste livro.

Gostaria também de chamar a atenção para o fato de que existem muitos vestígios de uma civilização perdida da raça gigante espalhados por diferentes partes de Malaita. Digo "civilização" por uma boa razão. Em uma montanha perto do Monte Mala, no interior do norte de Malaita, há uma grande parede de pedra perfeitamente encaixada, que circunda a montanha em espiral. Ela leva a uma área plana no topo da montanha, onde outra grande parede de pedra separa uma área plana mais alta, dividida em dois níveis, onde se encontra um altar de pedra. Mais adiante, há um cemitério com uma pedra perfeita de 5,5 metros x 1,8 metros x 30 centímetros. Os povos da selva que vivem mais longe dessa área dizem que um Ramo de grande importância está enterrado lá. Há também inscrições hieroglíficas esculpidas na parede de pedra. Há cerca de uma década, quando alguns dos ilhéus estavam a desmatar um pouco a selva para expor mais esta área, também encontraram cerâmica e outros itens. A área de onde estes grandes blocos de pedra foram extraídos fica a quilómetros da cordilheira, na costa oeste, perto do mar.
Aliás, os povos indígenas desta região são bastante zelosos em proteger este local, mas isso não deve ser um grande problema com algumas gratificações monetárias, caso alguém deseje visitar este lugar. É aconselhável também utilizar um helicóptero. Já contei a outras pessoas sobre este lugar, mas, como tudo na vida, por uma razão ou outra, ninguém acredita em mim. Bem, ele já está lá há alguns milhares de anos, então suponho que ainda estará lá daqui a alguns milhares de anos.

De qualquer forma, para aqueles que estiverem interessados, os vestígios de Ramo estão nas coordenadas: 8 graus 41 minutos 06,88 segundos sul. 160 graus 45 minutos 43,42 segundos leste. Para ver uma foto deste lugar, acesse o site deste livro em www.solomonislansmysteries.com e, pelo amor de Deus, alguém se organize e vá descobrir o que é isso! Eu não posso ir, mas se você for, precisará de um helicóptero e lembre-se de que a força multinacional de interdição liderada pela Austrália que ocupa o local não vai querer você lá, então boa sorte!

Ah, e a propósito, ao longo da última década, alguns anos após sua descoberta, os proprietários tradicionais da terra me disseram que têm cortado a selva, expondo este lugar, na esperança de que alguma entidade do céu que originalmente o possuía o veja. Eles consideram este lugar com muita reverência e o associam ao Ramo. Aparentemente, no início dos anos 90, de alguma forma, aqueles que guardavam este lugar secreto tiveram a ideia de que ele poderia ter algum significado cristão e enviaram uma pequena delegação de Israel (de todos os lugares!) para verificá-lo. Eles partiram dizendo que não tinha nada a ver com o cristianismo, mas o que eu quero saber é por que esses caras não contaram ao resto do mundo o que encontraram e, de qualquer forma, quem eram esses caras?

Na região de Kwaio, no centro-leste de Malaita, de onde minha esposa é originária, existem estruturas de blocos de pedra nas profundezas da selva com as mesmas inscrições estranhas gravadas nelas. Eu vi fotos dessa mesma língua gigante de Ramo em um livro escrito por um pesquisador australiano de yowies. Tenho certeza de que Papua Nova Guiné, Ilhas Salomão, Vanuatu, Fiji e, obviamente, Austrália têm o mesmo. É mais do que provável que existam outros países do mundo onde essa antiga língua gigante escrita possa ser encontrada. Em Malaita, essas estruturas de pedra, às vezes grandes, com inscrições em Ramo esculpidas nelas, são consideradas com reverência pelo povo da selva perto de onde estão localizadas.

Por exemplo, o avô da minha esposa, um famoso homem Kwaio, está enterrado perto de uma estrutura de blocos de pedra Ramo com cerca de um metro e meio de altura, com inscrições gravadas. Para os antropólogos interessados, este homem e seu irmão eram homens profundamente espirituais que previram a chegada de Rodger Keesing à região e se tornaram amigos dele nos anos que se seguiram.

A propósito, Ramo é uma palavra comum usada hoje pelo povo de Malaita para descrever qualquer pessoa com características guerreiras superiores. Outro significado de Ramo em Malaita é “homem que come homem”. A Malaita Shipping Company usa Ramos I, Ramos II e Ramos III como nomes de seus navios. Há uma razão simbólica para isso; ou isso ou é apenas uma coincidência.

Quando você descobre um pouco da história horrível de Malaita e Guadalcanal, e o que os homo sapiens das ilhas passaram com o Ramo de Malaita e os gigantes de Guadalcanal, é absolutamente medonho e incomparável a qualquer outra coisa, e isso vale para o resto das Ilhas Salomão.

Curiosamente, isso explica para mim por que existem diferenças entre a psicologia e as personalidades das diferentes ilhas, devido ao fato de seguirem suas próprias culturas populares relacionadas à sua raça gigante específica. É também a razão pela qual eles são o que são hoje e por que nada dramático parece abalá-los.

Segundo relatos, em uma área de Kwara'ae, no leste de Malaita, há um grande cemitério nas profundezas da selva, com literalmente milhares de ossos gigantes espalhados pelo chão. Não se sabe se este era realmente um cemitério Ramo ou se os habitantes locais, ao longo de algumas centenas de anos, os reuniram e colocaram lá. Mais uma vez, segundo relatos, há uma aldeia não muito longe deste cemitério Ramo que tem, como um dos principais postes de sustentação das cabanas da aldeia, um fêmur Ramo que mede quase 2,5 metros de comprimento. Os habitantes locais estimam que este Ramo em particular tinha mais de 7 metros de altura, o que não me surpreende, já que muitas das suas histórias folclóricas confirmam isso. Em Guadalcanal, porém, onde os gigantes ainda podem ser encontrados, sei que eles chegam a atingir esse tamanho.

Embora seja geralmente acreditado pelo povo de Malaitan que sua civilização Ramo desapareceu há séculos, encontrei provas conclusivas de que alguns ainda existem na vasta selva de suas montanhas. Para onde foi a raça Ramo de Malaitan e por quê? Acredito que tenha algo a ver com as civilizações OVNI que descobri existindo sob Malaita.

Os gigantes das Ilhas Salomão têm grandes populações isoladas nas ilhas maiores das Salomão e existem lá há milênios.

Como não me é possível ir às Ilhas Salomão neste momento, para aqueles que estiverem interessados em aprofundar esta pesquisa, espero sinceramente que o resto do mundo tome plena consciência dos gigantes das Salomão e da longa e tumultuada relação histórica que os habitantes das Ilhas Salomão têm vivido com os gigantes, à custa de muitos milhares de vidas perdidas. Tive muito tempo para refletir sobre o impacto ético que esta descoberta terá sobre a humanidade e posso garantir que as vantagens monumentais obtidas superarão em muito qualquer desvantagem.

Nos capítulos a seguir, estão registradas algumas das histórias folclóricas mais conhecidas dos habitantes das Ilhas Salomão sobre alguns de seus encontros mais marcantes com gigantes. Tive que incluir essas histórias curtas para retratar, da melhor maneira possível, o horror do que aconteceu aos habitantes das Ilhas Salomão nas mãos dos gigantes, ou “Mu-Mu”, ao longo dos últimos milênios.

CAPÍTULO CINCO

OS GUERREIROS GÊMEOS

Alguns raios de sol da manhã penetravam através dos coqueiros enquanto o chefe Hiamus estava sentado sozinho na praia, arrependido pela morte de seu amado filho mais velho e refletindo sobre como o terror havia dominado todo o seu povo da região de Maravovo.

Atrás dele ficava Kondovele, uma das aldeias de Maravovo, no noroeste de Guadalcanal, que, na noite anterior, havia sido atacada por um enorme "gigante assassino" que, entre outros, havia matado e levado seu querido filho. Esse gigante monstruoso era uma criatura esquiva e astuta que perseguia suas vítimas e frequentemente se esgueirava pelas aldeias à noite em busca de comida. Às vezes, essa besta horrível invadia as aldeias com ousadia, de dia ou de noite, levando quem queria antes de retornar à selva.

Nos últimos meses, muitos guerreiros perderam a vida enquanto caçavam o gigante que estava matando e roubando seu povo. O chefe Hiamus estava desesperado, tentando encontrar uma solução para impedir a matança do gigante. Com grande remorso, ele finalmente decidiu que havia chegado a hora de seu povo abandonar as aldeias da região de Maravovo e se mudar para outro lugar.

Hiamus estava envergonhado e relutante com sua decisão, pois seu pai era um grande chefe guerreiro de Tangarare, no sul de Guadalcanal, que havia lutado e conquistado muitos povos e a ilha vizinha de Savo, estabelecendo-se em Maravovo. Maravovo havia sido atacada muitas vezes por diferentes grupos de caçadores de cabeças das Ilhas Salomão Ocidentais, mas sempre conseguiu repeli-los.

No entanto, este gigante tinha-se tornado um problema demasiado grande e não havia outra solução além daquela que o chefe Hiamus tinha em mente.

Agora ele próprio um grande guerreiro, o chefe fugia de uma fera solitária que não conseguiam matar. No entanto, ele decidiu que era a única alternativa que lhe restava para a segurança do seu povo. Então, ordenou que os tambores da selva tocassem para chamar todo o povo de Maravovo para se reunir.

Chapuru, que era a filha mais velha de uma das esposas do chefe Hiamus, havia engravidado fora do casamento e, segundo a lei tribal, deveria ser condenada à morte. O suposto pai já havia sido morto como sacrifício a um dos deuses ancestrais, e agora era a vez de Chapuru.

Enquanto estava em prisão domiciliar, Chapuru não tinha permissão para participar da reunião em Maravovo e estava curiosa para saber do que se tratava, pois era a primeira vez que seu pai reunia todo o povo. Com todo o povo de Maravovo diante dele, o chefe Hiamus disse que iriam abandonar suas aldeias e se mudar para o oeste, para a ilha de Passé, nas ilhas Russell, para que o gigante assassino nunca mais pudesse aterrorizar e matar nenhum deles. Ele disse para voltarem para suas casas e colocarem todos os pertences que pudessem carregar em suas canoas de guerra, pois partiriam naquele dia.

Quando toda a família de Chapuru voltou da grande reunião da aldeia e contou a ela sobre a decisão do pai, Chapuru perguntou hesitante à mãe se ela poderia ir também. A mãe de Chapuru disse para ela perguntar ao pai, pois a decisão era dele.

Uma a uma, Chapuru observava ansiosamente os moradores da aldeia e sua família carregarem suas canoas e empurrá-las para longe da praia, até que restasse apenas uma. Era a longa canoa de guerra de Hiamus. No último minuto, Chapuru correu hesitante para a praia, aproximou-se do pai e perguntou respeitosamente:

“Pai, eu também posso ir?”

“Não! Não há lugar para você e, como você quebrou nossas leis, deve ficar. Deixe que o gigante a leve; esse será o seu castigo”, ele respondeu. E com isso, os homens empurraram a longa canoa de guerra para dentro da água e começaram sua jornada para a Ilha Passé.

Sozinha, abandonada na praia, Chapuru chorava desesperadamente enquanto observava a canoa de seu pai contornar a ponta e desaparecer de vista no brilho carmesim do pôr do sol.

À medida que a escuridão caía, um sentimento de desolação e desespero total tomou conta dela, pois sua amada família e tribo a abandonaram e ela sabia que o gigante logo voltaria em busca de mais vítimas para comer.

Chapuru não precisou esperar muito para que todos os seus medos se concretizassem. Pouco depois de todos terem partido, ela viu o enorme gigante se movendo pela vila deserta. Chapuru sabia que não poderia correr mais rápido que o gigante, pois eles eram famosos por sua velocidade e agilidade. Antecipando que ele acabaria encontrando-a de qualquer maneira, Chapuru deitou-se na areia para permitir que o gigante a levasse, ou pelo menos para fingir que já estava morta.

Através dos olhos semicerrados, Chapuru viu o gigante se aproximando dela. Ela prendeu a respiração e ficou imóvel, enquanto ele se aproximava e se ajoelhava para insp

a respiração e ficou imóvel, enquanto ele se aproximava e se ajoelhava para inspecioná-la. Pensando que ela estava morta, o gigante começou a cheirá-la em busca de qualquer sinal de carne podre e repugnante. Ao cheirar sua virilha, ele sentiu um odor desagradável.

O autor gostaria de indicar que está apenas relatando a história tal como lhe foi contada por muitos habitantes de Guadalcanal e que já esteve nessa praia muitas vezes.

Acreditando que se tratava de carne podre, o gigante a deixou e voltou para o mato, aparentemente para encontrar algum bambu para fazer uma faca e cortar aquele pedaço de carne. Assim que o gigante desapareceu de vista, Chapuru pulou e correu o mais rápido que pôde pela praia, para se afastar o máximo possível do gigante antes que ele descobrisse que ela havia fugido. Ela correu e correu como nunca havia corrido antes. Sob o manto da escuridão, Chapuru correu a noite toda pelas praias da costa oeste, sem parar uma única vez, com medo de que o gigante pudesse estar seguindo-a, o que aparentemente eles são bons em fazer.

Dizem que ela correu por dois dias e duas noites ao longo da costa, sem parar, em direção ao sudoeste de Guadalcanal. Finalmente, exausta, encontrou um abrigo e deitou-se para dormir.

Quando acordou na manhã seguinte, Chapuru sentiu que tinha colocado distância suficiente entre ela e o gigante, então começou a explorar os novos arredores, pois precisava de um lugar seguro para morar.

Mais ao sul, a alguns dias de caminhada, Chapuru sabia que chegaria às aldeias da região de Tangarare, mas achava que, assim que descobrissem que ela era solteira, certamente a matariam.

Depois de procurar por alguns dias, sempre atenta aos gigantes, Chapuru encontrou uma caverna atrás de uma cachoeira. Ela decidiu que essa caverna seria um excelente lar para se manter segura e escondida de qualquer gigante à espreita ou de seu próprio povo. O autor visitou essa caverna em uma tarde maravilhosa e ela é exatamente como descrita.

Com o passar dos meses, Chapuru ocupava-se com as tarefas diárias. Cultivava hortas, colhia frutos silvestres e bagas e pescava, tudo para satisfazer o seu apetite cada vez maior. Ocasionalmente, Chapuru avistava canoas no mar, mas escondia-se com medo de ser encontrada.

Os meses se passaram e, finalmente, Chapuru deu à luz dois meninos gêmeos idênticos dentro da caverna da cachoeira. Ela os chamou de Massi e Conda, nomes que ainda hoje são usados em Guadalcanal.

Naqueles primeiros dias, Chapuru, sem qualquer apoio familiar e sozinha com os gêmeos, teve que enfrentar muitas situações difíceis e perigosas apenas para sobreviver no ambiente hostil da selva. Havia sempre a ameaça constante de gigantes, malária, ser atacada por porcos, grandes cobras constritoras e a própria Mãe Natureza. Mas, mesmo assim, ela tinha que sobreviver, pois tinha dois meninos para criar e cuidar.

À medida que os meninos cresciam, Chapuru lhes ensinou a fazer lanças, arcos e flechas, fogo, a caçar porcos selvagens, pescar e os costumes e a sabedoria dos guerreiros. Ela também costumava contar-lhes com tristeza sobre sua herança, como descendentes do povo de Maravovo.

Chapuru também contou aos filhos que um gigante enorme havia feito seu povo fugir de Maravovo e sempre os alertou para nunca irem à região de Maravovo, pois o gigante certamente os mataria.

Foi quando Massi e Conda estavam no final da adolescência que começaram a se tornar um pouco rebeldes e desobedientes com a mãe. Ela lhes dizia uma coisa e eles faziam outra... Esse traço pode ser encontrado em outras culturas ao redor do mundo!

Ao longo dos anos, Massi e Conda viram a tristeza que enchia o coração de sua mãe toda vez que ela falava de Maravovo. Certa noite, depois que Chapuru chorou ao falar novamente sobre sua terra natal perdida, os gêmeos secretamente elaboraram um plano para banir o remorso e a tristeza da mãe. Eles decidiram ir a Maravovo e matar o gigante que causara tanta dor à mãe e ao povo da tribo. Com seu plano secreto em mãos, os gêmeos foram dormir.

Na manhã seguinte, Massi e Conda disseram à mãe que iam caçar e que só voltariam tarde, pois iriam um pouco mais longe do que o habitual. Chapuru achou isso um pouco estranho no início, mas não deu mais importância.

Sem que a mãe soubesse para onde realmente pretendiam ir, Massi e Conda embarcaram em sua missão para Maravovo.

Naquela noite, os gêmeos não voltaram para casa como haviam dito e Chapuru começou a se preocupar com a segurança deles, pois era a primeira vez que não voltavam para casa antes de escurecer após uma de suas viagens de caça. Durante a maior parte da noite, ela ficou sentada, ansiosa, esperando pela chegada deles.

Temendo o pior, Chapuru pegou sua lança e saiu em busca dos filhos. Como a maioria das mães, conhecendo a natureza dos filhos, Chapuru começou a suspeitar que eles tivessem decidido, de forma imprudente, ir a Maravovo para tentar matar o gigante em vingança por ela e pelo seu povo.

Com isso em mente, Chapuru subiu rapidamente pela costa naquela noite, para poder alcançar os gêmeos e impedi-los.

No início da manhã, após dois dias de viagem, Massi e Conda chegaram ao que restava de Kondovele. A antiga aldeia estava coberta de arbustos e árvores, mas eles sabiam que era a Kondovele de que sua mãe lhes falara.

Com fé inabalável em si mesmos e em sua habilidade com o arco e flecha, eles começaram sua caçada ao gigante que vivia nas densas montanhas da floresta tropical atrás da antiga aldeia. Enquanto isso, Chapuru, que havia viajado dia e noite, ainda estava a caminho da costa para alcançar seus filhos travessos.

Depois de algumas horas se movendo furtivamente pela densa vegetação rasteira da floresta, Massi e Conda viram as pegadas gigantes do gigante. Isso era prova para eles de que ele ainda estava vivo e morava na área.

À medida que avançavam na floresta, encontraram pegadas recentes e perceberam que estavam muito perto do gigante que procuravam. Atentos à direção do vento, seguiram seus rastros pela floresta até chegarem a uma clareira no sopé de uma colina.

Enquanto avançavam silenciosamente pela clareira, o gigante surgiu de repente por trás de alguns arbustos. Assustados, Massi e Conda se agacharam, mas era tarde demais, o gigante já os tinha visto. A cerca de trinta metros de distância, com seu grande machado de pedra erguido no ar, o gigante soltou um rugido alto e violento e lançou seu enorme machado diretamente contra os dois. Vendo o machado voando em sua direção, os gêmeos se separaram quando ele passou entre eles, quase os atingindo.

Massi e Conda então empunharam seus arcos e dispararam suas flechas diretamente no peito do gigante, parando-o em seu caminho.

O gigante soltou um grito de dor quando Massi disparou outra flecha, que acertou em cheio um dos olhos dele.

Ao ver isso, Conda, com inveja, fez a mesma coisa e colocou outra flecha no outro olho do gigante. Os gêmeos começaram a empurrar-se com confiança, ansiosos, enquanto disparavam uma saraivada de flechas no coração do gigante para finalmente derrubar essa besta de quase 6 metros. O gigante ficou imóvel por alguns momentos e então caiu para a frente, morto.

Massi e Conda se aproximaram com cautela para inspecionar o gigante e ver se ele estava realmente morto. Disparando mais algumas flechas nele por precaução, eles começaram a comemorar sua vitória sobre a morte dessa besta monstruosa que causara tantos problemas para sua mãe e seu povo.

Nunca houve dúvida na mente dos gêmeos de que eles matariam o gigante. Agora eles poderiam ir para casa e dizer à mãe que ela não tinha mais nada a temer. Como prova para levar para casa, Massi e Conda cortaram a cabeça do gigante com suas facas de bambu e machados de pedra e a levaram de volta para a antiga aldeia de Kondovele.

Ao chegarem a Kondovele, os gêmeos encontraram sua mãe parada no meio da velha aldeia. Satisfeitos com seus esforços, Massi e Conda correram até ela, levantando a cabeça do gigante no ar e dizendo:

“Mãe, veja o que fizemos! Matamos o gigante!” Com isso, a raiva de Chapuru transbordou! Encontrando um pedaço de pau adequado nas proximidades, ela começou a chicotear Massi e Conda, enquanto xingava e amaldiçoava os dois por serem tão desobedientes.

Os gêmeos recuaram enquanto respondiam: “Mas... Mas... Mas...”

Finalmente, a raiva de Chapuru diminuiu, substituída pela alegria ao perceber o que seus filhos haviam feito. Pois ali estava a cabeça do gigante que causara tanta infelicidade a ela e a todo o seu povo.

No entanto, ela ainda achava que seus filhos tinham sido travessos. Com um sentimento de vitória, Chapuru disse aos filhos para subirem em um coqueiro alto e queimarem a cabeça do gigante entre as cascas no topo da árvore. Suponho que fosse algum tipo de sentimento simbólico de vitória.

Em um dia claro, da Ilha Passé é possível ver Guadalcanal Ocidental. O autor gostaria de dizer que sabe disso por experiência própria, pois passou muitos dias abandonado na ilha com um motor fora de serviço, sobrevivendo de caranguejos, peixes e cocos, até que finalmente foi resgatado por um barco de pesca que passava pelo local.
Na verdade, no terceiro dia, o navio de passageiros “You Me Now” passou por lá. Tentamos freneticamente sinalizar para que parassem, mas todos acenaram em resposta e continuaram seu caminho até desaparecerem de vista.

A antiga tribo Maravovo que vivia na Ilha Passé viu a fumaça da cabeça gigante em chamas no coqueiro, onde ficava sua antiga aldeia de Maravovo.

O chefe Hiamus ordenou que alguns de seus guerreiros levassem uma canoa de guerra até Guadalcanal e investigassem como as pessoas estavam vivendo lá. Acontece que Chapuru e seus filhos decidiram acampar naquela noite na antiga aldeia, antes de partir para casa na manhã seguinte.

No início do dia seguinte, enquanto Chapuru e os gêmeos tomavam café da manhã e se preparavam para a viagem, viram a canoa de guerra contornando a ponta. Assustados com a visão da longa canoa com cerca de 40 guerreiros, eles se esconderam no mato. Era a primeira vez que os gêmeos viam outros seres humanos de perto. Massi e Conda se prepararam para ir à guerra contra eles, pois conheciam muitas histórias sobre os "caçadores de cabeças" das Ilhas Salomão Ocidentais.

Quando a canoa de guerra se aproximou da praia, Chapuru reconheceu alguns de seus irmãos e percebeu que eles deviam ter visto a fumaça do dia anterior. Quando eles desembarcaram na praia, Chapuru, enquanto dizia aos filhos para esperarem, caminhou até a beira da água para cumprimentá-los. Os homens ficaram todos surpresos ao vê-la viva, pois há muito a haviam esquecido e pensavam que ela havia morrido nas mãos do gigante. Chapuru contou aos guerreiros que seus filhos haviam acabado de matar o gigante e chamou Massi e Conda para descerem à praia para conhecer seus parentes. Atrevidos, os gêmeos desceram à areia, com as flechas em punho, ao lado de sua mãe.

Chapuru contou aos seus irmãos guerreiros e primos sobre sua fuga do gigante assassino e sua sobrevivência. Naquela tarde, os guerreiros partiram para a Ilha Passé para relatar ao chefe Hiamus o que haviam encontrado, insistindo que Chapuru e os gêmeos esperassem na antiga aldeia até que todos voltassem, ao que eles concordaram.

Quando o chefe Hiamus soube do que seus filhos e guerreiros haviam encontrado, ficou profundamente triste com o que havia feito à sua filha. Ele convocou todos os anciãos da tribo para uma reunião. Contou-lhes as notícias dos guerreiros que haviam retornado e que era hora da tribo voltar para sua antiga aldeia em Guadalcanal. Alguns discutiram com ele, mas sua decisão era absoluta e definitiva.

Dois dias depois, uma frota de canoas da Ilha Passé chegou à praia de Kondovele, onde Chapuru e seus filhos estavam esperando. O chefe Hiamus foi o primeiro a desembarcar de sua canoa e, quando viu sua filha, caminhou pela praia até ela e a abraçou com lágrimas de alegria e amor pelo que ela havia passado.

Naquela noite, porcos foram abatidos em uma festa na aldeia para celebrar e louvar Chapuru, seus filhos e seus deuses ancestrais. Massi e Conda também receberam esposas e grandes parcelas de terra. Muitos anos depois, eles lutaram sozinhos contra um grupo de caçadores de cabeças das Ilhas Salomão Ocidentais na praia de Kondovele.

Quando o chefe Hiamus morreu, Massi o substituiu como chefe de Maravovo. Chapuru nunca se casou e viveu até uma idade avançada, morrendo no final do século XIX. Ela está enterrada em uma aldeia que recebeu o seu nome, um lugar onde morei por vários meses, há muitos anos. Massi e Conda também viveram até uma idade avançada e estão enterrados no que hoje é conhecido como Kondovele de Maravovo.

Hoje, qualquer pessoa pode ir a Kondovele e os moradores contarão essa história, dizendo que ela realmente aconteceu e faz parte da história deles. Eles consideram isso algo normal, de conhecimento geral, e não algo estranho ou incomum. É difícil explicar!

Além dessa área de pesquisa, em uma área de seis a oito quilômetros, em ambos os lados do Cabo Esperance, existem cinco cavernas gigantes que eu conheço, embora existam outras. A maioria dessas cavernas contém ossos humanos, não de sepulturas, mas restos da alimentação de gigantes. Larry, o proprietário de uma caminhonete Mazda amarela de quatro toneladas, que é da região, tem uma caverna gigante ao sul de sua casa, no alto de uma montanha de 240 metros. Há séculos que uma sucessão de gigantes vive nessa caverna em particular. Aparentemente, o último do grupo de gigantes deixou essa área há mais de 50 anos, segundo todos. Dizem que este gigante mais velho e inofensivo parava às vezes para olhar para eles enquanto passava pela sua aldeia na selva próxima.

Existem muitas cavernas subterrâneas gigantes nesta enorme área selvagem e desabitada do oeste de Guadalcanal, e em muitas outras partes das Ilhas Salomão e do mundo, como um dia todos nós descobriremos.

CAPÍTULO SEIS

OS CINCO IRMÃOS GIGANTES ASSASSINOS

O lado sul de Guadalcanal é apropriadamente chamado de “Costa do Tempo” devido às enormes ondas que constantemente a atingem vindas dos mares de Salomão e Coral. Hoje em dia, é pouco povoada devido ao seu afastamento e à influência do homem branco, mas nem sempre foi assim nos séculos passados. Antes do século XX, a Costa do Tempo tinha aldeias espalhadas ao longo dos 150 quilômetros da costa sul. A maior dessas aldeias era Tangarare, localizada no lado sudoeste da Costa do Tempo. Cada aldeia tinha um chefe que estava subordinado ao controle do todo-poderoso Chefe Supremo, que vivia em Tangarare. Essas pessoas eram ferozes canibais caçadores de cabeças aliados aos habitantes da ilha vizinha de Russell, que continuamente enviam seus grupos de caçadores de cabeças para guerrear contra as outras ilhas Salomão. Foi durante esse período que os gigantes de Guadalcanal ainda tinham uma grande população na região interior de Guadalcanal. De vez em quando, o povo da Costa do Tempo tinha encontros com esses gigantes. Esta é a história real de uma dessas ocasiões...

Relatos de um grupo de gigantes assassinos bandidos que estavam massacrando e comendo pessoas da costa leste estavam chegando ao chefe supremo. Não era incomum ouvir falar de um gigante assassino aqui ou ali, mas cinco deles se unindo representava uma preocupação real.

Inicialmente, os ataques ao longo dos 100 quilômetros da costa eram incidentes isolados nas aldeias do leste. Mas, com o passar dos meses, os assassinatos brutais desses gigantes cruéis começaram a ocorrer com mais frequência nas aldeias do oeste. Esse bando de gigantes perseguia as aldeias costeiras dia e noite, descaradamente

invadindo-as e agarrando quem pudessem. Às vezes, chegavam a comer as vítimas vivas enquanto todos fugiam em pânico.

Acreditando que esses cinco gigantes monstruosos eram da mesma família, eles ficaram conhecidos por toda Tangarare como “os cinco irmãos gigantes assassinos”.

Muitas pessoas perderam a vida e foram devoradas por essa matilha de gigantes canibais. Vários chefes de aldeias enviaram seus guerreiros para caçá-los, mas eles voltaram em vão, com menos guerreiros. O medo reinava nas aldeias do litoral, pois parecia que nenhum lugar e ninguém estava a salvo da matança e da violência dos cinco irmãos gigantes.

O Chefe Supremo estava frustrado com todas as tentativas inúteis de seus chefes para subjugar a implacável onda de assassinatos desses gigantes. Então, ele ordenou que os tambores chamassem todos os chefes das aldeias da Costa do Tempo para uma grande reunião em Tangarare. O Chefe Supremo havia elaborado um plano para incentivar ainda mais os esforços de seu povo para derrotar os gigantes. Ele decidiu oferecer uma recompensa por cada cabeça dos cinco gigantes a qualquer homem que os trouxesse até ele.

De acordo com a lei consuetudinária de Guadalcanal, a filha mais velha herda os direitos sobre as terras de seus pais em caso de morte deles. Ao se casar, o marido passa a controlar as terras, mas praticamente não tem direitos de propriedade, que são herdados pela filha primogênita, e assim por diante. Com algumas variações, esse complicado método de herança ainda é praticado hoje em dia.

A filha mais velha das muitas esposas do Chefe Supremo era uma bela jovem chamada Gena. Guerreiros haviam se aproximado do Chefe Supremo em várias ocasiões para pedir sua mão em casamento, mas ele não lhes deu seu consentimento. Era sua intenção dizer aos chefes na reunião que a recompensa para o

guerreiro que matasse e lhe trouxesse as cabeças dos cinco irmãos gigantes seria a mão de sua bela filha Gena em casamento e metade de seus porcos.

Chegou o dia importante em que os chefes se reuniram na Casa de Guerra de Tangarare. Tangarare estava movimentada com a atividade dos visitantes de todas as outras aldeias costeiras que tinham vindo curiosamente para ver o propósito da grande reunião do Chefe Supremo.

Com seus chefes diante dele, começaram a discutir o problema que todos tinham com os cinco gigantes assassinos. Os chefes da aldeia disseram-lhe que, apesar de terem enviado inúmeras expedições de guerreiros, armado armadilhas e colocado iscas envenenadas, muitos dos seus guerreiros tinham sido mortos e os gigantes continuavam a escapar-lhes, enquanto continuavam a matar o seu povo. O chefe supremo ficou sentado em silêncio, ouvindo todas as explicações sobre por que não conseguiam matar os gigantes. Ele ficou descontente com o que ouviu e disse aos seus chefes que estava cansado de ouvir suas desculpas fracas e sua falta de entusiasmo para combater os cinco gigantes. Ele falou de todas as batalhas que venceram contra as outras ilhas e que ali tinham apenas cinco gigantes, que não conseguiam destruir. Então, ele disse que daria a mão de sua filha em casamento e metade dos porcos que possuía a qualquer homem que lhe trouxesse as cinco cabeças dos gigantes.

Este era um presente muito significativo para o povo indígena de Guadalcanal, pois também significava que uma grande herança de terras seria passada através do casamento da filha mais velha. Com isso, o chefe supremo convidou todos a ficar para o banquete e o “sing-sing” que seria realizado naquela noite.

A notícia do que havia acontecido na reunião do chefe se espalhou rapidamente por Tangarare. Já naquele dia, as pessoas começaram a apostar em seus guerreiros favoritos, aqueles que achavam mais prováveis de matar os gigantes. Muitos dos guerreiros mais populares já haviam provado seu valor conquistando dezenas de crânios.

Também vivia em Tangarare um jovem chamado Yuxlae, considerado por todos como o idiota da aldeia. Embora fosse de uma grande família de guerreiros, parecia que não havia nada que esse jovem pudesse fazer que não fosse uma estupidez. Como Yuxlae não era considerado nem de longe um guerreiro, era obrigado a realizar as tarefas mais humildes, como cuidar dos jardins e recolher lenha.

Naquela noite, muitos porcos foram sacrificados aos deuses ancestrais e comidos, após o que se deu início ao "sing-sing". O chefe supremo, com sua bela filha ao seu lado, sentou-se orgulhosamente ao lado de todos os outros chefes, observando as festividades, e todos os guerreiros contemplavam a recompensa que estava diante deles. Yuxlae também sempre desejou Gena secretamente, mas sabia que, devido à sua posição social inferior, era impossível se casar com ela. Mas agora que o Chefe Supremo havia prometido a mão de sua filha em casamento em troca das cinco cabeças dos gigantes, Yuxlae sabia que pelo menos tinha uma chance.

Durante uma das danças do "sing-sing", da qual Yuxlae participava, ele dançou até chegar ao Chefe Supremo e disse-lhe com ousadia que mataria os gigantes para ele. O Chefe Supremo, sentado em sua cadeira semelhante a um trono, pegou seu cajado e bateu na cabeça de Yuxlae, dizendo-lhe para se perder e não incomodá-lo. Yuxlae ficou envergonhado com a repreensão pública e saiu do "sing-sing" enquanto as pessoas zombavam dele com palavrões.

No dia seguinte, todos os chefes e seus acompanhantes partiram de volta para suas aldeias, para contar ao seu povo o resultado da reunião. O ar estava cheio de entusiasmo em Tangarare, enquanto os guerreiros se preparavam para a caçada aos gigantes.
Inúmeros guerreiros, que queriam sua bênção antes de embarcarem na perseguição, cercaram o Chefe Supremo. Um por um, os guerreiros partiram para a selva profunda, em sua conquista esperançosa. Enquanto isso, Yuxlae observava tudo o que acontecia enquanto continuava com suas tarefas domésticas na aldeia.

Semanas se passaram e apenas alguns guerreiros conseguiram retornar, com relatos de

eles terem escapado por pouco com vida. Relatos semelhantes de outras aldeias chegaram ao Chefe Supremo, com mais notícias de mais mortes e ataques dos gigantes. Muitos dos seus melhores guerreiros perderam a vida. Toda a esperança de matar os gigantes estava a desaparecer e o povo de Tangarare estava desanimado.

Yuxlae, com seu jeito tolo e alegre, às vezes brincava com o povo dizendo que sabia de uma maneira de matar os gigantes, mas eles apenas o repreendiam e menosprezavam, pois não levavam seus comentários a sério. Então, um dia, depois de ser provocado mais uma vez, ele decidiu provar que eles estavam errados, dizendo a todos que iria matar os gigantes. Yuxlae foi até o chefe supremo com seu equipamento de caça nas mãos e disse que estava indo matar os gigantes e que, quando voltasse, ele deveria preparar o banquete de casamento para sua filha.

O Chefe Supremo riu muito, pensando que aquilo era a coisa mais ridícula que já tinha ouvido. Como Yuxlae poderia derrotar os gigantes, quando todos os seus melhores guerreiros já tinham tentado e falhado, pensou ele consigo mesmo. Ele disse sarcasticamente ao jovem para "ir matar os gigantes então", repreendendo-o enquanto ele partia. A mãe de Yuxlae implorou para que ele não fosse, mas ele já havia tomado sua decisão e deixou a aldeia em direção à selva, enquanto as pessoas o vaiavam.

Em Guadalcanal, existe uma espécie rara de planta que tem um efeito anestésico quando consumida por uma pessoa. As raízes esmagadas dessa planta são às vezes usadas para anestesiar peixes, facilitando sua captura. O povo de Guadalcanal também levou esse processo um passo adiante, desenvolvendo métodos engenhosos para anestesiar pessoas.

O suco das raízes esmagadas é misturado a uma solução com partículas finamente trituradas de cal de coral e, em seguida, seco até virar pó. Esse procedimento é repetido, dependendo da força necessária. O pó fino é então soprado suavemente da palma da mão para as correntes de ar, que o levam até o destinatário ou destinatários, conforme o caso. Os fabricantes desses

frequentemente realizam rituais espirituais enquanto os fabricam. O seu método de fabrico era conhecido pelos seus antepassados e era, e ainda é, transmitido de geração em geração.

O plano de Yuxlae era usar esse pó para subjugar os cinco gigantes, para que pudesse massacrá-los à vontade. Ele avançou cautelosamente para as profundezas da floresta tropical, onde montou seu acampamento e começou a procurar a planta anestésica. Depois de encontrar vários espécimes adequados, ele removeu suas raízes e levou-as consigo para a segurança de seu acampamento. Ao longo de alguns dias, ele preparou uma forte mistura de pó anestésico que derrubaria até um elefante ou, pelo menos, cinco gigantes, como ele pensava. Armado com sua nova arma, ele seguiu para a área onde os gigantes foram vistos pela última vez. Yuxlae acreditava que os gigantes tinham um olfato excepcional. Ele viajou para o interior montanhoso a fim de ficar protegido dos gigantes pela brisa do mar, evitando assim ser detectado. Vários dias se passaram enquanto Yuxlae se empoleirava no alto de várias árvores diferentes ao redor da área, esperando que os gigantes passassem. Ao se deslocar para outra área, ele se deparou com a entrada de uma caverna que estava repleta de ossos e restos humanos. Ele também viu evidências das grandes pegadas dos gigantes. Yuxlae logo percebeu que aquele era um dos covis dos gigantes e, então, encontrou um local seguro e alto em uma árvore próxima e esperou pelo retorno deles. Enquanto isso, o povo de Tangarare o considerava morto.

À tarde, enquanto Yuxlae cochilava em seu poleiro na árvore, ele foi acordado pelo barulho de grunhidos e bufos vindos dos cinco gigantes que estavam sentados na entrada da caverna devorando um humano que haviam matado. Era verdade o que as pessoas diziam: eles eram enormes e feios, pensou Yuxlae. Seguro e fora de vista, no alto da árvore, Yuxlae sabia que os gigantes teriam que dormir eventualmente. Ele estava certo, pois pouco depois de se saciarem, os gigantes entraram na caverna para se deitar.

Depois de esperar uma hora para ter certeza de que os gigantes estavam dormindo profundamente, Yuxlae desceu silenciosamente da árvore e rastejou furtivamente pela densa vegetação rasteira da floresta.

em direção à borda da clareira em frente à caverna. Seu coração batia forte de ansiedade e medo. Enquanto tirava o recipiente de bambu com o pó anestésico da cesta, ele prestava atenção a qualquer sinal de movimento. Tudo o que conseguia ouvir era ronco. Esvaziando uma grande porção do pó na palma da mão, ele se esgueirou lentamente até a borda da entrada da caverna. Consciente da direção do vento, ele começou a soprar lentamente o pó potente da palma da mão para dentro da entrada da caverna. A brisa leve e suave levou a mistura sinistra para dentro da caverna onde os gigantes dormiam. Insatisfeito com a grande quantidade de pó que já havia entrado na caverna, Yuxlae soprou um pouco mais por precaução e rapidamente se escondeu na vegetação rasteira da floresta próxima.

Yuxlae sabia que o pó tinha um efeito instantâneo em qualquer ser humano, mas quanto aos gigantes, ele não tinha tanta certeza. Enquanto esperava que o pó fizesse efeito e que os resíduos se dissipassem, ele percebeu que não conseguia mais ouvir o ronco dos gigantes. Cautelosamente, ele voltou na ponta dos pés até a entrada da caverna. Esperando um momento, ele rapidamente espiou pela esquina e viu que os gigantes estavam totalmente em coma. Com seu machado de pedra primitivo em uma mão e um pouco mais de pó na outra, ele entrou cuidadosamente na caverna para inspecionar melhor a condição dos cinco gigantes. Cutucando-os em busca de qualquer sinal de movimento, ele descobriu que eles estavam completamente sob o efeito do pó anestésico.
Jogando fora o resto do pó, ele saiu da caverna e voltou para os gigantes indefesos para se vingar em nome de seu povo.

Yuxlae golpeou cada um dos gigantes no pescoço com vários golpes poderosos de seu machado de pedra afiado e deixou que sangrassem até a morte. Depois que os cinco gigantes morreram, ele cortou suas cabeças e as jogou para fora da entrada da caverna. Enquanto olhava para as cinco cabeças dos gigantes, Yuxlae parou por um momento para refletir sobre o significado do que acabara de fazer. Cortando uma muda adequada para carregá-las, Yuxlae amarrou as cinco cabeças ao poste pelos cabelos longos e começou sua árdua jornada de volta a Tangarare.

O povo de Tangarare há muito havia esquecido seu idiota da aldeia, Yuxlae. Os chefes

das outras aldeias chegaram novamente para participar de um ritual mágico tradicional para invocar os espíritos ancestrais e pedir ajuda para derrotar os cinco gigantes. Com todas as pessoas reunidas ao redor enquanto a cerimônia acontecia, Yuxlae apareceu saindo da floresta carregando as cinco cabeças dos gigantes penduradas em uma vara.
Ninguém notou sua presença quando ele se aproximou da multidão, mas, ao chegar ao meio da multidão, todos se abriram, surpresos, permitindo que ele chegasse até o chefe supremo. A multidão ficou em polvorosa e interrompeu a cerimônia, enquanto Yuxlae carregava orgulhosamente as cabeças em direção ao líder. Yuxlae colocou as cinco cabeças dos gigantes no chão, na frente do Chefe Supremo, que já havia se levantado da cadeira. O povo ficou em silêncio. Após uma breve pausa, Yuxlae disse:

“Matei os cinco irmãos gigantes, como prometi, e agora vim buscar a minha recompensa, que vocês prometeram.” Todos os chefes se reuniram em torno das cabeças dos gigantes para verificar a sua autenticidade. O “tabu man”, ou seja, o feiticeiro, que liderava a cerimónia, virou-se para a multidão e disse a todos que este era um presente dos seus deuses ancestrais.
Com isso, todas as pessoas começaram a aplaudir Yuxlae por sua vitória sobre os gigantes. Elas o cercaram e o carregaram acima de suas cabeças. Em uma rápida reviravolta, Yuxlae se tornou seu herói e guerreiro.

Embora relutante, o chefe supremo foi obrigado a honrar sua promessa de recompensa pelas cinco cabeças dos gigantes a Yuxlae. Posteriormente, ele anunciou ao seu povo o casamento de Yuxlae e Gena, e que metade de seus porcos agora pertenciam a Yuxlae, pois ele havia salvado todo o seu povo da Costa do Tempo da matança dos cinco irmãos gigantes assassinos. Yuxlae e Gena se casaram e tiveram muitos filhos, alguns dos quais eu conheci pessoalmente.

Pelo que se sabe da história, Yuxlae nunca chegou a ocupar o cargo de chefe, mas sempre foi lembrado como “o guerreiro que matou os cinco irmãos gigantes assassinos”.

A razão pela qual registrei alguns desses encontros gigantescos mais proeminentes é que, além do fato de terem realmente ocorrido, eles retratam a história absolutamente horripilante que os habitantes das Ilhas Salomão tiveram que suportar ao conviver por milênios com esses gigantes vorazes. Não consigo pensar em nenhum outro lugar em toda a história registrada onde as pessoas tenham sido obrigadas a passar, por milhares de anos, por algo semelhante a um filme de terror. Se esse tipo de relação bárbara entre homo sapiens e gigantes existiu nas Ilhas Salomão por milhares de anos, como dizem, então deve ter acontecido em outros lugares do mundo e o homem moderno simplesmente não sabe disso ainda.

CAPÍTULO SETE

O ORQUEDRO DE UM GIGANTE

Em 1998, Rex, um jovem adolescente Kwaio que eu conheço, foi morar com seu tio em Rere, uma vila no litoral nordeste de Guadalcanal. Seu tio havia construído uma casa semi-moderna e elevada nos arredores de Rere, perto do mar; em 1998, os povos de Guadalcanal e Malaitan tinham menos problemas em coexistir uns com os outros.

Rex tinha dezesseis anos na época e imagino que seus pais em Malaita, que eu conheço, tenham achado que seria uma boa ideia tirá-lo de casa por um tempo. Rex estava animado com a visita, pois também tinha três primos em Rere, com quem havia crescido. Depois de deixar Kwaio, o navio partiu para Honiara, onde o jovem ficou com Rosie (uma mulher mencionada mais adiante neste livro) por alguns dias, antes de pegar um transporte para o leste, para a casa de seu tio.

Rex então se instalou para o que viria a ser uma estadia de seis meses. Não havia segregação étnica entre os adolescentes da região, e ele se integrou e se tornou parte do cenário.

Como os adolescentes do sexo masculino às vezes têm ideias aventureiras, ele, seus primos e amigos saíam para caçar porcos, procurando qualquer coisa que se movesse e explorando a área circundante. É claro que os pais desses jovens ficavam de olho nas atividades deles. Não se importavam que caíssem, pescassem e explorassem o mato local, mas havia uma regra que enfatizavam: nunca iam para as montanhas, especialmente uma área do outro lado do rio, alguns quilômetros antes das montanhas. Era lá que vivia um gigante enorme e todas as tribos e

aldeias da região sabiam disso. Só Deus sabia o que poderia acontecer a eles se fossem para lá. De Rere, olhando para o sul, essa área fica do lado direito do rio, ligeiramente a sudoeste, cerca de dez quilômetros para o interior. Todos na região sabiam que, além de outros gigantes que vagavam por lá, um gigante solitário e introvertido morava nesse local.

Como a maioria dos adolescentes em todo o mundo, eles também eram desobedientes às vezes. Certa manhã, cinco dos meninos decidiram ir ao rio para caçar, pescar e explorar a região. Levando seus estilingues, arcos e flechas, eles partiram em uma de suas expedições típicas. Ao chegarem ao rio, pescaram com lanças e, por fim, começaram a mergulhar em busca de caramujos de água doce, cujo conteúdo, quando cozido no fogo, é bastante saboroso. No final, os meninos se esqueceram da pesca e ficaram mais interessados em coletar esses caracóis para levar para casa e compartilhar com a família, subindo o rio em busca de outros locais onde pudessem encontrá-los. Absorvidos em sua busca, eles subiram tanto o rio que entraram na área onde vivia o gigante, embora não soubessem disso na época. O autor conhece o rio e a área em geral.

Nessa altura, Rex e os outros meninos estavam do outro lado do rio. Enquanto toda essa atividade acontecia, um dos primos de Rex explorou um pouco o interior e encontrou um pomar de árvores frutíferas que pareciam ter sido bem cuidadas. Ele voltou para o rio e chamou todos os outros meninos para dar uma olhada. Rex e todos os habitantes das Ilhas Salomão conhecem bem as frutas e os vegetais. Eles percorreram o pomar, passando de árvore em árvore, inspecionando as frutas, mas não conseguiram reconhecer nenhuma das espécies que cresciam ali.

Foi então que perceberam que talvez estivessem no território do gigante, tal como seus pais os haviam avisado, e que aquelas árvores frutíferas incomuns poderiam ser dele. Embora estivessem com medo, como alguns adolescentes estúpidos ficam, decidiram transformar essa situação difícil em uma aventura.

Fingindo que eram guerreiros, com seus arcos e flechas em punho,

começaram a se mover furtivamente pela selva até encontrarem o que parecia ser uma trilha ou caminho. Os dois adolescentes mais novos ficaram para trás, no pomar, enquanto Rex e os outros dois faziam sua exploração.

Fingindo ser guerreiros como seus ancestrais, eles seguiram a trilha por uma curta distância até encontrarem uma clareira no meio da densa selva, onde havia uma enorme cabana de folhas com fumaça saindo do topo. Eles nunca tinham visto esse estilo de casa de folhas antes. Além de ter uma forma semicircular, ela era coberta por folhas de seringueira. A maioria das casas tradicionais das Ilhas Salomão é feita com folhas de palmeira sagu, mas esta era completamente diferente. Quando viram esta cabana estranha, todos se esconderam na borda da selva próxima e começaram a observá-la. Em conversas sussurradas, deduziram entre si que esta era a casa do gigante e a área que todos em Rere lhes tinham dito para não irem.
No entanto, curiosos para ver um gigante pela primeira vez, eles se esconderam no mato por mais de uma hora, espionando a cabana do gigante na esperança de vê-lo se movimentando.

Durante esse tempo, porém, ele não apareceu. Após esse longo período de espionagem, eles começaram a pensar que talvez o gigante não estivesse lá. Mais uma vez, como outros adolescentes fariam, o primo de Rex decidiu se aproximar da cabana e dar uma espiada rápida lá dentro. Ele se aproximou silenciosamente da cabana, movendo-se lentamente até a entrada e, com um olho, rapidamente olhou para dentro. Lá, ele viu um gigante enorme, com quase cinco metros de altura e cabelos longos, agachado perto de uma pequena fogueira. A parte infeliz da história é que o gigante também o viu. Quando os outros dois meninos o viram correndo freneticamente em direção a eles e o gigante saindo da cabana, eles quase congelaram de medo (pelo que contam), mas também começaram a correr pela selva na direção de onde tinham vindo. Mal sabiam eles que o gigante estava logo atrás deles!

Alguns minutos depois, chegaram ao pomar do gigante, onde haviam deixado os dois meninos mais novos, e pararam por um momento, explicando-lhes histericamente para começarem a correr e saírem dali. Foi durante esses poucos momentos que o

gigante saiu da selva e, em poucos passos, agarrou o primo de Rex com sua mão enorme e o levantou no ar. Rex e os outros três fugiram imediatamente, mas seu primo foi pego. Depois de olharem com medo por cima dos ombros, a cerca de trinta metros de distância, Rex e seus companheiros pararam para ver que o gigante estava parado ali, olhando para eles, com seu primo gritando e se contorcendo debaixo do braço do gigante. Durante aqueles poucos momentos, de alguma forma, provavelmente devido a uma decisão consciente do gigante, o primo de Rex se contorceu e caiu no chão, aos pés do gigante. O gigante não fez nenhum esforço para recapturá-lo e permitiu que ele se levantasse e fugisse com o resto dos meninos.

Os meninos recuaram rapidamente para Rere e decidiram que, se algum dia saíssem para explorar ou caçar novamente, nunca mais subiriam aquele rio!

CAPÍTULO OITO

UM GIGANTE GRATO

Há cerca de 300 anos, no lado sudoeste de Guadalcanal, na região de Tangarare, vivia um homem idoso que, após a morte da esposa, tornou-se um recluso, construindo sua casa à beira-mar sobre palafitas, a pouca distância da vila costeira onde seus filhos adultos ainda moravam. Ele passava os dias cuidando do jardim e criando porcos. Embora houvesse um rio nas proximidades, ele preferia pescar nas águas agitadas da praia do que no rio, pois havia muitos crocodilos lá.

Certa manhã, enquanto estava sentado tranquilamente na varanda, ouviu gritos altos vindos do rio próximo, que pareciam de um homem lutando ou em agonia absoluta. Esse grito angustiante continuou por um minuto e depois parou. Nessa altura, o velho levantou-se, ouvindo toda a agitação. Ele ficou em silêncio, ouvindo e observando qualquer sinal de movimento na direção do rio, mas nada foi ouvido ou encontrado. Logo, porém, a curiosidade levou a melhor sobre o velho e ele decidiu ir até o local de onde vinham os gritos e investigar por si mesmo.

Pegando sua lança, ele se dirigiu para a margem do rio. Assim que chegou perto da margem, encontrou um gigante enorme e peludo deitado sobre a grama entre os arbustos. Assustado ao ver o gigante, o velho fugiu, pensando que ele iria se levantar e pegá-lo para comê-lo. Mas, ao olhar para trás, o gigante não fez nada disso. Ele apenas ficou deitado. Com a lança em punho, o velho se aproximou do gigante e viu que ele estava sangrando profusamente de uma perna e de um braço e deitado em agonia, à beira da morte. O velho percebeu que o gigante devia ter sido gravemente ferido por um

crocodilo nesta batalha de um minuto e, de alguma forma, durante a luta, na qual o crocodilo provavelmente tentou puxar o gigante para dentro da água, ele conseguiu se libertar. Com uma demonstração incomum de grande compaixão por essas criaturas tão odiadas, o velho se aproximou do gigante e começou a examinar seus ferimentos. Ele tinha cortes profundos na perna e no braço e havia perdido muito sangue. O velho rapidamente cortou algumas videiras e folhas e começou a envolvê-las firmemente nos ferimentos mais graves para primeiro estancar o sangramento. Ele continuou seu trabalho até que finalmente o gigante parou de sangrar.

O velho sentou-se e pensou no que faria a seguir. Não podia simplesmente deixar o gigante ali. Os crocodilos fariam dele o seu jantar naquela noite. Havia apenas uma coisa que ele podia fazer: ir até a aldeia e pedir ajuda aos membros de sua tribo para levá-lo para sua casa. Não importava que fosse um gigante cuja espécie matava e comia pessoas, ele sentia simpatia por essa vítima dos crocodilos. Então, enquanto cobria o gigante com alguns galhos para escondê-lo e protegê-lo do sol e de outros crocodilos à espreita, o velho rapidamente se dirigiu à sua aldeia.

Assim que chegou, ele foi direto para a casa dos parentes e contou o que havia acontecido, dizendo que precisava de ajuda para levar aquele homem enorme de volta para sua casa, para que pudesse cuidar dele até que recuperasse a saúde. Embora achassem estranho e alguns protestassem, dizendo que deveriam matar o gigante imediatamente, ele enfatizou que, sob nenhuma circunstância, aquele gigante deveria ser ferido, pois agora era sua responsabilidade.

Logo, muitos membros da tribo chegaram ao local onde o gigante estava deitado, sem dúvida inspecionando-o com curiosidade. Os homens começaram a cortar pequenas árvores, que colocaram sob o corpo do gigante e, com várias dessas árvores e um total de quatorze homens, levantaram o gigante nos ombros e o carregaram até a casa do velho.

Depois de colocar o gigante na varanda sombreada da casa, o velho disse

algumas mulheres para rapidamente colherem algumas folhas e bagas medicinais tradicionais da selva, para que pudessem preparar os remédios necessários para manter o gigante vivo. Depois de substituir as ligaduras temporárias de folhas por folhas medicinais conhecidas e colocar remédios de suco de folhas e bagas nas feridas, não havia muito mais que pudessem fazer por ele naquele dia. O velho, no entanto, continuou a derramar gotas de água suavemente na boca aberta do gigante. E todos os dias ele colocava os remédios de suco de folhas e bagas nas feridas feias do braço e da perna dele e trocava os curativos.

Durante as semanas que se seguiram, os aldeões vinham curiosamente observar o gigante deitado na varanda do velho. A notícia também se espalhou ao longo da costa para outras aldeias e, eventualmente, havia às vezes mais de cem pessoas querendo ver um dos carnívoros assassinos de seu povo. Um conselho tribal foi convocado para decidir se esse gigante deveria ser morto ali mesmo, enquanto tinham a chance. Muitos apoiavam essa ideia, mas também havia muitos contra, que diziam que essa situação poderia ser uma mensagem dos deuses ancestrais. Muitos também temiam alguma retaliação dos gigantes, caso descobrissem que um dos seus havia sido assassinado.

Certa manhã, cerca de uma semana depois, quando o velho acordou de um sono curto, viu que o gigante estava acordado e sentado na varanda, com as costas apoiadas na parede. A princípio, o velho ficou surpreso com isso. Então, o gigante olhou para ele e disse em seu dialeto semelhante ao de Guadalcanal: “Por que, velho, você salvou minha vida?”

Passando um recipiente com água para o gigante, o velho disse: “Tome, beba água!”

O velho entrou em sua casa, trouxe um pouco de taro e inhame cozidos em uma folha e foi até o gigante, colocando a comida em seu colo para que ele comesse, enquanto dizia: “Coma para ficar forte novamente.”

Com isso, o velho recostou-se e ficou observando para ver se ele o faria. Com seu braço bom, o gigante pegou um pouco de taro, cheirou-o primeiro e depois começou a comê-lo. Ele comeu tudo o que o velho lhe dera, então o velho lhe deu mais um pouco, que ele comeu novamente. Pegando mais algumas folhas medicinais e suco de frutas silvestres, o velho se aproximou confiante do gigante e disse que agora precisava curar seus ferimentos, o que o gigante permitiu. Naquele dia, mais curiosos vieram ver o gigante, só que agora ele estava acordado.

Depois de ter suas feridas tratadas e de ter comido o taro e o inhame, o gigante deitou-se de lado e voltou a dormir, confiante na proteção do velho. Enquanto o gigante dormia, o velho pediu a alguns de seus filhos e filhas que cozinhassem uma grande quantidade de taro, inhame e batata-doce, para que, quando o gigante acordasse novamente, pudesse comer o quanto quisesse. O gigante dormiu o dia todo e aquela noite.

Mais uma vez, no início da manhã seguinte, o velho acordou e viu o gigante sentado contra a parede da varanda. O velho trouxe de dentro de casa o taro, o inhame e a batata-doce cozidos e seu recipiente de bambu com água, colocando-os ao lado do gigante e dizendo: “Coma e beba para ficar forte”.

O gigante tomou um grande e longo gole de água e começou a consumir toda a comida que o velho havia deixado para ele. Depois de terminar de comer e beber, o gigante disse ao velho: “Preciso voltar para as montanhas, você vem comigo?”

O velho respondeu: “Não, não posso. O que aconteceria se o seu povo me visse e quisesse me comer?”

O gigante respondeu: “Isso não aconteceria, pois eu explicaria que você é meu amigo e que sempre o protegeríamos”.

O velho pensou por um momento; ter a proteção dos gigantes poderia ser uma coisa boa. Então, ele respondeu ao gigante: “Sim, eu irei com você para sua casa nas montanhas. Quando você quer partir?”

“Vamos agora”, disse o gigante.

O velho pegou sua bolsa tradicional de tecido dentro de casa e voltou para encontrar o gigante já de pé, do lado de fora da casa, entre todos os curiosos. O velho então disse a todos que ele sozinho levaria o gigante para sua casa e assim eles começaram sua jornada em direção às montanhas ao norte. Embora o gigante estivesse mancando, o velho ainda tinha dificuldade em acompanhá-lo. Eles viajaram o dia inteiro por duas cadeias de montanhas e, à noite, pararam para descansar e descansar para a viagem do dia seguinte. No início da manhã seguinte, começaram a subir e descer outras duas cadeias de montanhas até que, no final da tarde, chegaram à aldeia do gigante.

Havia gigantes por toda parte, entre suas casas de barro construídas no penhasco e outras habitações isoladas. Quando o gigante ferido se aproximou, eles ficaram surpresos ao vê-lo com o velho. O gigante explicou ao grupo que, se não fosse pelo velho que o cuidou com compaixão até ele se recuperar, ele teria morrido.

Naquela noite, os gigantes fizeram um banquete e uma festa em homenagem ao velho. O gigante que ele salvou deu-lhe uma caixa com pedras que eram preciosas para os gigantes. Seja por pedido ou não, ele também recebeu cabelo de gigante, que a população humana da ilha acredita ter poderes mágicos de força. Após a celebração, o gigante ferido disse-lhe que eles sempre cuidariam dele e da sua aldeia e que, se algum outro habitante das Ilhas Salomão tentasse atacá-los ou prejudicá-los de alguma forma, eles viriam em sua defesa. O velho ficou com os gigantes por alguns dias até que chegou a hora de regressar à costa.

Ao se despedir, o gigante que ele salvara disse ao velho para subir nos ombros de outro gigante que estava ajoelhado e que o levaria de volta para sua casa na costa. Com o presente das pedras preciosas e do cabelo do gigante em sua bolsa de palma de sagu, o velho subiu nos ombros do gigante e eles partiram para a costa, onde ele foi levado para sua casa com os preciosos presentes do gigante.

Dizem que, embora muitas outras aldeias ao longo da costa ainda tivessem problemas com os gigantes depois disso, essa aldeia foi poupada do sofrimento. Ninguém sabe o que aconteceu com a caixa de pedras. Aparentemente, alguns anos depois, enquanto o velho estava em cima de uma árvore de noz de bétele colhendo as nozes, um gigante ficou embaixo e pediu ao velho que cortasse um punhado para ele. O velho respondeu que, se cortasse um ramo, o gigante acabaria comendo-o. O gigante disse ao velho que era protegido por uma tribo de gigantes que vivia mais longe e que sabia quem ele era. Com isso, o velho cortou um ramo de nozes de betel para ele e o gigante partiu.

Este episódio é uma das muitas histórias folclóricas bem conhecidas sobre gigantes do povo de Tangarare.

Em 1997, enquanto eu estava no noroeste de Guadalcanal por outro motivo, Larry, um amigo meu, me levou até um coqueiro para me mostrar as enormes e profundas marcas das mãos de um gigante, que ele ou ela havia deixado ao sacudir a árvore para fazer as nozes caírem. Pelo que vi, eles deviam ter uma força incrível. Tirei algumas fotos, mas, como você verá mais adiante neste livro, elas se perderam.

CAPÍTULO NOVE

UM GIGANTE TOLO

Em toda a minha pesquisa, nunca descobri que os gigantes das Ilhas Salomão fossem pescadores do mar, embora alguns aparentemente construíssem grandes canoas e viajassem entre as ilhas. Este conto pode provar que isso é verdade.

No lado sudoeste de Guadalcanal, na região de Tangarare, encontros violentos com gigantes ocorriam com frequência há mais de cem anos. Mas depois da Guerra dos Gigantes e, sem dúvida, com a chegada do homem branco, que começou a se estabelecer nas Ilhas Salomão, juntamente com os conselhos das espécies alienígenas que viviam sob o planeta com os gigantes, os encontros violentos com os gigantes começaram a diminuir. Ainda hoje, o povo de Tangarare e mais a leste não se estabelece no interior da ilha. Embora os gigantes ainda sejam vistos regularmente em algum lugar da região, agora eles vivem isolados.

Há cerca de cinquenta ou sessenta anos, perto de uma vila costeira de Tangarare, vivia um gigante muito velho a quem os habitantes da costa chamavam Kunjo. Ele era um dos gigantes grandes e altos. A idade havia prevalecido sobre ele; seus cabelos haviam ficado grisalhos e suas costas estavam ligeiramente curvadas para a frente, e todos na região sabiam que ele era inofensivo.

Fora de uma das aldeias de Tangarare viviam dois irmãos adolescentes. Eles construíram sua cabana de folhas à beira-mar e, além de serem bons caçadores, também eram bons pescadores. Ocasionalmente, os irmãos viam Kunjo caminhando pela selva e, como o dialeto dos gigantes é semelhante ao dialeto do povo de Guadalcanal, eles trocavam algumas frases grosseiras ao passar. Todos na

A região sabia que seria muito fácil matar Kunjo, mas, se algum dos outros gigantes descobrisse que ele havia sido morto por alguém da costa, temiam a retaliação que poderia ocorrer. Como ele era velho e inofensivo, deixaram-no em paz.

Às vezes, enquanto caçavam porcos, os dois irmãos assobiavam enquanto viajavam, e Kunjo assobiava de volta para eles. Os irmãos percebiam de onde vinha o assobio e, momentos depois, ele assobiava de outra direção. Enquanto eles se moviam pela selva com arcos e flechas prontos para a caça aos porcos, Kunjo pregava peças neles; às vezes assobiava à distância, na frente deles, e depois atrás ou em qualquer outra direção, mantendo-se astutamente fora de vista.

Há duas coisas principais que são irresistíveis para os gigantes das Ilhas Salomão: o cheiro de frutos do mar cozinhando no fogo e o som de um porco guinchando. Por alguma razão, eles são atraídos por isso e precisam investigar.

Com o passar do tempo, os dois irmãos se familiarizaram bastante com esse gigante velho e enorme, a ponto de ele às vezes ir até a cabana deles à beira-mar, atraído pelo cheiro de peixe sendo cozido. Kunjo se abaixava na entrada da cabana e pedia aos irmãos que lhe dessem um pouco do peixe que estavam cozinhando; e, embora ainda houvesse uma animosidade subjacente entre os gigantes e as pessoas, às vezes eles atendiam ao pedido.

Foi numa ocasião em particular, quando os irmãos estavam a cozinhar carne de moluscos gigantes no fogo dentro da sua cabana, que Kunjo passou por ali. O aroma da carne apetitosa cozinhando, trazido pela brisa suave do mar, era irresistível para ele. Ele saiu da selva e foi até a cabana dos dois irmãos. Inclinando-se e colocando a cabeça pela porta, ele disse aos dois irmãos: “A comida que vocês estão cozinhando cheira muito bem, posso provar um pouco?”

Um dos irmãos respondeu: “Oh, desculpe, esta é uma carne muito especial do mar, e não acho que seja muito boa para você comer”.

Kunjo insistiu: “Não, eu preciso comer um pouco dessa carne. Vocês podem me dar um pouco?”

De s t a vez, um dos irmãos disse: “O que temos é apenas uma pequena quantidade, suficiente apenas para nós. Mas se você quer um pouco dessa carne, há bastante no recife de coral perto da praia lá fora. É só entrar na água e encontrar uma concha grande com as duas metades abertas. Se quiser a carne, primeiro tem que pisar com força no meio dela para matá-la; depois pode tirar a carne.”

Com isso, Kunjo partiu para a praia próxima e começou a caminhar entre a maré baixa do recife de coral. Os dois irmãos ficaram na praia gritando instruções para ele, indicando onde sabiam que havia algumas conchas grandes. Finalmente, mais adiante, Kunjo encontrou uma concha gigante com a concha bem aberta. Ele gritou para os irmãos: “Aqui está uma!”

Os irmãos na praia gritaram de volta para ele: “Você deve matá-la pisando com força dentro dela!”

Kunjo fez exatamente isso – só para descobrir que o molusco gigante fechou instantaneamente a concha com força em sua perna. A dor o fez gritar e berrar. Ele tentou abrir as duas mandíbulas do molusco gigante, mas descobriu que era impossível. Ele gritou para os dois irmãos que estavam na praia: “Venham me ajudar!” Mas os irmãos apenas riram dele.

“Você colocou o pé nele, está sentindo agora? Vocês, gigantes, mataram muitos do nosso povo; agora é a nossa vez de ver um da sua espécie morrer. Você se matou!”

Os gritos de Kunjo chamaram a atenção de outros humanos que viviam na costa próxima, e todos começaram a se reunir com os dois irmãos na praia, para assistir ao gigante se afogar com a maré subindo.

Todos os moradores locais ficaram observando com rancor a maré subir sobre a cabeça de Kunjo; e embora ele gritasse e berrasse para eles, ninguém o ajudou. Alguns até remaram em canoas ao redor dele, observando e esperando seu último suspiro.

Finalmente, a maré subiu acima da cabeça dele e Kunjo se afogou. Paradoxalmente, um gigante do mar havia matado um gigante da terra.

Os anciãos de Lambungasi, em Tangarare, puderam confirmar que esse incidente realmente aconteceu. Na verdade, se você tivesse tempo, eles contariam muito mais do que isso.

CAPÍTULO DEZ

UMA MULHER ROUBADA

Certa manhã, bem cedo, as pessoas de todas as aldeias costeiras ao longo da praia de Koli Point, a leste de Honiara, começaram a tocar suas conchas para alertar todos ao longo da costa que havia grandes cardumes de atum nadando no mar à sua frente. Essa era sempre uma boa ocasião para todos os pescadores dessas aldeias pescarem grandes quantidades desse peixe apetitoso e muito apreciado.

Vivendo logo além dos limites de uma dessas aldeias, morava uma mulher chamada Tatau e seus dois filhos adolescentes. O marido de Tatau havia falecido quando seus filhos eram bebês e, devido às leis tribais de Guadalcanal na época, ela não podia se casar novamente. Embora suas irmãs a tivessem incentivado a voltar para a aldeia delas, ela permaneceu na casa do marido e, com o passar dos anos, a mãe solteira criou seus dois filhos, que se tornaram os jovens fortes e robustos que eram agora.

Tatau e seus filhos também ouviram os cornetos serem tocados e seus filhos já estavam colocando os anzóis e as linhas de pesca em suas canoas. Naquela época, antes da invenção dos anzóis de aço, os indígenas esculpiam anzóis de madeira e faziam linhas de pesca resistentes com fios trançados de casca de árvore. Empurrando suas canoas até a beira do mar, eles subiram a bordo e remaram para se juntar ao resto dos pescadores. Tatau, assim como seus filhos, já tinha visto isso muitas vezes e continuava com suas tarefas matinais normais, embora no fundo soubesse muito bem o que iriam comer no jantar daquela noite.

Foi enquanto pescavam atum que um dos filhos pensou ter ouvido

sua mãe gritando por socorro e disse ao irmão para ficar quieto por um momento para que pudessem ouvir. Tudo estava silencioso na direção da casa deles, então voltaram a se concentrar na pesca. Alguns momentos depois, os dois ouviram o cachorro em casa latindo sem parar, e os dois irmãos souberam que algo estava errado.

Remaram rapidamente de volta para a costa para descobrir o que poderia estar acontecendo. Puxando suas canoas para a praia, correram para casa enquanto chamavam pela mãe, mas tudo o que encontraram foi o cachorro correndo freneticamente pelo local e latindo. Entraram em casa, mas Tatau não estava lá. Os meninos sabiam que algo grave havia acontecido e não demoraram muito para descobrir o que era.

Enquanto procuravam pela casa, encontraram pegadas gigantes e rapidamente deduziram que um gigante havia levado sua mãe. Como esse tipo de abdução por gigantes acontecia de vez em quando em outras aldeias da costa, os jovens sabiam que precisavam resgatar sua mãe. Reunindo suas bolsas tradicionais de tecido, machados, lanças e arcos e flechas, com seu cão seguindo o rastro do gigante, eles partiram na esperança de que sua mãe ainda estivesse viva.

Avançando o mais rápido que podiam, sem um plano claro do que fariam se e quando alcançassem o gigante, após cerca de uma hora, chegaram à margem de um rio e perceberam que o gigante estava seguindo o rio em direção às montanhas.

Era tabu para o povo da costa ir a essas montanhas, pois era sabido que era território dos gigantes; e se alguém se aventurasse por lá, era muito provável que não voltasse. Mas com as pegadas enormes para seguir e seu cão ainda farejando, eles perseguiram o rastro do gigante ao longo da margem do rio por alguns quilômetros. Pelo menos isso era um bom sinal de que sua mãe ainda poderia estar viva, pois não havia evidências de que o gigante tivesse parado em algum lugar para fazer dela sua refeição.

No sopé das grandes montanhas naquela parte do interior da ilha, a trilha do gigante deixou a margem do rio e seguiu em uma direção que parecia que ele estava começando a escalar o sopé. Com o cão ainda na frente e as pegadas do gigante para seguir, os jovens começaram a escalar ansiosamente a selva montanhosa do sopé. Algumas centenas de metros acima, o cão parou em uma enorme rocha na beira de um aterro e começou a cheirar e arranhar a base da rocha. As pegadas do gigante estavam por toda parte, mas ele não estava em lugar nenhum. Os irmãos estavam plenamente conscientes de que não podiam chamar pela mãe, pois isso poderia alertar o gigante de que estavam atrás dele, ou qualquer outro gigante que pudesse estar na área.

O cão farejou e cavou freneticamente sob a rocha, que parecia ser a entrada de algum tipo de caverna. Com o cão cavando incansavelmente o solo na base da grande rocha, eles sabiam que a mãe devia estar atrás dela. Os irmãos tentaram rolar a enorme pedra para o lado, mas descobriram que era pesada demais para ser movida. Então, com as mãos nuas e os machados, ambos começaram a cavar o solo sob a rocha onde a mãe estava escondida.

O gigante a havia colocado temporariamente atrás da pedra para que pudesse colher algumas folhas de taro, que aparentemente essas feras gostam de comer enquanto se alimentam de homo sapiens.

Após um curto período de tempo cavando freneticamente, um dos meninos alcançou a parte de trás da pedra e segurou a mão de sua mãe. Ela apertou com força, o que significava que pelo menos ainda estava viva. Cientes de que o gigante poderia voltar a qualquer momento, os meninos continuaram cavando freneticamente para alargar o buraco o suficiente para tirar sua mãe de lá.

Finalmente, após alguns minutos, o túnel que eles cavaram sob a rocha estava

grande o suficiente e eles conseguiram arrastar sua mãe para fora. Ela estava em péssimo estado.

Como aperitivo, o gigante havia cortado um grande pedaço de músculo da parte superior de uma das pernas dela, e ela havia perdido muito sangue. Seus filhos sabiam que o gigante voltaria em breve e que precisavam sair da área o mais rápido possível; porque se o gigante voltasse e os encontrasse, eles não teriam chance de permanecer vivos. Eles também sabiam que, mesmo que conseguissem sair da vizinhança, quando o gigante voltasse e descobrisse que sua refeição havia sido roubada, ele ficaria furioso e iria caçar quem quer que fosse o ladrão.

Carregando Tatau com cuidado pela encosta, o mais rápido e silenciosamente possível, chegaram ao rio de onde tinham partido. Graças ao conhecimento que seus ancestrais lhes transmitiram e ao seu conhecimento local, os filhos de Tatau sabiam que seria praticamente impossível chegar à costa antes que o gigante os alcançasse. Assim, sob a pressão extrema pela sobrevivência de sua mãe, eles elaboraram um plano engenhoso e decidiram enfrentar o gigante para matá-lo, ou eles e sua mãe seriam massacrados. Enquanto cresciam, com todo o conhecimento que acumularam das experiências e histórias folclóricas de seu povo, eles sabiam que a única maneira de um humano da costa matar um gigante que os perseguia era sendo mais esperto ou enganando-o para que ele se colocasse em perigo ou morresse.

Com sua mãe escondida em segurança mais abaixo no rio, os irmãos voltaram para uma grande árvore na selva que sabiam que o gigante teria que passar enquanto os rastreava. Com apenas alguns minutos de sobra e com seus machados de pedra, eles rapidamente cortaram alguns galhos, mudas e varas de bambu, cravando-os verticalmente ao redor da base da árvore. Com folhas e galhos para camuflar as dezenas de estacas, os meninos subiram até o topo e sentaram-se esperando pelo gigante.

Assim que se posicionaram no alto da árvore, viram o gigante se aproximando pela margem do rio. Antes de subir na árvore, eles

reunido algumas pedras e colocado em suas bolsas. Como mastigar noz de bétele é a droga preferida dos habitantes das Ilhas Salomão há milênios, suas bolsas de palha trançada continham noz de bétele, um pequeno tubo de bambu com pó de cal e folhas, tudo usado para mastigar a noz. Quando o gigante se aproximou, os meninos começaram a gritar e xingá-lo, jogando pedras nele.

Isso provocou o gigante a se aproximar da árvore e começar a subir atrás deles. Mesmo enquanto ele subia em direção a eles, os irmãos continuavam provocando-o. Quando o gigante estava quase ao alcance deles, os irmãos, com um punhado de cal de noz de bétele que haviam esvaziado nas palmas das mãos, e com uma respiração profunda e poderosa, sopraram o punhado de cal diretamente no rosto do gigante e em seus olhos. A primeira reação do gigante foi soltar os galhos e colocar as mãos nos olhos. A cal queima muito o tecido ocular e, por causa disso, ele perdeu o equilíbrio e caiu através dos galhos até o chão, onde foi empalado pelos postes cravados. Isso feriu mortalmente o gigante.
Com cuidado, os irmãos desceram da árvore e se aproximaram dele para ver se estava realmente morto. Ele estava fatalmente empalado. Um dos irmãos correu para Tatau, enquanto o outro decidiu cortar a cabeça do gigante para levar para casa.

Tatau estava em péssimo estado, então eles partiram sem demora, carregando-a de volta para sua aldeia na costa. Seus parentes cuidaram dela até que se recuperasse, mas, segundo me contaram, ela nunca mais voltou a andar direito.

Este é um dos muitos encontros com gigantes que retratam a relação tumultuada que os habitantes das Ilhas Salomão mantiveram com sua raça gigante ao longo dos milênios. Mesmo que apenas cinquenta pessoas por ano fossem canibalizadas pelos gigantes, em mais de 5.000 anos de história, isso significaria 250.000 mortos.

Uma curiosidade que me contaram: além de as cabeças dos gigantes serem um símbolo de heroísmo para os habitantes da aldeia na costa, seus crânios maiores eram bons recipientes para água potável, pois assim não precisavam fazer tantas viagens ao rio!

CAPÍTULO ONZE

UM JOVEM GIGANTE ATRÁVÉS

Maravovo é uma grande área no noroeste de Guadalcanal que tem várias aldeias espalhadas ao longo da costa, sendo Maravovo a maior delas. Como em todos os outros lugares das Ilhas Salomão, durante séculos as aldeias da costa de Guadalcanal sofreram ataques de gigantes que queriam comer as pessoas. Maravovo não foi poupada desses confrontos...

Algumas décadas antes, o chefe Hiamus e o povo de Maravovo tinham regressado a Guadalcanal, vindos da Ilha Passé, nas Ilhas Russell, depois de fugirem de um gigante assassino que canibalizou muitos dos seus. Depois, voltaram a estabelecer-se nas aldeias da região de Maravovo. A aldeia de Maravovo voltou a ser a principal aldeia da região e a vida tornou-se semelhante à que levavam nas Ilhas Russell. Eles reconstruíram suas casas, criaram porcos, pescaram e fizeram hortas. Embora soubessem que os gigantes ainda estavam na região e na ilha, e que às vezes eram vistos passando pelas aldeias, raramente tinham mais encontros violentos com eles. No entanto, durante essa coexistência mais pacífica entre as espécies, há pouco mais de um século, houve uma ocasião em que o povo de Maravovo encontrou um jovem gigante astuto.

Uma das filhas das muitas esposas do chefe Hiamus estava prestes a se casar. Ela era famosa por sua beleza e, devido à sua posição social, a família do noivo deveria pagar um dote de porcos e moedas tradicionais de concha a Hiamus. Durante as semanas de preparação para este grande banquete de casamento, em várias ocasiões, um jovem gigante foi visto espreitando na selva, nos limites da aldeia. Sempre que ele era visto, guerreiros eram enviados atrás dele

para persegui-lo, mas o jovem gigante sempre conseguia fugir para o interior da selva.

Certa manhã, enquanto todos dormiam, a filha do chefe Hiamus foi acordada ao ver o jovem gigante parado ao lado de sua cama. Ela gritou de terror. Assustado, o jovem gigante correu de volta pela cabana e fugiu para a selva próxima. Guerreiros foram reunidos e começaram a tentar rastreá-lo novamente, mas a essa altura ele já estava longe. Foi através desse encontro que os moradores da aldeia começaram a perceber que o jovem gigante poderia estar apaixonado pela bela noiva.

Guardiões guerreiros foram postos dia e noite do lado de fora da casa dela e, com o passar das semanas, o jovem gigante ainda foi visto espreitando pela selva ao lado da aldeia em mais algumas ocasiões; porém, todas as tentativas de matá-lo foram inúteis.

Chegou o grande dia da cerimônia de casamento e todos os moradores das aldeias da região de Maravovo se reuniram para testemunhar a união. Centenas de pessoas se aglomeraram na aldeia de Maravovo enquanto os sacrifícios aos deuses antigos eram realizados e dezenas de porcos eram assados em fornos tradicionais de pedra quente. Sob o olhar atento do jovem gigante escondido nas proximidades, a família do noivo trocou o dote e os dois foram reconhecidos por todos como casados.

Nas Ilhas Salomão, como chove com frequência, os indígenas usam capas impermeáveis feitas de folhas de palmeira sagu, tecidas em forma de esteira, que cobrem as costas do corpo. Tão movido pelo desejo, o jovem gigante fez uma dessas capas tradicionais para se infiltrar na multidão do casamento, para que, quando a oportunidade fosse certa, pudesse agarrar a noiva que desejava e fugir com ela.

Naquela tarde, enquanto todos desfrutavam do banquete, o jovem gigante se esgueirou entre a enorme multidão e se juntou a uma fila para participar da refeição. A

capuz dessas capas de chuva tradicionais se estende vários centímetros além da testa de uma pessoa, e o jovem gigante manteve o rosto protegido de outros que pudessem reconhecê-lo. As pessoas olhavam para ele com desconfiança, mas, devido às circunstâncias da reunião, não deram mais importância. Ele pegou sua comida e seguiu para onde o chefe Hiamus, sua filha recém-casada, o marido dela e suas famílias estavam reunidos.

Em um único momento oportunista, o jovem gigante se aproximou deles e, de uma só vez, agarrou a noiva, jogou-a sobre os ombros e começou a correr com ela, abrindo caminho entre a multidão e entrando na selva próxima. Em questão de segundos, quando os guerreiros da aldeia perceberam o que estava acontecendo, todos começaram a persegui-lo para resgatar a filha do chefe. Eventualmente, centenas de homens estavam perseguindo-o, com muitos deles tendo-o à vista enquanto ele carregava a noiva que se debatia enquanto fugia pela selva densa.

Vários guerreiros acabaram alcançando-o e uma luta se seguiu, e o jovem gigante perdeu a vida ao ser morto a golpes de facão.

A filha do chefe foi devolvida a ele e ao seu novo marido — e o jovem gigante morto também. Naquela noite, rituais espirituais foram realizados aos seus deuses antigos em celebração por terem protegido a filha do chefe do desejo insaciável do gigante.

CAPÍTULO DOZE

O VELHO TITUS

Conheci Titus no início de 1997. Às vezes, quando estávamos em Honiara, durante a "sesta" do almoço, quando todas as lojas fechavam por uma hora, eu ia para a beira-mar e sentava na grama à sombra, em frente ao antigo Parlamento.

Foi numa dessas ocasiões que Titus e alguns outros homens ilustres de Guadalcanal vieram se apresentar, dizendo que acreditavam que eu estava interessado nos seus gigantes. E eu estava mesmo! Na verdade, naquela época eu estava interessado em muitas coisas, mas o meu interesse pelos gigantes tinha, de certa forma, tomado conta de mim.
Titus é o chefe de uma tribo do leste de Guadalcanal e também proprietário (entre muitos) da mina de ouro proposta em Gold Ridge. Foi durante nossa conversa que ele me convidou para visitá-lo em sua casa em Honiara. Aceitei e combinamos que nos encontraríamos novamente em sua casa no final da tarde, o que Big John, que estava comigo na época, sabia. Além de Titus ser um homem influente com quem fazer amizade, imaginei que ele teria um vasto conhecimento sobre os gigantes.

Big John e eu concluímos as tarefas que tínhamos para fazer naquele dia e seguimos para a casa de Titus. É uma casa semi-moderna, em estilo europeu, construída sobre palafitas no final de uma rua, na periferia leste de Honiara. É costume nas Ilhas Salomão que, quando alguém é convidado para visitar alguém, leve um presente, geralmente algum tipo de comida, e nessa ocasião eu havia comprado um saco de dez quilos de arroz. Com comida não tem como errar...

Subimos a calçada até onde Titus e alguns outros homens estavam sentados

na área aberta da garagem, aguardando nossa chegada. Deixei Big John carregar o saco de arroz, pois para ele era como carregar uma bolsa. Como era o final do dia, embora raramente me importasse que horas eram, eu tinha trazido algumas cervejas Solomon para sentar e relaxar com Titus e seus amigos.

A tarde deu lugar à noite e a maior parte das nossas conversas foi sobre os gigantes de Guadalcanal. Embora Titus não soubesse quantos anos tinha, disse que já era um homem adulto quando a Segunda Guerra Mundial chegou às Ilhas Salomão. Foi durante as nossas conversas nessa noite que Titus me contou sobre um "encontro clássico com um gigante" que teve quando era adolescente.

Quando Titus estava na adolescência, ele e sua família moravam em uma vila costeira no nordeste de Guadalcanal. A casa deles era tradicional, com telhado e paredes de palha de sagu, e ficava nos arredores da vila. Certa noite, nas primeiras horas da madrugada, um gigante enorme atravessou a parede da cabana e agarrou o primeiro ser humano que sentiu. Infelizmente para Titus, era ele. O gigante o puxou pela parede e fugiu de volta para a selva com Titus gritando desesperadamente.

Enquanto corria pela selva, o gigante colocou Titus debaixo do braço. A essa altura, Titus já estava um pouco entorpecido com o que estava acontecendo e não gritava mais. Enquanto estava debaixo do braço enorme, toda vez que Titus se contorcia ou se debatia, o gigante apertava seu braço com mais força contra ele, e ele disse que o fedor do corpo do gigante era absolutamente insuportável.

Como Titus tinha crescido na região, pela penumbra da lua ele sabia que estavam indo em direção às montanhas. Essa parte específica da cordilheira fica na parte leste da ilha. Foi quando o gigante atravessou o rio com ele debaixo do braço que ele soube exatamente onde estava.

Este rio em particular tem uma cachoeira, que hoje em dia é acessível por estrada. É um local bastante agradável para churrascos e passeios de um dia. O gigante atravessou o rio algumas centenas de metros depois da cachoeira. Para atravessar este rio, um ser humano tem que nadar, mas Titus calculou que o gigante deu três passos e atravessou.

O gigante continuou a viajar pela selva em direção às montanhas. Depois de subir o sopé desta zona montanhosa, levou Titus para uma grande caverna e colocou-o no chão a dez metros da entrada, sentando-se ele próprio perto da entrada da caverna. Titus estava tão assustado que se encolheu e ficou imóvel durante horas. Às vezes, quando espreitava pelo canto dos olhos, ele percebia que havia outros gigantes passando, que pareciam não prestar atenção nele.

De onde Titus estava, ele podia ver a entrada da caverna, onde percebeu que ainda estava escuro. Mas dentro da caverna parecia que era dia, o que, como ele me descreveu, todos esses anos depois, ele não conseguia entender, pois não havia tochas, lâmpadas ou lâmpadas como fonte de iluminação. Outros ilhéus me contaram histórias semelhantes sobre esse fenômeno.

Pouco antes do amanhecer, o gigante levantou-se, pegou Titus com uma mão e levou-o para fora da caverna. Ainda carregando-o na mão, ele percorreu uma curta distância ao redor da montanha até outra caverna, na qual entrou, colocando Titus novamente no chão e sentando-se na entrada. Titus ficou ali deitado mais uma vez, paralisado de medo. Dentro dessa caverna também era como se fosse dia, mas, mais uma vez, ele não conseguia ver a fonte que iluminava o interior da caverna. Titus também percebeu que ambas as cavernas eram mais parecidas com túneis do que com cavernas normais. Nenhuma delas tinha fim visível.

Quando o sol da manhã nasceu, Titus estava sentado nervosamente, com o gigante sentado na entrada da caverna, guardando-o. Nenhum outro gigante passou e, para Titus, parecia que este gigante estava esperando por alguém. Em um determinado momento da manhã, o gigante se esticou até onde havia uma grande bolsa tecida de palma,

tirou dois lagartos mortos e os jogou na frente de Titus, como se fossem algo para ele comer. Titus me disse que só de ver aquilo e pensar em comer aquilo seu estômago revirou e ele recusou.

Em algum momento no meio da tarde, o gigante se levantou, pegou Titus e o carregou para fora da caverna, colocando-o de pé. Titus, ainda paralisado de medo, ficou parado ali. O gigante então o empurrou pelas costas, o que fez Titus se virar e olhar para o gigante, que estava apontando com o braço estendido, indicando que ele podia ir. Titus começou a descer a montanha sem olhar para trás e, quando chegou a uma distância de cerca de cinquenta metros na selva, começou a correr. Levou horas para chegar à costa, mas ele não diminuiu o passo até chegar à sua aldeia e à sua família, que a essa altura já pensava que ele havia se tornado o alimento de um gigante. Titus me contou que sua família ficou muito feliz ao vê-lo e, por isso, se mudaram e construíram outra casa em outra área.

Titus me disse que poderia me mostrar onde ficavam essas cavernas, mas insistiu que não iria conosco. Não tenho motivos para acreditar que esse evento não tenha realmente ocorrido. Além de ser semelhante a outros encontros que os habitantes das Ilhas Salomão tiveram, Titus, por seu caráter, não é do tipo que inventa histórias e, certamente, na sua idade, não teria motivos para isso.

Se coubesse a mim interpretar as intenções desse gigante, eu especularia que ele poderia ter tido uma discussão com sua esposa ou namorada, possivelmente sobre comida, e Titus poderia ter sido a solução ou a oferta de paz desse gigante.

Neste testemunho de Titus, mencionei o rio que o gigante teve que atravessar e a cachoeira mais acima no rio, que é um lugar encantador para nadar ou fazer um passeio de um dia. Já estive nesse lugar tranquilo. Só de mencionar essa área serena com cachoeiras, cinco estudantes do ensino médio, um deles filho de um amigo meu, decidiram ir lá acampar. Durante a tarde, eles fizeram coisas que se costuma fazer quando se acampa, como nadar, pescar, montar a barraca e fazer uma fogueira. No entanto, um pouco como no filme “A Bruxa de Blair

Projeto", em algum momento durante a madrugada, enquanto todos dormiam em sua barraca, foram acordados pelo som de algo enorme andando do lado de fora. Sendo habitantes das Ilhas Salomão e sabendo onde estavam, eles perceberam que um gigante estava nas proximidades. O barulho dos pés dele andando ao redor da barraca os assustou muito, até que finalmente o gigante foi embora, mas voltou algum tempo depois para passar novamente pela barraca. Todos os cinco se amontoaram assustados e ficaram acordados pelo resto da noite. Ao amanhecer, enquanto arrumavam rapidamente suas coisas, encontraram pegadas enormes, com mais de um metro de comprimento, por toda a área. Os dois estudantes, um dos quais era filho do meu amigo, que me contou sobre a experiência aterrorizante daquela noite, disseram que nunca mais voltariam àquele lugar.

CAPÍTULO TREZE

LUTI MIKODE: CHEFE DOS GIGANTES

Luti Mikode nasceu, pelo que entendi, entre os anos de 1860 e 1870, em uma família de gigantes que vivia nas densas florestas tropicais das montanhas do centro de Guadalcanal, perto do Monte Popomanaseu. Ele cresceu como qualquer outro menino gigante normal, vivendo no seio de sua família e de seu clã.

O clã Mikode vivia em sua grande caverna há séculos, entre todos os outros clãs gigantes das tranquilas selvas montanhosas do interior. Colhendo raízes de taro, plantas de tapioca e caçando porcos selvagens e, ocasionalmente, humanos da costa, a vida continuava pacífica, como sempre fora.

Mas aconteceu algo que mudou tudo para sempre, e tudo tinha a ver com um cachimbo de tabaco. Estranhamente, esse cachimbo tornou-se um objeto muito importante na mudança da relação entre os gigantes e os habitantes da costa.

A avó de Luti Mikode gostava de fumar tabaco e tinha um cachimbo de um homem branco, que tinha um veleiro gravado na lateral. Outro gigante do clã deles havia adquirido esse cachimbo de um dos humanos da costa que eles mataram para comer e deu de presente para ela, segundo conta a história.

Certa noite, enquanto a família Mikode relaxava em sua caverna, a avó de Luti Mikode, que era uma mulher grande, acidentalmente pisou

no seu precioso cachimbo, partindo-o e tornando-o inutilizável. Com o passar do tempo, ficou muito triste e lamentou a perda do seu instrumento para fumar, pois já o usava há muito tempo e tinha-se afeiçoado muito a ele.

A tristeza da avó pelo cachimbo quebrado continuou com o passar das semanas e parecia não haver nada que pudessem fazer para animá-la. Preocupados com a tristeza prolongada da avó, a família decidiu que o único remédio real para curar seu coração partido era conseguir um cachimbo semelhante para ela. A grande questão era como iriam conseguir isso?

Todos na família Mikode sabiam que o cachimbo da vovó pertencera originalmente aos homens brancos com os altos veleiros, semelhantes ao gravado nele.

De vez em quando, eles observavam esses homens brancos levando embora os seres humanos da costa. Então, foi decidido que, na próxima vez que um desses navios altos chegasse, um deles teria que ir até a costa e ver se conseguia conseguir outro cachimbo para a avó com um desses homens brancos de aparência estranha. Outra grande questão era: quem faria isso?

Luti Mikode era o membro mais novo da família e, com dez anos, ou talvez menos, era apenas um menino gigante de um metro e meio a dois metros de altura. Então, a família decidiu que ele era a escolha óbvia entre eles para ir, pois seria menos provável que ele despertasse suspeitas sobre sua verdadeira identidade. Se o povo da costa descobrisse sua verdadeira identidade enquanto ele estivesse entre eles, sua vida certamente estaria em perigo.

Para torná-lo menos visível, a família cortou os pelos do corpo dele e fez uma roupa de cordas de grama para ele usar na cintura, para que ele se parecesse mais com as pessoas da costa quando chegasse. Aparentemente, alguns

“rituais religiosos” também foram realizados.

Com tudo organizado, Luti e alguns de seus familiares posicionaram-se em um ponto estratégico nas montanhas com vista para o mar, e tudo o que precisavam fazer era observar e esperar a chegada de um navio alto de homens brancos.

Algumas semanas depois, um navio chegou à costa da vila onde eles sempre atracavam, que hoje é Honiara, a capital das Ilhas Salomão. Com sua importante missão para a avó em mente, Luti Mikode se despediu e desceu as montanhas até onde o navio alto estava ancorado.

Havia centenas de pessoas da costa reunidas em torno dos homens brancos quando ele chegou ao navio alto. Luti sabia que, se quisesse encontrar outro cachimbo para a avó, teria que conseguir de alguma forma com esses homens brancos.

Com seu disfarce tradicional escondido, ele se moveu despercebido pela multidão em direção aos homens brancos. Enquanto estava no meio da multidão, Luti observou que, depois que os homens brancos ofereceram contas, espelhos e outros itens triviais à multidão, algumas pessoas da costa estavam entrando no navio e Luti pensou que talvez pudesse encontrar o novo cachimbo lá.

Esses nativos estavam sendo levados para serem vendidos como trabalhadores nos campos de cana-de-açúcar de Queensland. Embora a escravidão tivesse sido oficialmente abolida na década de 1860 nos EUA, a Austrália, então não federada, estava apenas começando seu próprio comércio de escravos. Apesar do tratamento severo que esses escravos contratados das ilhas recebiam em Queensland, não era nada comparado ao que os aborígenes australianos recebiam. Na época, eles eram considerados menos que animais.

Uma distância separava os dois homens brancos da multidão, já que a maioria das pessoas estava ali apenas por curiosidade. Compelido a encontrar um cachimbo para a avó, Luti aproximou-se dos dois homens na esperança de poder entrar no navio e procurar um. No entanto, quando os dois homens brancos olharam para Luti, eles o conduziram sedutoramente a bordo, pensando no bom preço que poderiam obter por um espécime tão forte, embora ele fosse um pouco grotesco para um kanaka.

Luti, ainda preocupado com o cachimbo da avó, seguiu ingenuamente os homens brancos até o porão do navio, onde ele e os demais habitantes das Ilhas Salomão foram colocados em jaulas e as portas foram fechadas com violência.

Sem ter como escapar, Luti logo percebeu que as coisas tinham dado muito errado para ele. O navio zarpou naquele dia com Luti preso na jaula. Quando percebeu a situação em que se encontrava, ficou muito ansioso e chateado. Durante a viagem para Queensland, seus companheiros de cela de Guadalcanal logo perceberam que estavam dividindo a jaula com um jovem gigante.

Algumas semanas depois, após algumas paradas, o navio chegou a Bundaberg, em Queensland, com sua preciosa carga de escravos, onde correntes foram colocadas sobre eles, preparando-os para o leilão. O cabelo de Luti havia crescido um pouco, tornando-o ainda menos atraente do que quando embarcou no navio.

Chegou o dia do leilão e fazendeiros de toda a região de Bundaberg vieram comprar os kanakas de que precisavam. Um por um, eles levaram os kanakas para a plataforma de leilão para serem vendidos.

Quando chegou a vez de Luti subir na plataforma, o leiloeiro começou a chamar os licitantes, mas, para sua surpresa, nenhuma oferta foi feita. Enquanto o leiloeiro tentava atrair licitantes, alguns homens na multidão afirmaram que Luti era o kanaka mais feio

Kanaka que já tinham visto. Finalmente, quando o leiloeiro estava prestes a encerrar com um “não vendido”, um velho fazendeiro que estava parado no fundo da multidão levantou a mão e Luti foi vendido por um preço baixo.

Depois que o frágil fazendeiro recolheu Luti e resolveu a papelada obrigatória do contrato de servidão, eles o colocaram na parte de trás de sua carroça e o velho fazendeiro começou a longa jornada de volta para sua fazenda.

Segundo todos os relatos que me foram contados, este velho e sua esposa tinham entre 60 e 70 anos e viviam numa fazenda de hortaliças em ruínas. Eles nunca tiveram filhos e eram pobres como mendigos. Gastaram todas as suas economias para comprar Luti, na esperança de que seu trabalho pudesse salvar o pouco que restava da fazenda.

Ao chegarem à propriedade, foram recebidos pela esposa do velho fazendeiro, que esperava ver um kanaka das ilhas do Mar do Sul com aparência normal. Mas, em vez disso, tudo o que ela viu foi uma criatura grande, peluda e horrível, parecida com um neandertal, com olhos grandes e vermelhos esbugalhados e uma boca larga, com bochechas salientes. Ainda acorrentado, o velho fazendeiro colocou Luti para dormir no celeiro e deixou-lhe um pouco de comida. O jovem gigante adormeceu muito triste com o destino que lhe tinha sido reservado.

Naquela noite, o velho fazendeiro levou uma bronca da esposa por ter comprado um Kanaka tão inútil. No entanto, agora eles estavam presos a ele, pois não tinham dinheiro para comprar outro.

Na manhã seguinte, o fazendeiro tirou as correntes de Luti e o colocou para trabalhar. Logo ficou claro para o velho fazendeiro e sua esposa que Luti não era um Kanaka comum, pois parecia ter a força equivalente a três ou quatro homens juntos.

Com o passar dos meses, descobriram que ele conseguia levantar a parte de trás de uma carroça enquanto a roda era trocada. Ele conseguia levantar e carregar troncos e pedras pesadas e realizar outras proezas que eram fisicamente impossíveis para qualquer outro ser humano comum. Em uma ocasião específica, seu único cavalo ficou manco durante a época de plantio. Vendo isso, Luti colocou o arreio do cavalo em volta do pescoço e continuou a arar o restante dos pastos. Pessoas com um conhecimento muito limitado do estilo de vida e da história do oeste me contaram essa parte da história deles, que inclui Luti.

O velho fazendeiro e sua esposa estavam muito felizes com o trabalho de Luti, mas tinham um pequeno problema com ele. Ele comia como um cavalo e cheirava muito mal. Por mais que o esfregassem, não conseguiam tirar o cheiro terrível que parecia emanar dele. A esposa do fazendeiro fez roupas para ele, cortou seu cabelo e o tratava bem, como um filho que ela nunca teve. Durante todo esse tempo, o coração de Luti nunca se afastou de sua família e da razão pela qual ele havia começado sua jornada.

Naquele ano, o velho fazendeiro vendeu toda a sua colheita e obteve um bom lucro. Tão satisfeito com o desempenho de Luti, ele o levou à fazenda de cana-de-açúcar do vizinho numa manhã de domingo, para que, enquanto ele e sua esposa estavam visitando, Luti pudesse ter algum tipo de companhia com pessoas de sua própria espécie, ou pelo menos era o que ele pensava. Ao chegar, quando os kanakas de Guadalcanal viram Luti, todos correram direto para o canavial próximo, pois tinham ouvido dizer que um jovem gigante de Guadalcanal estava morando na propriedade vizinha.

O fazendeiro de cana-de-açúcar mandou alguns de seus outros kanakas atrás deles e, por fim, conseguiu recuperá-los. Intrigado com o comportamento incomum, ele perguntou por que todos haviam fugido. Os kanakas de Guadalcanal tentaram desesperadamente explicar que Luti era um gigante de Guadalcanal que comia pessoas, mas o fazendeiro de cana-de-açúcar não entendeu o que eles estavam tentando dizer. Então, Luti ficou sentado sozinho o dia todo, sem companhia.

Todos os domingos, o velho fazendeiro e sua esposa levavam Luti com eles quando iam visitar a fazenda de cana-de-açúcar nas proximidades e, todos os domingos, Luti ficava sentado sozinho. Levou meses até que os kanakas de Guadalcanal finalmente começassem a aceitá-lo e a fazer amizade com ele. Como Luti falava um dialeto rude semelhante a alguns dialetos de Guadalcanal, ele fez alguns conhecidos e, eventualmente, ganhou um pouco de liberdade para que, ocasionalmente, pudesse visitá-los por conta própria.

Aparentemente, essas visitas continuaram por dois anos, e foi através desse contato com os kanakas de Guadalcanal que a atitude de Luti Mikode mudou em relação ao que ele havia sido criado a acreditar sobre a população costeira de Guadalcanal. Com o passar do tempo, sua relação com o povo de Guadalcanal teve um grande impacto sobre ele. Foi também aqui que ele descobriu que podia comprar um cachimbo com seus parcos ganhos anuais. Isso lhe interessou muito.

Certa vez, num domingo, um kanaka de Guadalcanal da plantação de cana-de-açúcar, que falava pidgin inglês, explicou respeitosamente ao velho fazendeiro o que Luti realmente queria em vez do salário e, a partir daí, o salário de Luti passou a ser trocado por cachimbos.

Mais um ano se passou e os esforços de Luti renderam lucros ainda maiores ao fazendeiro, e Luti foi recompensado com mais cachimbos, que ele acumulou.

Durante esses poucos anos, quando Luti visitava seus novos amigos de Guadalcanal na fazenda de cana-de-açúcar, ele aprendeu muito sobre sua cultura e costumes e começou a entender que essas pessoas da costa não deviam ser tratadas como porcos para serem comidos, como seus parentes pensavam. Em vez disso, ele aprendeu que eles eram, na verdade, pessoas com coração, mente e sentimentos, como os gigantes. Essa educação esclarecedora acabou tendo consequências profundas na turbulência entre espécies em Guadalcanal e, sem dúvida, juntamente com outros catalisadores, no resto das Ilhas Salomão.

Os amigos humanos de Luti em sua terra natal lhe disseram que a única maneira de ele voltar para sua família em Guadalcanal era da mesma forma que ele havia chegado, e isso era impossível, pois ele era propriedade do velho fazendeiro. Eles também lhe disseram que, se ele tentasse fugir, não iria longe, pois alguns deles já haviam tentado e sofrido as consequências.

"A esperança adiada adoece o coração", e o coração de Luti adoeceu. O velho fazendeiro e sua esposa notaram uma mudança repentina no comportamento e no temperamento de Luti, mas não conseguiam descobrir qual era o problema.

Num domingo, enquanto o velho fazendeiro visitava seu amigo, um plantador de cana-de-açúcar, ele lhe contou que Luti havia relaxado e que não conseguia entender por que ele havia perdido o ânimo. O plantador de cana-de-açúcar levou o amigo até o seu terreno, onde estavam os kanakas de Guadalcanal, e perguntou-lhes qual era o problema de Luti e por que ele estava tão desanimado. Eles responderam que era porque ele sentia saudades da família e precisava voltar para Guadalcanal. O velho fazendeiro e sua esposa finalmente descobriram o que estava incomodando Luti.

Por coincidência, naquela época, um circo itinerante com uma equipe de boxe amador estava em turnê pelo interior de Queensland e promovia torneios para qualquer morador local interessado em lutar, o que geralmente não faltava. Isso era uma grande novidade na região de Bundaberg, pois era um bom programa para passar o dia e sempre atraía um grande público. Essas equipes de boxe funcionavam com um sistema de apostas, e o velho fazendeiro teve uma ideia brilhante.

"Por que não coloco Luti no ringue e vejo o que acontece? Ele é um jovem robusto, com mais de dois metros de altura e uma força superior. Certamente ele teria uma chance contra alguns desses caras", pensou ele.

A equipe de boxe itinerante chegou à cidade e o grande dia chegou. O velho fazendeiro sabia que sua esposa não daria consentimento para seu plano de colocar Luti no ringue. Além disso, naquela época, era socialmente inaceitável para uma mulher branca australiana entrar em um pub, muito menos ir a uma tenda de boxe. Então, naquela manhã, sem que sua esposa soubesse onde ele estava indo e o que realmente estava fazendo, o velho fazendeiro vestiu Luti com suas melhores roupas, colocou-o na carroça e dirigiu até a cidade com todas as economias que haviam conquistado com muito esforço.

Bundaberg estava movimentada, pois parecia que toda a região havia comparecido para o grande evento. O velho fazendeiro amarrou seu cavalo do lado de fora do bar público do hotel Bundy e disse a Luti para ficar onde estava enquanto ele entrava no pub para tomar uma cerveja e descobrir "o que estava acontecendo".

O bar estava lotado de caras fazendo a mesma coisa. Encontrando alguns amigos que não via há algum tempo, ele tomou algumas cervejas enquanto colocava o papo em dia e discutia os eventos do dia seguinte.
Brincando, um de seus amigos perguntou se ele iria entrar no ringue.

"Não...! Mas eu trouxe o Kanaka pra jogar no ringue", ele respondeu.

Bem... seus amigos riram como loucos. Eles acharam que era a coisa mais engraçada que tinham ouvido em muito tempo.

"O quê! Um Kanaka! Ele vai morrer! Esses caras nem sabem o que é boxe", disse um deles. Enquanto o velho fazendeiro tomava outro gole de cerveja, ele respondeu com confiança:

“Vai dar tudo certo, amigo!”

O bar começou a esvaziar-se à medida que grupos de homens se dirigiam para a tenda de boxe ao fim da cidade. O velho fazendeiro bebeu o resto da sua cerveja, disse aos amigos que os veria lá e saiu do bar. Quando chegou à varanda, viu um grupo de crianças a gozar com Luti e a espetar-lhe paus enquanto ele estava sentado ao sol quente na parte de trás da carroça.

“Vão embora, seus pestinhas!”, gritou o velho fazendeiro para as crianças enquanto elas fugiam. Tranquilizando Luti e dizendo que tudo ficaria bem, ele subiu na carroça e seguiu pela rua principal em direção à tenda de boxe.

A essa altura, Luti estava se perguntando o que diabos estava acontecendo, pois era a primeira vez que o fazendeiro o levava à cidade. Então eles chegaram à tenda de boxe, o fazendeiro amarrou o cavalo e disse a Luti para acompanhá-lo. Ao se aproximarem da entrada da tenda, o porteiro disse ao fazendeiro:

“Desculpe, amigo, não são permitidos kanakas e isso vai custar uma guiné.”

“Eh? Mas eu trouxe o Kanaka para lutar no ringue!”, respondeu ele.

O porteiro olhou perplexo para o fazendeiro e disse:

“Você deve estar brincando, amigo! Um Kanak! Lutar contra esses caras? Ele

seria espancado! De qualquer forma, regras são regras, é melhor você entrar e falar com o chefe."

Com isso, o velho fazendeiro levou Luti de volta para a carroça e disse para ele ficar parado enquanto ele ia falar com o dono da equipe de boxe.

Enquanto o fazendeiro se afastava, Luti podia ouvir muitos gritos e berros e se perguntou o que todos aqueles homens brancos estavam fazendo naquela grande casa de pano.

Pagando a entrada na porta, o fazendeiro entrou na tenda e viu algumas centenas de homens reunidos em torno do ringue de boxe. Enquanto abria caminho entre a multidão, ele pediu a um dos corretores que lhe indicasse o dono da equipe de boxe. Com os olhos fixos no dono, ele abriu caminho até onde ele estava e perguntou se poderia conversar com ele em particular, ao que ele concordou.

O velho fazendeiro disse que tinha um desafiante para seus boxeadores, mas que não tinha permissão para trazê-lo porque era um escravo kanaka. O dono da equipe de boxe, que era muito fiel, pediu ao fazendeiro que o mostrasse. Eles saíram da tenda e foram até a carroça onde Luti estava sentado. O dono deu uma olhada em Luti, virou-se para o fazendeiro e disse:

"Bem... nunca tivemos um kanaka no ringue antes, mas vai ser interessante. Claro, não se preocupe, amigo! Traga-o e vamos dar uma chance a ele. Vou ganhar uma grana com esse negro."

O dono da equipe de boxe voltou para a tenda e, ao passar pela porta, disse ao atendente para deixar o kanaka entrar. O velho fazendeiro, estendendo a mão, disse a

Luti descer da carroça.

Com lágrimas nos olhos, o fazendeiro tentou explicar a Luti que ele estava prestes a lutar contra um homem branco e que, se ele vencesse, ele o libertaria e pagaria sua passagem de volta para sua casa nas Ilhas Salomão. Mas Luti não entendeu o que ele estava dizendo.

Depois de pagar por Luti na porta, o velho fazendeiro o levou para dentro, para a parte de trás da tenda, onde ficaram por um tempo assistindo a algumas lutas de boxe. Luti observou que dois homens brancos estavam se batendo e que um deles havia caído morto, ou pelo menos era o que ele pensava.

Enquanto o homem inconsciente era retirado do ringue e todos os corretores de apostas liquidavam suas dívidas, o dono da equipe de boxe subiu ao ringue com o megafone em punho e chamou a atenção da multidão. A multidão se acalmou e ele chamou um de seus boxeadores profissionais para subir ao ringue.
Era um boxeador alemão grande e alto que não havia perdido nenhuma luta naquele dia. Com o boxeador alemão ao seu lado, ele levou o megafone à boca e disse à multidão:

“Senhores... temos um presente muito especial para todos vocês aqui hoje. Fui solicitado... pela primeira vez na história de Queensland... a colocar um kanaka no ringue para um ou dois assaltos...”

Com isso, a multidão explodiu em gargalhadas. O proprietário pediu silêncio mais uma vez enquanto chamava o velho fazendeiro para trazer seu Kanaka para o ringue.

Pegando Luti pela mão na parte de trás da multidão, eles caminharam em direção à

borda do ringue enquanto a multidão se abria, vaiava e ria, lançando comentários racistas aos dois.

O velho fazendeiro subiu no ringue e estendeu a mão mais uma vez para que Luti o seguisse. Com Luti de um lado do dono da equipe de boxe e o alemão grandalhão do outro, o dono pediu silêncio à multidão novamente.

O velho fazendeiro disse a Luti para ficar onde estava enquanto ele procurava um corretor de apostas para fazer sua aposta. Enquanto isso, Luti não sabia o que diabos estava acontecendo. O dono da equipe levantou o megafone quando a multidão se acalmou e disse.

“Senhores...! Aqui temos o nosso desafiante Kanaka!”

Toda a multidão começou a rir e a zombar de Luti de forma preconceituosa e racista. As apostas do corretor estavam fortemente a favor da vitória do alemão grandalhão. O fazendeiro, que conhecia bem a força superior de Luti, tirou todas as suas economias e apostou na vitória de Luti.

Com o bilhete na mão, abriu caminho entre a multidão e voltou ao ringue para se juntar a Luti. O fazendeiro tentou tranquilizar o gigante, dizendo que estava tudo bem, enquanto lhe demonstrava algumas técnicas de boxe. Mas Luti estava confuso com o que estava a acontecer. O proprietário, que agora também era o árbitro, disse ao alemão e a Luti para se enfrentarem e, com um sorriso malicioso, disse que queria uma luta limpa. Algumas pessoas na multidão riram-se.

Ao sair do ringue, o velho fazendeiro se virou e tirou um cachimbo do bolso superior. Com o cachimbo erguido à sua frente com uma mão e

agitando o punho cerrado, ele chamou a atenção de Luti.

“Luti! Olha! Um cachimbo de tabaco...!”

Nesse momento, enquanto Luti olhava atentamente para o fazendeiro, o grande alemão deu um soco forte nas costas de Luti. Quando Luti se virou, levou outro soco bem no rosto. Com o alemão grande em sua tradicional postura de boxe, como se dissesse “venha com tudo”, Luti deve ter ficado furioso, porque, com um soco poderoso, conforme me relataram os descendentes de escravos da ilha aqui na Austrália, ele acertou o alemão grande com toda a sua força, atravessando a parede frontal do peito dele. Ele enfiou o punho profundamente no torso do boxeador, matando-o instantaneamente. Com o punho ainda cravado no corpo sem vida do alemão, Luti o ergueu no ar, virou-se para a multidão e gritou:

“Eu venci!”

O barulho da multidão diminuiu até ficar em silêncio. Luti tirou o braço do corpo sem vida do alemão e o deixou cair no chão. (Como mencionei, confirmei que essa luta realmente aconteceu dessa forma.)

Atordoada por alguns momentos, a multidão ficou quieta e imóvel, em choque, admiração e descrença absoluta com o que acabara de ver. O velho fazendeiro foi o primeiro a entrar no ringue, seguido pelo proprietário e outros boxeadores que também correram para o ringue.

Uma comoção se espalhou entre a multidão, enquanto o dono da equipe de boxe e outros examinavam o corpo do alemão morto. Dois policiais, que por acaso estavam de plantão, testemunharam a luta e também subiram no ringue para

investigar o que havia acontecido.

O velho fazendeiro ficou ao lado de Luti, tranquilizando-o e dizendo que tudo ficaria bem. O proprietário gritou para a multidão com seu megafone que o torneio de boxe havia terminado e que todos fossem para casa.

Todos concordaram que não havia nada que pudesse ser feito em relação à morte infeliz do alemão, já que, de acordo com as "Regras de Queensberry", a luta havia sido justa. O dono da equipe de boxe foi obrigado a honrar a grande aposta do velho fazendeiro, o que ele fez, pagando-lhe a grande quantia devida. Com o dinheiro guardado em segurança, Luti e o fazendeiro entraram na carroça e voltaram para casa, na fazenda.

Quando chegaram em casa naquela noite, o velho fazendeiro pegou o dinheiro que ganhara e mostrou à esposa. Ele contou o que havia feito em segredo e implorou por sua compreensão e perdão, justificando suas ações ao explicar que agora eles poderiam comprar mais de uma dúzia de kanakas, se quisessem.

O velho fazendeiro também contou à esposa que havia feito uma promessa a Luti de que, se ele vencesse a luta, lhe daria sua liberdade e pagaria sua passagem de volta para as Ilhas Salomão. Naquela noite, o velho fazendeiro levou Luti para dentro de sua casa pela primeira vez e jantou com ele. Ele disse claramente a Luti que agora ele era um homem livre e que voltaria para casa, para sua família. Mas, mais uma vez, como Luti não entendia inglês, ele não compreendeu.

Então, na manhã seguinte, o velho fazendeiro levou Luti com ele para a fazenda de cana-de-açúcar vizinha para socializar enquanto visitava seu amigo. Ele contou ao fazendeiro de cana-de-açúcar sobre seu plano para Luti. O fazendeiro concordou e achou que era uma boa ideia, considerando a quantidade de críticas que ele havia causado no distrito e agora potencialmente em Queensland e no resto do país.

Ele também perguntou ao fazendeiro de cana-de-açúcar se poderia comprar um dos amigos de Luti em Guadalcanal para acompanhá-lo em sua viagem às Ilhas Salomão, ao que ele concordou. Enquanto isso, Luti estava socializando com todos os seus amigos de Guadalcanal, que tinham ouvido falar da sua experiência do dia anterior, pois era uma grande notícia na região. Os dois fazendeiros foram até o complexo Kanaka e pediram ao melhor amigo de Luti, que falava pidgin inglês, para explicar a Luti que os dois estavam voltando para as Ilhas Salomão.

Quando seu melhor amigo de Guadalcanal explicou a Luti que eles logo voltariam para sua ilha natal e que ele se reuniria com sua família, Luti sentou-se no chão e começou a chorar baixinho de alegria.

Algumas semanas depois, enquanto todos estavam em Bundaberg esperando o navio partir para as Ilhas Salomão, o velho fazendeiro comprou três caixas de cachimbos e deu a Luti para que ele levasse consigo na viagem de volta a Guadalcanal. Dizem que Luti acumulou mais de cem cachimbos durante sua estadia em Queensland.

Quando o veleiro finalmente chegou à vila que hoje se chama Honiara, Luti, com seus cachimbos acumulados e as três caixas que lhe foram dadas, descartou suas roupas e voltou para as montanhas da floresta tropical de Guadalcanal, onde se reuniu com sua família e seu clã.

Ele não foi visto novamente até muitos anos depois, no final da Guerra dos Gigantes, quando ele e seu clã lutaram em batalhas sangrentas pela liberdade dos reféns de Guadalcanal mantidos pelos clãs que se opunham à mudança cultural. Sabe-se que Luti Mikode acabou distribuindo alguns desses cachimbos entre todos os clãs gigantes da ilha e, mais tarde, como um símbolo de paz para o povo libertado de Guadalcanal.

Durante minhas viagens por Guadalcanal, encontrei idosos que afirmam que seus cachimbos pertenceram a Luti Mikode. Ele é bem conhecido pelo povo de Guadalcanal como o responsável por educar os gigantes de que os habitantes da costa não deveriam mais ser considerados carne para ser comida; que eles eram como eles, com corações, mentes e sentimentos. Ao fazer isso, grandes batalhas foram travadas entre os gigantes.

Ainda hoje, a lenda de "Luti Mikode, Chefe dos Gigantes" continua viva entre o povo de Guadalcanal. Pessoalmente, acho que essa seria uma ótima história para o cinema, especialmente porque é uma história real.

Embora eu tenha acrescentado um pouco de glamour para tornar esta história um pouco mais interessante, por mais incrível que pareça, eu realmente confirmei e estou convencido de que tudo isso aconteceu, basicamente. Esta história folclórica de Guadalcanal é universalmente conhecida na ilha como sendo uma parte real da história de Guadalcanal. É difícil para os ocidentais entenderem, pois parece tão surreal, mas para eles não é! Toda a cultura do povo de Guadalcanal gira em torno dos gigantes de Guadalcanal, e sempre foi assim. Acho absolutamente incrível que ninguém tenha descoberto isso antes.

Muitos descendentes mais velhos dos trabalhadores contratados das ilhas do Mar do Sul que ainda restam me confirmaram o conteúdo sobre o boxe em Queensland desta história. A história de um kanaka matando um homem branco em um ringue de boxe no final do século XIX foi passada para alguns desses descendentes das ilhas do Mar do Sul, dois dos quais moram em Bundaberg e me contaram a parte de Queensland desta incrível história sem saber o que eu já sabia. Tenho certeza de que os anciãos das famílias Johnson e Tanna de Bundaberg poderiam contribuir para isso...

O fato de que a maioria do povo de Guadalcanal é analfabeta e teve contato limitado com a cultura ocidental, e nenhum com os descendentes mais velhos de Queensland, levanta a questão de como ambos poderiam conhecer a mesma história,

quando nunca tiveram qualquer contato entre si? Há muitas outras evidências disponíveis de que Luti Mikode existiu, mas a melhor evidência está no centro da ilha.

CAPÍTULO QUATORZE

AS GUERRAS DOS GIGANTES

A história de Luti Mikode não termina com sua viagem acidental à Austrália. Embora houvesse outras razões pelas quais o canibalismo dos gigantes contra os habitantes da costa de Guadalcanal chegou ao fim, Luti Mikode desempenhou um papel crucial para que isso acontecesse naquela ilha. É importante notar que o povo de Guadalcanal, no leste, pronuncia o sobrenome de Luti como "Mi-con-day", enquanto o povo do oeste diz "Mi-ko-de". No entanto, tanto o povo do leste quanto o do oeste ainda compartilham consistentemente a mesma história das circunstâncias e eventos da vida de Luti Mikode.

Quando Luti Mikode voltou da Austrália com todos os cachimbos que havia acumulado, ele voltou para as grandes montanhas de Guadalcanal, onde se reuniu com sua família. Sua avó também recebeu seu novo cachimbo e ficou feliz novamente.

O autor está apenas relatando essas histórias incomuns, conforme lhe foram contadas e acreditadas pelo povo de Guadalcanal. Ele também gostaria de garantir que não tem imaginação para inventar essas coisas!

O pai de Luti era o chefe dos clãs dos gigantes do leste de Guadalcanal e, como o desaparecimento de seu filho se tornou uma grande notícia entre alguns dos clãs do leste e do oeste, seu retorno para seu pai, irmãos e família deixou todos muito interessados no que havia acontecido desde que ele partiu naquele dia infeliz. Luti contou-lhes sobre sua captura pelos homens brancos do grande veleiro e como eles foram para um lugar grande além-mar chamado Queensland, onde havia muitos

homens brancos que mantinham os habitantes das Ilhas Salomão e outras pessoas de pele morena como trabalhadores em seus jardins. Ele explicou que alguns desses jardins eram muito grandes e que, às vezes, esses homens brancos tinham muitos desses trabalhadores ilhéus. Ele também contou à sua família como tinha feito amizade com alguns dos trabalhadores da costa de Guadalcanal que também tinham sido enganados, capturados e enviados para a terra dos homens brancos. Ele disse que, através da sua amizade com algumas dessas pessoas da costa, tinha descoberto que elas não eram apenas pedaços de carne para serem comidos, mas que na verdade tinham alma, mente e sentimentos, tal como os gigantes.

Esse era um conceito difícil de entender para sua família e seu clã, pois eles só conheciam os habitantes da costa de Guadalcanal como comida.

À medida que Luti crescia, começou a dar alguns de seus muitos cachimbos de tabaco aos membros dos clãs da ilha, contando suas experiências e dizendo que eles deveriam parar de canibalizar os habitantes da costa. Mas, com exceção de seu próprio clã e dos clãs do leste, seus esforços para mudar o canibalismo humano basicamente caíram em ouvidos surdos para a maioria dos habitantes do oeste.

Com o passar do tempo, os clãs do oeste tornaram-se rebeldes em relação à questão de deixar de comer ocasionalmente os habitantes da costa. Por volta de 1910, formou-se uma divisão entre as duas secções dos clãs gigantes da ilha. Os clãs do leste acabaram por se separar dos do oeste, que não queriam abandonar o costume de canibalizar os humanos da costa. Como mencionado, o pai de Luti Mikode era o chefe dos clãs do leste e sempre conseguiu evitar que essa rivalidade se transformasse em algo violento, mas por volta de 1915, essa rivalidade explodiu em uma guerra total entre os clãs gigantes. Só Deus sabe o que estava acontecendo nas suas habitações subterrâneas!

No meio da noite, um grande grupo de gigantes do oeste, em total desrespeito às novas leis que lhes foram impostas, foi até a vila costeira de Kakobonno, no centro de Guadalcanal, e sequestrou mais de vinte pessoas de Guadalcanal

e os levou de volta para as montanhas, onde viviam os gigantes ocidentais. Uma mensagem foi enviada aos clãs gigantes orientais informando que essas leis deveriam ser abolidas ou eles matariam e comeriam seus cativos.

Quando a notícia chegou ao clã Mikode e a outros, foi elaborado um plano para resgatar essas pessoas. Com centenas de gigantes do leste reunidos e Luti Mikode liderando a batalha, eles invadiram as habitações subterrâneas onde os gigantes do oeste mantinham seus prisioneiros humanos. Muitos gigantes morreram na batalha que se seguiu, e os humanos sequestrados foram finalmente salvos.

Luti Mikode libertou essas pessoas sequestradas e, como sinal de expiação para que o povo de Guadalcanal nunca mais fosse tratado como alimento, cada um dos resgatados recebeu um cachimbo de tabaco de Luti Mikode e foi instruído a espalhar a notícia entre o povo da costa de Guadalcanal de que os gigantes nunca mais os canibalizariam.

Como mencionei, durante minhas viagens pela ilha de Guadalcanal, conheci alguns idosos que afirmam que seus cachimbos pertenceram a Luti Mikode e me contaram como os conseguiram. Lembro-me, em particular, de uma ocasião em que tive a oportunidade de conhecer uma senhora idosa que confirmou que o cachimbo que fumava havia sido dado a ela por Luti Mikode, o chefe dos gigantes. Sua família confirmou que sua afirmação era verdadeira.

É amplamente acreditado pelo povo de Guadalcanal que Luti Mikode ainda é o chefe dos gigantes de Guadalcanal hoje em dia.

CAPÍTULO QUINZE

UMA VIAGEM INUSITADA DE CAÇA AO CROCODILO

Certa noite, quando eu estava deitado no sofá ouvindo as notícias da Solomon Island Broadcasting Corporation, que eram transmitidas pelo rádio em pidgin inglês, ouvi o locutor ler uma história interessante, que me chamou a atenção. Uma mulher do leste de Guadalcanal havia sido encontrada após estar desaparecida por cinco anos. Todos a consideravam morta.

O locutor continuou dizendo que os gigantes do leste de Guadalcanal a haviam sequestrado quando ela trabalhava no jardim, cerca de cinco anos antes, e que ela só agora conseguiu escapar. O locutor disse que, embora sua condição física estivesse um pouco debilitada, ela estava bem, apesar de um pouco perturbada.

O locutor não deu ênfase ao fato de que se tratava de uma história incomum e continuou com outra notícia. Lembro-me de pensar que você nunca ouviria esse tipo de notícia no noticiário noturno do Canal 7 na Austrália. Nas Ilhas Salomão, esse tipo de história é considerado parte normal da vida e ninguém parece achar isso estranho.

No entanto, achei que valeria a pena investigar um pouco mais essa história para descobrir, pelo menos por curiosidade, o que exatamente havia acontecido com essa mulher infeliz.

Na época, meu bom amigo Joseph e eu estávamos caçando crocodilos “na surdina”, pois tínhamos um acordo com alguns exportadores de atum que possuíam uma máquina de “congelamento instantâneo”. Eles ficavam sempre muito felizes quando nos viam, pois ocasionalmente levávamos carne fresca de crocodilo. Eles até nos forneciam enormes caixas térmicas para guardar a carne. Isso nos rendia um bom dinheiro extra.

Na manhã seguinte, depois de ouvir a notícia sobre a mulher que havia sido roubada pelos gigantes, fui à casa de Joseph e contei-lhe o que tinha ouvido. Joseph tem uma natureza investigativa curiosa semelhante à minha, então, quando lhe perguntei se ele estaria interessado em caçar crocodilos em Guadalcanal Oriental mais uma vez e, talvez, enquanto estivéssemos lá, poderíamos tentar visitar essa mulher muito azarada, ele concordou.

Como ficaríamos longe de casa por alguns dias novamente, colocamos todo o equipamento necessário no barco e, depois de nos despedirmos, partimos para Honiara para comprar alguns mantimentos pelo caminho.

As Ilhas Salomão têm uma das populações mais densas de crocodilos de água salgada em relação ao número de habitantes humanos do mundo. Em média, pelo menos uma pessoa é morta ou gravemente ferida por esses répteis todos os meses em algum lugar das ilhas. Embora as notícias entre as ilhas sejam escassas, é bastante comum ouvir uma notícia por mês sobre um ataque de crocodilo.

Os governos das Ilhas Salomão aderiram ingenuamente ao tratado mundial para a preservação dos crocodilos desde meados da década de 1980, sem pensar muito no assunto. Eles podem ser uma espécie em extinção em outras partes do mundo, mas não nas Ilhas Salomão, onde são uma praga, basta perguntar a qualquer pessoa. No lixão da cidade de Honiara, a grande população de crocodilos de água salgada de um rio próximo fez com que os vagabundos locais que catavam lixo se mudassem para outro lugar.

Certa vez, um homem do extremo leste de Guadalcanal veio à minha casa com um crocodilo morto na traseira de seu caminhão de quatro toneladas para me mostrar. Esse réptil monstruoso tinha 7 metros de comprimento e era responsável pela morte de gado na região. Ele me disse que esse era apenas um deles. Foram necessários 13 homens de cada lado, com varas, para conseguir descarregar essa criatura da parte de trás do caminhão. Nós a esquartejamos e distribuímos a carne para os moradores da região. A carne de crocodilo tem um gosto parecido com uma mistura de frango e porco.

Quando Joseph e eu chegamos a Honiara, pegamos combustível, gelo e outras coisas, compramos meia dúzia de galinhas no mercado e continuamos nossa viagem para o leste de Guadalcanal.

Enquanto viajávamos a caminho do rio onde iríamos colocar nossas anzóis naquele dia, paramos em algumas aldeias e perguntamos aos moradores locais sobre o paradeiro da mulher que finalmente escapara dos gigantes. Depois de seguir algumas pistas, partimos para a longa viagem até Tambunimane, no leste de Guadalcanal. Por fim, chegamos à aldeia onde ela morava, mas ela tinha ido visitar outra aldeia. Esta mulher não deve ser confundida com "Mango", que morava na mesma parte da ilha, nem com as duas mulheres gigantes mestiças que também vivem na região.

Como Joseph conhecia algumas pessoas de lá e eu estava interessado em saber o que tinha acontecido com ela, decidimos parar por um tempo. O chefe da aldeia me contou que um grupo de gigantes havia descido das montanhas e a roubado cinco anos antes. Essas cadeias de montanhas selvagens e acidentadas ficam a cerca de dez quilômetros das aldeias costeiras. Quando os gigantes levaram essa mulher de volta para as montanhas, eles a prenderam em uma jaula de madeira suspensa no ar e a mantiveram lá por muito tempo. Durante esses cinco anos, ela também foi transferida para alguns outros lugares.

Após cinco anos sendo alimentada com restos e continuamente abusada como objeto sexual, ela conseguiu escapar e voltar para a costa. O

Chefe me avisou que ela tinha ficado um pouco louca e que eu tomasse cuidado quando a visse. Esse aviso era compreensível, é claro.

Olhando para trás agora, com os pés no chão, mesmo sabendo que não era uma história comum, não me surpreendeu muito, pois estava começando a ficar insensível a esses acontecimentos estranhos. Para Joseph, no entanto, isso sempre tinha sido uma parte normal da vida.

Eu disse educadamente ao chefe que voltaríamos mais tarde naquela tarde para ver a mulher e pedi que nos hospedasse durante a noite, o que ele aceitou de bom grado. Com isso, Joseph e eu partimos para os rios mais a leste para caçar alguns crocodilos.

Uma das técnicas que adotamos para caçar crocodilos era o uso de ganchos grandes. Uma empresa de engenharia em Honiara fabricou 20 ganchos grandes (43 x 18 cm) para mim, feitos de aço macio que eu temperava. Prendíamos esses ganchos em galhos pendentes sobre o rio e os deixávamos pendurados a cerca de dois metros acima da água, com galinhas vivas amarradas a eles. Quase sempre que voltávamos no dia seguinte, encontrávamos crocodilos pendurados neles. Depois, atirávamos neles, colocávamos no barco e levávamos para um local seguro para abate, de preferência em uma praia à beira-mar, longe dos rios.

Os povos indígenas, além de usarem ganchos e cabos de aço, às vezes usavam uma técnica muito diferente e engenhosa. Eles usavam a raiz redonda e bulbosa de uma bananeira e enrolavam tripa de porco ou de outro animal em volta dela. Como essa raiz de bananeira flutua, eles amarravam a corda em torno de uma árvore com a isca na outra extremidade e jogavam no meio do rio. Como os crocodilos têm dentes ligeiramente côncavos para dentro, quando mordem essa raiz de banana e tentam engoli-la, ela fica presa na boca, fazendo com que os crocodilos acabem se afogando. Então, basta que os homens puxem o crocodilo morto para a terra. Aparentemente, esse método tem uma taxa de sucesso de 50%. Embora eu tenha tentado essa técnica

uma vez, descobri que meu próprio método era muito mais seguro.

Naquela tarde, lançamos meia dúzia de nossas iscas com anzóis em galhos de árvores pendentes em uma parte do rio onde já tínhamos tido sucesso antes e chegamos de volta à aldeia do chefe perto do pôr do sol.

O chefe havia preparado um pequeno quarto dentro de sua cabana para que Joseph e eu pudéssemos dormir naquela noite, então colocamos nossos objetos de valor lá, incluindo o motor de popa do nosso barco. A experiência anterior me ensinou que alguns habitantes das Ilhas Salomão podem ser ladrões. Como é costume levar um presente quando se visita a casa de outra pessoa, levei ao chefe uma galinha, que havia guardado especialmente para ele, e algumas nozes de bétele.

Ao cair da noite, com fogueiras espalhadas pela aldeia, sentamo-nos a conversar e a mastigar noz de bétele com o chefe na sua varanda. A razão pela qual estávamos ali estava na minha cabeça o tempo todo. Depois de algum tempo, perguntei ao chefe se a mulher que tínhamos vindo ver tinha voltado. Ele disse-me que sim e ordenou a alguns jovens que fossem buscá-la.

Quando os jovens voltaram, disseram-lhe que ela não queria vir ver-nos. Com isso, o chefe ficou um pouco zangado e disse-nos que íamos ser nós a ir ter com ela. Seguimo-lo pela pequena entrada de uma cabana e vi-a sentada entre várias outras mulheres mais velhas, sob a luz fraca de uma lanterna a querosene.

Ela parecia uma mulher na casa dos cinquenta anos. Sob a luz da lanterna, era fácil identificá-la. Além do fato de ser o centro das atenções, ela vestia apenas uma saia tradicional de palha, sem blusa. A maioria das mulheres levantou-se educadamente e saiu da cabana enquanto nos sentávamos no chão.

O chefe explicou-lhe em Guadalcanal por que eu estava visitando-a. Ela olhou para mim com os olhos mais apagados por um momento e fez um breve comentário, que fez todos ao seu redor rirem. Curioso com as risadas, perguntei a Joseph o que ela havia dito e ele me disse que ela havia dito algo como: “Ele deveria ir para as montanhas, onde podem cuidar dele!” Mais conversa se seguiu.

Enquanto tirava algumas nozes de bétele da minha bolsa, coloquei várias nozes e folhas ao lado dela e, enquanto descascava uma para mim, perguntei-lhe em pidgin inglês quantos gigantes ela tinha visto. Outros repetiram a pergunta em Guadalcanal.

Enquanto se concentrava no que estava fazendo com a noz de betel, ela finalmente respondeu em Guadalcanal. Embora soubesse falar pidgin, ela preferiu não falar, então Joseph traduziu o que ela disse para mim.

Ela nos disse que havia muitos gigantes por toda parte e que eles viviam em todos os lugares, inclusive em grandes cavernas nas montanhas. Não era exatamente uma resposta científica e, como a maioria das pessoas na ilha, eu já sabia que era assim. Perguntei a ela, por meio de Joseph, se ela tinha vivido com apenas um grupo.

Ela respondeu dizendo que eles a tratavam como um animal de estimação e que ela havia sido passada para a posse de vários grupos diferentes de gigantes. Depois que as risadas cessaram, perguntei-lhe qual desses grupos era o maior.

Por fim, após uma pausa e depois de repetir a pergunta, ela disse que tinha vivido por muito tempo em uma jaula do lado de fora de uma grande caverna e que

muitos gigantes iam e passavam por ela. Perguntei-lhe então como eles eram, e ela os descreveu como tendo o dobro do tamanho de um homem.

Entre outras coisas, perguntei-lhe com curiosidade se eles falavam com ela e ela disse que conseguia entender o que diziam. Também perguntei se os gigantes cuidavam dela.

Quando ela respondeu, todos começaram a rir novamente, embora o motivo da risada não valha a pena mencionar.

Senti pena do que tinha acontecido com essa mulher e agradeci por ela ter me deixado conversar com ela, além de lhe dar um pouco de dinheiro. Todos saímos da cabana e voltamos para onde estávamos sentados anteriormente, na varanda do chefe.

Embora fosse uma história difícil de acreditar, eu não tinha a menor dúvida sobre nada do que ela me contou. Além do fato de que ela não tinha motivo para mentir, tudo o que ela disse coincidia com o que todas as outras pessoas de Guadalcanal me contaram.

Sentamos na varanda do chefe conversando sobre as desgraças dessa mulher enquanto os moradores da vila começavam a chegar para a festa.

Essa mulher é apenas uma entre muitas outras pessoas em Guadalcanal que tiveram experiências semelhantes e horríveis. Você não precisa acreditar em mim, basta perguntar a qualquer pessoa da ilha. Qualquer um pode percorrer as aldeias e literalmente documentar inúmeras histórias folclóricas gigantescas que as pessoas dizem que realmente aconteceram. Elas são universalmente conhecidas em toda a ilha.

Em Guadalcanal, é possível encontrar inúmeros relatos de gigantes roubando homens, mulheres e crianças de Guadalcanal. Em algumas ocasiões, esses sequestros resultaram em gravidez entre as mulheres. Você pode perguntar a qualquer pessoa nesta ilha sobre essas coisas e ela lhe contará algum incidente que conhece e, muito provavelmente, levará você até pessoas com experiências em primeira mão com os gigantes.

Os povos indígenas de Guadalcanal e outros, incluindo eu mesmo, sabem que os gigantes vivem nas montanhas do interior da ilha e que existem em todas as Ilhas Salomão. É difícil explicar por que o resto do mundo ocidental não sabe disso. Embora eu saiba que essas descobertas extraordinárias são difíceis de aceitar para a humanidade neste momento, desejo sinceramente que muitos verifiquem essas alegações e também levem essas descobertas ao resto do mundo. Boa sorte! Você tem uma oposição grande e poderosa! Há questões éticas mundiais a serem consideradas...

Sempre me pergunto por que existe essa obsessão com os gigantes em todo o folclore das Ilhas Salomão. Quando você descobre o motivo, fica difícil separar a realidade daquilo em que você foi inocentemente levado a acreditar sobre o mundo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

SILVER E GENNY: PARTE UM

Este artigo trata de alguns dos eventos e circunstâncias que me levaram a conhecer um gigante mestiço conhecido como Genny. Este homem enorme, peludo e com traços neandertais, é bem conhecido pelo povo Tangarare de Guadalcanal como sendo um descendente direto de gigantes, de uma época em que sua avó foi roubada e estuprada por gigantes daquela região.

Nos capítulos a seguir, apresento algumas provas, baseadas em experiências, de que os gigantes, o Pé Grande, o Yowie, o Yeti ou qualquer outro nome que se lhes dê, são uma espécie de primos pré-históricos sobreviventes do homo sapiens, relacionados com o homem moderno, e não algum tipo de espécie desconhecida de macaco, como alguns sugeriram.

Geneticamente, é impossível que macacos se reproduzam com seres humanos. A única outra espécie conhecida de hominídeo que já existiu e era geneticamente capaz de se reproduzir com o homo sapiens é o supostamente extinto Neandertal. Mas duvido que os gigantes venham dessa espécie. Foram descobertas evidências antropológicas que sustentam sua linhagem genética, e seu DNA é compatível com o do homo sapiens. No entanto, no caso da espécie da raça gigante, sua genealogia remonta a muito mais tempo do que isso.

Esta descoberta significativa será um dia de grande importância para a pesquisa de antropólogos, paleontólogos, geneticistas e outros, pois ajudará a montar o complexo quebra-cabeça evolutivo do homem homo sapiens moderno e a relação genética com a espécie gigante.

Na época, Joseph e eu tínhamos acabado de voltar das Ilhas Russell, onde firmamos um "Memorando de Entendimento" com algumas pessoas para criar crocodilos na parte leste desse grupo de 99 ilhas. (Aparentemente, os habitantes acreditam que já existiram cem ilhas, mas uma afundou.) Na época, eu também estava enfrentando dificuldades consideráveis com vários departamentos governamentais para abrir uma empresa, que eu chamei de Solomon Crocodile Farms.

Estranhamente, qualquer proposta de negócio apresentada a qualquer ministério que pudesse ser benéfica para as Ilhas Salomão era colocada em uma "mesa de espera" para que fossem estudadas formas e meios de exploração pessoal e corrupção.

Tínhamos ido a Honiara para um compromisso com um "Honrado Ministro" em particular, que havia indicado que sua opinião favorável poderia ajudar muito a persuadir outros a me ajudar a estabelecer meu negócio. Enquanto Joseph e eu estávamos em uma loja chinesa comprando alguns itens, um senhor branco da Nova Zelândia se apresentou a mim dizendo que percebeu que eu falava pidgin inglês fluentemente e que supôs que eu talvez soubesse um pouco sobre as ilhas. Ele me disse que era um turista interessado em descobrir um pouco mais sobre as Ilhas Salomão e perguntou se gostaríamos de acompanhá-lo ao seu hotel para tomar um drinque. Aceitei o convite, mas disse que tínhamos algumas coisas a fazer primeiro, então combinamos de nos encontrar um pouco mais tarde.

Após a reunião com o "Honrado Ministro", onde finalmente consegui algum progresso (exceto pela parte da extorsão, mais uma vez), seguimos para o bar do hotel, onde encontrei o colega neozelandês. Joseph não foi autorizado a entrar devido à cor da pele e por não estar vestido adequadamente. Então, depois de lhe dar algum dinheiro para as despesas, combinamos de nos encontrar mais tarde.

O neozelandês me disse que era um investigador que trabalhava para o

Greenpeace e que estava nas Ilhas Salomão para investigar o assassinato de um ativista da Greenpeace. Subimos para o quarto dele, onde ele me mostrou vários telexes da Greenpeace relacionados ao assunto. Eu conhecia bem essa história, pois, por coincidência, tinha acabado de voltar das Ilhas Russell, onde algumas pessoas se parabenizavam por essa "conquista".

Este ativista do Greenpeace, muito azarado e entusiasmado, tinha ido sozinho às Ilhas Salomão para protestar contra a derrubada contínua e onipresente da floresta tropical. O que este ativista infeliz não sabia na altura era que os habitantes das Ilhas Salomão têm os seus próprios métodos para lidar com este tipo de pequenas trivialidades.

Depois de chegar ao aeroporto de Honiara, ele voou para Yandina, nas ilhas Russell, nas proximidades, e começou a exibir seu cartaz "No More Logging" (Chega de Derrubada de Árvores) no acampamento madeireiro indonésio nas proximidades. Naquela noite, ele foi mutilado em pedaços. Algumas investigações policiais superficiais foram realizadas, mas, em pouco tempo, o assunto foi arquivado e esquecido.

Por coincidência, eu também sabia quem havia dado essas ordens; era o mesmo ministro que eu acabara de visitar. Recomendei enfaticamente ao investigador do Greenpeace que não contasse a ninguém por que estava nas Ilhas Salomão, ou poderia receber o mesmo tratamento que seu compatriota. Ele deve ter seguido meu conselho, porque alguns dias depois, quando nos encontramos, ele estava voltando para a Nova Zelândia para entregar as conclusões de sua investigação e me disse com certeza que o Greenpeace nunca mais voltaria às Ilhas Salomão. Isso não se confirmou, pois muitos anos depois soube que o Greenpeace estava bastante ativo nas Ilhas Salomão, mas desta vez de forma muito mais intensa. Muito bem!

No início da década de 1990, o governo australiano encomendou um estudo de US$ 15 milhões sobre todas as florestas tropicais remanescentes nas Ilhas Salomão, mas, sabendo de sua conexão com o novo e secreto "Governo Mundial Único", sem dúvida havia outras razões para isso também. Esse estudo florestal

envolveu o uso de satélites e um grande trabalho de base para determinar os tipos de espécies.

A pesquisa revelou que, se as Ilhas Salomão não diminuíssem o ritmo de desmatamento de suas florestas tropicais, não restaria nenhuma árvore em vinte anos. Um plano sustentável de exploração florestal foi desenvolvido para ser adotado pelo governo das Ilhas Salomão. Computadores foram doados ao Ministério de Energia, Minas e Recursos Naturais para esse fim.

Na época, o então governo das Ilhas Salomão ficou muito feliz com a doação desses computadores, pois as informações contidas neles ajudaram a otimizar o processo de extração de madeira de forma mais significativa do que antes.
Posteriormente, após muitos anos de repetidas tentativas do governo australiano, batendo a cabeça contra uma parede para influenciar o governo das Ilhas Salomão a implementar reformas políticas nessa área, sua ajuda externa foi reduzida pela metade. Isso ainda não impediu que ministros corruptos do governo continuassem lucrando com esse recurso natural tão precioso por anos a fio. O desmatamento em grande escala das florestas continuou, só que mais rápido. Lembre-se de que os asiáticos tinham tudo tão bem organizado que os proprietários individuais recebiam apenas US$ 4 por metro cúbico de pau-rosa, o que é menos de US$ 1 australiano por algo que é vendido por pelo menos US$ 2.500 na Austrália e em outras partes do mundo.

Isso me lembra uma coisa! Eu tinha um carro Mazda 929, comprado quando cheguei às Ilhas Salomão (embora, é claro, tenha sido roubado em muitos milhares de dólares!). Como costuma ficar muito quente na hora do almoço, Joseph e eu decidimos ir à praia para nos refrescar. Enquanto dirigíamos, o primeiro dia da nova sessão do parlamento das Ilhas Salomão estava sendo transmitido ao vivo pelo rádio e, como não havia outra estação para ouvir naquele momento, sintonizamos.

Primeiro, houve a introdução “Pai nosso, que estás no céu...”, após a qual todos tomaram seus lugares. Em seguida, veio o “Tempo de Perguntas”. A essa altura, eu estava interessado

em ouvir o resultado dessa sessão, já que não tínhamos muito o que fazer naquele momento, exceto tomar algumas cervejas.

Uma “Ministra Honorável” do leste de Guadalcanal foi a primeira a fazer uma pergunta, que foi assim: “Senhor Presidente! Acabamos de receber os dividendos da Solomon Taiyo (uma joint venture 48/52 com uma empresa multinacional asiática de pesca de atum sediada em Cingapura, que tinha dezenas de grandes navios de pesca com palangre nas Salomão). E, Senhor Presidente, o Governo das Ilhas Salomão tem de pagar 3,2 milhões de dólares em dividendos perdidos este ano à Solomon Taiyo.” Ela continuou dizendo que as águas territoriais das Ilhas Salomão, segundo a última contagem, tinham 1.033 navios de pesca com palangre. (Como ela sabia disso é um mistério, já que ninguém se tinha dado ao trabalho de os contar.) Ela continuou: “E, Senhor Presidente! Aqui temos um acordo de 48% para nós e 52% para eles, em que recebemos US$ 3 por tonelada.” Na época, isso equivalia a cerca de 80 centavos de dólar australiano por tonelada. Posso dizer que parte do atum-azul restante no mundo às vezes é vendido nos mercados japoneses por 60.000 dólares australianos cada. A mesma empresa tem uma fábrica de conservas de atum em Noro, nas Ilhas Salomão Ocidentais, que emprega centenas de ilhéus por salários muito inferiores aos ocidentais.

Uma das ironias de tudo isso é que, se você quiser comprar uma pequena lata de atum em qualquer loja das Ilhas Salomão, terá que pagar US$ 4,50 pelo atum de segunda categoria e US$ 7,50 pelo de primeira categoria. Espero que você entenda o que quero dizer! O país recebe menos por uma tonelada de atum premium do que por uma lata. Além das tentativas deliberadas e secretas dos governos americano e australiano de transformar as Ilhas Salomão em um país falido, isso, entre outros recursos que eles não são capazes de administrar, é outra razão pela qual eles estão onde estão no momento. Espero que isso não diga muito sobre os habitantes das Ilhas Salomão, mas certamente não é preciso muita perspicácia comercial para entender a matemática desse tipo de parceria.

Enquanto estavam ocupados com sua corrupção total, eles mal sabiam que poderiam facilmente ter obtido a assistência financeira necessária de vários lugares ao redor do mundo para ter suas próprias frotas de pesca de atum sustentáveis. É tarde demais.

Agora, como a maior parte do atum já foi pescado nesses vastos mares, eles estão atualmente no Oceano Índico fazendo a mesma coisa.

Mas voltemos ao "Honrado Ministro", que então mudou completamente de assunto, dizendo: "E Senhor Presidente! Dê uma boa olhada no telhado da nossa moderna Casa do Parlamento (que os americanos construíram para eles). As estátuas de madeira esculpidas no nosso telhado estão com a tinta descascando! Senhor Presidente! Proponho que gastemos US$ 250.000 para repintá-las." Com isso, houve um grande alvoroço de "Aqui, aqui" e, quando chegou a hora de a moção ser aprovada, foi votada por unanimidade. Os políticos passaram então para outra trivialidade sem importância, depois outra e assim por diante.

Enquanto eu estava dentro do hotel com o investigador do Greenpeace, Joseph encontrou alguns parentes de Tangarare e eles estavam sentados à beira-mar, conversando à sombra de uma árvore quando cheguei. Depois que me juntei a eles, perguntaram-me como todas as árvores da região haviam morrido inexplicavelmente. Como eu não sabia exatamente do que estavam falando, passei a questioná-los sobre o assunto.

Eles me contaram que, após um grande terremoto, cerca de 10 anos antes, seus rios e córregos começaram a borbulhar com um ar fétido e, à noite, eles podiam ver enormes chamas saindo do chão. Eles também me disseram que alguns de seus córregos haviam se tornado impróprios para consumo devido a uma espécie de "substância preta" na água. "The Beverly Hillbillies" começou a passar pela minha cabeça. Uma discussão mais aprofundada sobre o assunto revelou-me que era bastante provável que o petróleo e o gás fossem os responsáveis pelo problema das árvores. No entanto, seriam necessários alguns testes para provar isso.

Antes de tudo isso, Joseph me contou muito sobre dois parentes distantes, Silver e Genny. Eles eram descendentes diretos dos gigantes. Os gigantes haviam roubado a mãe de Silver. Várias semanas depois, ela conseguiu escapar e voltar para a costa. Infelizmente, ela estava grávida e

deu à luz um menino. Silver era um mestiço gigante-homo sapiens que havia morrido cinco anos antes, mas eu estava muito interessado em conhecer seu filho Genny, pois tinha um interesse considerável pelos gigantes.

Naquela época, estávamos planejando uma viagem à região de Tangarare para o negócio de crocodilos e também para encontrar o gigante mestiço Genny. Então, decidi que, enquanto estivéssemos lá, eu pegaria algumas amostras de petróleo e gás e as enviaria para a Austrália para análise.

Mal sabia eu, na época, que as Ilhas Salomão eram absolutamente repletas de petróleo e gás. Já que estou falando sobre isso, é melhor eu concluir o que realmente aconteceu, para que possamos prosseguir com o verdadeiro objetivo deste capítulo.

Nas semanas seguintes, fiz um acordo com o vice-chefe do depósito da Shell em Honiara para entrar em contato com a Shell Exploration em Melbourne e saber o procedimento necessário para coletar essas amostras de petróleo e gás. Eles responderam dizendo que precisavam que as amostras fossem colocadas em frascos esterilizados, que o depósito me forneceu. Eles estavam interessados em saber que tipo de hidrocarboneto havia no gás e que tipo de petróleo estava vazando nos riachos.

Eu também havia começado a investigar a questão do petróleo e do gás nas Ilhas Salomão com os povos indígenas. Alguns malaios me disseram que milhares de litros dessa “substância preta” jorravam todos os dias no Recife Alite, em Malaita Ocidental. Outros, das Ilhas Florida, me falaram de árvores mortas e de um líquido preto que jorrava do solo. Pessoas das Ilhas Salomão Ocidentais me contaram sobre o problema que tinham com essa substância negra ameaçadora. Na verdade, parecia que todas as províncias das Ilhas Salomão tinham a mesma experiência.

Algum tempo antes, ao voltar de Gizo, no oeste das Ilhas Salomão, notei como alguns riachos da ilha pareciam sujos. Após nossa viagem à

área de Tangarare, onde conheci o extraordinário gigante mestiço Genny, os resultados das amostras de petróleo e gás mostraram um teor relativamente alto de hidrocarbonetos e porcentagens muito possíveis para a produção de petróleo e GLP.

Meu interesse predominante em fazer tudo isso era apenas ajudar de alguma forma um país em dificuldades. Há uma infinidade de exemplos em todo o mundo em que a descoberta de petróleo e gás transformou um país pobre em um país muito próspero. No entanto, eu deveria saber que não deveria ter tentado.

Fiquei surpreso ao saber que havia petróleo e gás nas Ilhas Salomão. Pelo que eu sabia, ninguém lá, incluindo o governo, sabia ou suspeitava remotamente da presença de petróleo e gás. Uma pequena investigação revelou que isso era verdade; na verdade, a maioria das pessoas não sabia de onde vinha a gasolina que colocavam em seus carros. No entanto, eu imaginei que, devido à ampla dispersão desse petróleo e gás pelas Ilhas Salomão, seria difícil que isso não tivesse chamado a atenção de algumas empresas globais de exploração de petróleo antes. Se fosse esse o caso, deveria haver alguma documentação em algum lugar acumulando poeira; e, como se viu, havia.

Eu havia perguntado ao meu sogro, que trabalhava no Ministério da Energia, Minas e Recursos Naturais, se eu poderia dar uma olhada em busca de algum tipo de evidência escrita. Às vezes, eu o levava ao trabalho e, ao chegar lá um dia, ele me indicou um depósito que tinha literalmente milhares de arquivos empilhados no chão e nos armários. Fechei a porta e, após algumas horas vasculhando uma montanha dessas pastas de papelão, lá estava: "O Potencial Petrolífero das Ilhas Salomão"! Ao folheá-lo rapidamente, não pude acreditar no que meus olhos viam. Esse documento de 45 páginas, em estilo executivo, do qual havia apenas uma cópia nas Ilhas Salomão, era exatamente o que eu procurava. Coloquei-o na minha bolsa e fui para casa.

Um ano antes de as Ilhas Salomão conquistarem sua independência, o governo australiano teve a visão de compilar todas as informações conhecidas sobre petróleo e

gás nas Ilhas Salomão para possível uso futuro. Quatorze empresas internacionais de exploração de petróleo exploraram as Ilhas Salomão em busca de petróleo e gás entre o final da década de 1950 e a década de 1970. Elas encontraram seis bacias de petróleo "leve" muito grandes e grandes depósitos de gás espalhados pelas ilhas, com potencial petrolífero capaz de atender às necessidades mundiais.

Na altura, parecia-me que eu era o único nas Ilhas Salomão que sabia tudo isto. Também me parecia muito incompreensível que o Governo das Ilhas Salomão não soubesse nada sobre a existência de petróleo e gás no seu próprio país. Além disso, para minha surpresa, depois de pesquisar um pouco mais sobre o assunto, descobri uma lei chamada "Lei do Petróleo" que o governo australiano havia elaborado para ajudar as Ilhas Salomão, caso elas precisassem. Ela estava lá como a última lei da legislação governamental. Eles devem ter pensado que essa lei estava lá apenas para ocupar espaço, pois parecia que ninguém sabia de onde ela tinha vindo ou para que servia. Mas, veja bem, a lei explica tudo muito bem.

Decidi escrever um documento prático, abrangente e criativo para conscientizar o governo das Ilhas Salomão sobre a presença de petróleo e gás em seu país. Minha esperança era que esse documento pudesse ser usado como uma espécie de diretriz básica para o desenvolvimento desses vastos recursos naturais, para que eles pudessem sair da crise econômica em que se encontravam.

Os eventos que ocorreram durante e após a entrega do "pacote de resgate" de documentos ao ministro responsável (que ainda é ministro no governo atual) são típicos do tipo de futilidade que qualquer pessoa, empresa ou instituição experimenta quando busca a melhoria genuína das Ilhas Salomão. Não faltam casos para apoiar essa afirmação.

Eu esperava pacientemente na recepção do Ministro da Energia, Minas e Recursos Naturais há mais de uma hora quando dois empresários indonésios do setor madeireiro, bem vestidos, chegaram com seus celulares no ouvido. Eles

também tinham vindo para ver o “Honrável Ministro”.

Naturalmente, pensei que eles iriam esperar na fila. Arrogantemente, exigiram à recepcionista (em inglês macarrônico) que avisasse imediatamente ao ministro da importância da sua chegada. Ao ouvir isso, o desonroso ministro abriu a porta e alegremente os conduziu diretamente para o seu gabinete, como um gato prestes a lamber o creme. Nenhuma exploração florestal acontece sem algum acordo sujo por baixo dos panos. Enquanto a porta estava aberta, também notei a presença de outras pessoas dentro do escritório. Fiquei sentado por mais meia hora, contemplando a importância dos possíveis bilhões de dólares em receita potencial que estavam ao meu alcance, até que o ministro saiu, todo sorridente, enquanto se despedia da dupla indonésia. Ele voltou para o escritório por dez minutos e depois saiu novamente. Depois de se desculpar por todos esses atrasos inevitáveis, ele me convidou para entrar em seu escritório cheio de fumaça, onde encontrei meia dúzia de seus bajuladores brindando ao sucesso da reunião de negócios com uma sessão de bebida. O “Honrado Ministro” não fez nenhum esforço para obter qualquer forma de privacidade ou se desculpar pelo barulho.

Essa atmosfera de embriaguez tirou todo o meu ânimo em relação ao significado do nosso encontro. Um pouco desanimado, enquanto tentava falar por cima do barulho da festa e das interrupções contínuas, fiz uma tentativa frustrada de explicar ao ministro a possível importância desses documentos para as Ilhas Salomão. Como ele parecia mais interessado no que seus bajuladores estavam fazendo e que outro ministro bêbado havia entrado por uma porta lateral para descobrir o resultado de seus acordos corruptos, eu parti e deixei esses documentos inestimáveis com ele, para que, quando não tivesse tantos outros compromissos urgentes, pudesse examiná-los com calma.

Coincidentemente, para completar, meia hora depois, enquanto Joseph e eu descansávamos desanimados e nos reorganizávamos no carro, sob a sombra de uma árvore, notamos o carro turbo de quatro rodas do “Honrado Ministro”, no valor de US$ 140.000, se aproximando por estrada. Quando o veículo passou, o filho de 13 anos do ministro, que estava dirigindo sozinho, levantou sua garrafa de cerveja Solomon e, sem saber com quem eu tinha acabado de estar, fez um gesto desafiador para nós, que, traduzido de forma grosseira, significa: “Vá se danar!”

, que estava dirigindo sozinho, levantou sua garrafa de cerveja Solomon e, sem saber com quem eu acabara de estar, fez um gesto desafiador para nós, que, traduzido de forma grosseira, significa: “Vá se danar!”

Esse insulto, depois do que acabara de acontecer com seu pai, foi a gota d'água (como uma espécie de sinal) que me fez perceber que eu não tinha a menor esperança de poder ajudar de alguma forma no desenvolvimento do petróleo e do gás do país, enquanto houvesse pessoas como ele no comando. Então, abandonei minha missão de ajudá-los nessa área.

No final, porém, os documentos que entreguei tiveram um impacto considerável e embaraçoso nas Ilhas Salomão e, eventualmente, em alguns países estrangeiros, pois minhas descobertas acabaram se tornando notícia importante em todas as rádios e jornais. Exceto pela oportunidade de conhecer mais tarde o gigante mestiço Genny, essa foi praticamente a única coisa boa que resultou daquele episódio.

Algumas semanas depois, após a entrega dos preciosos documentos, ouvimos em todos os noticiários que dois ministros tinham ido de porta em porta no Kuwait para ver se alguém estava interessado no petróleo e gás das Ilhas Salomão. (Vi um desses dois ministros, que não foi reeleito, caminhando sozinho e descalço por uma estrada de terra em Honiara, no Natal de 2002.) De qualquer forma, além do fato de que os kuwaitianos nem sabiam onde ficavam as Ilhas Salomão, eles definitivamente não estavam nem remotamente interessados em mais petróleo naquela época, pois estavam ocupados com assuntos muito mais importantes e ainda tentavam superar o que George Bush pai havia feito. No entanto, nunca houve qualquer tentativa de pedir ajuda ao governo australiano ou a grandes empresas mundiais de petróleo e gás. Nem fizeram qualquer esforço para vir ver o autor do seu pacote de documentos de resgate. Na altura, perguntei-me porquê.

Alguns meses depois, enquanto eu estava ocupado com outras coisas, uma notícia dominou o rádio por algumas semanas. Aparentemente, outro grupo de ministros corruptos do governo havia decidido assumir a responsabilidade de obter um

empréstimo garantido substancial de alguns bilhões de dólares americanos de uma organização de má reputação (que precisava lavar dinheiro), para seu próprio desenvolvimento pessoal do petróleo e gás das Ilhas Salomão. A garantia desse empréstimo era toda a província de Guadalcanal, que, por acaso, é uma ilha muito grande! Os documentos foram redigidos e tudo estava pronto para seguir em frente.

Para que essa grande quantia de dinheiro entrasse nas Ilhas Salomão, todos tiveram que esperar o governador do Banco Central sair de férias. Se não fosse por alguém inteligente que percebeu toda essa malícia e foi falar com o então Comissário de Polícia (para que ele ligasse para o governador, que estava de férias na Austrália, e o trouxesse de volta para as Ilhas Salomão), Guadalcanal provavelmente teria sido tomada por alguma máfia norte-americana no dia seguinte.

Acredito que a Polícia Federal Australiana decidiu se envolver neste assunto, o que resultou em prisões e deportações na Austrália. O então primeiro-ministro das Ilhas Salomão, Mamaloni, ficou irritado com tudo o que estava acontecendo e decidiu demitir o primeiro-ministro de Guadalcanal (que fugiu de qualquer maneira), suspendeu alguns ministros e reorganizou o Parlamento novamente para acalmar os ânimos. A polícia prendeu alguns que não conseguiram fugir para o exterior. Há muito mais por trás dessa história, mas isso não importa mais, já que o governo australiano ficará nas Ilhas Salomão para sempre. Toda essa comoção, apenas por causa de uma pequena conversa sobre um monte de árvores mortas, com alguns amigos de Joseph de Tangarare!

Muito mais tarde, enquanto estava na Austrália, descobri que a maioria das grandes empresas de petróleo e gás do mundo já sabia da existência dessas grandes reservas de petróleo e gás nas Ilhas Salomão. Mas, segundo me disseram, devido ao excesso de petróleo no mercado mundial e à dificuldade de lidar com um país em desenvolvimento do Terceiro Mundo como as Ilhas Salomão, esse petróleo e gás permaneceriam inexplorados por algum tempo no futuro.

A verdadeira razão pela qual as partes ultra-secretas das organizações de inteligência dos governos americano, britânico e australiano foram aconselhadas a instruir seus respectivos países a não desenvolver o petróleo e o gás das Ilhas Salomão é por causa das civilizações subterrâneas e extraterrestres e das raças gigantes que existem sob as Ilhas Salomão — cujo conhecimento, por enquanto, deve permanecer um segredo bem guardado do resto do mundo moderno.

CAPÍTULO DEZESSETE

SILVER E GENNY: PARTE DOIS

Ao longo das semanas, Joseph e eu obtivemos nossos potes de vidro no depósito da Shell e estávamos prontos para partir para a área de Beaufort Bay, no lado sudoeste de Guadalcanal. Como essa área é conhecida por ser um local com muitos crocodilos, certifiquei-me de que meu rifle e minhas espingardas estavam em boas condições de funcionamento.

Contratei os serviços de um senhor mais velho de Guadalcanal que já havia trabalhado como caçador de crocodilos para alguns homens brancos na época colonial. Chamamos esse personagem engraçado de "papai" devido à sua idade e experiência. Planejamos levar o papai conosco nessa viagem, pois sua experiência como caçador de crocodilos era inestimável. Naquela época, ainda víamos a cobra-dragão, cuja presença sinistra era sentida quando ela voava a cada duas noites. Mais de uma vez, tive vontade de aliviar minha frustração disparando alguns tiros em sua direção.

Como nem todas as minhas viagens eram tão longas quanto eu havia dito inicialmente, Miriam decidiu ficar com a família em Honiara dessa vez. Então, levei-a à cidade e pedi à minha boa amiga Ci-Ci para cuidar da casa enquanto estivéssemos fora.

Com o barco carregado e tudo pronto para partir, nós três partimos para a viagem de cinco horas ao longo da costa até Tangarare. Com as montanhas selvagens da costa à nossa esquerda e o mar azul calmo com alguns peixes voadores ocasionalmente, foi uma viagem bastante agradável e pitoresca. Lembro-me de olhar para a costa oeste de Guadalcanal

lembrando-me de alguns eventos que havia lido sobre as batalhas de Guadalcanal durante a Segunda Guerra Mundial. Essa costa foi onde as últimas forças japonesas restantes se retiraram furtivamente, no meio da noite, para seus navios e submarinos que os aguardavam, a fim de escapar do avanço das forças aliadas — e dos gigantes que se alimentavam livremente e dos répteis semihumanos.

Esta vitória aliada foi também a primeira de muitas campanhas insulares no sudoeste do Pacífico contra as forças japonesas.

A viagem transcorreu sem incidentes e chegamos a uma vila em Beaufort Bay, um pouco mais ao sul de Tangarare, no final da tarde. Essa pequena vila fica a cerca de meio quilômetro rio acima, em um rio infestado de crocodilos. Genny, o gigante mestiço, e sua família moravam em outra pequena vila no sopé da montanha, a cerca de três ou quatro quilômetros rio acima, e depois mais dois quilômetros a pé. Como estávamos improvisando a viagem, decidimos passar a noite nessa vila para poder sair na manhã seguinte para coletar amostras de petróleo e gás nas proximidades e depois seguir para ver Genny.

Naquela noite, ficamos com Larry, um dos parentes proprietários de terras de Joseph, que estava esperando nossa chegada. Como estávamos interessados em reduzir a população local de crocodilos, essa era uma ocasião importante para obter algum tipo de entendimento mútuo benéfico. Durante a noite, enquanto estávamos sentados ao redor de uma fogueira conversando, notei a ausência de cães ou porcos vagando pelo local. Depois de pesquisar um pouco sobre a causa desse fenômeno, descobri que era devido à superabundância de crocodilos na área. Eles me contaram que todos os seus porcos domésticos precisavam ser mantidos em gaiolas, mas mesmo assim os crocodilos causavam muitos problemas, destruindo as elaboradas estruturas das gaiolas para roubar os porcos. A população local de crocodilos também era responsável pelo fechamento de algumas escolas em Tangarare durante a época de desova, pois os crocodilos vagavam pelas salas de aula como se fossem pragas domésticas. Houve alguns casos em que homens foram atacados por crocodilos enquanto caçavam porcos a muitos quilômetros de distância, nas montanhas. Eles precisavam construir suas casas sobre palafitas altas e se barricar à noite.

Também conversamos muito sobre os gigantes e eles me contaram algumas histórias sobre as interações do seu povo com eles no passado. Ao discutir o assunto de Genny, todos começaram a me alertar para não me assustar quando o visse pela primeira vez, pois ele não tinha más intenções e aparentemente não era muito atraente. Até mesmo Joseph, que é um homem forte, tinha algumas reservas sobre esse encontro, apesar de ser parente distante de Genny por parte de sua avó.

No entanto, eu estava determinado a seguir em frente com entusiasmo e aproveitar ao máximo essa oportunidade única de conhecer o filho de um gigante mestiço. Eu sabia que a confirmação do que me disseram sobre Genny provaria que a espécie gigante não era descendente de macacos. Como nossos cientistas nos dizem, é geneticamente impossível que macacos se reproduzam com seres humanos.

Como Larry conhecia bem a área de árvores mortas próxima para nossas amostras de petróleo e gás, decidimos levá-lo conosco para nos dar orientações práticas. Ele estava um pouco relutante em vir, pois essa área pantanosa e baixa era conhecida por ser um criadouro de crocodilos. Como o grande caçador branco que eu pensava ser, convenci-o de que nossas três armas resolveriam qualquer problema. Depois de um pequeno café da manhã, partimos para uma área que ficava a cerca de um quilômetro rio acima. Enquanto navegávamos lentamente, crocodilos que tomavam sol nas margens corriam rapidamente para a água em todos os lugares. Larry me disse que, se por acaso encontrássemos um crocodilo macho particularmente grande e velho que ameaçava a área há anos, não hesitasse em atirar nele. Esse crocodilo havia matado uma das sobrinhas de Larry alguns anos antes. Sua irmã e suas filhas gêmeas de seis anos e seu filho pequeno estavam pescando em um rio alto enquanto o marido dela estava trabalhando.
Esse crocodilo grande atacou todos eles por trás e os jogou no ar com a cauda antes de levar uma das meninas para a água. Uma busca na área não encontrou nenhum sinal dela. Senti-me obrigado a prestar toda a ajuda que pudesse, não só por remorso, mas também porque, na altura, estávamos planejando montar uma fazenda de crocodilos na região. Larry nos disse que o dorso e as patas desse crocodilo grande tinham dez palmos de largura, o que o tornava um monstro com mais de seis metros de comprimento.

Este longo rio, que era um dos quatro, estava superpovoado de crocodilos. A certa altura, quando paramos durante a viagem rio acima, peguei um grande galho de árvore e comecei a jogá-lo na água. Em segundos, uma dúzia de crocodilos surgiram para ver o que era aquela agitação e então se dirigiram para devorar o galho que eu havia enfiado no leito do rio.

A única maneira rápida de chegar a essa área suspeita de petróleo e gás, sem ter que dar uma volta de alguns quilômetros para evitar os crocodilos, era atravessar o rio em linha reta, e não pela beira do mar. Estávamos tentando encontrar um lugar no lado esquerdo do rio que fosse seguro para começar nossa jornada para o interior, mas a maioria das opções já estava ocupada por crocodilos. Não queria passar mais meio dia para chegar lá, quando levaria apenas quinze minutos pelo rio. Finalmente, encontramos uma área do rio que parecia não ter crocodilos. Pegamos todo o nosso equipamento do barco.
Joseph expressou sua preocupação em seguir nessa direção, pois coincidentemente era época de desova dos crocodilos. Devido ao meu estado de impaciência, não dei ouvidos a todos os seus avisos, mas as crocodilas durante a época de reprodução podem ser muito mais agressivas do que em outras épocas e definitivamente mais protetoras com seus ovos.

Naquele dia, eu estava vestindo apenas um boné de beisebol, shorts elásticos e tênis. Como normalmente fazia bastante calor, não me preocupei em colocar uma camisa ou cueca.
Com todo o equipamento necessário pronto, avançamos cautelosamente na direção das árvores mortas. Eu ia na frente com meu rifle militar, papai seguia atrás com a espingarda de dois canos carregada com chumbo grosso, depois Joseph com uma arma de ação de bombeamento carregada com chumbo grosso e Larry atrás com um facão.

Estávamos avançando furtivamente pela vegetação rasteira, com todos os ouvidos atentos a qualquer sinal de crocodilos, quando, de repente, meu short rasgou na cintura. Eu me virei e vi meu pai parado com meu short na mão. Eu disse a ele, com ar investigativo:

“Que tipo de homem de Salomão você é?”

Mas, pelo olhar aterrorizado em seu rosto, percebi em microssegundos que havia algum problema iminente com crocodilos nas proximidades. Quando olhei para trás na mesma direção que meu pai, vi uma enorme crocodila com a boca aberta, sentada em seu ninho a cerca de quatro metros de distância. Não havia tempo para pensar, pois ela estava claramente em modo de ataque. Papai e eu disparamos nossas armas simultaneamente na parte de trás de sua enorme boca aberta, o que matou o crocodilo instantaneamente. O crocodilo girou verticalmente em sua cauda por um momento e depois caiu em um arbusto próximo. Foi por um triz, pois eu estava a menos de um segundo de perder a vida. Minha principal preocupação naquele momento era o simples fato de estar completamente nu, vestindo apenas um par de sapatos e um boné de beisebol.

Alguns comentários joviais e espontâneos rapidamente aliviaram a seriedade do que poderia ter acontecido.

Enquanto vestia outro par de calções da minha mochila, fui tomado por um forte tremor pós-traumático e suores frios. Este crocodilo tinha quatro metros e meio de comprimento, o que, para os padrões dos crocodilos, é relativamente grande. Embora já tivesse caçado muitos crocodilos antes, por alguma razão, este incidente em particular fez-me ter “pesadelos com crocodilos” durante semanas a fio.

Quando chegamos à área de árvores mortas, descobri que o que me tinham dito era verdade. Esta área de árvores mortas com um quilómetro de diâmetro era uma das duas que tinham gás natural a borbulhar em todas as poças de água estagnada e pântanos, e havia óleo a rolar nos riachos. Parecia que este gás estava a borbulhar através do lençol freático abaixo e, consequentemente, a envenenar as árvores. Em algumas ocasiões, aproximei um isqueiro das bolhas e percebi que elas pegavam fogo todas as vezes.

Depois de coletar as amostras de gás, também coletei um pouco de óleo de alguns riachos pelos quais passamos e não permanecemos na área por muito tempo, pois ainda estava tentando superar a sensação constante de perigo iminente de crocodilos e tínhamos outras coisas para fazer naquela tarde. Ao voltarmos sem incidentes para o barco, passamos novamente pelo crocodilo morto e partimos de volta para a aldeia de Larry.

Quando deixamos Larry, já era meio da tarde, então seguimos diretamente rio acima para chegar à aldeia onde Genny morava antes do pôr do sol. O rio começou a estreitar quando chegamos a uma casa isolada sobre palafitas à beira da água. Era a casa de um parente de Joseph e, depois de retirar o motor do barco e colocá-lo dentro da casa, seguimos pela trilha bem batida que subia as colinas até a aldeia.

Nas Ilhas Salomão, e na verdade em qualquer lugar da Melanésia, é costume que, quando alguém visita uma aldeia pela primeira vez, deve ir visitar o chefe. Embora não fosse muito longe em linha reta, levamos uma hora para subir a trilha até a aldeia. Quando chegamos, todas as crianças começaram a brincar ao nosso redor, o que chamou a atenção de todos que estavam lá.

O chefe saiu de sua cabana e, enquanto Joseph apertava sua mão, ele traduziu nossas saudações e me apresentou ao chefe e a alguns outros moradores. Joseph é bem conhecido na região e nos sentamos na varanda do chefe para descansar um pouco. Enquanto descascava uma noz de betel para mim, Joseph explicou em Guadalcanal o motivo de estarmos ali. Ouvi Genny ser mencionado e o chefe deu uma risadinha. Papai tinha se afastado, pois conhecia algumas pessoas na aldeia e nos indicou que não tinha interesse em conhecer Genny.

Enquanto todos mastigávamos noz de betel, começamos uma conversa leve sobre Honiara e outros assuntos. O chefe enviou um dos homens mais jovens à casa de Genny para ver se poderíamos visitá-lo. Enquanto conversávamos sentados, com o pôr do sol, a esposa e as filhas do chefe trouxeram o jantar, que, para nossa visita especial

, era atum enlatado e arroz. O jovem mensageiro voltou dizendo que Genny não se importava em receber visitas. Mais uma vez, o chefe me disse para não me assustar com a aparência de Genny. Ele achava que ele parecia um pouco assustador, mas não tinha más intenções.

O sol havia se posto e, enquanto conversávamos na varanda do chefe, à luz de duas lanternas a querosene, eles me contaram algumas histórias engraçadas sobre Genny, uma das quais eu já tinha ouvido de Joseph.

A casa de Genny fica nos arredores sudoeste da pequena vila e, antigamente, ele tinha vários porcos. Com o passar dos meses, um por um, os porcos começaram a desaparecer progressivamente. Quando sua esposa e filhos perguntavam para onde eles tinham desaparecido, ele respondia de maneira resoluta que eles deviam ter fugido para o mato.

Como os habitantes da aldeia são predominantemente católicos, iam todos os domingos à sua igreja feita de folhas. Certa vez, a esposa e os filhos de Genny foram à aldeia para a missa dominical. Todos os domingos, ela pedia ao marido para ir também (provavelmente para aprender sobre Adão e Eva), mas ele sempre insistia que queria ficar, pois tinha assuntos importantes a tratar.

Como mencionado, por volta dessa época, todos os porcos de Genny estavam desaparecendo misteriosamente, um por um, e naquele momento restava apenas um. Genny culpava essas circunstâncias incomuns pelo simples fato de que todos eles deviam ter fugido. Coincidentemente, esses desaparecimentos pareciam ocorrer sempre aos domingos, enquanto a família estava na igreja. Sua esposa acreditou ingenuamente em suas desculpas e, nessa ocasião em particular, pediu que ele ficasse de olho no último porco que restava enquanto eles estavam na igreja. O filho mais velho de Genny, no entanto, suspeitava que seu pai estava tramando algo e decidiu que, em vez de ir à igreja, se esconderia no mato perto da casa para ver o que seu pai estava fazendo.

É bem sabido pelo povo de Guadalcanal que os gigantes têm um apetite feroz e, embora fosse mestiço, parece que Genny também tinha. Assim que a família foi para a igreja, Genny começou a matar e devorar o último porco que lhes restava até não sobrar nada; e tudo isso sob o olhar atento do filho mais velho, que já suspeitava que seu pai estava tramando algo. Quando a família voltou para casa, sua esposa percebeu que o último porco havia desaparecido e começou a questionar Genny sobre seu paradeiro. Com isso, ele ficou furioso e mandou seus filhos procurarem o porco na selva. Quando repreendeu seu filho mais velho por não participar da busca, ele respondeu: “Por que eu deveria procurar o porco se já sei que ele está na sua barriga?” Assim, o mistério do desaparecimento dos porcos de Genny foi resolvido. Suponho que, para sustentar um metabolismo tão acelerado como o dele, ele precisava de uma quantidade considerável de alimento.

Certa vez, Genny e alguns outros moradores estavam à beira do rio quando Genny decidiu encher seu recipiente com água para levar para casa. Ao se aproximar da margem do rio, um crocodilo saltou da água para tentar agarrá-lo e arrastá-lo para dentro. Com uma reação rápida como um raio, Genny agarrou o crocodilo e começou a lutar com ele na margem do rio. Depois de imobilizar o crocodilo e manter suas mandíbulas fechadas, ele disse a seus companheiros para pegarem algumas videiras para amarrar suas mandíbulas. Ele carregou o crocodilo de dois metros e meio de volta para a aldeia. Todos estavam sentados ao redor de uma fogueira no crepúsculo da tarde e, ao chegar, ele jogou o crocodilo no fogo no meio deles. Todos gritaram e fugiram. Genny esquartejou o crocodilo e comeu tudo sozinho!

Embora eu já soubesse a resposta, durante a breve conversa após o jantar com o chefe e outros moradores, mencionei o que realmente havia acontecido com a avó de Genny.

Quando era jovem, ela, sua mãe e suas irmãs foram trabalhar na horta uma manhã, e ela desapareceu e não foi encontrada em lugar nenhum. Todos os membros da tribo fizeram uma busca exaustiva, mas

decidiram que a jovem deve ter sido vítima dos gigantes. Várias semanas depois, quando todos haviam perdido a esperança de encontrá-la, a jovem voltou para a aldeia. Ela explicou que havia sido capturada por um gigante e mantida em cativeiro na selva para seu prazer sexual. Ela só conseguiu escapar do local onde estava amarrada depois de se libertar das amarras quando ele saiu por um tempo.

Após a conversa durante o jantar, o chefe, Joseph, eu e mais algumas pessoas fomos até a casa de Genny. Como mencionei, meu pai não gostou da ideia de visitar Genny, então ficou na casa de um amigo.
Subindo até a casa de Genny pela trilha abaixo, pude vê-lo sentado na varanda sob a luz de uma lanterna a querosene. Seja pela minha expectativa em relação à imagem que Joseph havia pintado na minha mente ou não, ao subirmos as escadas para a varanda, um arrepio percorreu minha espinha.

Este homem enorme, com mais de 180 quilos, sentou-se em silêncio, olhando para nós com seus grandes olhos vermelhos esbugalhados, enquanto o chefe dizia olá e me apresentava. Ele apontou para o chão e nós nos sentamos. Ele é um homem enorme e peludo e, quando me sentei, percebi que ele tinha pelo menos dois metros de altura. Suas pernas têm a largura da minha cintura. Ele não falava inglês pidgin, pelo menos não comigo, e em Guadalcanal, com um tom grave, cumprimentou Joseph. Joseph falou com ele em Guadalcanal por cerca de um minuto, e não sei o que foi dito, mas presumo que tenha sido um resumo da nossa viagem para vê-lo. Enquanto o chefe começava a descascar uma noz de betel e passava uma para Genny, eu disse a Joseph para dizer a Genny que eu estava grato por conhecê-lo. Com isso, ele transmitiu a Joseph que ele queria saber por quê. Eu disse que não era muito comum conhecer um descendente de um gigante. Ele não respondeu e os três começaram a conversar entre si em Guadalcanal por um bom tempo, enquanto todos nós nos ocupávamos mastigando nozes de betel. Durante nossa visita, sua esposa e dois filhos apareceram, cumprimentaram-nos e perguntaram se precisávamos de alguma coisa.

Eu não havia esquecido minha câmera Kodak Instamatic, que havia colocado na bolsa especialmente para essa ocasião. Acho que ficamos lá por meia hora ou mais, até que Joseph me perguntou se já era hora de irmos embora. Enquanto tirava a câmera

da minha bolsa, perguntei a Joseph se poderia tirar uma foto de Genny, e ele perguntou a Genny. Genny respondeu que tinha visto essas fotos em livros e achava que elas poderiam roubar a alma das pessoas. Deixei claro que não era o caso e, quando ele concordou, com o flash pronto, tirei uma foto dele. Mais tarde, quando revelei o filme, seus olhos vermelhos ficaram bastante distintos, mas o resto da foto dele sentado na varanda ficou boa.

Em 1999, esta foto, juntamente com centenas de outras, e uma grande quantidade de documentos importantes e outros itens insubstituíveis foram roubados de mim enquanto eu estava em Fortitude Valley, em Brisbane. Ao mesmo tempo em que esses dois policiais federais sem lei estavam me roubando, eles pagaram a três bandidos para me manter ocupado, espancando-me violentamente. Alguns anos depois, encontrei um desses bandidos em uma loja de conveniência. Ele não se lembrava de mim, mas eu me lembrava dele! A única coisa que esses policiais secretos do governo deixaram para mim quando me roubaram foi uma cueca no fundo do meu armário e as roupas manchadas de sangue que eu estava usando. Como sei que foram eles? Porque, além do fato de ter percebido que estavam me seguindo há algumas semanas, onde quer que eu fosse (e terem mostrado identidades da polícia federal para a gerência do lugar onde eu estava hospedado antes de me roubarem), consegui uma confissão daquele capanga alguns anos depois, depois de espancá-lo.

No entanto, talvez um dia, quando todas essas descobertas vierem à tona para o resto do mundo, o que certamente acontecerá, os cientistas possam viajar para o sudoeste de Guadalcanal e coletar amostras de sangue de Genny e seus filhos para usar em futuras pesquisas de DNA.

Nos despedimos de Genny e partimos para passar a noite sob a hospitalidade do chefe. Depois de pegar meu pai, no início da manhã seguinte, descemos a cordilheira e finalmente chegamos de volta ao barco. Enquanto navegávamos rio abaixo, atirei indiscriminadamente em alguns crocodilos para avisar Larry que estaríamos chegando em breve. Depois de nos despedirmos, partimos para Lambungasi, onde compramos combustível extra e continuamos nossa

viagem, chegando em casa, em Cape Esperance, no meio da tarde.

O resto é outra história...

CAPÍTULO DEZOITO

MISTÉRIOS GIGANTES E MINHA PRIMEIRA TENTATIVA DE RESOLVÊ-LOS

Num domingo de manhã, no final de 1996, alguém bateu à minha porta; era o meu bom amigo Michael. Depois de convidá-lo a entrar, ele me disse que seu pai, seus irmãos e seus tios também tinham chegado e que gostariam de falar comigo.

Conheci Michael quando ele era meu funcionário, alguns anos antes. Eu havia alugado uma casa à beira-mar, em um terreno de cinco acres com praia de areia branca e coqueiros, a cerca de vinte quilômetros a oeste de Honiara. Michael morava em uma pequena vila atrás da minha casa. Lembro-me dele principalmente por causa de um incidente em particular, quando um de seus leitões desapareceu. Ele reclamou comigo por alguns dias que alguém havia roubado um de seus leitões e que ele não havia encontrado o culpado depois de procurar nas aldeias vizinhas. Mal sabia eu, na época, que minha linda casa no paraíso à beira-mar era cercada por uma grande infestação de crocodilos de água salgada.

Numa manhã chuvosa, enquanto estava sentado na varanda a olhar para o mar, vi o Michael a correr pela casa e a mergulhar no meu lago nas proximidades. Curioso para saber o que ele estava a fazer, levantei-me para ver e vi-o a lutar com um crocodilo. Era como algo que se vê num filme do Tarzan. Quando cheguei até ele com minha espingarda na mão, ele já estava fora da água, xingando e praguejando contra o crocodilo submerso, enquanto segurava a virilha. Observando o sangue escorrendo por suas pernas, ainda em choque, perguntei o que havia acontecido. Ele me disse que tinha visto o crocodilo andando no meu gramado perto da aldeia dele e suspeitou que fosse o responsável por comer seu leitão. Ele me disse que tudo o que queria era matá-lo e cortá-lo para ter certeza de que era

definitivamente o culpado. Mas, infelizmente para Michael, as garras traseiras do crocodilo o arranharam na virilha e ele estava com muita dor para continuar sua busca. Entramos na casa e, enquanto cuidava dos ferimentos dele, perguntei sobre os crocodilos nas Ilhas Salomão. Ele me disse que havia milhares de crocodilos por toda parte e pelo menos 100 nos pântanos a cerca de 200 metros de distância! Isso explicava por que meus dois novos patos multicoloridos haviam desaparecido no mesmo dia em que os comprei e coloquei no lago próximo. Também explicava porque ocasionalmente eu via crocodilos nadando no mar em frente à casa. No fim das contas, meu lindo pedacinho do paraíso à beira-mar havia se transformado em um aprisionamento de terror mortal total. Consequentemente, me mudei para Honiara e aluguei outra casa. Não vi Michael novamente até o dia em que ele veio me visitar com seus parentes.

Enquanto me perguntava por que o pai de Michael queria falar comigo, peguei algumas nozes de bétele e desci para vê-los. Lá encontrei um senhor idoso e uma dúzia de homens de Malaitan sentados no meu gramado. Cumprimentei-os, sentei-me na frente deles e, enquanto descascava uma noz de bétele para mim e passava algumas para o senhor, perguntei-lhe em pidgin inglês o que poderia fazer por ele.

Festus, o velho, começou a me contar um sonho que teve sobre mim, e que eu iria mudar a vida do povo das Ilhas Salomão. (Até certo ponto, isso aconteceu.) Cético, perguntei-lhe como isso seria possível. Com isso, ele empurrou uma pequena caixa de papelão na minha frente e me disse para abri-la.
Ao abrir a caixa, deparei-me com o brilho de centenas de granadas aluviais translúcidas de cores diferentes, esmeraldas, safiras e zircônios, além de algumas outras pedras transparentes, todas misturadas. Enquanto molhava algumas delas na boca e examinava uma variedade de cores ao sol, Festus me perguntou o que eram. Expliquei que essas pedras eram o dinheiro tradicional dos homens brancos, semelhante às suas cordas de conchas. Isso fez com que todos os homens começassem a conversar animadamente entre si em sua própria língua malaitana. Depois de descobrir que as pedras eram de sua terra natal, conversamos um pouco mais e perguntei se poderia levar uma pequena amostra de cada cor e enviá-las para a Austrália para verificação de autenticidade, o que Festus concordou. Os resultados corresponderam às minhas expectativas e assim começou uma série de expedições exploratórias à ilha de Malaita.

Muitas coisas aconteceram na época em que enviei as amostras de pedras preciosas para a Austrália. Miriam e eu nos mudamos para outra casa em um subúrbio bastante intimidante de Honiara chamado “The Borderline”. Eu também havia capotado minha motocicleta Yamaha enquanto desabafava um pouco e fraturei gravemente alguns ossos da região sacral, o que tornava muito difícil e doloroso sentar-me a qualquer momento.

Foi aqui que conheci Rosie, a proprietária da nossa nova casa alugada, que anos mais tarde se tornou minha sogra. Como os malaitanos habitam predominantemente The Borderline, foi durante todo o meu mês de descanso e recuperação na nossa nova casa que fiz muitos novos amigos malaitanos, sendo o único homem branco corajoso o suficiente para viver neste subúrbio.

Foi durante uma dessas conversas com um novo amigo malaitano que ele me contou sobre um lugar que havia visitado recentemente, onde guerreiros antigos eram iniciados, e sobre um cemitério de gigantes nas proximidades.

Como eu tinha um interesse considerável por gigantes, meus ouvidos começaram a se animar quando ele começou a me descrever esse lugar curioso: paredes de blocos de pedra esculpidos à mão que se encaixavam perfeitamente, protegendo um caminho espiralado que subia até o topo da montanha. No topo da montanha havia uma grande mesa de pedra e uma grande laje no chão próximo, sob a qual, segundo a lenda, estava enterrado um importante gigante Ramo.

A descrição que ele fez desse lugar começou a parecer muito com algumas coisas que eu tinha visto em documentários na televisão sobre os maias, egípcios e outros povos semelhantes. A mesa de pedra de que ele me falava parecia ter sido usada em alguma cerimônia.

Eu sabia que ele estava dizendo a verdade. Além de ser analfabeto, ele tinha muito pouco contato com a arqueologia dos homens brancos e não tinha ideia de que existiam outros tipos de culturas no mundo.

Naquela noite, perguntei à minha esposa, que por coincidência era uma mulher malaitana daquela área tribal costeira, se ela sabia sobre esse local. Ela me disse que tinha ouvido dizer que era um lugar tabu, onde não se podia entrar, e que nunca tinha estado lá, nem queria ir.

No dia seguinte, logo cedo, depois de ouvir sobre essa possível nova descoberta arqueológica que poderia confirmar minhas suspeitas, fui até a casa do meu amigo malaitano para saber mais sobre esse lugar inexplicável.

Lá, conheci seu pai idoso, que relutantemente me mostrou um desenho básico em 3D do túmulo que um de seus filhos havia feito no computador do trabalho. Era exatamente como me haviam descrito no dia anterior. Ele reafirmou o que seu povo acreditava: que aquele lugar havia sido construído por gigantes há muito tempo. Após uma longa e considerável discussão sobre o assunto, ele me revelou que a montanha em questão ficava ao lado do Monte Mala, o pico mais alto de Malaita, e me disse como chegar lá, enfatizando a importância de manter o segredo. Na época, eu tinha a intenção de manter em segredo tudo o que encontrasse lá, mas as coisas mudaram drasticamente desde então. Mais tarde, em minha casa, um estudo mais aprofundado do meu mapa de Malaita revelou que a localização do Monte Mala era verdadeira.

O mistério deste sítio arqueológico começou a atormentar a minha mente com o passar das semanas. Queria encontrar algumas respostas, além do que Miriam me tinha dito.

A questão de como essas estruturas poderiam ter sido construídas continuava surgindo em

minha mente. Para meu entendimento ignorante na época, parecia ridículo que uma civilização de gigantes sobreviventes tivesse se desenvolvido o suficiente para ser capaz de construir essas estruturas, como dizia o folclore sobre gigantes; mas era possível. Eu não sabia o que eram os Nefilins naquela época, nem que eles haviam existido. Mas agora tenho certeza de que os gigantes das Ilhas Salomão são completamente diferentes dos Nefilins da Bíblia.

Na época, a única outra solução para o que eram essas estruturas era que deveria ter havido alguma outra civilização que vivia na superfície, fora dos mares do sul, que chegou às costas das Ilhas Salomão bem antes do homo sapiens.

Existem algumas evidências de outras estruturas de pedra em outras ilhas do Mar do Sul, que alguns teóricos acreditam serem de uma civilização antiga que existiu há milhares de anos, chamada "Pacifica" ou "Mu". Uma coisa a se notar é que todos os habitantes das Ilhas Salomão chamam seus gigantes das ilhas de "Mu-Mu". Duvido que seja uma coincidência. Estas estruturas de pedra, espalhadas por toda a Malaita, também podem estar associadas a esta civilização perdida de Mu. O tempo dirá se há alguma relevância para estas teorias.

A questão de que outros tipos de segredos arqueológicos estariam escondidos em Malaita passou pela minha cabeça. De grande importância para essa questão: mais tarde, durante uma de minhas expedições, encontrei um obelisco de granito de um metro e vinte com hieróglifos antigos como criptogramas gravados nele, que definitivamente não foram escritos por mãos dos ilhéus. Tirei fotos, mas elas foram perdidas em um roubo alguns anos depois, enquanto eu estava em Brisbane fazendo outras coisas.

A ideia de ter perdido as "Minas do Rei Salomão" passou pela minha cabeça, mas considerei isso um pensamento surrealista. Eu não era arqueólogo, mas sabia que estava definitivamente diante de algo que valia a pena investigar mais a fundo. Propenso a gostar de um bom mistério naquela época, decidi tentar descobrir algumas das respostas para essas perguntas tão intrigantes.

Por acaso, eu já estava planejando minha primeira viagem a Malaita, então decidi tentar encaixar uma pequena excursão à área do Monte Mala enquanto estivesse por lá.

O plano era que meu sogro, John, e eu fôssemos primeiro para Small Malaita, uma pequena ilha no extremo sul de Big Malaita. Ele me convenceu de que era apropriado que ele me levasse lá, não apenas porque eu era o primeiro homem branco a se casar com uma mulher de Small Malaita, mas também porque seria mais tradicional que ele o fizesse. Se isso era verdade ou não, não tenho certeza. Houve um pequeno atraso de um mês na nossa partida devido a um acidente de motocicleta, no qual fraturei gravemente alguns ossos da região sacral e perdi uma boa parte da pele. Felizmente, o acidente aconteceu bem em frente ao hospital de Honiara, onde me deram injeções de petidina a noite toda. Tive muito tempo para refletir sobre a viagem que se aproximava, enquanto ficava deitado de barriga para baixo por muitas semanas seguidas. Finalmente, depois de me recuperar parcialmente da maioria dos ferimentos mais graves, embora ainda incapaz de sentar-me direito, estávamos prontos para partir para nossa viagem marítima até Small Malaita.

Todos chegamos ao porto de Honiara por volta das 21h, para não perdermos a partida das 21h30, e imediatamente começamos a procurar nosso navio entre todas as outras embarcações atracadas. Os padrões de manutenção marítima nas Ilhas Salomão não são tão rigorosos quanto os da Austrália. Minha expectativa de um belo cruzeiro pelo Pacífico Sul foi rapidamente frustrada ao chegar ao lado do navio atracado. A embarcação tinha 40 metros de comprimento e parecia não receber uma pintura há 20 anos. Dezenas de sacos de arroz, porcos e galinhas estavam sendo carregados a bordo do que parecia ser um navio superlotado. Depois de expressar minha preocupação a John, ele me garantiu que isso era normal e que tudo ficaria bem. Depois de nos despedirmos da família, entregamos nossos bilhetes ao comissário de bordo, que percebi que cheirava a uísque, e então abrimos caminho entre a multidão até um lugar predeterminado no convés superior, em frente à ponte do navio. Depois de tirar minha mochila pesada dos ombros, espremei-me entre alguns homens de Malaitan e sentei-me cuidadosamente.

Experiências anteriores nas Ilhas Salomão alertaram meu sexto sentido para a expectativa de problemas à frente. Eu estava certo...

CAPÍTULO DEZENOVE

EM PERSEGUIÇÃO

De todas as pessoas que observei, John me lembra mais do que qualquer outra, na aparência e nos modos, o “Fred Flintstone”, exceto pela cor da pele. John foi se misturar com os amigos enquanto eu esperava pacientemente e desconfortavelmente que o navio desse ré e partisse. Às 22h, percebi que não havia nenhum sinal da tripulação do navio. Às 22h30, o capitão e três tripulantes chegaram em um táxi e desceram no cais, bêbados.

Minha esperança de uma viagem segura começou a desaparecer ainda mais. Assim que o capitão e a tripulação chegaram à ponte, o motor ligou e o navio começou a dar ré, com um longo toque da buzina. Enquanto o navio dava ré, ouvi muitos gritos e berros vindos das pessoas no convés traseiro. Com isso, o capitão acelerou o navio e deu uma boa acelerada no motor para nos desacelerar. Enquanto o capitão e a tripulação colocavam a cabeça para fora da porta da cabine para ver o que era toda aquela agitação, notei que quase tínhamos batido de frente em um enorme barco de pesca que estava ancorado a uma curta distância atrás de nós. Como se fosse algo normal, o capitão virou à esquerda e lentamente saiu do porto em direção ao mar aberto, na direção que ele achava que era Malaita.

Lembro-me de me sentir bastante aliviado ao me acomodar para o que deveria ser uma viagem de cinco horas. Quando o comissário passou por mim, perguntei-lhe quantas pessoas estavam a bordo. Ele me disse que eram noventa e oito, o que eu achei que era bem acima do limite que o navio tinha licença para transportar, que provavelmente era de apenas trinta.

Cerca de uma hora após o início da viagem, o navio começou a balançar de um lado para o outro ao entrarmos em ondas grandes. O navio navegava em direção leste, paralelo à costa de Guadalcanal, que ficava à nossa direita.
Depois de observar algumas luzes distantes na costa leste de Guadalcanal, percebi que o navio estava a desviar-se cerca de 45 graus e que, se continuássemos, iríamos certamente perder Malaita. Embora não fosse um marinheiro experiente, tinha anos de experiência como piloto de avião/helicóptero e, pelo meu conhecimento de navegação, sabia que algo não estava bem.

John tinha ido para algum lugar abaixo do convés com o capitão, beber uísque, então achei melhor levar essa informação importante ao conhecimento de quem estivesse no comando do navio. Devido ao mar agitado, era muito difícil andar no convés. Ao chegar à porta da ponte, inclinei-me para transmitir essas informações. Fiquei surpreso ao ver um menino de 14 anos sozinho no leme do navio, com uma garrafa de cerveja apoiada no único compasso. Olhando ao redor da pequena ponte, observei que não havia nenhum rádio ligado, radar ou qualquer outro equipamento de navegação, além do compasso onde ele havia apoiado a garrafa de cerveja.

Quando perguntei ao jovem onde estava o capitão, ele respondeu alegremente: “Eu não sei!” Quando perguntei ao menino onde estava o segundo no comando, ele respondeu: “Aquele, eu também não sei!”

Sempre me lembro de questionar a realidade da situação naquele momento específico, enquanto me encostava na amurada da embarcação balançando para pensar seriamente no que fazer a seguir. Depois de alguns minutos ponderando sobre o que fazer, perguntei a alguns homens que estavam por perto observando-me se poderiam me dizer onde estava o capitão. Mas tudo o que recebi foram olhares vazios. Depois de perguntar a outro homem que passava por ali, ele prontamente chamou o segundo no comando, que estava conversando com algumas mulheres no convés inferior, e disse-lhe para vir.

Quando expliquei ao segundo no comando e seus amigos que estávamos fora de rota, todos me olharam como se eu fosse um idiota e disseram que sabiam o que estavam fazendo e que eu não precisava me preocupar com nada. Um pouco irritado com a ignorância e incompetência deles, peguei minha mochila e fui para a parte de trás do barco, pois achei que poderia ser um pouco mais seguro lá. O barco estava praticamente lotado. Depois de mover alguns sacos de arroz perto do escapamento do motor, fiz um espaço para mim no chão de aço e deitei de lado, tentando dormir em forma de "S" entre os sacos de arroz.

A próxima coisa que me lembro foi ser acordado de forma assustadora por uma mulher muito idosa inclinada sobre mim e sacudindo-me, dizendo na sua língua para eu acordar, que era de manhã outra vez. Enquanto me levantava com dificuldade, tentando organizar os meus pensamentos sobre os acontecimentos da noite anterior, vi o John parado na amurada do convés e fui até lá para lhe dar bom dia. O John perguntou-me se eu sabia o que tinha acontecido na noite anterior. Eu disse que não sabia. Aparentemente, o navio havia feito um círculo completo de 360 graus no sentido anti-horário durante um período de quatro horas, durante o qual passou por pouco das Ilhas da Flórida, ao norte. Se não fosse pelas mulheres na frente do navio alertando alguns membros da tripulação sobre o perigo iminente, quando viram as luzes de Honiara se aproximando, todos teríamos morrido. Só quando a tripulação finalmente percebeu onde estavam é que corrigiram a rota e fizeram uma segunda tentativa de chegar a Malaita. Estranhamente, ao olhar para trás agora, isso não me surpreendeu muito.

O navio chegou a Suo, em Malaita, no meio da manhã, onde outros quarenta passageiros embarcaram, muitos deles crianças em idade escolar que voltavam para casa para as férias. Estava terrivelmente lotado.

Passamos o dia inteiro navegando pela costa oeste de Malaita, deixando passageiros e cargas em mais de uma dúzia de aldeias. Mais de uma vez, lembrei-me de cenas do filme "A Rainha Africana", com Bogart e Hepburn. Embora

era muito pitoresco, achei a experiência bastante longa e desagradável, pois ainda tinha alguma dificuldade em ficar sentado por longos períodos.

Chegamos a Affiou, em Small Malaita, às 22h30, mais de 24 horas depois de termos partido. Fiquei muito feliz por sair daquele navio terrível, que eu já havia apelidado de “o barco do inferno”. Alguns meses depois, enquanto ouvia as notícias no rádio, soube que ele havia batido em um recife e afundado. Isso não me surpreendeu nem um pouco.

Fomos recebidos no cais de Affiou por alguns primos de John, que tinham uma canoa de fibra de vidro com um motor fora de borda, e começamos a viagem de uma hora pela passagem entre Small e Big Malaita até a aldeia deles. Eu estava exausto da viagem anterior, então decidi dormir durante o trajeto. Chegamos à aldeia à meia-noite, ao som de um belo coro. Os habitantes das Ilhas Salomão são um povo muito talentoso musicalmente. Acredito que eles tenham feito essa apresentação para nós, pois esperavam nossa chegada. Sob a luz da lua cheia, sentamos em frente a uma fogueira e nos deliciamos com caranguejos enquanto ouvíamos o canto harmonioso do coro. Naquela noite, dormimos na cabana dos hóspedes da aldeia.

Acordei na manhã seguinte ao amanhecer com o barulho das mulheres raspando cocos para misturar o leite com batata-doce e taro para o café da manhã. Durante outra grande refeição de caranguejos da lama e mistura de batata-doce, alguns dos anciãos da aldeia se juntaram a nós.
Essa foi a primeira oportunidade que tive de começar a investigar uma das razões originais pelas quais fui para Small Malaita. Eu tinha levado comigo um pequeno livro de bolso chamado “As Rochas do Mundo”, que tinha uma foto de cada uma delas e um pequeno verso descritivo abaixo. Minha intenção era mostrar o livro de bolso para ver quais pedras eles conheciam em sua região.

Com todos os homens reunidos em torno do meu livro de bolso, olhando para todas essas fotos, eles apontaram unanimemente para as pedras preciosas e rochas que eu havia previsto. Alguns me falaram, entre outros lugares, de uma ilha próxima na passagem que era feita

das pedras do livro, que eles identificaram como granadas vermelhas. Disseram-me que as crianças gostavam dessas pedras, pois eram adequadas para atirar com estilingues na caça de pássaros. Na verdade, descobri que isso acontecia em toda a ilha de Malaita.

Interessados em ver essa ilha de granadas, fizemos uma curta viagem de barco até lá. Essa pequena ilha era completamente feita de centenas de toneladas de pedras com qualidade de gemas. Eu estava literalmente andando sobre nada além de granadas. Tive uma experiência semelhante em algumas outras ocasiões depois disso. Por exemplo, me mostraram outro local no lado da Grande Malaita, um pouco mais acima na passagem, que era praticamente igual.

Alguns meses depois, descobri que toda a ilha de Malaita é uma ilha vulcânica altamente mineralizada, com base em kimberlito, que produz muitas pedras preciosas diferentes e, ainda mais importante, diamantes. Como ainda é muito cedo e também porque não tenho intenção de fazer mais esforços para ajudar a desenvolver uma indústria de pedras preciosas nas Ilhas Salomão, esta é a primeira vez que esta informação é divulgada publicamente. Mas devo acrescentar que, mais adiante neste livro, você descobrirá que as pedras preciosas de Malaita foram outra razão para a ocupação indefinida das Ilhas Salomão pelas forças multinacionais lideradas pelos Estados Unidos e pela Austrália.

Na segunda noite da minha estadia nesta aldeia, por volta das 21h, enquanto estávamos sentados perto de uma fogueira conversando e mascando noz de bétele, notei um OVNI pelo canto do olho, exatamente igual aos que eu havia investigado em Guadalcanal. Ele voava lentamente em direção ao norte, do outro lado da passagem. Enquanto eu observava ele voando, antes que desaparecesse de vista no final da passagem, pedi aos homens próximos que prestassem atenção nele por aqueles 30 segundos.

Enquanto discutíamos sobre o OVNI, eles me disseram que era a “Cobra Diamante” e que ela costumava voar para frente e para trás ao longo da passagem, indo para cá e para lá, antes de voltar para casa. Estranhamente, John nunca havia mencionado isso.
Depois de perguntar onde ficava a casa dele, me disseram que era um lago com cachoeira

mais ao sul. “Oh, meu Deus, de novo não”, pensei comigo mesmo. Não foi que isso me surpreendeu, mas sim a coincidência. Naquela altura, eu não sabia o que sei agora. Com o mapa aberto e à luz da lanterna, eles me mostraram exatamente onde ficava esse lugar. Considerando minhas experiências anteriores com OVNIs em Guadalcanal, e com meu interesse totalmente reavivado, adiei alguns outros planos por um dia para poder ir ver essa cachoeira-lago nas proximidades na tarde seguinte e tirar algumas fotos.

Mais tarde naquela noite, enquanto estávamos ao redor de uma fogueira, os homens também me contaram sobre outro tipo de cobra-diamante, diferente das bolas de luz voadoras, que as pessoas afirmavam ver às vezes na selva.

Contaram-me de uma cobra muito grande, parecida com uma píton, com uma pedra brilhante semelhante a um diamante na cabeça, que podia se mover extremamente rápido pela selva. É claro que agora sei que tudo isso parece estranho novamente, mas incluí essa possível criatura mitológica porque há um denominador comum entre o “diamante” e a “cobra” no nome usado para descrever ambas.

Lembro-me de ir dormir pensando nas minhas experiências com OVNIs em Guadalcanal e em como a entrada subterrânea do lago em cascata desse OVNI poderia ser uma repetição daquilo.

Depois de comer algo na manhã seguinte, John, Steven, um jovem e eu atravessamos a passagem em uma canoa a motor até uma aldeia do outro lado, para cumprimentar alguns parentes de John. Eu queria saber a que distância e com que frequência esses OVNIs passavam por ali. Após as apresentações e sentados para mastigar noz de bétele, comecei a questioná-los sobre o OVNI/Cobra-Diamante. Eles me disseram que essa bola de luz costumava passar voando pela região há séculos. Era como se fosse parte da paisagem. Também perguntei se essas cobras-diamante voavam em outros lugares. Eles me disseram, e eu mesmo descobri, que elas voavam por toda Malaita. Tudo isso começou a me intrigar novamente.

Foi nessa época que me interessei pela primeira vez pelos OVNIs de Malaita.

Deixamos esses parentes e voltamos pela passagem, alguns quilômetros adiante, até onde John queria visitar mais alguns parentes; e, sem dúvida, como ele era meu sogro, para se gabar de mim, já que eu era o primeiro homem branco a se casar com uma mulher de Small Malaita. Depois de entrar em uma enseada entre manguezais altos e caminhar um pouco pela lama, chegamos a uma casa onde não havia ninguém. Depois de uma curta caminhada pela selva até outra casa, encontramos o grupo de homens que procurávamos, abatendo um grande crocodilo.

Após as apresentações e sentar-me para mastigar mais um pouco de noz de bétele, fui informado de que eles estavam caçando um crocodilo responsável pela morte de um parente idoso algumas semanas antes. O crocodilo que estavam abatendo não era o responsável pela morte do idoso, mas eles estavam determinados a capturar o verdadeiro culpado. Um dos parentes de John me mostrou o cabo de aço e o grande gancho que usavam para capturá-los. Também mencionei o tema da cobra-diamante, fazendo perguntas sobre ela e onde vivia, e eles repetiram o que todos os outros tinham dito.

Ficamos lá por cerca de uma hora, enquanto John e seus parentes conversavam e eu me empanturrava de goiabas e outras frutas únicas do jardim deles. Antes de tudo isso, Steven havia me indicado que eles sabiam exatamente como chegar a essa cachoeira-lago e que me levariam até lá. Eu havia combinado com John que o deixaríamos de volta na aldeia e iríamos à cachoeira-lago do OVNI/Cobra-Diamante naquela tarde. Deixamos os parentes de John, que, aliás, estavam por toda parte, e o deixamos na aldeia; depois do almoço, partimos para a entrada subterrânea do OVNI, mais ao sul.

A trilha na selva que leva à entrada do OVNI fica a aproximadamente cinco quilômetros ao norte de Affiou, a principal cidade de Small Malaita. Ela começa atrás do que só poderia

chamar de aldeia familiar, onde deixamos o barco. Perto dali, há um pequeno prédio de uma missão católica. Embora a cachoeira-lago fique a apenas 1,6 km em linha reta nas montanhas da selva, há outro caminho para chegar até lá, seguindo o riacho em direção à cachoeira. Mas o caminho mais rápido é a trilha que leva ao topo daquela cordilheira. Levamos cerca de uma hora para atravessar o riacho e seguir em direção oeste até a cachoeira.

Pouco antes de chegarmos à cachoeira, encontramos as mais incomuns formações cristalinas brancas como a neve crescendo nas margens do riacho. Além disso, ficamos no topo da cachoeira e olhamos para o lago abaixo, que tem aproximadamente metade do tamanho de um campo de futebol. Os homens que estavam comigo disseram que este era o lugar onde ficava a casa da cobra voadora Diamond-Snake. Tirei algumas fotos e, depois de um tempo, voltamos para a trilha. Quando chegamos à passagem e ao barco, já era tarde da tarde, mas eu tinha outro plano: ver esses OVNIs em ação, entrando e saindo da montanha à vista de qualquer pessoa que quisesse vê-los.

Um pouco adiantado, do outro lado da passagem por onde a Serpente Diamante entrava e saía das montanhas, havia algumas casas pertencentes a pessoas que os homens conheciam. Então, enquanto eu pagava o aluguel do barco, atravessamos e encontramos o senhor idoso e sua família, perguntando se poderíamos ficar um pouco naquela noite até vermos a Serpente Diamantina voando pela encosta da selva, saindo de seu lar; isto é, se houvesse alguma voando por ali naquela noite. O velho concordou e então jantamos e mastigamos noz de bétele, conversando entre nós para passar o tempo. Steve e eu ficamos lá, enquanto o jovem levou o barco de volta à aldeia para avisar John que eu poderia chegar mais tarde.

Pouco depois das 21h, vimos a luz da esfera do OVNI a meio caminho da encosta da montanha, no lado oposto da passagem; depois, observamos-o voar em direção noroeste, na nossa direção, a uma velocidade estimada de 30 a 50 km/h. Era exatamente o mesmo tipo de OVNI que eu tinha visto em Guadalcanal. Era tudo o que eu queria saber! Embora não tivesse motivos para duvidar deles, pois quem poderia inventar

uma história que eu já sabia ser verdadeira por minhas experiências em Guadalcanal, tudo o que essas pessoas me contaram sobre a Serpente Diamantina era correto.

Um minuto depois, esse OVNI passou por nós e continuou seu caminho silenciosamente. Ainda hoje, qualquer pessoa pode ir a Small Malaita e ver esses OVNIs voando nas proximidades.

Seria uma ótima ideia se alguns desses mergulhadores fanáticos fossem a Small Malaita e a algumas outras cachoeiras-lagoas nas Ilhas Salomão e mergulhassem. Como são pessoas corajosas, talvez pudessem filmar e documentar o que encontrassem nas profundezas desses sistemas aquáticos. Isso se a força ocupante atual das Ilhas Salomão não descobrir o que eles estão fazendo lá e chegar até eles primeiro. Na verdade, pensando bem, eles deveriam ir às entradas/saídas subterrâneas de OVNIs no noroeste de Guadalcanal, no centro-leste de Kwara'ae e também no buraco sem fundo no recife de coral da mesma área.

Após esse episódio com os OVNIs, voltamos para a vila onde John e eu estávamos hospedados.

Durante os dias seguintes, John e eu percorremos muitos quilômetros desta grande ilha, de uma aldeia a outra, enquanto eu fazia outras descobertas muito incomuns.

Uma em particular: estávamos viajando há mais de duas horas para uma aldeia no interior da ilha e decidimos fazer uma pausa nesta casa que encontramos no meio do nada. O tempo tinha ficado bastante desagradável, com tempestades próximas e chuvas fortes contínuas, e o caminho era árduo e escorregadio pelas trilhas montanhosas da selva tropical. Essa casa solitária pertencia a outro parente de John. Enquanto descansávamos e esperávamos o tempo acalmar, o senhor idoso dono da casa me contou sobre um pequeno

que estava no alto da copa das árvores da selva. Como eu era piloto/engenheiro, isso me interessou e decidimos fazer um pequeno desvio para ver o avião. Depois de meia hora de caminhada árdua pelas trilhas da selva, atravessando riachos turbulentos e subindo cachoeiras, chegamos ao local.

Do chão, pude ver facilmente que era um Zero japonês ou um de seus primos, pairando alto na copa da floresta tropical. Enquanto inspecionava a aeronave com meus binóculos, pude definir o contorno do emblema redondo japonês e descobri que a aeronave estava intacta para restauração, considerando o tempo que passou no topo das árvores. Perguntei-me se o piloto ainda estaria sentado nela. Deve ainda lá estar, pois não tive mais notícias.

A única ideia que tive para recuperá-lo foi usar um helicóptero de transporte de troncos de uma das empresas madeireiras das Ilhas Salomão. É ilegal remover qualquer relíquia da Segunda Guerra Mundial das Ilhas Salomão. Depois de tirar algumas fotos, tivemos que partir, pois o dia estava acabando e ainda tínhamos um longo caminho a percorrer antes de chegar à vila onde passaríamos a noite. Se por acaso houver entusiastas da restauração de aeronaves interessados em aprofundar este assunto, não terão dificuldade em encontrá-lo, pois não fica muito longe do local onde se encontra a cascata-lago onde vivem as cobras-diamante.

No final da tarde, chegamos à aldeia, que por acaso era a maior da ilha, basicamente a capital e o local onde John nasceu. Ele queria me apresentar aos seus parentes e lá conheci a mãe de John e muitos outros parentes dele.

Foi uma noite bastante incomum, pois depois do jantar na casa da mãe de John, fomos convidados para a “Casa Tambu”, onde os rituais e as decisões eram tomadas pelos anciãos. Eles não recebiam a visita de nenhum homem branco há anos, com exceção de um grupo de pacifistas norte-americanos, que escaparam da retaliação por terem seduzido algumas de suas jovens mulheres. Diante de todos os

homens proeminentes desta grande aldeia, eu disse-lhes que, se alguma vez explorassem as suas granadas, que eram abundantes na ilha e arredores, teriam um rendimento substancial que poderiam usar para construir escolas, hospitais e estradas.
Eles não me ouviram, pois ainda hoje essas granadas permanecem lá, assim como a entrada de OVNIs para Deus sabe o quê.

Na manhã seguinte, descemos de volta à aldeia costeira onde passámos a maior parte da nossa estadia, por um trilho a oeste, que era um caminho muito mais rápido do que o sul por onde tínhamos vindo.

Como a maioria dos habitantes das Ilhas Salomão, achei o povo de Small Malaitan muito hospitaleiro e uma sociedade cultural orgulhosa e individualista. O tempo não estava melhorando e a chuva estava ficando torrencial, então ficou impossível ir a qualquer lugar. Dia e noite, ficávamos sentados conversando e os homens contavam algumas de suas histórias folclóricas, de experiências passadas com os gigantes ou "Mu-Mu", como são universalmente chamados nas Ilhas Salomão. Esse nome "Mu-Mu" sempre me parece mais do que uma coincidência, quando comparado à antiga civilização do Pacífico que se acredita ter existido e que se chamava "Mu".

Devido à chuva constante, foi uma sorte eu ter tido a precaução de comprar duas passagens aéreas de ida e volta para Honiara antes de sair de Guadalcanal; e como o tempo havia se transformado em uma chuva torrencial muito persistente, e também porque eu estava ficando cada vez mais cansado do desconforto contínuo no cóccix, decidimos voltar para Guadalcanal.

Partimos em uma canoa a motor antes do nascer do sol para que pudéssemos nos encontrar com o avião British-Norman Islander no aeroporto de Affi ou naquela manhã. Lembro-me de pensar com resignação, durante o voo de volta para Honiara, que embora não tivesse conseguido chegar às ruínas da antiga civilização e ao cemitério, que ficavam a cerca de 120 quilômetros ao norte, seria melhor reagrupar e tentar essa expedição em outra ocasião, de preferência com Festus, já que sua terra natal ficava mais perto das ruínas antigas.

CAPÍTULO VINTE

MAIS DO QUE OURO

Após nossa pequena estadia em Small Malaita, eu ainda estava me recuperando do acidente de moto, mas estava muito interessado em reunir qualquer informação relacionada a pedras preciosas nas Ilhas Salomão, pois mais uma vez me pareceu que eu era o único por perto que parecia entender que poderia haver bilhões e bilhões de dólares em pedras preciosas ali. E, como se viu, havia e ainda há! Seria interessante ver uma empresa tentar desenvolver isso!

Na época, John, meu sogro, trabalhava para o Ministério de Energia, Minas e Recursos Naturais como chefe do departamento de compras, o que era uma vantagem para mim, pois eu estava muito interessado em encontrar qualquer informação geológica documentada sobre Malaita, de preferência por geólogos brancos. A experiência anterior com o "episódio do petróleo e gás" nas Ilhas Salomão me ensinou que sua existência seria mais do que provável.

Com o passar das semanas, a pesquisa de John sobre o assunto descobriu que alguns geólogos britânicos haviam feito viagens de campo a Malaita no início da década de 1960, enquanto as Ilhas Salomão estavam sob um "mandato administrado pela Austrália". Isso foi um vislumbre de esperança para mim, embora ainda não tivesse sido encontrada nenhuma documentação.
Enquanto isso, Festus e todos os seus companheiros esperavam pacientemente que eu embarcasse na viagem para sua terra natal tribal, Kwara'ae, no centro-leste de Malaita.

O momento de alegria que atrasou minha segunda expedição a Malaita havia chegado:

Miriam entrou em trabalho de parto e estava no hospital para dar à luz nosso bebê. Ela ficou em trabalho de parto por três dias, até finalmente dar à luz um menino grande, que pesava 4,3 kg ao nascer. Ele estava vermelho como um lagostim quando o vi pela primeira vez. Eu o ergui para o céu e louvei aquele que permite que esses milagres aconteçam, e então o coloquei no peito de sua mãe.

Eu tinha lido um livro no pouco tempo livre que tinha, chamado "The Moon's a Balloon", de David Niven, no qual ele falava de seu bom amigo Errol Flynn, que teve algumas desventuras na Nova Guiné antes de lançar sua carreira de ator. Não conseguia pensar em um nome para nosso filho, então chamei esse pequenino de Errol, pois parecia ser o nome mais apropriado que consegui pensar naquele momento.

Enquanto tudo isso acontecia, eu sabia que, se os britânicos tinham enviado geólogos para trabalhar nas Ilhas Salomão, então em algum lugar deveria haver um registro de suas descobertas exploratórias. Pensei no depósito onde John trabalhava, que continha milhares de arquivos e documentos descartados; o mesmo depósito onde eu havia encontrado o documento "O Potencial Petrolífero das Ilhas Salomão". Certa manhã, depois de levar John para o trabalho e obter sua permissão discretamente, comecei o trabalho meticuloso, mais uma vez, de vasculhar essas montanhas de papéis desorganizados.

Eu já estava procurando há cerca de uma hora quando encontrei um livro azul lindamente encadernado com o título gravado em ouro: "A Geologia das Ilhas Salomão: Parte Um". Enquanto tirava a poeira da capa, comecei rapidamente a folhear o conteúdo e deduzi que deveria haver uma "Parte Dois" por ali também. Depois de procurar um pouco, encontrei-a na mesma área. Esses livros eram exatamente o que eu estava procurando. Decidi então pegá-los "em segredo". Coloquei-os na minha mochila, despedi-me de John e fui para casa.

Achei absolutamente incrível, mas nem um pouco surpreendente, que esses livros estivessem acumulando poeira por mais de trinta anos, em vez de serem bem utilizados. Ao chegar em casa, depois de brincar um pouco com Errol no colo,

comecei a procurar as informações que estava procurando.

Levei alguns dias para ler os dois. Alguns meses depois, eu realmente tinha esses livros valiosos comigo na Austrália, mas isso é outra história. Depois de fotocopiar as páginas relevantes relacionadas a Malaita e algumas outras ilhas de interesse, devolvi os livros a John para que ele pudesse levá-los de volta ao trabalho. Também me certifiquei de que ele os entregasse ao diretor de Energia/Minas para que os colocasse em sua estante, para que um dia, se alguém quisesse dar uma olhada, pudesse fazê-lo! Munido dessas novas informações, comecei a me preparar para a segunda viagem a Malaita.

Três geólogos fizeram viagens de campo individuais a Malaita entre os anos de 1958 e 1962, mas em todas as ocasiões os três quase perderam a vida, pois não eram bem-vindos. O Sr. Gropher, que era o geólogo-chefe da Pommie, teve mais problemas do que os outros. Houve uma ocasião em particular em que ele sobrevoava Malaita em um helicóptero Bell-47 (do mesmo tipo dos helicópteros da série "M*A*S*H") quando uma flecha atingiu o para-brisa e penetrou nas pás do rotor. Em outra ocasião, os malaios o marcaram como alvo e ele teve que passar muito tempo se escondendo em diferentes locais na área de Honiara. No entanto, as descobertas dos geólogos foram relativamente conclusivas.
Malaita tinha principalmente rochas vulcânicas à base de kimberlito, semelhantes às das minas de diamantes da África do Sul, Austrália e Sibéria. Eles também encontraram uma variedade de granadas coloridas, zircão, topázio e muito mais. Mas o que mais me interessou foi a declaração do Sr. Gropher de que "havia indicadores de todas as possibilidades de diamantes serem encontrados e que era necessário continuar a exploração para confirmar isso".

Infelizmente, essa exploração adicional nunca ocorreu, principalmente devido à retirada do geólogo pelo governo britânico em 1962, depois que o Sr. Gropher relatou a Londres sobre os OVNIs que havia testemunhado em sua viagem de campo a Kwara'ae, no centro-leste de Malaita, e à atitude relutante dos malaitanos em relação aos homens brancos e às mudanças. Além do esquecimento da questão das pedras preciosas, outra causa para isso foi a incapacidade dos governos das Ilhas Salomão de governar eficientemente

seu país e administrar de forma eficaz os recursos ilimitados que possuíam após terem conquistado sua independência.

Cerca de um ano antes disso, Michael, um dos filhos de Festus e então funcionário das minas, contou-me que uma Serpente Diamantina tinha voado de um lago na montanha da sua terra natal, Kwara'ae, e usado os seus olhos vermelhos para incinerar o seu avô, que, no final da tarde, regressava rapidamente ao jardim para ir buscar um utensílio de jardinagem que se tinha esquecido. O pai de Michael, Festus, que era um menino na época, testemunhou a morte de seu pai por esse OVNI. Naquela época, quando Michael me contou sobre o assassinato de seu avô, eu ainda sabia relativamente pouco sobre os gigantes ou OVNIs das Ilhas Salomão, mas isso certamente mudou mais tarde, quando fui morar em Cape Esperance, no noroeste de Guadalcanal.

Nas ocasiões em que visitava Festus, enquanto esperávamos para ir a Kwara'ae para a expedição de pedras preciosas, conversei muito com ele sobre esse incidente.

Minha esposa e eu alugamos outra casa em “The Borderline”, um subúrbio predominantemente “somente para malaios” em Honiara. Como único homem branco nesse subúrbio, às vezes refletia sobre minha sanidade mental ao pensar em como havia me mudado para um subúrbio com esse nome tão coincidente.

A proprietária da casa era uma mulher chamada Rosie, que morava em uma cabana de zinco galvanizado na beira do gramado da frente da propriedade. Ela era uma mulher robusta, conhecida e poderosa da tribo Kwaio, no centro-leste de Malaita. Por mais estranho que possa parecer, algumas pessoas de Kwaio acreditavam que ela era um homem no corpo de uma mulher e tinha poderes para fazer coisas mágicas. Pelas minhas experiências com ela, talvez eles estivessem certos. No entanto, com o tempo, Rosie me adotou como seu enteado e eu passei a conhecer muito bem essa mulher dura e combativa! Como já mencionei, por uma série de circunstâncias, ela agora é minha sogra.

O povo Kwaio é conhecido nas Ilhas Salomão por ser um dos mais ferozes e, geralmente, não é apreciado pelos outros habitantes das ilhas. Não era incomum acordar de manhã e ver uma dúzia deles sentados no gramado da frente da casa. Apesar da desaprovação da minha então esposa, que era de Lau, no norte de Malaita, e cujo pai era de Small Malaita, acabei conhecendo muito bem muitos desses Kwaio.

A terra do povo Kwaio é adjacente à terra de onde Festus e seu povo vieram em Kwara'ae. Um grande rio que atravessa a ilha separa as duas. Foi através de Festus e, mais tarde, da minha associação com o povo Kwaio, que descobri inicialmente que eles tinham uma grande quantidade de pedras preciosas em suas terras; embora, na época, eu não soubesse por que Malaita parecia ser a única ilha do Mar do Sul a ter essas pedras preciosas. Essa descoberta veio mais tarde: a placa tectônica Ontong Java!

Uma parte do povo Kwaio vive de acordo com um conjunto de trinta e seis mandamentos, que eles chamam de “Kwaio Fadunga”. Esses mandamentos nunca devem ser quebrados e, se forem, a punição é, na maioria das vezes, rápida e às vezes fatal, o que me lembra um incidente específico.

Como expliquei, vivíamos numa área predominantemente malaitana. Quando casei com Miriam, por ser branco, o meu sogro dispensou o costume malaitano de pagar um dote, pois sem dúvida tinha em mente que me iria explorar enquanto pudesse. Estes dotes podem chegar aos milhares de dólares e, quando entregues, são testemunhados por todos. Mas, como isso não se aplicava ao meu caso, causou um problema, que era o fato de nosso filho Errol não fazer parte de nenhuma tribo malaitana específica. Vou tentar explicar por quê.

Os filhos desses casamentos, às vezes arranjados e “pagos”, seguem a herança do pai. Para eles, Errol é um malaitano das Ilhas Salomão

, mas naquela época seu status era incerto. Para os ocidentais, isso pode não parecer um grande problema, mas para os malaios, a identidade social e os costumes tribais são tudo...

Durante semanas, Rosie esteve me incomodando sobre a questão da identidade social de Errol e sobre a autoindulgência e ganância do meu sogro quando se tratava de me extorquir dinheiro. Eu estava moralmente encurralado e finalmente percebi que algo precisava ser feito. Outra consideração, e mais importante, era Errol! Por motivos pessoais, eu não queria que ele crescesse na Austrália e sabia que ele precisaria de algum tipo de identidade social tribal malaitana. Embora estivesse ocupado com outras coisas, isso precisava ser resolvido, mesmo que fosse muito inconveniente e inoportuno.

A solução que todos nós chegamos foi que eu teria que ser iniciada na tribo Kwaio, e então os chefes de Kwaio Fadunga pagariam ao meu sogro pelo meu casamento, conforme o costume. Isso significava que, segundo o costume de Malaitan, Errol seria para sempre conhecido como pertencente à nação Kwaio, o que também tinha outras implicações. Mas ele tinha que pertencer a alguém! Olhando para trás agora, foi uma decisão muito difícil.

Após algumas conversas entre Rosie e outras pessoas, foi enviada uma mensagem aos Kwaio de Malaita para que o chefe supremo, o chefe Miner Adne, e alguns dos chefes de Kwaio Fadunga viessem a Honiara para a minha inauguração. A notícia da primeira iniciação e festa de um homem branco espalhou-se por toda a parte. A cerimónia seria realizada no jardim da frente da nossa casa.

John, meu sogro na época, e minha esposa não gostaram da ideia do que estava acontecendo, embora eu já tivesse começado a preparar o banquete, no qual era costume servir porco. Como havia muitas bocas para alimentar, decidi “ir para a mata” e caçar alguns. Que dia foi aquele! Todos os envolvidos se divertiram muito e voltamos para casa com três porcos de tamanho razoável. Naquela noite, a notícia foi enviada e fui convocado para ir encontrar o chefe Miner Adne em seu quartel-general Kwaio, em Honiara.

Este chefe em particular é um homem distinto, com uma presença majestosa. Nosso primeiro encontro cordial resultou em eu sentar-me na presença dele enquanto outros liam as longas trinta e seis regras do "Kwaio Fadunga". Devo admitir que, embora os cristãos tenham dez mandamentos, o "Kwaio Fadunga" segue um tema semelhante, exceto que são trinta e seis e há punições recomendadas caso você os quebre. E, na minha opinião, algumas dessas punições são um pouco exageradas.

As mulheres e os homens acordaram cedo na manhã seguinte, cozinhando e preparando-se para o banquete do final da tarde. Para acalmar os nervos e criar um clima mais parecido com um churrasco, comprei algumas cervejas, o que não era habitual. Para fazer uma mesa na grama, usamos telhas novas de ferro galvanizado. Os chefes e seus acompanhantes foram chegando ao longo da tarde, até que o chefe Miner Adne e seus companheiros chegaram. Com uma dúzia de chefes sentados à minha frente, o chefe Miner Adne sentou-se à minha esquerda e Miriam e Errol, descontentes, à minha direita. O chefe Miner Adne fez um discurso sobre o motivo da reunião, após o qual as mulheres começaram a trazer a comida. Todos nós tivemos um grande banquete e acabou sendo um dia excelente em mais de um sentido.

O chefe mineiro Adne também aceitou meu convite para passar a noite em minha casa com seus seguidores. Naquela noite, uma enorme tempestade se abateu sobre Honiara e a energia foi cortada, novamente. Foi durante essas horas que, à luz de uma lanterna a querosene, o chefe mineiro mostrou um grande livro com uma lista de 1.557 nomes de homens, mulheres e crianças que os governos coloniais britânico-australianos haviam matado, ou que morreram posteriormente, como resultado do genocídio Kwaio de 1927. Ele ficou bastante emocionado ao me explicar o assunto.
É compreensível, claro!

Pesquisei o que realmente aconteceu durante esse período de genocídio. Resumidamente, tudo se resumiu à resposta dos governos britânico e australiano à morte de um homem, o Sr. William R. Bell, então Comissário Distrital de Malaita. Em vez de levar seu assassino à justiça, o governo australiano

enviou o HMAS Adelaide com várias centenas de soldados da polícia militar para o porto de Sinalagu, em Kwaio, e os deixou à vontade. O que aconteceu depois disso é absolutamente repugnante e, sem dúvida, a razão pela qual os sucessivos governos australianos têm feito todos os esforços para encobrir esta mancha horrível na história da Austrália.

Para aqueles que não conhecem a história, o falecido professor Roger Keesing, que foi chefe do Departamento de Antropologia da Universidade Nacional Australiana por 17 anos, explica bem no livro "Lightning Meets the West Wind" (O Relâmpago Encontra o Vento Oeste), que, aliás, pode ser comprado na Amazon.

Para aqueles que estiverem interessados: em 1927, o então comissário distrital de Malaita, Sr. William R. Bell, aumentou o imposto de renda anual dos malaitanos de um centavo para vinte. Para esses nativos, muitos dos quais nunca tinham visto um homem branco antes, era inconcebível imaginar pagar vinte vezes mais impostos, quando mal conseguiam encontrar um desses objetos redondos de metal. A maioria das pessoas nem sabia qual era o valor de um centavo.

O comissário distrital, que infelizmente para ele também era cobrador de impostos, tinha descido a costa leste de Malaita para cobrar impostos e parou no porto de Sinalagu, em Kwaio, para cobrar também os impostos daquela região. Ele estava sentado em um campo aberto atrás de uma mesa, com dois policiais armados das Ilhas Salomão a cada lado. Enquanto ele cobrava os impostos, dois homens Kwaio dispararam flechas da multidão, matando o comissário instantaneamente com flechas no pescoço e no peito. Os policiais nativos dispararam suas armas 303 contra eles, mas os assassinos fugiram para a selva próxima.

A notícia do assassinato do comissário distrital chegou à Austrália e a Londres e, algumas semanas depois, o HMAS Adelaide, um cruzador pesado australiano, chegou ao porto de Sinalagu e começou a disparar seus canhões pesados contra o coração do território Kwaio. Durante três dias e três noites, eles apontaram seus canhões pesados para o interior e bombardearam a área. Após esse bombardeio, enviaram centenas

soldados de infantaria para o interior para matar todas as pessoas à vista. Infelizmente, a polícia australiana interpretou as ordens como “Façam o que quiserem com eles, mas exterminem-nos”, o que resultou em massacres, enforcamentos em massa de homens, mulheres e crianças, estupros de mulheres, envenenamento de plantações e outras coisas que hoje consideramos “crimes contra a humanidade”. Quando essa matança terminou, centenas de homens, mulheres e crianças Kwaio estavam mortos.

Esta mancha vergonhosa na história australiano-britânica nunca foi divulgada publicamente ao resto do mundo na época e, na verdade, o público australiano ainda não tem conhecimento de que isso aconteceu. Consequentemente, devido a este assassinato em massa bárbaro, o povo de Kwaio dispersou-se pelas Ilhas Salomão e, desde então, nutre um profundo ressentimento em relação ao homem branco.

Enquanto essa terrível matança acontecia, o duque de York e sua esposa viajavam pelo mar em direção a Sydney para inaugurar oficialmente o parlamento em Canberra. Ironicamente, uma semana depois, enquanto a realeza inaugurava o novo parlamento, o HMAS Adelaide e alguns outros navios subiam o rio Brisbane, com milhares de curiosos aplaudindo e lançando serpentinas, todos sem saber o que esses assassinos acabavam de fazer.

Cuidado com qualquer homem branco que pensasse que poderia andar livremente por Kwaio ou, aliás, por qualquer parte da ilha de Malaita sem a permissão dos proprietários tradicionais da terra.

Certa manhã, alguns dias após minha festa de iniciação, Rosie, o chefe mineiro Adne, três outros chefes e eu fomos à casa do meu sogro para pagar pelo meu casamento. Rosie deixou bem claro para mim que eu não deveria dizer uma palavra, apenas observar, o que eu fiz. Um dos chefes colocou 4.000 dólares solomonianos no chão, na frente de todos, seguido por duas oferendas de conchas Kwaio, avaliadas em 800 dólares cada. O dote foi contado por John para garantir que estava correto, após o que o chefe mineiro Adne explicou a John o significado de tudo isso para Errol.

devo admitir que um sentimento de tristeza tomou conta de mim durante esse momento. Durante a imposição da lei, o chefe Miner Adne explicou que Errol agora pertencia à tribo Kwaio e era protegido pelas leis Kwaio Fadunga, o que John já sabia que aconteceria. Foi assim que resolvi a crise de identidade de Errol nas Ilhas Salomão antes mesmo que ele soubesse que tinha uma.

Durante essas semanas, quando eu ainda estava me preparando para minha expedição geológica, havia um homem Kwaio muito idoso que vinha visitar Rosie de vez em quando. Anteriormente, eu tinha sido generoso com esse homem corcunda, dando-lhe dinheiro e itens para ajudá-lo sempre que o via. Às vezes, quando o via caminhando, eu o colocava no banco de trás do carro e lhe dava uma carona.

Em uma ocasião específica, durante uma conversa, esse senhor me disse que havia trazido algo que queria que eu visse. Ele então tirou uma pepita de ouro do tamanho de uma bola de tênis de sua bolsa e me mostrou para que eu a examinasse. Um pouco surpreso, enquanto autenticava a pesada pepita, perguntei-lhe onde ele a havia encontrado. Ele me disse que a havia encontrado há muito tempo em Kwaio, perto de sua aldeia. Ele também me disse que não sabia o que era, mas decidiu ficar com ela porque era bonita e muito maior do que as outras que já tinha encontrado. Consequentemente, fomos à cidade e vendemos a pepita por um preço razoável a um senhor chinês, e depois disso nosso velho corcunda nunca mais ficou sem dinheiro. Estranhamente, ele não queria dinheiro em papel, apenas moedas. Rosie organizou tudo para ele e cuidou de suas finanças a partir de então. Mais importante para mim na época era que, embora eu soubesse que uma das maiores concentrações de depósitos de ouro do mundo estava sendo explorada para mineração em Guadalcanal, agora essa pepita era um indicador de que também havia ouro em Malaita. Decidi que, enquanto estivesse lá, teria que ficar de olho nisso também.

Antes de voltar aos detalhes da minha expedição geológica, por volta dessa mesma época, ocorreu um incidente que teve consequências circunstanciais positivas e, se eu tiver mais a ver com isso, espero que muitas outras ainda venham.

Um dia, eu e outro John, marido de Rosie, que também me considera seu filho adotivo, estávamos sentados à sombra em frente à casa, tomando algumas cervejas, quando uma adolescente veio correndo em nossa direção carregando o que parecia ser o corpo de uma menina de sete anos sem vida...

Colocamos a menina em nossa esteira de palha na grama. Seu coração batia, seus olhos estavam fixos e dilatados, mas ela não respirava nem se movia. A essa altura, uma pequena multidão havia começado a se reunir. Enquanto isso acontecia, ela defecou. John discretamente se certificou de que ninguém visse. Miriam começou a gritar para todos ao redor para chamarem rapidamente o feiticeiro que morava na mesma rua. Eu disse a ela para calar a boca! Felizmente, eu tinha prestado atenção em alguns dos meus cursos de primeiros socorros da Força Aérea. No meio do pânico controlado, perguntei à babá adolescente o que estava acontecendo. As meninas tinham acabado de comer pudim de arroz no almoço na casa de um parente e pegaram o ônibus na parada em frente à nossa casa, quando a menina começou a ter convulsões e a sufocar, vomitando arroz. A adolescente me disse que achava que era um ataque de malária!

Coloquei o cabo da minha escova de cabelo de plástico entre os dentes dela para que ela não me arrancasse os dedos e tentei tirar o máximo de arroz da boca da menina e, por alguma razão, como se estivesse em piloto automático, virei-a de costas, coloquei sua cabeça para trás e, com um empurrão forte no centro do peito, a pressão do ar restante em seus pulmões fez com que sua traqueia e esôfago expelissem uma fonte de arroz de um metro e meio de altura pela boca. Imediatamente, a menina respirou fundo de forma impressionante, mas ainda não estava tudo acabado. Com ela deitada no meu colo, no banco de trás do carro, John provou ser um bom motorista de ambulância. Em algumas ocasiões, a menina parou de respirar novamente e eu forcei respirações profundas em seus pulmões com RCP.

Ao chegar ao pronto-socorro, corri para dentro com ela, chamando por um médico. Felizmente, o brilhante médico das Ilhas Salomão Ocidentais, de quem eu gostava muito, estava lá naquele momento, e foi maravilhoso ver esse homem talentoso entrar em ação. As enfermeiras já estavam aspirando os tubos internos da menina quando ele chegou e imediatamente pediu algum tipo de injeção. E como tudo parecia sob controle,

John e eu fomos para casa para descansar e retomar o que estávamos fazendo antes de sermos interrompidos.

Naquela noite, voltamos ao pronto-socorro e encontramos a menina sentada e conversando com a família. Quando entramos, o médico não se conteve e disse algo parecido com isto aos pais dela: “É isso aí! Olhem, seus idiotas! Se não fosse por este homem branco, esta menina estaria morta, como tantos outros. Vocês sempre correm para os seus feiticeiros achando que as mentiras deles podem ajudar”. O pai, um homem grande e corpulento, apertou minha mão, agradecendo, e nós fomos embora.

Cerca de uma semana depois, numa manhã, notei que, na estrada acima da casa, homens estavam colocando postes de telefone, então fui perguntar o que estava acontecendo. Eles me disseram que o chefe da Telekom Communications das Ilhas Salomão, pai da menina que eu tinha acabado de salvar, tinha mandado instalar um telefone para mim, algo que eu vinha tentando conseguir há meses. Aparentemente, nos seis meses seguintes, esse telefone foi muito usado para ligações para todas as partes do mundo, acumulando milhares de dólares em chamadas.

Mas a história não termina aqui; na verdade, é apenas o começo do que me levou a investigar por que alguns habitantes das Ilhas Salomão nunca mais contraem malária, depois de beberem apenas uma vez uma mistura de sucos da floresta que alguns deles preparam para vender. Vale ressaltar que, por alguma razão, nunca tive malária, mas já vi os efeitos da doença.

Durante aquela semana, após o “ataque de malária do arroz” da menina, encontrei Big John, agora chefe de Kwara’ae, e contei-lhe o que tinha acontecido à menina. Ele disse-me: “Eu já não tenho malária!”

“Ah, sim! Como assim?”, respondi. E então ele me contou sobre o remédio.

John, como muitos habitantes das Ilhas Salomão, tinha contraído um dos três tipos de malária duas vezes por ano, até aos 32 anos. Foi nessa altura que o seu tio lhe deu uma garrafa de 375 ml de um "sumo da selva" antimalárico para beber e, desde então, os parasitas da malária nunca mais reapareceram, nem em mais ninguém que bebesse este remédio. Existem vários milhares de habitantes das Ilhas Salomão que podem confirmar que este remédio da selva "desconhecido do mundo moderno" não é apenas um tratamento para qualquer tipo de malária, mas também uma cura; e, na minha opinião, poderia ser transformado em uma injeção ou comprimido.

Se o que estou explicando é verdade, então isso poderia muito bem ser, para a humanidade, o início da erradicação definitiva dessa doença maligna. Como não sou assinante de revistas científicas de renome e não tenho doutorado, ver 2,5 milhões de pessoas morrerem por ano sabendo muito bem onde encontrar a cura é absolutamente angustiante.

Para alguns dos criadores desses compostos que curam a malária, não é tão difícil imaginar que homens brancos possam transformar sua cura da selva em um medicamento utilizável em todo o mundo. Mas quando finalmente me decidi, depois de enviar 102 e-mails para todas as organizações do mundo que eu achava que poderiam estar interessadas, dizendo que sintetizar essa combinação milagrosa de ingredientes da selva poderia ser uma possibilidade, descobri que os mesmos bastardos malignos que estão encobrindo os OVNIs, os gigantes e tudo o mais não querem a cura para a malária, pois suas multinacionais farmacêuticas perderiam centenas de bilhões de dólares. E está nos planos exterminar o Terceiro Mundo de qualquer maneira.

Durante esse mesmo período, meu bom amigo Joseph, de Guadalcanal, foi para Tangarare, na Costa do Tempo, por alguns meses para, entre outras coisas, reforçar a atitude das pessoas em relação ao desenvolvimento de suas minas de ouro. Mais tarde, porém, uma guerra étnica mudou tudo isso.

Enquanto isso, Festus estava morando em sua casa em “The Borderline”, então eu mantinha contato próximo com ele. Ao discutir novamente o assunto do Sr. Gropher com ele, ele mostrou uma página antiga escrita à mão, que o Sr. Gropher lhe dera cerca de 35 anos antes, que nomeava as pedras preciosas que ele havia encontrado em Kwara’ae, terra natal de Festus, no centro-leste de Malaita. Na breve e inteligente nota, mencionava-se que, sem dúvida, poderiam ser encontrados diamantes, em particular diamantes negros. Como se veio a verificar, o Sr. Gropher estava certo.

Tudo estava começando a parecer uma caça ao tesouro para mim. Michael, filho de Festus, que naquela época havia se tornado adventista do sétimo dia, estava me irritando com seus sermões e conselhos contínuos. Ele achava que agora era um mensageiro de Deus. Mesmo antes das minhas experiências com OVNIs no noroeste de Guadalcanal e Malaita, minha crença nas religiões criadas pelo homem estava começando a diminuir. Em vez disso, eu e outro amigo de Malaita, cujo nome não vou revelar para sua própria proteção, formulamos um plano: enquanto eu estivesse em Malaita na minha excursão em busca de pedras preciosas, nos encontraríamos secretamente em Auki e iríamos ver os restos da civilização perdida de Ramo.

Quanto à questão dos fundos para a expedição, como eu era a única pessoa com dinheiro, dei a este homem o suficiente para a passagem de ida e volta para Malaita, além das despesas de viagem. Se você é um homem branco nas Ilhas Salomão e tudo o que tem é uma moeda para esfregar entre os dedos, todos ainda pensam que você é um multimilionário. Também financiei Festus e cinco outras pessoas para a expedição.

Enquanto isso, minha esposa estava muito ocupada com o pequeno Errol, que, para minha alegria, revelou-se um menino feliz e de temperamento dócil. Não era incomum eu chegar em casa após um longo dia e encontrar metade da tribo sentada na minha sala, o que muitas vezes me irritava. Eu queria relaxar e ficar com minha esposa e meu filho às vezes. Isso me lembra um incidente específico que aconteceu quando eu estava alugando a “casa infestada de crocodilos”.

Certa noite, como não havia televisão nas Ilhas Salomão, decidi assistir a um vídeo. Da maneira como as cadeiras da sala estavam dispostas, não era possível ver a porta da frente atrás de mim. Na metade do filme, enquanto comia um grande banquete de lagosta, tive a sensação incômoda de que estava sendo observado. Quando olhei por cima do ombro para tranquilizar meus sentidos, vi algumas dezenas de ilhéus da aldeia local, todos em pé no fundo da minha sala. Eles haviam entrado silenciosamente, sem serem convidados, para assistir ao filme e, consequentemente, transformaram minha casa em um cinema. Como era a primeira vez que a maioria deles via uma televisão, não fiz questão. Mas o mais estranho de tudo foi que, quando o filme terminou, todos começaram a sair silenciosamente, de maneira ordeira, sem dizer uma palavra. Mais tarde, a experiência me ensinou que esse tipo de ocorrência incomum deveria ser tratado como normalidade. Lembro-me de às vezes desejar sinceramente poder ter um dia sem nenhum incidente bizarro e fora do comum.

CAPÍTULO VINTE E UM

ONDE HÁ VONTADE, HÁ UM CAMINHO

Finalmente, chegou o dia em que todos partiríamos de navio para Auki, a capital de Malaita. Embora eu não tivesse contado a Miriam sobre meu plano secreto com meu amigo de Malaita, ela não queria que eu fosse de qualquer maneira e, pelo que me lembro, foi bastante inflexível quanto a isso. Apesar disso, Festus, eu e nossos outros companheiros nos encontramos no cais do porto de Honiara na hora combinada para embarcar no "Ramus II". Meu amigo malaitano também havia chegado e confirmamos nosso plano de nos encontrarmos em Auki em duas semanas.

Antes disso, fiz algumas perguntas sobre que tipo de navio era o Ramus II, pois não tinha intenção de repetir a viagem que fiz da primeira vez que fui a Malaita. O navio parecia um transatlântico de um quarto do tamanho real visto de fora e, embora estivesse um pouco gasto, parecia estar em condições de navegar. Então, depois de nos despedirmos, embarcamos e abrimos caminho entre a multidão de algumas centenas de pessoas até nossa posição predeterminada na parte superior traseira do navio. Esse local foi escolhido apenas por razões de segurança.

Havia um ar de importância em relação ao objetivo da nossa missão e a viagem para Auki foi basicamente tranquila, com exceção de duas horas em que o navio balançou violentamente de um lado para o outro nas ondas gigantes de mais de 20 metros entre Guadalcanal e Malaita. Mais de uma vez, o navio chegou a um ângulo de 45 graus em relação ao horizonte. Isso fez com que todos os passageiros que não estavam se segurassem em algo ou não tivessem assentos bem presos, deslizassem para frente e para trás de um lado ao outro do navio.
Houve algumas ocasiões em que pensei que todos iríamos morrer.

Eu estava deitado no chão de aço atrás de Festus e de outras quatro pessoas, que estavam sentadas em um banco de plástico que não estava preso ao convés. Eu assistia a um vídeo distante em uma tela de TV durante todo o balanço do navio, quando, de repente, os cinco homens sentados à minha frente deslizaram para a esquerda, sem atingir ninguém, e, como se programados, pararam suavemente, a poucos centímetros de bater na grade de aço sólida do convés superior traseiro. Quando o navio balançou para o outro lado, todos os cinco voltaram rapidamente por mim até a outra grade, antes de parar exatamente da mesma forma que eu tinha visto do outro lado. Quando o navio balançou mais uma vez, todos os cinco chegaram a poucos centímetros de onde haviam partido.

Durante o resto da viagem, embora o mar ainda estivesse muito agitado, as cadeiras deles nunca mais se moveram, e eu continuei assistindo ao vídeo como antes. Achei intrigante a física por trás do fato de esses cinco homens não terem se machucado nem machucado os outros e, mais tarde, ao considerar outras cadeias de eventos, descobri que poderia ter sido o velho Festus quem impediu que ele e seus filhos colidissem com as paredes de aço do navio.

Poder espiritual! Como um mago! Na verdade, parecia bastante engraçado na altura. Os tanques de lastro estabilizadores do navio devem ter trabalhado horas extras nessa ocasião. Quando voltei às Ilhas Salomão em 2002 e descobri que Festus tinha falecido meses antes, levei algum tempo, durante o qual outras coisas aconteceram, antes de me reconciliar realmente com o que tinha sido o meu primeiro encontro com ele. Tinha mudado para sempre o futuro das Ilhas Salomão...

O navio chegou à “cidade de Auki” por volta das 23h e fomos recebidos por um dos filhos de Festus, que estava esperando nossa chegada em uma caminhonete velha e enferrujada. Festus apontou para um caminhão de quatro toneladas parado e me disse que ele nos levaria para sua terra natal, Kwara’ae, na tarde seguinte. Depois de subir na parte traseira da picape em mau estado, atravessamos a cidade com um único poste de luz até a casa do filho dele, a alguns quilômetros fora da cidade. Então, comemos algo

e depois fui dormir em uma pequena cabana que me foi designada. Embora não tivesse colchão, os lados dos meus quadris e joelhos haviam se tornado totalmente imunes à dor de dormir em superfícies duras. Após o período inicial de um mês de adaptação dolorosa, posso garantir que seus quadris ficam dormentes e você não sente mais nada.

Depois de comer algo na manhã seguinte, decidi dar uma volta por Auki, já que tínhamos algum tempo livre antes da nossa partida e eu estava curioso para conhecer a cidade de que tanto tinha ouvido falar. Não pudemos pegar emprestada a velha picape, pois ela pertencia a outro senhor que não estava lá naquele momento, então Festus designou um de seus filhos para me acompanhar até a cidade e me mostrar os arredores. Festus sempre teve uma atitude paternal e protetora comigo. Enfim, enquanto caminhávamos pela rua, chamei um táxi e, depois de perguntar "Quanto custa?", entramos e começamos a passear por Auki como turistas. É uma cidadezinha bonita, construída em colinas onduladas e muito mais organizada do que Honiara. Enquanto visitava os pontos turísticos, encontrei várias pessoas que conhecia de Guadalcanal. Também notei a ausência de pessoas de Guadalcanal. Isso se devia ao fato de que elas não eram bem-vindas em Malaita, embora os malaitanos vivam em Honiara.

No fundo da minha mente, estava o pensamento de que também precisava providenciar o aluguel de um barco para minha missão secreta às antigas ruínas da civilização perdida. Ir por terra estava fora de questão, pois isso chamaria muita atenção para o motivo da minha viagem a Malaita do Norte. Depois de abandonar o táxi, enquanto continuava a percorrer a cidade a pé, encontrei um amigo de Honiara que era dono de uma pequena empresa de transporte em caminhões e tinha alguns barcos de fibra de vidro com motor. Depois de algumas cervejas na casa dele, fechamos um acordo para alugar um dos barcos quando eu voltasse de Kwara'ae. Eu disse a ele que estava interessado em fazer alguns passeios turísticos, o que era verdade. Como nossa partida às 14h se aproximava rapidamente, ele nos levou de volta para pegar Festus e os outros, depois nos deixou no caminhão que nos levaria à terra natal de Festus.

Enquanto esperávamos o caminhão partir para a viagem de cinco horas, começou a chover e não parecia que iria parar. Eu tinha colocado minha capa de chuva com capuz

, mas como íamos sentar na parte de trás do caminhão, que não tinha cobertura, parecia que ainda assim seria uma viagem muito desagradável.

Além de ficar completamente encharcado, o caminhão atolou várias vezes e, em uma ocasião, ao atravessar uma ponte sem guardas de proteção sobre um vale profundo, quase escorregou das tábuas. A estrada montanhosa que atravessava a selva tropical havia se transformado em um atoleiro de lama. No entanto, nenhum dos cerca de vinte passageiros parecia reclamar, pois estavam acostumados a esse tipo de dificuldade. Na metade da viagem, devido ao mau tempo, insisti para que Festus se sentasse dentro da cabine do caminhão.

Finalmente, por volta das 2h da manhã seguinte, com a chuva torrencial continuando, desembarcamos na beira da estrada na escuridão total da noite.
Enquanto observava os faróis do caminhão desaparecerem, lembro-me de pensar: "O que estou fazendo aqui?" Com nossas lanternas iluminando o caminho à nossa frente, nós seis entramos no mato por uma trilha por uma curta distância, até finalmente chegarmos a uma grande cabana.

Eu estava mentalmente exausto, assim como todos os outros. Todos começamos a nos aquecer ao redor da fogueira que o dono da cabana havia acendido para nós. Para piorar a situação, ao procurar roupas secas na minha mochila, descobri que meu saco de dormir estava encharcado. Depois de trocar de roupa e comer um pouco de taro, deitei-me em uma cama de bambu e adormeci desconfortavelmente.

Ao amanhecer, fui acordado pelo movimento e pela conversa dos homens. Depois de dar bom dia, dei uma olhada fora da cabana e fiquei aliviado ao ver que o tempo havia mudado para um dia ensolarado e claro.

Festus me disse que iríamos para uma aldeia mais adiante. Depois de guardar todas as

minhas coisas molhadas na mochila, partimos para uma curta viagem por uma trilha na selva.

A aldeia tinha pouco mais do que uma dúzia de cabanas e a nossa chegada fez com que todos os habitantes viessem cumprimentar-nos. Todas as crianças estavam particularmente interessadas em mim devido à minha pele branca. Eu era o primeiro homem branco a visitar a região em muitos anos. O ancião da aldeia era primo do Festus; na verdade, acho que todos eram, muito provavelmente. Após as apresentações, ele deu-me um quarto na sua grande cabana para eu guardar a minha mochila. Algumas mulheres já haviam cuidado de todas as minhas roupas molhadas. Como eu ainda estava cansado por ter dormido pouco e sabia que eles queriam conversar sobre o motivo da minha presença ali, decidi dormir um pouco mais.

Cerca de uma hora depois de ter cochilado, fui acordado pelo som alto de um tambor de madeira oca da selva. Em menos de um minuto, ouvi outro tambor à distância responder com algum tipo de pergunta/mensagem. O tambor próximo então começou a tocar novamente.
com uma resposta. Então, outro tambor começou a bater em uma direção diferente. Essa agitação continuou por mais de 15 minutos. Nessa altura, eu já tinha saído para descobrir o que estava acontecendo. Festus me disse que todos os anciãos e proprietários de terras da região estavam a caminho para que eu pudesse conversar com eles.

Ninguém me disse que eu teria que falar em público! Eu estava lá apenas para fazer uma exploração geológica. Achei um pouco difícil voltar a dormir, enquanto pensava no meu discurso iminente e em como eu estava absolutamente sem dinheiro para a viagem que estava prestes a embarcar, mais uma vez.

Lembro-me de ter olhado para o relógio depois que Festus me sacudiu o ombro para me acordar e me dizer que era hora de eu ir falar na reunião com todos aqueles senhores. Já eram 11h30.

Havia uma extensão na cabana de palha bastante grande em que eu estava, usada para essas reuniões. Com Festus à frente, entrei pela porta e encontrei mais de cinquenta homens sentados em silêncio no chão, todos voltados para a frente do prédio e concentrados em minha presença.

O povo Kwara'ae também é conhecido por ser uma multidão rude e feroz, capaz de massacrar alguém pelo motivo mais trivial.

Festus me conduziu até uma posição na frente de todos, onde havia uma pequena caixa de madeira; obviamente algo colocado ali para eu me sentar. Por mais que não estivesse acostumado a falar em público, decidi dar tudo de mim e começar do início. No fundo da minha mente, estava a experiência do Sr. Gropher. Também percebi que precisava ser muito diplomático em tudo o que dissesse. Isso poderia arruinar qualquer chance de desenvolvimento da mineração na área, já que eu era o primeiro homem branco com quem essas pessoas tinham contato em relação a essa questão.

Os habitantes das Ilhas Salomão às vezes têm uma atitude possessiva e infantil em relação a qualquer coisa que consideram valiosa. Um exemplo claro disso é quando os católicos tiveram o primeiro contato com os habitantes das ilhas.

No início da década de 1890, um bispo católico alemão da Austrália foi designado para tentar introduzir o catolicismo nas Ilhas Salomão. Com seu alto veleiro, ele foi primeiro para Tangarare, em Guadalcanal, mas foi recebido com hostilidade e perdeu alguns membros de sua tripulação. Determinado a prosseguir e construir sua missão, ele decidiu tentar o povo mais pacífico da ilha de Santa Isabel.

O então chefe supremo não ficou muito entusiasmado com a sua presença e intenções e, após cerca de um mês, mais alguns membros da sua tripulação foram mortos em escaramuças. Ainda determinado a não desiludir o Papa, o bispo voltou

para o noroeste de Guadalcanal, desta vez com uma nova estratégia para influenciar as mentes desses nativos primitivos. Mas as notícias das tentativas do bispo em Tangarare já haviam chegado lá. Quando chegaram à costa, o bispo primeiro enviou um de seus ilhéus à terra para dizer à multidão que o esperava que ele desejava se encontrar com o grande chefe. A reunião proposta foi aceita.

Quando o bispo chegou à praia e caminhou em direção ao chefe, ele ergueu uma garrafa de vidro comum ao sol (como uma garrafa de rum), oferecendo-a como presente ao chefe. Aceitando este presente precioso do Deus do homem branco, o chefe ficou tão impressionado com sua nova posse que apontou com o braço para o leste e para o oeste, indicando a terra que o bispo poderia usar à vontade para construir a igreja do Papa. O chefe então enterrou sua nova garrafa de vidro atrás de sua cabana para que ninguém pudesse roubá-la. O bispo então construiu sua missão, que ainda está de pé hoje. Cem anos depois, os católicos venderam esse grande terreno nobre por um lucro de muitas dezenas de milhões de dólares.

A importância do meu discurso ainda pesava em minha mente, então, com um punhado de várias pedras preciosas que Festus me deu, comecei a falar em inglês pidgin, cumprimentando todos e indo direto ao ponto, explicando o que eram essas pedras vermelhas, azuis, verdes e brancas e que elas tinham um grande valor econômico e futuro para todos eles.

Como parte do meu discurso de abertura, também os instruí sobre como essas pedras foram formadas e como o lençol freático sob Malaita estava fazendo com que elas fossem levadas para todos os seus sistemas fluviais a partir dos muitos tubos vulcânicos extintos encontrados por toda a ilha. Isso fez com que muitos deles murmurassem entre si por um tempo. Expliquei que, embora um homem branco tivesse estado na área cerca de 35 anos antes, era necessária uma exploração mais aprofundada para descobrir que outros tipos de pedras existiam, quantas eram e a sua localização.

Havia um senhor idoso em particular que decidiu me dar um trabalho, me interrogando com perguntas negativas durante a tarde.

longa sessão. É bastante difícil explicar a abordagem que tive de adotar para lidar com esta situação. Foi um pouco como tentar tirar um doce a uma criança para o seu próprio bem. Expliquei que, se encontrasse grandes quantidades dessas pedras, que me tinham dito que existiam, os benefícios económicos para todos eles poderiam ser enormes. Mencionei a construção de hospitais, escolas, estradas e coisas do género.

Em vez de pensarem que se tratava de uma discussão para o seu próprio bem-estar futuro, tive de persuadir continuamente os aldeões a abandonarem a sua forma ingénua de pensar e explicar-lhes que estava ali para negociar em nome de todos os homens brancos. A certa altura, perdi a paciência com todos eles, disse-lhes que já estava farto e comecei a sair. Isso fez com que todos se levantassem e me implorassem, arrependidos, para não o fazer. Foi a gota de água que fez transbordar o copo! Após muitas horas de discussão, finalmente me concederam permissão para continuar com minha missão.

Enquanto os homens conversavam intensamente entre si após o término da reunião, Festus me disse que eu seria transferido para Fuhomella, outra aldeia próxima, para ficar, e que ele iria para sua aldeia natal, a alguns quilômetros de distância, por vários dias.

Ele me disse que enviaria uma mensagem para mim, onde quer que eu estivesse, para me avisar quando voltasse. Essa ruptura do nosso vínculo me deixou com uma leve sensação de insegurança e solidão, mas como eu já estava tão envolvido, tive que deixar as circunstâncias seguirem seu curso.

No final da tarde, meia dúzia de nós saímos da aldeia e seguimos pela estrada pela qual tínhamos viajado no caminhão. Continuamos por cerca de um quilômetro até chegarmos à aldeia muito maior da região de Fuhomella. Antes de me separar de Festus, enfatizei a importância de obter amostras maiores de pedras translúcidas azuis ou transparentes, o que ele disse que tentaria fazer.

A primeira vez que encontrei Festus, entre as amostras que ele trouxe havia duas pedras azuis, que foram autenticadas por testes australianos como safiras. Por mais incomum que seja encontrar safiras e granadas na mesma área, sem falar em rubis, esta ilha é única, possuindo ambas, juntamente com esmeraldas e diamantes, como descobri mais tarde.

Eu sabia que, se houvesse algum interesse substancial na mineração de pedras preciosas em Malaita, minha ida à Austrália com algumas dessas pedras seria um grande trunfo para atrair investidores estrangeiros. Também pedi a Festus, enquanto ele estava em sua aldeia, que pedisse permissão a seu irmão, o chefe, para que eu visitasse o lago UFO/Diamond-snake, onde seu pai havia sido morto.

Depois de me despedir de Festus, alguns novos amigos me levaram pela aldeia até chegarmos à casa do chefe.

Além das crianças, notei que, desta vez, as pessoas não fizeram alarde com a minha chegada. Quanto ao chefe, ele era o senhor que me havia dado tanto trabalho na reunião da tarde! No entanto, ele nos cumprimentou e, sem demora, me levou para uma casa ao lado da sua. Mais tarde, descobri que toda a família havia desocupado a casa para que eu pudesse ficar lá sozinho. Lembro-me de ter ficado muito triste por eles terem feito isso por mim; naquela altura, eu já conseguia dormir em qualquer lugar, e ainda consigo.

Era uma pequena e agradável casa de bambu e palmeira sagu com três quartos, construída sobre palafitas, com uma ampla varanda que oferecia uma vista panorâmica da selva circundante e do mar. Assim que coloquei minha mochila na varanda, o chefe me mostrou um quarto dentro da casa. Tinha uma cama de solteiro de madeira, piso de bambu e uma lanterna a querosene pendurada nas proximidades. Era uma das casas do chefe e me pareceu que todos tinham decidido me colocar perto dele, para me vigiar. Depois de me mostrar a casa, que notei estar vazia, sem nenhum objeto pessoal, ele me convidou para jantar com ele naquela noite, o que aceitei respeitosamente. Quando o sol

apenas se pôs, à luz da lanterna a querosene, comecei a organizar o conteúdo da minha mochila. Enquanto esperava para ser chamado para jantar, comecei a refletir sobre mim mesmo e sobre o que estava realmente fazendo – mais uma vez!

Esse tipo de autoconsciência é difícil de explicar: eu estava no meio de uma região remota da selva tropical, cercado por ilhéus e, com grande sacrifício pessoal, tentando estabelecer um negócio de pedras preciosas para eles e para as Ilhas Salomão.

Durante esses anos, desenvolvi uma crença cega e pretensiosa em mim mesmo de que, de alguma forma, poderia ajudar as Ilhas Salomão a alcançar segurança financeira. Lembro-me de, naquela época, ter percebido pela primeira vez que esse equívoco se devia à minha personalidade de "homem branco/homem moreno", que se desenvolveu devido à influência da minha educação na infância, nas terras altas ocidentais da Papua-Nova Guiné. Sentia que podia ajudar...

Após uma hora de autoexame e reflexão, o grande chefe bateu à porta, dizendo-me para entrar e comer algo. Ao entrar em uma casa grande, todos nos sentamos à sua longa mesa de cozinha e, depois de encontrar Peter e alguns dos homens que estavam na reunião da tarde, fui apresentado a alguns de seus parentes. Devia haver pelo menos dezesseis pessoas lá. Duas ou três de suas esposas prontamente começaram a servir o jantar de peixe enlatado e arroz e, depois de dar graças, o que eu tive que fazer, todos começamos a comer e a ter uma grande variedade de conversas.

O chefe desagradável acabou se revelando um sujeito bastante bem-humorado; no entanto, ele ficou de olho em todos os meus movimentos ao longo dos dias. Enquanto alguns convidados acabaram indo embora durante a interessante conversa daquela noite, ficamos conversando até quase meia-noite, quando me despedi e voltei para minha moradia temporária, apagando a lanterna a querosene e caindo em um sono bem merecido.

A próxima coisa de que me lembro foi ser assustado pelo som muito alto de outro tambor da selva que havia sido deliberadamente colocado bem do lado de fora da minha janela. Isso me fez sentar na cama instantaneamente e questionar o que diabos estava acontecendo!

Era madrugada e a pessoa que batia no tambor continuou por cerca de um minuto. Não havia como alguém conseguir dormir com aquilo. Depois que parou, fiquei deitado na cama por mais alguns minutos tentando compreender o motivo desse despertar tão brusco. Em seguida, saí para a varanda e vi uma fila de pessoas caminhando em direção ao que parecia ser a igreja da vila. A vila era católica e eles iam rezar todas as manhãs, sem falta, sete dias por semana. Por motivos que eu não compreendia, na noite anterior, o chefe mandou deliberadamente colocar o tambor bem na frente da minha janela para esse ritual matinal, convocando a sessão de orações. Suponho que tenha sido sua maneira de pregar uma peça ou enviar uma mensagem para me converter à religião do homem branco. De qualquer forma, naquele dia, certifiquei-me de que o tambor fosse removido da frente da minha janela para outro lugar!

Enquanto eu estava sentado na varanda, o chefe me convidou para tomar café da manhã com ele. Foi durante o café da manhã que descobri que era o Dia da Independência e um feriado nacional. Ótimo! Justamente quando eu queria começar minha expedição, tinha que ser feriado. Ele me disse que, para a celebração anual, eles sempre faziam um torneio intertribal de futebol e eu estava convidado a participar. Como não tinha nada para fazer além de ficar sentado mascando noz de bétele, decidi ir junto.

Mais tarde naquela manhã, Peter, alguns outros amigos recém-conhecidos e eu começamos a caminhada de três quilômetros pela estrada até o local onde ficava o campo de futebol. Estávamos caminhando sem pressa, conversando, quando, ao olhar para a estrada, notei o brilho de vidros verdes e vermelhos.

Isso me fez pensar, sem querer, que essas pessoas deviam beber muita cerveja para ter tanto vidro quebrado na rua. Só depois de algum tempo é que eu

, curioso, peguei um pedaço brilhante e descobri que não era vidro, mas granada, que estávamos pisando. Estava por toda parte e era de qualidade de gema. Entrei no mato próximo à beira da estrada e encontrei granadas lá também. Na verdade, eu estava caminhando sobre um mar delas. Toda a área, quilômetros e quilômetros, estava coberta com a pedra preciosa, mas qual era a profundidade? Nos anos seguintes, descobri que não apenas Small Malaita e Kwara'ae estavam cobertas com essa granada e pedras preciosas ainda mais valiosas, mas também o resto da ilha.

Finalmente chegamos ao campo de futebol, que devia ser o campo mais rudimentar do mundo. Tinha sido esculpido na selva densa e, entre os postes da baliza (que eram árvores jovens cortadas), em cada extremidade do oval, havia grama alta com pedras incrustadas aqui e ali. Havia nove tribos competindo neste torneio pelo primeiro prêmio, um porco enorme, e pelo segundo prêmio, 100 dólares solomonianos.

Em um lado do campo havia uma cabana de palha onde mulheres cozinhavam pratos tradicionais para vender, e um tronco onde estava sentado outro grande chefe da região, que, com seu megafone, era o árbitro. Como convidado e primeiro homem branco a testemunhar esse evento épico, fui convidado a sentar-me ao lado dele.

Quando todas as nove tribos e seus torcedores chegaram, havia centenas de pessoas reunidas. As partidas eram curtas e era um processo de eliminação entre as equipes para determinar o vencedor. Não demorei muito para descobrir que não se tratava de uma partida de futebol comum. Se um time marcava um gol, não importava se era legítimo ou se o time adversário havia cometido alguma falta, seus torcedores corriam para o campo com facões em punho, prontos para matar todos.

Isso fazia com que os torcedores do outro time se encontrassem no meio do campo, e vice-versa. No entanto, ninguém parecia se machucar. Esse fiasco continuou durante todo o dia. Em alguns momentos, foi um pouco assustador, pois parecia que ia começar uma guerra total, mas nenhum sangue foi derramado; embora, em algumas ocasiões, houvesse brigas entre todos.

ocasiões, houve brigas entre todos. O chefe gordo e grande, que estava sentado ao meu lado, gritava continuamente em seu megafone para que todos parassem de brigar, enquanto tentava arbitrar as partidas.

Vi vários rapazes com a pele dos dedos dos pés arrancada, onde inadvertidamente tinham chutado pedras devido ao seu esforço zeloso. Quando a bola saía fora dos limites, ia parar à selva densa, onde as crianças se divertiam imenso com a sua importância, disputando entre si para serem os primeiros a encontrar a bola. Entre uma jogada e outra, o chefe gordo gritava e berrava com eles pelo megafone; e em mais de uma ocasião ele perdeu a calma, ameaçando cancelar o dia. Finalmente, no final da tarde, após muita disputa sobre quem era o vencedor, o porco foi trazido e entregue à tribo vencedora, que por acaso era de quilômetros de distância.

Quando todos começaram a se dispersar, voltamos para Fuhomella. Que dia interessante! Durante o jantar, lembrei ao outro grande chefe sobre a mudança do tambor da selva e, como estava bastante cansado, voltei para a casa emprestada e, sob a luz fraca da lanterna a querosene, adormeci.

Fui acordado na manhã seguinte pelo som distante do tambor da selva chamando aqueles que faziam coisas como ir à oração matinal. Quanto a mim, depois dos meus episódios com dragões e cobras em Guadalcanal e Small Malaita, fiquei absolutamente curado da religião para o resto da vida.

Todos os homens importantes ao meu redor na época combinaram com Peter para que ele me levasse no dia seguinte a um riacho próximo, onde se podiam encontrar pedras preciosas de várias cores. E elas realmente existiam! Com alguns outros homens e um grupo de crianças, viajamos uma curta distância até um sereno riacho na selva tropical e, ao entrar em suas águas rasas, peguei um punhado de cascalho e espalhei em uma pedra próxima, apenas para ver o brilho cintilante de muitas pedras de cores diferentes refletidas pela luz do sol da manhã. À medida que subíamos o riacho, continuei pegando punhados de cascalho do leito do riacho para escolher quais

pedras para começar a acumular. Quanto mais subíamos por este riacho tranquilo, digno de um cartão postal, maiores se tornavam estas pedras preciosas. Durante um período de quatro horas, percorremos cerca de um quilómetro, durante o qual também escalámos cascatas, até chegarmos a um local onde encontrámos aglomerados do tamanho de bolas de futebol de granadas vermelhas, verdes, amarelas e mistas. Dentro de cada aglomerado maior havia centenas de granadas vermelho-rubi, algumas retangulares e com cerca de 2,5 cm, que mais tarde descobri serem granadas G10; um ótimo indicador de que poderia haver diamantes nas proximidades. Muito mais tarde, isso se confirmou, mas isso é outra história!

Enquanto subíamos aquele riacho em particular, depois de subir para uma posição vantajosa, apontei meus binóculos para um vulcão extinto mais acima na selva. Seu pico era a fonte do riacho e onde as granadas coloridas, o zircônio e o topázio se originavam. Enquanto subíamos esse riacho, coletamos todas as pedras preciosas de tamanho razoável que pareciam dignas de joalheria.

As crianças se divertiram muito trazendo pedras preciosas para eu aprovar. Descobri que, por causa de seus dedos menores, elas eram muito mais rápidas do que os mais velhos em pegar essas pedras do cascalho. Quando a tarde começou a cair, descemos por uma trilha na selva, onde notei que também havia manchas de granada colorida entre o solo vulcânico preto. Levamos muito menos tempo para voltar à aldeia e lembro-me de ter comido muitos frutos silvestres no caminho. Quando chegamos à aldeia, entramos em uma cabana aberta maior, que se tornou nossa sede de trabalho pelos próximos dez dias.

Durante esse tempo, somente nesse pequeno riacho, coletamos 133.000 belas pedras preciosas, como granadas, rubis, safiras, zircônias e topázios, além de outras pedras adequadas para serem lapidadas em joias. Nos últimos três dias da minha estadia, todos nós nos sentamos incansavelmente para contá-las e classificá-las.

Por fim, chegamos a 16.987 das mais bonitas, que eu acreditava que chamariam a atenção na Austrália, o que certamente aconteceu quando voltei para lá.

Enquanto isso, Festus enviou um jovem com uma mensagem para que eu chegasse à aldeia de seu irmão na quinta-feira seguinte. Eu tinha a aprovação do irmão dele para fazer uma viagem ao lago UFO/Diamante-Cobra, onde o OVNI havia matado o pai deles.

Na última semana de nossa caçada por pedras preciosas, choveu pelo menos uma vez por hora. Isso tornou nosso trabalho mais difícil. Essas chuvas fortes noturnas se tornavam ensurdecedoras à medida que a parede de água se aproximava da selva próxima.

Durante os meus doze dias nesta casa, à noite, tornou-se rotina o chefe vir até a varanda e sentar-se comigo para mastigar noz de bétele. Sentávamos conversando por horas. Foi por volta da terceira noite que um OVNI em forma de bola de luz voou lentamente em direção ao norte, a cerca de um quilômetro e meio de distância. Eu já sabia que havia OVNIs na área, pois não estava longe do lago onde o pai de Festus havia sido morto por um desses OVNIs/serpentes-diamante.

Embora totalmente absorto na minha coleção de pedras preciosas, eu também precisava encaixar uma excursão a este lago antes de deixarmos Malaita. Quanto à minha esperada estadia nas antigas ruínas gigantes no alto do norte de Malaita, seria possível?

Este OVNI voando casualmente provocou algo que me fez esforçar-me mais para investigar o assunto muito mais do que eu pretendia. O chefe contou-me muitas coisas sobre estas cobras-diamante e como elas voavam na área desde que há memória e eram vistas regularmente a voar por ali. Ele e outros moradores me contaram que também foram vistas voando em direção a algumas cadeias de montanhas na selva a oeste, que determinamos pelo mapa estar a vários quilômetros ao sul de nós. Após uma investigação mais aprofundada, anos depois, localizei essas entradas subterrâneas nas encostas das montanhas a menos de cem metros de sua localização.

À medida que os dias passavam e nossa partida na quinta-feira se aproximava rapidamente, entre minha obsessão por classificar pedras preciosas e reunir mais informações sobre os OVNIs, acabei decidindo que era hora de me esforçar um pouco para testemunhar esses OVNIs entrando e saindo da entrada do lago subterrâneo.
Com o mapa em mãos, encontrei a localização exata do lago, que eu sabia que não ficava muito longe de onde eu estava hospedado e certamente era uma excursão muito mais fácil do que a do episódio do "Monte Dragão".

Com as pedras preciosas selecionadas protegidas na casa comunitária, voltei para passar minha última noite na companhia do chefe, que chamava muita atenção.

Na manhã seguinte, com as pedras preciosas em mãos, meia dúzia de nós partiu para a aldeia do irmão de Festus, Augustus, e chegamos no meio da manhã, sendo recebidos com saudações. Augustus estava aguardando nossa chegada e Festus também lhe havia contado o motivo da minha visita.

Nas horas seguintes, reuni informações locais sobre a entrada subterrânea do lago com um mapa e dois outros jovens que se tornaram meus amigos e que receberam ordens para me acompanhar. No meio da tarde, partimos para uma caminhada de duas horas por uma trilha bem feita, que seguia para oeste, na direção desse lago em particular.

Desde a incineração do pai de Festus por um desses OVNIs, esse lago e a área ao redor eram um destino tabu, onde ninguém tinha permissão para ir, mas eu ignorei isso, pois, nos últimos anos, eu havia me tornado vingativo e indiferente ao comportamento de alguns desses personagens que pilotavam esses veículos OVNI.

Depois de nos desviarmos para a selva, seguimos para noroeste a partir da trilha principal,

atravessando colinas selvagens onduladas, até que finalmente, ao passar por uma elevação, o lago apareceu.

Mantendo-nos escondidos, subimos ao topo de uma montanha até uma posição que me dava uma vista completa do lago e da área circundante. O lago não tinha mais do que o tamanho de um campo de futebol, alimentado por riachos das montanhas circundantes que acabavam por desaguar no mar.

No final da tarde, enquanto estávamos em nosso esconderijo na selva montanhosa, tirei algumas fotos do lago e da área circundante enquanto o sol se punha, abrimos algumas latas de comida e nos preparamos para o que poderia ser uma longa noite.

À medida que a escuridão caía, lembro-me da sensação de excitação e expectativa pela possibilidade da chegada do OVNI. E tive sorte mais uma vez. Entre chuvas intermitentes, por volta das 21h, a superfície do lago começou a brilhar e um OVNI voou verticalmente até uma altura aproximada de cinquenta metros, depois viajou silenciosamente para o norte ao redor da encosta da montanha. Os rapazes estavam enlouquecidos! Então, inesperadamente, por volta das 22h15, outro voou para fora do lago, embora este tenha seguido em direção oeste e desaparecido de vista atrás de outra cordilheira. Eu conheci bem os dois rapazes que me acompanharam naquela época, e tudo foi muito emocionante. Agora suspeito que meu pai era viciado em adrenalina! Por volta das 2h20, outro OVNI voou na mesma direção do último. Então, aproximadamente às 3h, um deles retornou do norte e desceu no lago, com seu brilho intenso diminuindo à medida que mergulhava.

O que havia lá embaixo, no lago, para onde iam esses OVNIs e por que motivo? Durante toda a noite, enquanto ocorriam esses avistamentos, meus companheiros estavam fora de si e faziam todo o possível para se esconder, o que eu também fiz, pois estava pensando na possível tecnologia de infravermelho e visão térmica dos OVNIs.

Isso foi o suficiente para mim e, com lanternas acesas, lentamente voltamos para a aldeia. Chegamos ao amanhecer, quando fui imediatamente dormir num canto de uma cabana pertencente ao pai de um dos meus companheiros de viagem.

Antes de partirmos, mais tarde naquela manhã, enquanto comíamos algo, os moradores locais confirmaram algo que eu já sabia: que havia outra entrada subterrânea da Serpente de Diamante entre os corais à beira-mar, diretamente a leste de onde estávamos, e que havia outras entradas subterrâneas de OVNIs nas montanhas. Eles também acreditavam que a entrada do recife de OVNIs no leste estava conectada subterraneamente à entrada do lago de OVNIs no oeste.

Mais tarde naquela manhã, Festus e seus companheiros voltaram à aldeia de Augustus com três grandes sacos de pedras preciosas coloridas, para adicionar às que já tínhamos.

Por volta das 4h da manhã seguinte, com todo o meu equipamento embalado e lanternas acesas, Festus, eu e meia dúzia de outras pessoas pegamos o caminhão para Auki, que deveria ser uma viagem de cinco horas. Desta vez, ela se estendeu por sete horas devido à estrada lamacenta e ao caminhão ficando atolado continuamente. Felizmente, outro caminhão se juntou a nós e, quando um ficava atolado, o outro ajudava a rebocá-lo e vice-versa. A viagem teria sido muito mais longa se não fosse por esses dois caminhões. Quanto mais nos aproximávamos de Auki, melhor ficava a estrada e também o tempo.

Durante a viagem, eu pensava na minha próxima expedição, que, de alguma forma, eu precisava encaixar sem levantar suspeitas sobre o que realmente estava fazendo, já que esses vestígios de pedras Ramo eram considerados secretos pelos malaios da região, e a experiência me ensinou a esperar problemas. Eu tinha um plano básico para ver os vestígios dessa civilização perdida, mas também incluía visitar o chefe da baía de Coleridge, ao norte de Auki. Esse plano não saiu como eu queria — muito longe disso, na verdade.

Levaria uma eternidade para explicar o tipo de travessura inocente que cometi nos três dias seguintes, enquanto esperávamos a chegada do navio. Mas, depois de algumas desventuras durante esse tempo, percebi que não estava nem remotamente preparado para essa viagem extremamente árdua até os vestígios perdidos, muito menos para a exaustiva viagem que acabara de concluir. Não percebi que precisava de mais tempo para me preparar para uma caminhada tão difícil. Durante esses três dias, fui de canoa a motor para ver o chefe da Baía de Coleridge, certificando-me de que ele autorizaria minha viagem até as altas montanhas a leste. Foi uma noite estranha.

Até então, eu tinha em mente continuar, pelo menos, mas por outras razões isso se tornou praticamente impossível. E assim, quando o navio chegou a Auki, Festus e alguns outros homens me recolheram da minha vida selvagem e voltamos para Honiara no Ramos II, com nossa variedade de pedras preciosas coloridas.

Alguns anos depois, enquanto estava na Austrália com as 17.000 pedras preciosas de Malaita, aluguei um apartamento muito legal com vista para Moreton Bay, perto de Brisbane, e instalei telefone. Com toda a documentação relevante das Ilhas Salomão relacionada às pedras preciosas e ao petróleo e gás das Ilhas Salomão, comprei uma fotocopiadora/telefone/fax e, no meu sereno escritório em casa, me soltei, enviando faxes e telefonando para todos os cantos do mundo em busca de capital de risco para a Solomon Islands Gemstones NL e a recém-formada empresa Solomon Islands Oil and Gas NL, enquanto gastava uma pequena fortuna na conta telefônica.

Foi durante esse período, por meio da minha associação com o professor Ken Collinson, do departamento de "Ciências da Terra" da Universidade de Queensland, e com John Everett e a equipe da Earth Satellite Corporation, em Maryland, EUA, que descobri que Malaita estava em uma placa tectônica diferente do resto das Ilhas Salomão. Também descobri a real extensão do petróleo nas Ilhas Salomão. A placa é enorme e, através da evolução geológica, passou sozinha pela placa de Vanuatu e fundiu-se com a placa das Ilhas Salomão. Isso explicou-me porque é que Malaita tinha uma composição geológica única em comparação com o resto das Ilhas Salomão. Na verdade,

Malaita tem uma orientação de bússola diferente de todas as outras ilhas.

Durante esses meses, o professor Ken Collinson pediu a seu amigo, outro grande geólogo, “Huggo”, então vice-presidente da BHP American Minerals Exploration, que fosse à Universidade de Queensland para dar uma palestra sobre como havia encontrado diamantes no Alasca e em outros lugares. As granadas G10 eram traçadores a serem seguidos até onde os diamantes seriam encontrados!

Eu havia organizado a viagem do Ministro Especial das Ilhas Salomão para participar dessa importante reunião. Com um dos principais acionistas da empresa australiana de mineração de ouro da Nova Guiné e um ex-vice-reitor da universidade sentados à minha esquerda, e o Ministro Especial, Ken e outros à minha direita, nos sentamos em um dos auditórios da universidade. Então, “Huggo”, usando seu lápis de laser vermelho, começou a explicar como ele finalmente encontrou, após vários anos de perseverança e depois de ser demitido da BHP (porque não acreditavam nele), os enormes depósitos de diamantes no Canadá e no Alasca – seguindo as “assinaturas” de granada G10 que agora podiam ser encontradas na ilha de Malaita, nas Ilhas Salomão. O professor Ken Collinson acabou encontrando os diamantes de Malaita, mas outros também, e para saber o resto da história, você deve perguntar a ele!

O grande geólogo, Sr. Gropher, mal sabia na época que seu trabalho inspiraria outro homem, cerca de trinta anos depois, a levar essas descobertas de pedras preciosas ao conhecimento de algumas das maiores empresas de mineração do mundo.

O que aconteceu depois disso foi totalmente inesperado para mim e, certamente agora, olhando para trás, se eu tivesse a chance novamente, não teria continuado com essa missão em particular, nem mesmo teria começado.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

O RAMO DE MALAITA

Certa manhã, no início de janeiro de 2003, acordei com as duas mãos cobertas de bolhas. Bolhas graves, por toda a pele, até os pulsos. Na noite anterior, quando fui para a cama, minhas mãos estavam normais, mas algo deu muito errado durante a noite. Minha ex-esposa, Shelley, e outras pessoas que eu conhecia me disseram que alguém havia me envenenado no dia anterior ao apertar minha mão. Acontece que havia um velho curandeiro do sul de Malaita, uma espécie de feiticeiro, que insistiu em me encontrar e fez exatamente isso.

É claro que existem todos os tipos de pessoas loucas ao redor do mundo, mas esse era de uma categoria totalmente diferente...

Esses homens particularmente vingativos e astutos, sem outra razão além da inveja, usam plantas tradicionais da selva e fungos venenosos para preparar misturas bacterianas. Depois de colocar uma camada protetora nas próprias mãos, eles colocam o veneno preparado por cima, para transmiti-lo à vontade à vítima inocente, que, naquela ocasião específica, fui eu.

Eles também são conhecidos por matar pessoas com seus venenos, sem motivo algum. Às vezes, eles batem nas costas das crianças e dizem: “Que criança adorável”, enquanto colocam o veneno nelas. Esse mesmo feiticeiro, que apertou minha mão no dia anterior, também matou o pai de um bom amigo meu com um desses venenos amargos.

Espiritualmente reverenciados por seu próprio povo e por muitos outros ilhéus por suas habilidades maliciosas, é praticamente impossível abrir um processo civil contra aqueles que eles matam e provar sua culpa. E embora tenha havido ocasiões em que esses feiticeiros foram assassinados por habitantes insatisfeitos das Ilhas Salomão, a polícia não abriu nenhum processo.

Confuso com a minha situação médica alarmante, fui ao hospital de Honiara, mas, como de costume, não havia médicos disponíveis e poderia ter que esperar muito tempo para ser atendido. Então, fui a um médico particular das Ilhas Salomão, que não conseguiu determinar o que era minha doença de pele. Ele coletou uma amostra de tecido para uma biópsia e me receitou uma pomada, mas como os resultados da biópsia demorariam algumas semanas para chegar da Austrália, eu continuava na mesma situação.

À medida que os dias passavam e minhas mãos pioravam, eu sabia que precisava tomar antibióticos fortes ou algo do tipo muito em breve. Mas quem saberia qual medicamento eu precisava? E muito provavelmente não seria encontrado nas Ilhas Salomão. O farmacêutico de Honiara me vendeu os melhores antibióticos que tinha para o caso, mas nem a pomada nem os antibióticos funcionaram. Tentei até furar as bolhas que cresciam cada vez mais com espinhos de limoeiro. Certa manhã, vários dias depois que as bolhas apareceram nas minhas mãos, acordei e vi que elas estavam começando a surgir na pele macia da parte superior dos pés. Eu precisava fazer alguma coisa!

Rosie, minha sogra durona, e eu tínhamos planejado partir para sua terra natal, Kwaio, em Malaita, por volta dessa época, mas minhas bolhas interferiram. Como eu sabia, por experiência própria, que meu tempo nas Ilhas Salomão poderia ser curto, antes que os agentes federais corruptos do governo Howard me pegassem novamente, eu havia planejado essa viagem para pesquisar o que essas pessoas sabiam sobre os gigantes Ramo de Malaita.

Rosie insistiu que a única cura para minhas mãos e pés era um dos feiticeiros Kwaio tirar de mim o “demônio” que havia sido colocado dentro de mim pelo feiticeiro original; e que, enquanto estivéssemos lá, isso

isso deveria acontecer.

Eu sabia que o melhor hospital das Ilhas Salomão, embora pequeno em comparação com o de Honiara, ficava em Kwaio, perto do porto de Sinalagu, para onde Rosie e eu estávamos indo de qualquer maneira. Com poucas opções restantes, ou eu arriscava que os médicos do Hospital Atoifi pudessem me ajudar, ou o feiticeiro Kwaio de Rosie, em quem eu tinha pouca fé. Ou eu teria que voltar rapidamente para a Austrália.

Como se viu, alguns meses depois, eu não teria tido escolha, quando a polícia secreta federal branca da Austrália/Ilhas Salomão me sequestrou nas ruas de Honiara antes da ocupação atual. Eles me sequestraram e me enviaram para a Austrália apenas com a roupa que eu estava vestindo. O fiasco da minha descoberta de pedras preciosas em Malaita, além de algumas outras descobertas, foi demais para eles.

No início da década de 1960, missionários adventistas do sétimo dia chegaram a Kwaio e, posteriormente, o hospital foi construído e administrado por médicos adventistas do sétimo dia e outros profissionais vindos do exterior, que se revezavam no trabalho.

Em um ambiente tão hostil e difícil, que trabalho incrível eles fazem! Além da genuína razão humanitária para a existência do hospital adventista, no passado, alguns grupos entre esses médicos e outros trabalhadores brancos teriam feito uma pequena fortuna com a exportação de pedras preciosas comercializadas ou recebidas dos habitantes locais. Que bom para eles! Pelo menos alguém faz isso e, sendo cristãos e tudo mais, tenho certeza de que eles estariam usando o dinheiro para o bem e não para encher seus próprios bolsos.

Rosie partiu antes de mim no último lugar disponível no avião para Atoifi e, como o próximo avião só partiria dias depois, apanhei o navio que partia naquela mesma tarde.

Como todas as viagens de barco que fiz nas Ilhas Salomão, esta não foi isenta de incidentes, embora desta vez tudo o que aconteceu foi que o navio avariou várias vezes e não foi nada que pusesse a vida em risco, apenas exaustivo.

Em uma dessas ocasiões, o navio parou no meio do oceano e notei, entre as poucas centenas de pessoas morenas a bordo, um grupo de homens com tatuagens severas e olhos diabólicos que estavam me perseguindo descaradamente, como se eu estivesse marcado para morrer. Eu era o único europeu a bordo.

Já havia passado por situações delicadas semelhantes antes, mas não com uma multidão como essa, que sabia quem eu era. Decidi comprar a última cerveja que restava no navio e refletir calmamente sobre o assunto no convés superior. Mais uma vez, sem motivo aparente, eu era possivelmente um homem marcado, mas tinha proteção. Para completar, na noite anterior, fui dormir na ponte perto do capitão, que por algum motivo também não gostava de mim; e uma dúzia de homens morenos difamavam "o homem branco" enquanto eu desaparecia em um sono tranquilo, viajando astralmente. Lembro-me bem disso...

Eu estava tendo uma semana um pouco difícil. Como já disse antes, posso garantir que é possível se sentir solitário mesmo no meio de mil pessoas.

Mas eu já estava solitário, solitário de uma maneira diferente, então isso simplesmente não importava mais.

No fim das contas, na tarde seguinte, quando o navio parou novamente, Wilfred, um dos tatuados, veio até mim e perguntou por que, se eu era um amigo Kwaio deles, eu havia roubado suas pedras preciosas.

Eu não fazia ideia do que ele estava falando, mas ele estava muito sério

, assim como seus companheiros que estavam ao fundo. Uma pequena investigação revelou que ele estava falando de uma pedra preciosa que eu tinha visto uma vez, mas que alguns vigaristas brancos tinham me incriminado por roubar. No entanto, eles é que a tinham roubado e eu não sabia nada sobre ela nem a quem pertencia.

Mal sabiam aqueles vigaristas brancos que foi eu quem acabou resolvendo a maioria dos negócios deles, fazendo-os se voltarem uns contra os outros, traindo uns aos outros e a todos os outros envolvidos; o que consequentemente os fez perder centenas de milhares de dólares e tudo o que eles cobiçavam! Foi um exercício fácil, também.

Levei horas para explicar a Wilfred, que por coincidência era um dos chefes da aldeia que eu estava prestes a visitar, o que havia acontecido anteriormente com esses vigaristas, antes que ele começasse a ficar do meu lado. Se ele não tivesse feito isso, poderia ter havido consequências mortais para mim. Além disso, entre os cerca de 300 ilhéus a bordo, espalhou-se a notícia de que eu era o homem branco que tinha descoberto as pedras preciosas de Malaitan e causado o fiasco que se seguiu.

Devido às avarias do navio, não era o momento certo para nos aproximarmos do cais do porto de Atoifi à noite, passando por todos os recifes de coral, por isso passámos a noite ancorados ao largo da ilha de Kwai, onde desembarquei para passar a noite, tomei um duche e desfrutei da hospitalidade local.

Ao amanhecer, o navio partiu para a curta viagem de 20 minutos até o cais de Atoifi. Centenas de pessoas de Kwaio aguardavam a chegada do navio, incluindo Rosie. Enquanto tudo isso acontecia, minhas mãos e pés estavam a escorrer pus por toda parte.

Embora, durante a viagem, muitas pessoas me dissessem que sabiam o que tinha acontecido com minhas mãos e pés, ainda era um pouco embaraçoso porque, além

da cor da minha pele, eles também se destacavam como orelhas de cachorro. Mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Felizmente, Rosie designou alguns amigos Kwaio para me acompanhar na viagem e ajudar a carregar minha mochila.

Rosie e a tripulação nos encontraram no cais, no meio de uma multidão de centenas de pessoas e, após um período de confusão, assumi a liderança para encontrar o chefe Miner Adne, que eu soube que também estava no cais. Eu tinha que fazer isso! Com Rosie me acompanhando, encontrei o chefe supremo e, como ele estava ocupado, mostrei rapidamente minhas mãos e pés, dizendo que era por isso que eu estava indo ao hospital.

Todos caminhamos meio quilômetro pela estrada de terra até o terreno do hospital, encontramos a sombra de uma árvore e abrimos algumas nozes de bétele. Depois de me levantar para cumprimentar o chefe mineiro Adne novamente, quando ele passava a caminho do hospital, ele parou e me convidou para participar de uma reunião que estava prestes a começar.

Lembro-me de ter achado isso um pouco estranho e de que a maioria dos meus pensamentos se concentrava no estado das minhas mãos e dos meus pés. No entanto, com a minha mochila guardada com as outras e a distraída Rosie a conversar com os seus muitos parentes, fui para o segundo andar do hospital fibro, onde alguns homens me conduziram a uma luxuosa sala de reuniões de estilo executivo, com uma longa mesa de madeira e cadeiras de couro vermelho macio. Havia um lugar reservado para mim na cabeceira da mesa, onde normalmente se sentava o CEO. O chefe Miner Adne sentou-se ao meu lado, à direita. Os outros doze homens presentes eram outros chefes de Kwaio, metade de “Kwaio Fadunga” e o restante chefes de Kwaio propriamente dito. O ar estava pesado e minhas mãos e pés estavam em péssimo estado...

Primeiro, o chefe mineiro Adne chamou a atenção para a reunião com uma oração cristã (acredite se quiser), pedindo a Deus que abençoasse a reunião... Em seguida, ele deu início aos trabalhos, dizendo-me que alguns dos chefes tinham perguntas a me fazer. “Claro! Pode perguntar!” O chefe grande e gordo diretamente à minha frente perguntou-me por que eu tinha vindo a Kwaio. Levantando as mãos enquanto enxugava o líquido linfático que escorria pelos meus antebraços, expliquei que precisava de cuidados médicos urgentes.

atenção e que eu estava com Rosie, que todos conheciam. Essa explicação não foi suficiente para metade deles, que me bombardearam com perguntas. Os chefes Kwaio Fadunga permaneceram em silêncio até que um chamado Ben começou a defender-me. Ben é agora um bom amigo meu e também se revelou ser o irmão mais novo de Wilfred. Depois, outros também começaram a defender-me e foi após este breve e acalorado debate que o chefe Miner Adne soltou um rugido impressionante e começou a chorar profundamente e com toda a sinceridade durante pelo menos trinta segundos, o que fez com que todos ficassem em silêncio. Na verdade, ele também me deixou triste. Tive vontade de impedi-lo. Com isso, ele disse a eles que eu era parte de todos eles, repreendendo-os e dizendo para me deixarem em paz. No entanto, a coisa mais urgente em minha mente era minhas mãos e meus pés e descer as escadas. Depois de uma despedida cordial e de pedir desculpas por não apertar as mãos deles, desci as escadas e entrei na longa fila do ambulatório.

Por fim, um enfermeiro me atendeu e prescreveu algo que eu sabia que seria inútil. Mas, mesmo assim, já que tinha chegado até ali, estava disposta a tomar qualquer coisa. Foi quando fui à farmácia para pegar o remédio que a enfermeira-chefe do hospital estava lá e percebeu minhas mãos enquanto olhava a receita. Depois de algumas perguntas rápidas, ela saiu pela porta e me disse para segui-la.

Subimos pelas enfermarias até que, depois de entrar em uma delas, encontramos dois médicos conversando entre si: um era um americano alto e idoso, e o outro, um neurocirurgião muito famoso.

Caramba, que sorte a minha! A irmã interrompeu a conversa deles e mostrou-lhes as minhas mãos. Sem eu dizer nada, os dois médicos começaram uma conversa profunda, que eu não consegui entender.

Depois de girar minhas mãos algumas vezes, eles chegaram a um acordo e o médico americano alto me disse para segui-lo até seu consultório. Lá, ele abriu um armário e pegou alguns antibióticos muito fortes, com uma dúzia de nomes, que ele havia trazido dos Estados Unidos. Lembro-me de questionar

esse médico adventista do sétimo dia extremamente inteligente sobre a data de validade de 11 de setembro de 2001 que eu havia notado em um dos medicamentos. Ele me disse para não me preocupar com isso, e eu nunca me preocupei.

Quando saí do hospital, Rosie tinha pegado uma canoa a motor e ido à minha frente para o porto de Sinalagu. Embora tivesse muitas cicatrizes de todo tipo de batalhas e fosse dura como uma rocha, ela era maternal comigo e tinha ido à frente novamente para garantir que o feiticeiro Kwaio Fadunga estivesse preparado para a grande cerimônia de "tirar o demônio de dentro de mim". O que eu queria saber era: qual demônio?

Ben, o chefe solidário do andar de cima, e outros estavam esperando para me acompanhar até o porto de Sinalagu. Em vez de pegar um barco, decidi que, com Ben e mais algumas pessoas, atravessaríamos a trilha da montanha a pé. Com Ben carregando minha mochila pesada, decidi me soltar e acompanhá-los em meio à chuva. Durante a caminhada de três horas, paramos no meio do caminho para descansar até chegarmos ao que considero o porto marítimo mais intocado e seguro do mundo. No extremo norte do porto, enquanto esperávamos um barco nos levar para o outro lado, descansamos e comprei algumas latas de peixe e arroz, que todos comemos.

Após um breve cochilo, a canoa a motor chegou e atravessamos o porto até uma casa que pertencia a uma das irmãs de Rosie, onde nos aguardavam. Os comprimidos devem ter feito efeito, pois eu estava completamente exausto. Após uma refeição deliciosa e uma boa conversa com alguns novos amigos, fui levado a um quarto e, em pouco tempo, adormeci.

Goonabussu é a principal vila do porto de Sinalagu, com uma população de cerca de 500 habitantes. Era aqui que a minha cerimónia de "expulsão do demónio" com o feiticeiro iria ter lugar. Na manhã seguinte, notei uma mudança significativa nas minhas mãos e pés e, depois de tomar outro tratamento com antibióticos, ou o que quer que fossem, desci para onde a Rosie e os seus familiares estavam a comer e a conversar.

Rosie me disse que iríamos para Goonabussu para ficar lá e que o feiticeiro Kwaio Fadunga iria realizar sua "magia tradicional" em mim, que iria remover o "demônio" que havia sido colocado dentro de mim. Então, minhas mãos e pés iriam sarar.

Era informação demais logo pela manhã, não parecia nada bom. Mas como eu estava em Kwaio e meu motivo original para ir para lá era pesquisar o que eles sabiam sobre os gigantes Ramo, eu simplesmente aceitei e decidi improvisar.

Nos oito dias que passei em Goonabussu, conheci muitas pessoas, mas assim que chegamos fui chamado à casa do chefe, que era o pai de Wilfred e Ben, um dos chefes mais importantes da região. Ele era o dono da pedra preciosa que os vigaristas brancos que mencionei anteriormente tinham roubado. Passei algumas horas com ele, mas não sem antes fazer uma oração cristã para abençoar o encontro.

Foi um encontro bastante intenso, o primeiro de muitos outros que se seguiram. Mas naquela tarde, como Rosie mal podia esperar, ela me reuniu para a cerimônia de "expulsão do demônio" e me levou à casa de outro chefe, no sopé da montanha acima da aldeia.

Chegamos a uma cabana construída especialmente para esses fins e, depois de conhecer esse chefe, que se tornou um bom amigo meu, entramos nessa cabana cerimonial especial e encontramos o velho feiticeiro com duas de suas jovens esposas, sentados ao redor de uma fogueira.
O que aconteceu a seguir foi bizarro, mas vou tentar descrever da melhor maneira possível.

Após algumas saudações cordiais, todos nos sentamos no chão de madeira. O

As jovens esposas do feiticeiro aproximaram-se e sentaram-se muito perto de mim, uma de cada lado, e começaram a olhar fixamente para mim. Lembro-me de me sentir um pouco envergonhado diante dos outros, que, aliás, pareciam não estar prestando muita atenção ao que estava acontecendo, já que a linguagem corporal dessas duas mulheres provocantes ultrapassava os limites dos gestos sexuais aceitáveis em qualquer sociedade.

Durante essa exibição sedutora dessas mulheres provocantes, o feiticeiro entoou alguns versos em Kwaio e, enquanto se agachava na minha frente, agarrou meu antebraço direito e colocou a boca nele várias vezes, como se estivesse sugando veneno de cobra e cuspindo no chão.

Enquanto isso, as “garotas Medusa” de seios nus continuavam... Quero dizer, continuavam mesmo, com as pernas e tudo! Então, o feiticeiro pegou uma lata de peixe vazia que estava por perto e cuspiu uma pedrinha redonda e achatada que bateu no fundo da lata e provocou um grande suspiro de alívio de Rosie...

Ele disse a todos que tinha expulsado o demônio. Olhei para dentro da pequena lata e vi o “demônio”, que parecia a melhor parte de um Fisherman's Friend meio chupado. E tão rapidamente quanto o demônio saiu de mim, essas duas prostitutas deixaram meu lado. Quase me deu vontade de perguntar se eu poderia ter o demônio de volta em mim!

Naquela noite, tive que ser convidado e jantar com mais de quatro famílias até que finalmente protestei que não conseguia comer mais nada. Meu estômago estava tão redondo quanto o de um gorila. Lembro-me bem daquele dia. Um quarto na vila, equivalente a um motel, foi disponibilizado para mim e, depois de tomar outra dose do remédio do médico americano, dormi bem.

Na manhã seguinte, não conseguia acreditar no que tinha acontecido às minhas mãos e pés

durante a noite. A maior parte do pus e do líquido linfático havia secado, e as camadas externas da pele morta também estavam secando. Que beleza! Mas quem foi responsável por isso, o médico adventista dos EUA ou o feiticeiro Kwaio que removeu o demônio de mim? Embora eu gostasse dos métodos persuasivos do feiticeiro para me curar, tive um pouco de dificuldade em me convencer de que o médico adventista não tinha nada a ver com isso, mas guardei isso para mim mesmo.

Era um dia ensolarado e agora, com minha saúde recém-recuperada, eu poderia finalmente dedicar-me ao verdadeiro motivo que me trouxe a Kwaio: a pesquisa sobre os gigantes Ramo e as entradas subterrâneas para OVNIs em Malaita. No entanto, durante a semana seguinte, à medida que minhas mãos e pés iam melhorando, o que a maioria das pessoas queria era me mostrar suas pedras preciosas. No entanto, depois de todo o drama pelo qual passei e depois de perder dezenas de milhares de dólares tentando estabelecer essa indústria nas Ilhas Salomão para eles – como fiz com o petróleo e o gás das Ilhas Salomão –, eu simplesmente não estava mais interessado.

No entanto, os chefes da selva profunda vieram até a costa, onde discutimos formalmente a situação das pedras preciosas e dos diamantes. A nação Kwaio, sozinha, tem riqueza suficiente em pedras preciosas para, se minerada, inundar a indústria mundial de pedras preciosas e reduzir significativamente seu preço. Na verdade, há muitas áreas de Kwaio e Kwara'ae que o homem branco ainda não visitou. Normalmente, essas áreas já teriam projetos de mineração enormes e estabelecidos há muito tempo, semelhantes aos encontrados em outras partes do mundo, mas é preciso lembrar que existe uma civilização extraterrestre antiga e enorme diretamente abaixo de Malaita que supera em muito o que está acima da superfície do mar. Esta é uma das razões para a atual ocupação das Ilhas Salomão pela força multinacional liderada pela Austrália, através de instruções dos neoconservadores americanos da administração Bush, sob ordens do “Governo Mundial Único”. Portanto, de alguma forma, duvido que qualquer mineração homo sapiens venha a ocorrer lá no futuro próximo...

Durante minha estadia em Goonabussu, passei várias noites acordado até tarde, com muitos novos amigos me contando suas histórias sobre a relação com o Ramo de Malaita e as bolas de luz voadoras que eu também vi uma vez, casualmente, sobrevoando o porto, sem que ninguém fizesse alarde.

porto sem que ninguém fizesse alarido.

Se eu não mencionasse isso, poderia se perder na história de Kwaio, como aconteceu com grande parte do trabalho do professor Roger Keesing. Este grande antropólogo canadense, que era chefe do Departamento de Antropologia da Universidade Nacional Australiana, fez muitas expedições no interior de Kwaio e, ao encontrar essas multidões de pedras preciosas, especialmente diamantes, renomeou o porto de Sinalagu como "Diamond Harbour" (Porto dos Diamantes). Devido ao seu amor quase espiritual pelo povo Kwaio, o Sr. Keesing, conhecendo a natureza dos homens brancos, deliberadamente manteve em segredo suas descobertas geológicas de pedras preciosas.

Durante aquela semana, gravei as histórias folclóricas que me foram contadas sobre a história do povo indígena com os gigantes Ramo de Malaita, e abaixo está minha sinopse desta parte particularmente difícil da história tumultuada que eles compartilharam com essas enormes criaturas por milênios.

O nome Ramo é usado pelo povo de Malaita para descrever dois tipos diferentes de hominídeos que outrora canibalizaram o seu povo. Ramo é uma tradução malaitana para "homem com poderes espirituais que come homens" ou "homem que come homem". Outro nome usado mais particularmente pelo povo Kwaio para os gigantes Ramo altos e peludos é "World Ramo", o que considero mais do que uma coincidência.

O primeiro tipo de Ramo é o grande, peludo, com cinco metros de altura, igual aos que ainda existem em grande número nas montanhas selvagens de Guadalcanal, Isabel e Choisel, nas Ilhas Salomão; e que, na minha opinião, ainda existem sob Malaita. Esses Ramo são aliados das civilizações subterrâneas desconhecidas encontradas sob essas ilhas.

O segundo tipo de Ramo é um tipo homo sapiens, que acredito ser um retrocesso genético do cruzamento entre os gigantes Ramo e os homo sapiens de Malaita

sapiens de milênios atrás.

Para colocar este segundo tipo de homo sapiens Ramomen geneticamente influenciados numa categoria: eles são homo sapiens com algum tipo de retrocesso genético aos enormes gigantes Ramo da antiguidade, mas não são os mesmos gigantes humanos mestiços de Guadalcanal, que atualmente podem ser encontrados nessa ilha e em outras ilhas da Melanésia.

Os grandes gigantes Ramo de Malaita começaram a diminuir há cerca de um milênio, possivelmente através do cruzamento entre espécies com homo sapiens. Ou, milênios atrás, os extraterrestres sob as Ilhas Salomão se envolveram e inseriram DNA de uma raça gigante por alguma razão, e agora as características genéticas e canibais desses homo sapiens Ramo-men foram lentamente eliminadas até o que resta agora. É difícil de saber! Obviamente, alguém lá em baixo sabe.

Semelhante a Guadalcanal, Malaita tinha, e na minha opinião ainda tem, vivendo na ilha e sob ela, as mesmas três espécies de gigantes Ramo. Muitos malaitanos acreditam que o tipo grande e peludo de Ramo ainda vive nas selvas montanhosas profundas de Malaita, mas em uma população muito menor na superfície da ilha do que em Guadalcanal. Além disso, tenho evidências que podem sugerir que o grande gigante Ramo e a espécie menos peluda e de tamanho médio que o povo de Guadalcanal chama de “homem selvagem da selva” ou “Ramo” ainda vivem na selva profunda de Malaita.

Alguns meses antes da minha viagem a Goonabussu, um jovem foi sequestrado da aldeia nas primeiras horas da manhã. Esse adolescente, parente de Rosie, estava dormindo na varanda da cabana da família, perto da costa de Goonabussu.

Ele estava dormindo profundamente quando foi agarrado na varanda por um “Devil Ramo” e

rapidamente levado embora. Todos na área acordaram ao ouvir seus gritos enquanto ele era carregado pela curta distância até o outro lado do porto. As pessoas então ficaram na praia e ouviram o jovem gritar à distância. Guerreiros armados imediatamente entraram em suas canoas e atravessaram para o outro lado, seguindo os gritos contínuos com suas tochas acesas. Eles encontraram o jovem em uma das estruturas de bambu usadas para secar alimentos, a cerca de 50 metros dentro da selva, ainda gritando.

Ele estava histérico e, quando o levaram para casa, não conseguiram entender nada do que ele dizia. Depois de um dia ou dois, ainda psicótico, ele se convenceu de que um demônio o havia possuído e que ele era um homem marcado. Ninguém esperava que ele morresse no terceiro dia. Como não foi possível realizar uma autópsia, alguns detalhes dos últimos dias são vagos; ele se condenou à morte com sua crença no diabo e teve um ataque cardíaco, talvez.

No entanto, durante minha investigação sobre o assunto, o consenso geral foi que um enorme Ramo havia se esgueirado pela parte rasa do porto até sua casa na praia. Rosie achava que era um "espírito do diabo". Não consegui encontrar nenhuma razão definitiva para o Ramo ter soltado o jovem em cima da estante de bambu para secar alimentos. Esse episódio me lembra a experiência que Titus teve.

Existem outros relatos dispersos de encontros com Ramôs gigantes em Malaita, mas são escassos em comparação com Guadalcanal.

Em muitas ocasiões, me disseram que os gigantes eram famosos por conseguirem retardar uma presa em fuga usando apenas o poder do pensamento. É possível que o medo paralisante contribua para isso. Mas, como já ouvi falar muitas vezes sobre essa característica, parece-me que há algo mais envolvido, como algum tipo de habilidade mental extra. A forma como me foi descrito é que eles têm a capacidade de retardar a pessoa através dos seus pensamentos e, de alguma forma, paralisá-la com medo pouco antes de a capturarem.

Os gigantes Ramo são famosos por serem tão fortes que podem arrancar membros com grande facilidade. Aparentemente, em ataques a aldeias, eles às vezes começavam a comer suas vítimas segurando-as de cabeça para baixo e separando suas duas pernas para rasgar o corpo em pedaços, porque há um ponto fraco nos quadris. O que não comiam naquele momento, colocavam em grandes sacos de palma sagu (feitos pelas mulheres para eles) para levar para casa para a família.

Outra maneira que os gigantes Ramo às vezes carregavam suas presas era sobre os ombros, na nuca. Além disso, como exemplo de seu estilo voraz, os gigantes Ramo às vezes comiam suas vítimas capturadas vivas, na frente de todos, antes de fugir.

Acredito que a civilização subterrânea sob a ilha, há muitos milênios, formou uma coalizão com os gigantes que viviam perto do topo da ilha, e alguns dos gigantes Ramo de Malaita foram para o subterrâneo com seus amigos extraterrestres. Ao longo dos milênios, houve cruzamentos entre espécies inter-raciais entre o povo costeiro de Malaitan e a espécie Ramo, o que acredito ter produzido esta espécie de homens selvagens, poderosos e canibais que o povo de Malaitan chama de “homens Ramo”!

Esses indomáveis Ramo-men eram, e muito provavelmente ainda são (o que restou deles), homens cruéis, imensamente fortes, enganadores, com apetite voraz e um desejo de matar e comer seu próprio povo, além da imaginação de nossas mentes homo sapiens naturais; embora eu tenha certeza de que alguns roteiristas possam ter uma compreensão exata do quanto.

Uma parte estranha de tudo isso é que esses homo sapiens Ramo-men eram conhecidos pelos povos indígenas, e alguns viviam entre eles, com todos temendo sua capacidade de matar. De acordo com minha pesquisa, parece que esses “homens assassinos Ramo” geneticamente atrofiados desenvolveram essas características canibais

durante a adolescência, no auge da puberdade. Dizem que a sua espiritualidade está envolvida, o que os torna assim. Estou apenas relatando isso e eu mesmo tenho dificuldade em entender melhor.

Acredito que a percepção do homem branco sobre as ações dos caçadores de cabeças dos mares do sul — como algo que eles faziam para adorar deuses ancestrais ou sem qualquer motivo válido — é completamente equivocada. Todas as ilhas da Melanésia, incluindo Papua Nova Guiné, Ilhas Salomão, Vanuatu e Ilhas do Estreito de Torres, tiveram seus descendentes caçadores de cabeças imitando o canibalismo dos gigantes de suas ilhas, e estavam apenas copiando o que lhes foi feito durante milênios.

Malaita já teve uma abundância de gigantes peludos e maiores, até algumas centenas de anos atrás. Acredito que eles foram para o espaço ou estão nas profundezas do planeta com os chamados "alienígenas", ou ambos.

Semelhantes aos gigantes de Guadalcanal, alguns desses gigantes de Ramo tinham seis metros de altura e invadiam uma aldeia brandindo um subi de quatro metros e meio, com centenas de homens respondendo ao ataque em defesa de sua aldeia. Suas flechas, disparadas durante o caos, eram geralmente inúteis, pois aparentemente os pelos do corpo desses gigantes de Ramo, muito maiores, eram mais espessos, oferecendo algum grau de proteção contra as flechas. Segundo me contaram, era como se ficassem com um espinho preso neles. Com um golpe de seu subi, dez homens lutando como formigas protegendo seu ninho morriam.

Aqui está um exemplo dos diferentes tipos de astúcia dos gigantes Ramo. Um grande Ramo adolescente sentava-se no alto de uma árvore nos arredores de uma vila costeira, observando os moradores da vila enquanto estava à vista de todos. Às vezes, ele ficava sentado lá por dias, como um macaco gigante, e todos na vila acabavam se acostumando com sua presença. Naquela época, para se protegerem, essas aldeias costeiras tinham uma população muito maior. Se alguém se aproximasse demais da árvore, perseguindo-o, esse gigante descia rapidamente e capturava a vítima para levá-la para a selva próxima para comer, apenas para mais tarde retornar ao mesmo

lugar. Naturalmente, os guerreiros tribais usavam suas lanças, arcos e flechas e cortavam as árvores, mas geralmente sem sucesso.

Às vezes, esse gigante voltava deliberadamente para a selva para que todos os moradores da vila pensassem que ele tinha ido embora e provavelmente não voltaria. Pelo contrário: esse hominídeo astuto e voraz sabia muito bem que eles presumiriam isso e, como eles teriam que voltar para suas hortas, o gigante se escondia em algum lugar próximo na selva, esperando a primeira multidão aparecer. Ele então os surpreendia com um rápido ataque, levando duas pessoas de cada vez. Depois de se fartar de suas vítimas, ele voltava para fazer tudo de novo; ou levava os restos para casa para seus parentes e outros comerem.

Alguns gigantes Ramo usavam quatro ou cinco faixas culturais diferentes em torno dos bíceps e um cinto de casca de árvore com cordas entrelaçadas na região da virilha. Muitos, porém, eram simplesmente como gorilas enormes e peludos da selva, completamente nus.

Fungalau-lau era um dos gigantes culturais Ramo mais conhecidos, que vivia em uma casa semelhante a uma caverna, parcialmente feita de barro, nas montanhas da selva. Todos os indígenas conheciam ele e sua família. Sua esposa, por assim dizer, era um pouco volúvel e nem sempre passava todo o tempo com ele, pois ele era difícil de conviver e tinha o hábito de comer os filhos que ela tinha.

Se eu tivesse espaço neste livro para contar algumas das histórias não só de Ramo Fungalau-lau, mas também de vários outros gigantes malaitanos famosos e de alguns outros gigantes de Guadalcanal, você encontraria pequenas diferenças culturais entre os povos de Malaita e Guadalcanal, que seguem o estilo de seus gigantes individuais. Essas diferenças culturais individuais das ilhas relacionadas aos seus Ramo também se estendem a Makira, Isabel, Choisel, as principais ilhas da Papua Nova Guiné e o Estreito de Torres.

Só mais um pouco sobre o que realmente aconteceu com esse feiticeiro que me envenenou: alguns meses depois, depois de ter sido curado de sua "arma biológica", minha ex-esposa Shelley, que é filha de Rosie, e eu fomos dar um passeio no final da tarde na casa de um amigo. Passamos por esse velho feiticeiro malvado descendo a encosta em uma estrada de terra deserta de Honiara quando percebi quem era aquele homem maligno e decidi parar e confrontá-lo com algumas palavras bem escolhidas. Ele não falou comigo e seguiu em frente. Shelley ficou muito preocupada q u e ele tentasse me amaldiçoar novamente!

Shelley então contou meu breve encontro com o feiticeiro a um importante tenente militar da Força de Campo das Ilhas Salomão, que havia perdido o pai para o mesmo homem. A conversa daquela noite começou azeda, mas depois passamos a falar de muitos outros assuntos, incluindo os gigantes e os OVNIs das Ilhas Salomão.

Dias depois, quando eu estava ocupado com outras coisas, Shelley me disse que o velho feiticeiro que havia envenenado o pai do meu amigo, outras pessoas e eu havia morrido. Mais tarde, quando encontrei meu amigo militar, perguntei-lhe como isso tinha acontecido. Ele disse que havia rumores de que o feiticeiro não havia morrido de causas naturais.

Os capítulos seguintes se concentram em algumas histórias folclóricas malaitanas bem conhecidas sobre dois poderosos homens homo sapiens Kwaio Ramo, na história mais recente dos Kwaio, que gravei enquanto estava em Goonabussu.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

RAMO KWAIWANE

Kwaiwane nasceu no Monte Arigi, no interior de Kwaio, há aproximadamente 150 anos, e viveu como filho único com sua mãe e seu pai em sua casa de folhas nas montanhas da selva.

Quando tinha cerca de quinze anos, seus genes se manifestaram e ele começou a se transformar no que todos em Kwaio conhecem como um Ramo, "homem que come homem". Como mencionado, os homo sapiens Ramo de Malaita, durante a puberdade, parecem ter genes remanescentes que se manifestam nessa época e os transformam em assassinos psicopatas comedores de homens, semelhantes aos gigantes Ramo de Malaita. Os Ramo humanos de Malaita vivem nesta região desde que os ilhéus se lembram, e ainda podem ser encontrados, embora agora sejam educados e assumam outras formas astutas entre os malaitanos de hoje. Eu conheci alguns, e você com certeza sabe quando encontra um.

Um dia, Kwaiwane perguntou ao pai se podia ir até o rio para pescar. Seu pai disse que, se ele quisesse fazer isso, deveria ter muito cuidado para não se machucar. Havia homens por perto que poderiam tentar agredi-lo e roubar seus pertences.

Com isso, Kwaiwane convenceu seu pai a deixá-lo ir, insistindo que nada lhe aconteceria. Kwaiwane disse com confiança ao pai que, se ele não quisesse que ninguém lhe fizesse mal ou o matasse, nenhum homem poderia. Esse foi o momento em sua vida em que os genes gigantes de sua raça começaram a se manifestar.

Seu pai riu e disse: “É verdade, filho?”

Então Kwaiwane respondeu: “Deixe-me ir pescar. Não se preocupe comigo. Tudo bem, eu vou ficar bem.”

Com isso, seu pai disse-lhe: “Tudo bem, vá pescar, mas tenha cuidado.” E assim Kwaiwane, com seu equipamento de pesca, arco e flechas nas mãos, dirigiu-se ao rio Kwari’ekwa, no vale abaixo.

Neste ponto, o autor gostaria de mencionar que teve que traduzir essas histórias escritas em pidgin inglês para o inglês.

Kwaiwane e sua família viviam bem no meio da parte mais alta e montanhosa da ilha. A nação de Kwaio é semelhante aos nossos estados, e uma se estende de leste a oeste, atravessando Malaita. Embora a nascente desse rio esteja a 1.500 metros de altitude, a água sai dessa montanha e corre em duas direções, formando dois rios diferentes com uma única origem. É o início desses dois rios que divide Kwaio Oriental e Ocidental. É um fenômeno geográfico muito incomum. Além disso, esses dois rios dividem Kwaio ao sul e Kwara'ae ao norte.

Kwaiwane pegou seu arco e flecha e foi até o rio, onde começou a atirar em muitos peixes. Ele estava lá há algum tempo quando, de repente, ouviu um barulho e viu três homens vindo em sua direção. Ele começou a correr, mas eles o alcançaram. Kwaiwane rapidamente começou a pensar no que faria, pois eles queriam matá-lo. Então, ele decidiu mentir para todos eles.

Ele disse aos três homens: “Esperem um pouco; eu vou buscar meu porco para vocês dois. Quando eu voltar, vocês queimam e cozinham o meu peixe para vocês comerem.” Com isso, os homens concordaram, mas disseram para ele se apressar e trazer o porco para que pudessem comê-lo.

Mas Ramo Kwaiwane havia mentido. Ele tinha outro plano. Quando os deixou, começou a subir a montanha e, quando estava fora de vista, voltou e se escondeu nas proximidades. Enquanto os homens cozinhavam o peixe e conversavam, Ramo Kwaiwane pegou seu arco com suas flechas mais afiadas e atirou em todos os três, matando-os. Com os três mortos, Ramo saiu da selva e desceu até eles. Pegou seu machado de pedra, cortou as cabeças e as mãos dos três e, com um galho cortado, amarrou as cabeças nele, colocando as mãos em sua cesta de pesca. Então voltou para a casa de seu pai para mostrar o que tinha feito.

Ao chegar em casa, Kwaiwane apresentou as três cabeças e mãos ao pai, dizendo que ali estava a prova de que ele não precisava ter se preocupado com ele enquanto estava pescando.

Seu pai sabia quem eram esses homens. Eram homens de West Kwaio. Ele começou a se preocupar; se a tribo dos homens assassinados descobrisse o que seu filho tinha feito, eles certamente começariam a fazer dele e de sua própria tribo inimigos, querendo vingança. Naquela altura, nem todos sabiam que Kwaiwane tinha começado a se transformar em um Ramo muito reverenciado.

A última coisa que seu pai precisava era que esses assassinatos se tornassem de conhecimento público. Ele expressou sua preocupação a Kwaiwane, explicando quais respostas poderiam vir dos parentes dos homens que ele havia matado. Kwaiwane então disse a seu pai para não se preocupar e que ele deixaria a casa da família, para que, se descobrissem quem era o responsável, tentassem matar apenas ele, em vez de

suspeitarem do pai e da família. O pai concordou e Ramo Kwaiwane saiu de casa e foi para a selva profunda de Kwaio.

Durante suas viagens, ele encontrou uma grande caverna que o povo Kwaio chama de Farumanimae. Foi lá que ele fez sua casa. É claro que qualquer pessoa interessada pode visitar essa caverna, isto é, se tiver pernas para caminhar até lá. É preciso reservar uma semana para fazer a caminhada de ida e volta, atravessando e contornando as cadeias de montanhas onduladas, embora um helicóptero seja uma ótima ideia.

A partir daquele momento, pelo resto da vida, Kwaiwane matou e comeu pessoas. Isso se tornou sua dieta e, com o tempo, ele se tornou bom nisso. Ele também não sabia ficar em um só lugar, acabando por ter algumas cavernas aqui e ali. Ele canibalizou pessoas de Are'are, no sul de Malaita, Kwaio, Kwara'ae e também do norte de Malaita. Ele viajou por toda a extensão da ilha em busca de suas próximas refeições.

Com o passar dos anos, quando os moradores das aldeias descobriam que ele estava na região, enviam grupos de caça para tentar matá-lo, mas muitos deles nunca voltavam, pois ele era um Ramo poderoso e astuto que eles simplesmente não conseguiam derrotar.

Com seu subi, machado e arco e flecha, Kwaiwane os matava de todas as maneiras possíveis. Muitas vezes, ele usava o elemento surpresa para satisfazer sua fome por carne humana. Em mais de uma ocasião, ele matou meia dúzia deles em ataques furtivos enquanto os aldeões caminhavam pelas trilhas da selva.

No final de uma tarde, enquanto Ramo Kwaiwane caçava humanos em Kwara'ae, ele chegou perto da aldeia de Kunuabu e, enquanto espreitava possíveis refeições, encontrou outro Ramo chamado La'akwai, que era um Ramo de Kwara'ae. Reconhecendo seu poder, Ramo La'akwai perguntou a Ramo Kwaiwane:

“Para onde você vai?”

“Oh, estou apenas passeando um pouco.”

Então Ramo La'akwai disse: “Venha, você e eu, dois amigos, vamos dormir na minha casa tambu?” (“Você gostaria de vir dormir na minha casa tambu?”) Na língua Kwaio, casa tambu é “tau”.

Então Ramo Kwaiwane respondeu: “OK, a noite acabou e Kwaio fica longe para eu voltar, porque a noite acabou.” (“OK, tudo bem, porque Kwaio fica longe daqui e já é noite.”)

Então, com Ramo La’akwai na frente, os dois atravessaram a selva e chegaram à casa tambu de Ramo La’akwai.

Quando chegaram dentro da casa, ele mostrou a Ramo Kwaiwane todos os crânios que havia coletado de todos os homens que havia comido. Então Ramo Kwaiwane disse a Ramo La’akwai: “Mano, estou com muita fome. Como assim? Tem algo para eu comer?”

Ramo La'akwai disse para ele esperar, saiu para a selva, matou um porco enorme e o trouxe de volta para que Kwaiwane pudesse comê-lo.

Quando Ramo Kwaiwane viu o porco, disse: “O que é isso, ki-kiem bilong você? Eu não salvei ki-kiem esse; eu sou só um homem, não posso mais ki-kiem todos os dias da minha vida

. Aquele eu não sei o que é." ("Por que você me dá porco para comer? Eu só como homens todos os dias da minha vida. Eu nunca como porco.")

Naquela noite, os dois dormiram até o amanhecer e Ramo Kwaiwane disse a La'akwai: "OK, eu preciso voltar agora. Você deve vir atrás de mim em breve para que nós dois possamos dormir mais na minha casa, OK!" ("Eu tenho que voltar para casa agora, mas se você quiser, pode vir à minha casa daqui a alguns dias.")

Com isso, Ramo Kwaiwane partiu e voltou para a caverna onde vivia.

Ramo La'akwai contou oito dias e depois atravessou a selva, cruzou o rio Kwari'ekwa e chegou à caverna de Ramo Kwaiwane, no território Kwaio. Carregando seu subi, ele chegou à noite na caverna do amigo e perguntou a Kwaiwane: "Mano, tem ki-ki? Estou com muita fome, porque vim de longe, então estou com muita fome."

Ramo Kwaiwane respondeu: "OK, você fica aqui, eu vou procurar algo para você comer."

Então Kwaiwane saiu, matou um homem e trouxe o corpo para La'akwai, para que ele tivesse algo para comer. Ele ficou muito surpreso com o que Kwaiwane tinha feito como refeição para ele naquela noite. Enquanto comiam, Ramo Kwaiwane mostrou a Ramo La'akwai todos os crânios dos homens que ele tinha matado para comer e, quando La'akwai terminou de contá-los, eram centenas.

Os dois não dormiram naquela noite e, em algum momento, Ramo

La'akwai disse a Ramo Kwaiwane: “Eu quero descobrir quem é mais forte entre nós dois, porque você, Ramo, é de Kwaio e eu, Ramo, sou de Kwara'ae. Há uma coisa que eu quero descobrir agora, eu quero descobrir quem é mais poderoso entre nós dois.” (“Porque você é de Kwaio e eu sou de Kwara’ae, eu gostaria de descobrir quem tem mais poder.”)

Ramo Kwaiwane então disse a Ramo La’akwai que já havia matado centenas de homens e, ao mesmo tempo, ergueu uma grande pedra acima de si e disse: “Todos os espíritos dos homens que matei agora estão dentro desta pedra.”

Essa mesma pedra está agora guardada em um lugar sagrado chamado Galsap, que fica a cerca de um quilômetro e meio do porto de Sinalagu. A história de Ramo Kwaiwane faz parte da história de Kwaio, e eles acreditam que a força e o espírito de Ramo Kwaiwane ainda estão lá, sempre que um homem quiser usá-los para matar outro homem.

Em 2004, um adventista do sétimo dia australiano que, através de um programa de trabalho voluntário, acabara de chegar ao Hospital Atoifi, em Kwaio, foi decapitado por trás enquanto fazia um trabalho de carpintaria. Dizem-me que foi o espírito de Ramo Kwaiwane que possuiu o assassino e o levou a cometer o crime, numa espécie de vingança pelo que os brancos fizeram ao povo Kwaio no passado. O voluntário australiano da Igreja Adventista do Sétimo Dia simplesmente estava no lugar errado na hora errada. Um ano antes deste assassinato, eu conheci este assassino, e ele era definitivamente mentalmente instável. Na verdade, durante os poucos dias em que este jovem esteve na nossa área, sempre que o via, sentia uma presença maligna dentro dele, como se estivesse possuído por demónios. Consequentemente, durante a sua estadia, todos nós mantivemos uma grande distância dele.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

RAMO BALEBATA

Esta é a história basicamente verdadeira da juventude de Ramo Balebata, segundo o povo de East Kwaio e Kwaio Fadunga. Um dia, quando Balebata e seus pais estavam sentados em sua casa de folhas no meio da selva montanhosa, um mensageiro chegou com notícias de um dos tios de Balebata, pedindo à sua mãe que fosse à aldeia para a abertura da cerimônia do inhame. Na época, segundo me contaram, Balebata tinha cerca de dezesseis anos.

Na cultura Kwaio, é proibido comer inhame maduro e, por extensão, taro, se os sacerdotes Kwaio não removerem cerimonialmente o "tambu" (os espíritos malignos). Após a cerimônia de remoção do tambu, todos podem se soltar e comer os frutos da estação à vontade.

Balebata ouviu seu pai e sua mãe discutindo o assunto, concordando que sua mãe iria à aldeia do tio para a cerimônia que duraria a noite toda, enquanto seu pai ficaria em casa para cuidar dos porcos e de outros bens. Assim, no meio da tarde, a mãe de Balebata colocou taro e peixe em sua cesta de vime e partiu para a aldeia do tio, onde a cerimônia do tambu seria realizada.

O pai de Balebata, Riivale, não deixou Balebata ir com a mãe para a cerimônia porque sabia que, se ele fosse para a "casa tambu" do tio, onde a cerimônia seria realizada, todos os seus tios "lhe dariam um demônio" para fazê-lo matar homens, ou o transformariam em um Ramo. Mas Balebata não quis ouvir o conselho do pai e, pegando seu subi, finalmente alcançou a mãe, seguindo-a à distância e sempre fora de vista. Balebata

não queria que sua mãe soubesse que ele a estava seguindo, caso contrário, ela também o teria proibido de ir junto.

Por fim, ela chegou a Sifola, a aldeia onde viviam os seus irmãos e onde a cerimónia do tambu iria ter lugar naquela noite. Balebata escondeu-se e esperou no mato durante cerca de uma hora e depois entrou na aldeia. Quando chegou, não quis ir para a casa onde estavam todas as mulheres; em vez disso, dirigiu-se para onde estavam todos os seus tios, na casa do tambu, onde a cerimónia estava a decorrer.

Como seu pai havia previsto, durante toda a noite, seus tios realizaram feitiços e bruxarias sobre ele, colocando um "demônio" ou espírito maligno dentro dele que o faria matar pessoas ou se tornar um Ramo.

Na manhã seguinte, a mãe de Balebata, que já sabia que o filho estava na casa tambu, chamou-o para que fossem para casa, onde o pai o esperava. Então, Ramo Balebata saiu, mas não disse uma palavra à mãe. Durante todo o caminho para casa, Balebata seguiu-a lentamente, mas não sentiu vontade de falar com ela. Mesmo quando chegaram a casa e o pai lhe perguntou algo, ele simplesmente não respondeu. Isso porque o espírito maligno que lhe fora infligido já estava começando a deixá-lo louco e a transformá-lo em um Kwaio Ramo, com o poder de matar gigantes e quase tudo o mais que estivesse por perto. Mesmo quando lhe ofereceram comida, ele recusou. A partir daquele momento, o pai de Ramo Balebata percebeu que seus tios tinham feito exatamente o que ele imaginava. Eles tinham usado sua magia e colocado um demônio dentro de seu filho para que ele se tornasse um assassino e canibal de homens.

Naquela noite, depois que ele e sua mãe chegaram em casa de Sifola, Ramo Balebata se recusou a dormir até o amanhecer. Na noite seguinte, aconteceu a mesma coisa; ele ficou acordado até o amanhecer, mesmo que seu pai tivesse insistido para que ele dormisse.

Na manhã seguinte, seu pai e sua mãe conversaram com ele, dizendo que todos deveriam ir trabalhar no jardim naquele dia. Então Ramo Balebata disse aos pais que estava se sentindo um pouco mal e não queria ir; preferia ficar em casa e cuidar da casa e de todos os porcos, caso alguém viesse roubá-los enquanto eles estivessem fora.

Seu pai acreditou que o filho estava falando a verdade e concordou que ele ficasse em casa para proteger os porcos. Mas Ramo Balebata tinha algo completamente diferente em mente, pois seu impulso cada vez maior de matar estava começando a dominar seus pensamentos.

Ele planejou que, assim que seu pai e sua mãe fossem para o jardim, ele iria matar todos os porcos. Então, depois que seus pais saíram, Ramo Balebata pegou seu subi e os matou, deixando apenas um vivo.

Este foi o início de sua série de assassinatos psicopáticos. Pegando o único porco que restava, ele o levou para outra aldeia onde morava outro Ramo. Quando chegou lá, ele disse aos outros Ramo para matarem o porco para que todos pudessem comer.

Naquela noite, os outros Ramo e os moradores da aldeia comeram o porco. Depois que o banquete terminou, Ramo Balebata começou a mentir para todos, contando histórias durante o resto da noite, até o sol nascer. Na manhã seguinte, os outros Ramo, que aliás não perceberam que Balebata era um Ramo muito mais diabólico do que eles, perguntaram se Balebata iria ao jardim com eles. Mas Balebata mentiu para todos e disse que estava muito doente. Eles então disseram que, se fosse esse o caso, ele deveria ficar em casa e esperar até que eles voltassem.

Balebata esperou um pouco até que todos tivessem ido embora e, então, com seu subi na mão, começou a matar todos que permaneceram na casa tambu e em outras casas da aldeia. Dizem que ele matou mais de trinta homens, mulheres e crianças naquele incidente, não deixando ninguém vivo. E ele tinha apenas dezesseis anos.

Após esse massacre, ele carregou um dos homens mortos para outra aldeia distante chamada Alai, onde havia outros Ramo. Ele disse a todos para virem comer esse homem com ele, o que aparentemente eles ficaram mais do que felizes em fazer. Durante esse período da história de Kwaio, além dos gigantes Ramo, eram principalmente os homens Ramo que praticavam canibalismo.

Era cerca de meia-noite, quando Ramo Balebata soube que todos estavam dormindo profundamente, que pegou seu subi e, bloqueando novamente a entrada da casa tambu, massacrou todos dentro dela, matando mais cinquenta pessoas.

Após o massacre, ele agarrou um dos homens sem vida e, no meio da noite, levou-o para outra aldeia distante chamada Laufolo, chegando pela manhã. Aqui ele tinha alguns amigos e parentes e, mais uma vez, todos ficaram muito felizes ao vê-lo carregando um morto, pois estavam prestes a comer carne humana novamente.

Acontece que, em Laufolo, centenas de pessoas se reuniram para uma grande festa. Então, naquele momento, Ramo Balebata começou a mentir novamente para aqueles que estavam com ele. Ele disse que, embora eles gostassem que ele ficasse para a festa, ele não podia, pois acabara de saber que seu pai havia morrido e seu espírito lhe dissera que ele deveria voltar para casa. Mas ninguém sabia que ele estava mentindo. O banquete continuou durante todo o dia e Ramo Balebata foi embora; mas, em vez de ir para casa, o que obviamente não poderia fazer, ele decidiu se esconder na selva perto do banquete da aldeia.

Naquela tarde e noite, à medida que diferentes grupos deixavam a festa, Ramo Balebata matava todos que passavam por ele. Muitas dezenas de pessoas foram mortas durante aquela noite. Os únicos que foram poupados foram aqueles que voltaram para casa em direções diferentes. Como mencionado, ele ainda tinha apenas dezesseis anos; e ficou muito melhor nisso mais tarde na vida...

Quando finalmente todas as provas foram reunidas e ficou claro que Ramo Balebata era o responsável por essas execuções em massa, todos os outros Ramo de Kwaio fizeram esforços sinceros para caçá-lo e matá-lo. Mas foi difícil encontrá-lo, pois ele nunca ficava no mesmo lugar e estava sempre caçando em outras áreas. Ao longo dos anos, em outras ocasiões, ele também realizou muitos massacres em emboscadas, tirando centenas de vidas em diferentes partes de Kwaio. Ele até enfrentou outros Kwara'ae Ramo enquanto viajava pela selva.

Até o fim de sua vida, o pai de Ramo Balebata também queria matar seu filho, porque ele havia matado seu irmão mais novo e também o havia comido.

Há mais nesta história, mas se alguém desejar provas desta parte da história de Kwaio, pergunte ao seu povo sobre Ramo Balebata. Além disso, se alguém fosse ao porto de Sinalagu, em East Kwaio, e perguntasse a alguns dos chefes se seria possível ver o subi de Ramo Balebata, eles levá-lo-iam ao local sagrado onde ele se encontra e onde também está grande parte da sua história.

O que tentei demonstrar com estas duas histórias é como o ADN da raça gigante conseguiu, de alguma forma, chegar a estes homosapiens Ramo, que são como uma versão retro da humanidade. Há milénios, pode ter havido uma intervenção extraterrestre em algum lugar.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A SERPENTE DE DIAMANTE

Algumas centenas de anos atrás, havia três adolescentes travessos que viviam em uma aldeia costeira Kwaio, no centro-leste de Malaita. Naquela época, devido aos ataques aleatórios dos gigantes Ramo, suas aldeias ficavam à beira-mar e eram maiores do que são agora. E, com frequência, seu povo via uma bola de luz muito brilhante voando por ali, indo de um lado para outro e mergulhando no oceano. Ela também era vista com frequência voando ao redor das montanhas da selva. Na verdade, essa bola de luz era vista voando sobre quase toda a região de Malaita e, como essas criaturas voadoras eram responsáveis por incinerar pessoas e roubar pessoas por gerações, elas eram reverenciadas por superstição.

Enquanto caçavam nas proximidades de suas aldeias ou cuidavam de seus jardins, os povos costeiros Kwaio e Kwara'ae às vezes viam uma cobra pitão muito grande com uma pedra brilhante na cabeça rastejando pela selva. Essas pessoas juram que ainda hoje, ocasionalmente, veem essas cobras com cabeças brilhantes enquanto viajam pelas selvas. Uma coisa que notei é que essas testemunhas oculares, de diferentes partes da ilha, me descreveram a mesma coisa, além da capacidade dessas cobras misteriosas de se moverem muito rapidamente pela selva. Mais uma vez, esses tipos de relatos são u m pouco bizarros para o autor, mas ele está apenas relatando suas descobertas e tentando entendê-las.

Devido ao brilho semelhante das "criaturas" voadoras (OVNIs) e da pedra em forma de diamante que brilha na cabeça dessas cobras, o povo de Malaita, nas últimas décadas, passou a chamar as bolas de luz voadoras de "Cobras de Diamante". É um nome semelhante ao da "Cobra Dragão" de Guadalcanal, embora talvez a

parte “serpente” dos nomes seja apenas uma coincidência. No entanto, a Serpente de Diamante é como os malaitanos modernos ainda chamam esses OVNIs. E, assim como em Guadalcanal, não faltam deles voando por aí.

Em muitas ocasiões, os três adolescentes viam as Cobras-Diamante sobrevoando suas aldeias. Essas Cobras-Diamante também eram conhecidas por todos por sua capacidade de incinerar pessoas com seus olhos vermelhos e por sequestrá-las. Ao longo de gerações, muitos dos habitantes da aldeia desapareceram e, como muitas pessoas testemunharam as cobras-diamante levando as pessoas sequestradas para dentro de suas barrigas, todos sabiam que elas eram responsáveis pelo desaparecimento. No entanto, na época, essas perdas para as cobras-diamante eram insignificantes em comparação com as perdas que todas as aldeias ao longo da costa de Malaita sofreram ao lutar contra os gigantes Ramo. Como as cobras-diamante eram temidas, e ainda são, os anciãos e sacerdotes realizavam magia “tambu” sobre elas, com sacrifícios e cerimônias aos seus deuses ancestrais para impedir que as cobras-diamante/OVNIs roubassem e matassem seu povo. Os três adolescentes também testemunhavam, às vezes, essas cerimônias de expiação tambu.

Assim como outros adolescentes malaitanos das aldeias costeiras, esses meninos às vezes pegavam seus arcos e flechas para caçar, sempre tomando cuidado com os gigantes Ramo e as cobras-diamante que poderiam estar por perto. Certa noite, enquanto brincavam em uma montanha próxima à sua aldeia, os jovens observaram a luz brilhante da Serpente de Diamante voando novamente e notaram que ela desapareceu entre as árvores da cordilheira da selva próxima, não muito longe de sua aldeia, perto do rio.

Os meninos ficaram curiosos sobre o local onde a Serpente Diamante pousava e decidiram espioná-la para descobrir se era para lá que ela ia quando não estava voando. Eles podem ter pensado que era uma das casas da Serpente Diamante e, como conheciam bem aquela área perigosa do rio, decidiram impetuosamente ir verificar. Numa noite de luar, os meninos desceram a montanha e começaram a sua viagem rio acima para tentar espiar por que razão a Serpente Diamante tinha pousado na selva próxima.

Com um pouco de cautela, eles seguiram animadamente o rio rio acima até começarem a subir furtivamente pela selva até onde tinham visto essa criatura reverenciada pousar. Se fossem descobertos pela Serpente Diamantina, ela certamente os fritaria com seus olhos vermelhos e flamejantes.

À medida que os meninos se aproximavam da área onde tinham visto a luz brilhante da Serpente Diamante descendo na selva, começaram a se aproximar silenciosamente até chegarem à beira de uma pequena clareira. Ainda escondidos na selva, viram criaturas estranhas, parecidas com homens, em pé do lado de fora da grande cobra-diamante redonda, olhando para uma pedra grande e brilhante. Os meninos permaneceram quietos, escondidos na selva, absolutamente fixados no que essas coisas estranhas estavam fazendo.

Depois de algum tempo, as criaturas parecidas com homens entraram no OVNI/Serpente Diamantina e, depois que ele começou a brilhar mais intensamente, começaram a subir acima das árvores da clareira da selva, deixando para trás a pedra redonda e brilhante.

Pasmos, os meninos saíram de seu esconderijo nas proximidades e se aproximaram cautelosamente da pedra. Curiosos, começaram a inspecioná-la e descobriram que, em comparação com outras rochas do mesmo tamanho, era extremamente pesada para ser movida. Considerando que as estranhas criaturas parecidas com homens da Serpente de Diamante haviam prestado muita atenção a essa grande pedra brilhante e que ela poderia ter algum valor, os três adolescentes decidiram roubá-la.

Era preciso que os três pegassem a pedra da Serpente de Diamante e fugissem com ela. Eles conseguiram carregá-la pela selva, descendo a suave encosta até a margem do rio. Temendo que a Serpente de Diamante voltasse e descobrisse que sua pedra preciosa havia desaparecido, os meninos travessos decidiram esconder o pesado objeto em um tronco oco e cobri-lo com folhas e galhos para poderem recuperá-lo em outro momento.

Como era de se esperar, assim que os meninos malandros esconderam a pedra, viram a luz brilhante da Serpente Diamante voando montanha abaixo em direção a eles. Em pânico, todos começaram a correr, embora um deles se escondesse atrás de uma grande rocha na margem do rio, não muito longe de onde haviam escondido o objeto precioso da Serpente Diamante.

Como se fosse guiado de alguma forma, o OVNI voou diretamente sobre a pedra escondida. Enquanto o menino se escondia com medo, ele viu um feixe de luz incidir sobre o tronco onde a pedra estava escondida, fazendo-a subir lentamente para dentro do veículo, da mesma forma que havia abduzido seu povo. Em seguida, o OVNI seguiu em frente e desapareceu de vista.

Por fim, os meninos se encontraram mais tarde naquela noite. Desde então, essa história foi passada de geração em geração, até os dias de hoje.

Certa vez, eu tive em minha posse uma pedra preciosa perfeitamente redonda que oito especialistas qualificados não conseguiram identificar, o que eles consideraram incrível. Suas características eram que sua gravidade específica era muito maior do que a dos diamantes, e seu índice de refração também era muito maior do que qualquer coisa que eles já tinham visto.
Incrivelmente, depois de medi-la com um micrômetro, essa pedra preciosa extraordinária também era perfeitamente redonda, com uma precisão de milésimos de polegada. Embora tivesse
32,4 quilates, era muito menor do que se fosse um diamante. Outra coisa interessante sobre essa pedra única era que, quando você a segurava contra a luz do sol, via seu reflexo no centro. Outra característica estranha era que, quando eu apontava um pequeno laser para ela, embora translúcida, ela absorvia completamente a luz. Sem testes destrutivos, oito gemologistas não conseguiram identificar sua composição elementar e disseram que, muito provavelmente, ela teria algo dentro que era impossível de identificar. Ironicamente, para mim, eles batizaram essa pedra indeterminada de “ET”.

Nas profundezas da rocha altamente mineralizada e com base em kimberlito da placa tectônica Ontong Java, da qual Malaita faz parte, espécies extraterrestres subterrâneas têm realizado mineração, e talvez essa pedra preciosa muito rara seja uma das razões para isso. Além disso, tenho certeza de que sei para onde foram levados os habitantes das Ilhas Salomão que foram abduzidos por esses OVNIs; e não me surpreenderia se a razão pela qual eles foram abduzidos por milênios fosse para trabalhar como escravos nas minas subterrâneas nas profundezas de Malaita. Espero sinceramente que esses personagens não estejam exportando eles, e nós, para toda a galáxia para seus companheiros!

CAPÍTULO VINTE E SEIS

BASES DE OVNIs CONHECIDAS NAS ILHAS SALOMÃO

Que eu saiba, esta não é a primeira vez que alguém conta ao resto do mundo sobre entradas subterrâneas de OVNIs que encontrou. Suponho que tudo tem uma segunda vez.

No início deste livro, há dois capítulos, “A Serpente Dragão” e “Monte Dragão”, que são relatos das minhas primeiras experiências com OVNIs e da minha primeira expedição a uma entrada subterrânea de OVNIs. Como mencionei, passei vários meses morando em uma vila chamada Chapuru, em Cape Esperance, no noroeste de Guadalcanal, que fica praticamente ao norte da entrada subterrânea de OVNIs, ou seja lá o que for. A entrada para esta base OVNI é um lago com uma cachoeira que deságua nele, com aproximadamente 760 metros de altura no lado oeste de um longo vale e a cerca de oito quilômetros ao sul de Chapuru, em linha reta. Como já expliquei, a razão pela qual acabei chamando essa entrada de OVNI na montanha sem nome de “Monte Dragão” foi porque os habitantes de Guadalcanal que vivem nessa área chamam essas bolas de luz voadoras de “serpentes dragão”.

Fiquei curioso e investiguei por que os povos indígenas da região chamavam esses OVNIs de Dragões-Serpentes, e parece que isso se deve a um velho chinês que, durante a década de 1930, mudou-se para a região de Maravovo e abriu uma pequena loja. Quando ele viu essas bolas de luz voadoras e os moradores locais perguntaram-lhe com curiosidade o que eram, ele as chamou de Dragões-Serpentes, e o nome pegou desde então. Mas o nome “dragão” também foi usado por muitas outras culturas antigas ao redor do mundo para explicar esses seres subterrâneos reptilianos e semihumanos. Portanto, tenho certeza de que há mais por trás disso.

Aqui está uma curiosidade sobre esse chinês: durante a década de 1930, um grande terremoto atingiu essa parte da ilha, com epicentro a vários quilômetros mar adentro. Os povos indígenas da costa noroeste de Guadalcanal, que tinham muita experiência com esses terremotos ao longo dos séculos, previram o tsunami iminente e correram todos para as colinas próximas. Depois de insistirem para que o chinês também fosse e não se preocupasse com sua loja, ele recusou e sentou-se no telhado para esperar as enormes ondas que estavam por vir. Consequentemente, ele se afogou e, depois que tudo acabou, os moradores locais voltaram para a costa e encontraram, entre os escombros, milhares de peixes encalhados por toda parte.

Os habitantes do noroeste de Guadalcanal observam as cobras-dragão há mais de um século e, muito provavelmente, há muito mais tempo. E embora tenham medo delas, porque seu povo foi morto, ferido ou sequestrado por elas, geralmente não lhes dão mais do que uma segunda olhada, a menos que estejam muito próximas, pois podem ser vistas voando pela área quase todas as noites e, aliás, por todas as Ilhas Salomão. É um lugar estranho para esse tipo de coisa.

Como exemplo dessa complacência indiferente, um ex-primeiro-ministro das Ilhas Salomão, Sir Allan Kemakeza, tem sua residência principal a cerca de um quilômetro e meio de Chapuru, onde eu morei. Ele já viu esses OVNIs voando por lá muitas mais vezes do que eu e nunca fez alarde sobre isso para ninguém. Por quê? Porque ninguém mais na região tem.

Pode-se viajar para o noroeste de Guadalcanal e perguntar a qualquer pessoa sobre esses dragões-serpentes/OVNIs ou os gigantes, e eles contarão muitas coisas; isto é, se a força de ocupação australiana instigada pelos americanos não impedir os turistas de ir até lá, tornando essa área e todas as outras nas Ilhas Salomão onde essas entradas de OVNIs podem ser encontradas, uma zona proibida.

No entanto, tenha cuidado se for lá, pois coisas estranhas podem acontecer com você! Mais uma vez, as verdadeiras razões secretas para a ocupação australiana das Ilhas Salomão, liderada pelos americanos, e as falsas razões que eles contaram ao resto do mundo, podem ser encontradas neste livro.

Como esses avistamentos de OVNIs nem sempre fizeram parte da minha própria história, após uma extensa investigação sobre a origem dos OVNIs, eu e outro amigo de Guadalcanal fizemos uma árdua viagem de seis dias até essa entrada específica de OVNIs. E de uma posição escondida nas montanhas próximas, adjacentes ao lago com cachoeira, descobrimos que havia mais de um desses OVNIs/Serpentes Dragão usando esse lugar como residência sob as Ilhas Salomão.

Protegida da descoberta pela atual força de ocupação liderada pela Austrália, essa entrada subterrânea extraterrestre no noroeste de Guadalcanal, e as outras que acabei encontrando, ainda estão lá hoje. Além de algumas pessoas da região, a melhor pessoa para confirmar essa entrada específica de OVNIs é Ezekiel Alebua, pois ele já sobrevoou o local em um helicóptero, que eu com certeza poderia ter usado quando fui lá! Outros que saberiam dessas entradas subterrâneas de OVNIs seriam alguns dos oficiais de inteligência americanos e australianos atualmente ligados à ocupação das Ilhas Salomão; e, sem dúvida, um dos muitos conselheiros do governo australiano atualmente no Gabinete do Primeiro-Ministro das Ilhas Salomão.

Sendo natural de Guadalcanal, o anterior primeiro-ministro das Ilhas Salomão, Sir Allan Kemakeza, embora soubesse da existência da raça gigante e dos OVNIs na sua ilha, desconhecia as verdadeiras razões pelas quais o então primeiro-ministro australiano, Howard, após muitos anos de pedidos desesperados de ajuda por parte do governo das Ilhas Salomão, mudou repentinamente de opinião. Sem demora, ele ofereceu ajuda e insistiu que iria prosseguir com uma “intervenção militar” dentro de semanas, depois de voltar de uma visita ao seu amigo no rancho, o presidente americano George W. Bush.

Só Deus sabe que tipo de negociações a delegação secreta de Howard discutiu com aquela multidão oculta em Washington e em Camp David em 2003. Uma coisa sabemos, porém: o que Howard recebeu ordens para fazer! Invadir e ocupar as Ilhas Salomão assim que voltasse para a Austrália, usando qualquer desculpa necessária para reprimir qualquer oposição pública, que neste caso era a chamada "Guerra ao Terror" e uma dúzia de homens levemente armados em uma região remota do sul de Guadalcanal. Howard não sabia as verdadeiras razões pelas quais recebeu ordens para ocupar as Ilhas Salomão; e ainda não sabe.

A intervenção das forças multinacionais australianas nas Ilhas Salomão também foi batizada, em pidgin inglês, de "Operação Helpem Friend" (Operação Ajude o Amigo). Não! Isso está incorreto! Na verdade, deveria ter sido chamada de "Operação Containem dos seres subterrâneos OVNI do mundo pertencentes às Ilhas Salomão e para os amigos americanos do meu amigo. E, ao mesmo tempo, helpem trazer petróleo e gás para o Texas, enquanto escondem as pedras preciosas do amigo!" Mesmo que tenha sido tentado antes desta próxima "Guerra Mundial", o petróleo e o gás das Ilhas Salomão nunca serão explorados com sucesso!

Ninguém pode me fazer acreditar que certas organizações de inteligência ultrassecretas dos governos dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da Austrália não sabem das civilizações subterrâneas das Ilhas Salomão, pois tenho provas irrefutáveis de que elas sabem. Tudo começou quando o grande geólogo britânico Sr. Gropher estava fazendo suas expedições no centro-leste de Malaita, entre 1958 e 1960, e viu pela primeira vez OVNIs em forma de bolas de luz voando ao redor, relatando essas observações à Inglaterra, a potência colonial dominante das Ilhas Salomão na época.

Um ano depois, em 1961, um homem branco que afirmava ser da NASA chegou a essa parte da ilha e pediu ajuda aos parentes da minha esposa para levá-lo até as entradas dos OVNIs, o que eles fizeram. Solicitando privacidade, eles o deixaram na costa deserta perto de uma base OVNI recém-descoberta. Esse cara da NASA (ou quem quer que fosse) ficou fora por uma semana, durante a qual, de alguma forma (provavelmente com o apoio de um navio da marinha americana), ele entrou em contato com esses

extraterrestres subterrâneos. Não sei os detalhes, mas sei que ele pediu mais ajuda aos parentes da minha esposa para levá-lo novamente à entrada subterrânea dos OVNIs. A maioria dos idosos das áreas de Kwaio e Kwara'ae conhece esse tal cara da NASA.

Nos mapas que revelam a localização das entradas dos OVNIs no centro-leste de Malaita (mostrados no site www.solomonislandsmysteries.com), esses OVNIs podem ser vistos entrando em uma entrada subterrânea e saindo por outra não muito distante, e vice-versa. Acredito que essas duas entradas e algumas outras nas proximidades estão todas conectadas, formando uma grande civilização subterrânea extraterrestre sob Malaita, com todas as entradas da região indo para lá e possivelmente conectadas a milhares de quilômetros de túneis em centenas de cidades ao redor do mundo. A humanidade ainda não sabe que existe outro mundo lá embaixo!

Os outros dois mapas fornecidos no site mostram as entradas subterrâneas dos OVNIs no noroeste de Guadalcanal e Small Malaita, no extremo sul da ilha principal. Embora existam satélites espiões, em tempo real, observando constantemente as atividades desses OVNIs nas Ilhas Salomão (e sem dúvida em outros lugares do mundo), para nós, além de ir até lá, uma pesquisa por satélite no "Google Earth" é o mais próximo que você chegará de vê-los.

Enquanto estava no exército australiano, sobrevoei o Oceano Pacífico a caminho dos Estados Unidos e ele é vasto. E se uma raça gigante chamada "Mu" existiu em todo esse oceano, ou ainda existe, então talvez eles tenham ido para baixo dele, com seus aliados subterrâneos, os Dragões-Serpentes.

Gostaria de salientar que, quando descobri que havia algo estranho a acontecer nas Ilhas Salomão e me interessei em investigar os OVNIs que estava vendo, encontrei oposição em todos os cantos e tive muito pouco tempo para descobrir o que descobri. Portanto, se, nesse curto espaço de tempo, consegui encontrar essas entradas para OVNIs, quantas mais existem nas Ilhas Salomão e nos mares circundantes? Ou, aliás, em todo o mundo?

Pensei sobre por que há uma concentração tão grande de entradas de civilizações extraterrestres em terra e, sem dúvida, sob os mares das Ilhas Salomão. E concluí que uma possível razão é que eles têm interesse em algumas das anomalias do planeta nessa área.

Extraterrestres ou alienígenas são palavras erradas para se referir a esses habitantes subterrâneos em particular, considerando que eles estavam aqui várias centenas de milhares de anos antes da chegada do homo sapiens e que, de qualquer forma, evoluíram originalmente aqui na Terra. Há muito tempo, eles e muitas outras espécies tecnologicamente avançadas, incluindo extraterrestres e alienígenas, aprenderam que é mais seguro viver abaixo da superfície do planeta.

Existe uma variedade de civilizações extraterrestres sob a superfície do globo, com diferentes espécies habitando diferentes áreas. Nas remotas Ilhas Salomão, esses subterrâneos em particular têm um interesse considerável por um tipo raro de pedra preciosa, de acordo com os habitantes locais, que pode ser encontrada na placa tectônica Ontong Java, da qual a ilha altamente mineralizada de Malaita faz parte. Essa placa é enorme, e só Deus sabe que outras entradas subterrâneas para OVNIs podem ser encontradas sob essa imensa extensão do Oceano Pacífico.

Muitos habitantes das Ilhas Salomão me falaram de OVNIs achatados, em forma de arraia, com grandes luzes redondas na parte inferior, que emitem um zumbido enquanto voam. As pessoas às vezes os veem voando baixo sobre a selva e emergindo do mar, perto de onde os ilhéus estão pescando. Eles também pousaram perto de aldeias, e os seres de aparência humana (brancos ou pretos) que saem desses veículos vestem uniformes estranhos, que, segundo relatos, não foram vistos em nenhum outro lugar do mundo.

Para onde eu acho que esses OVNIs em forma de arraia vão quando não estão voando? Como eles nunca foram vistos entrando ou saindo das entradas subterrâneas extraterrestres das Ilhas Salomão, só posso supor que essa

grupo secreto tem suas próprias bases subterrâneas em algum outro lugar nas ilhas e, é claro, na vasta região selvagem da Austrália e Papua Nova Guiné, nas proximidades. Se fosse esse o caso, não seria irracional pensar que isso seria para manter um olho em seus companheiros extraterrestres e suas atividades na região. Se essas bases "arraias" estão nas Ilhas Salomão, então é bem possível que também estejam nas montanhas remotas das selvas e nas águas dos mares próximos.

O secreto "Governo Mundial Único", que é o proprietário final desses veículos OVNI, enfrentou muitas frustrações ao longo das décadas devido ao fato de esses subterrâneos em particular não compartilharem sua tecnologia (por um bom motivo). E devido às enormes vantagens para o resto da humanidade se ela soubesse a verdade sobre as raças gigantes e as bases OVNI ao redor do mundo, seria lógico que os proprietários dessas naves OVNI feitas pelo homem tivessem suas próprias bases secretas nas proximidades.

Antes de terminar, gostaria de abordar um assunto realmente bizarro, que pode explicar por que as pessoas nas Ilhas Salomão, incluindo os visitantes, parecem ter uma lacuna na memória sobre ter visto esses OVNIs mais tarde na vida. Quero dizer, observar essas bolas de luz voando como eu observei, dezenas de vezes, é algo que você simplesmente não consegue esquecer, pelo menos para mim. E eu reagi mudando o futuro deles. No entanto, onde tudo se torna confuso e estranho é que eu também acredito que existem, nas profundezas das Ilhas Salomão, máquinas extraterrestres de viagem no tempo. Também acredito que descobriremos que os extraterrestres têm a tecnologia para influenciar os processos de pensamento do DNA enfraquecido dos homo sapiens que vivem na superfície através do uso do que pode ser chamado de "transmissores de pensamento". Eles poderiam, técnica e neuroquimicamente, mudar mentes à sua vontade. Talvez tenham feito isso por milênios e nós nunca soubemos. Pense nisso!

Quando comecei a investigar os OVNIs, o que, na verdade, enquanto fazia outras coisas, não envolvia muito esforço, encontrei várias de suas entradas subterrâneas. Se consegui fazer isso tão facilmente, que outras entradas de OVNIs existem nas Ilhas Salomão? E em que outros lugares do mundo e dos oceanos essas bases extraterrestres podem ser encontradas?

CAPÍTULO VINTE E SETE

COMO FOMOS ENGANADOS

A edição de julho de 2003 da revista australiana "The Bulletin" publicou um artigo sobre as Ilhas Salomão que ilustra bem a confusão entre os jornalistas australianos quanto ao motivo pelo qual o Sr. Howard, poucas semanas após voltar dos Estados Unidos, onde visitou seu amigo George W. Bush, anunciou ao mundo que invadiria as Ilhas Salomão no mês seguinte, com a intenção de permanecer lá por pelo menos dez anos, a um custo de 300 milhões de dólares australianos por ano, provenientes dos contribuintes. Cito a primeira página:

"No início de janeiro deste ano, quando uma parte da Austrália estava na praia, o ministro das Relações Exteriores Downer colocou no papel um argumento que poucos notaram, mas que agora parece singularmente inadequado. Ele disse: "Enviar tropas australianas para ocupar as Ilhas Salomão seria uma loucura extrema.

"Seria amplamente rejeitado na região do Pacífico. Seria muito difícil justificar isso aos contribuintes australianos. E por quantos anos essa ocupação teria que continuar? E qual seria a estratégia de saída? (Pequeno Iraque 2003.) O verdadeiro empecilho, no entanto, é que não funcionaria, independentemente da forma como fosse apresentada (ele deveria falar com as suas meias de armário, etc.), quer fosse uma iniciativa australiana, da Commonwealth ou do Fórum das Ilhas do Pacífico. O problema fundamental é que os estrangeiros não têm respostas para os problemas profundos que afligem as Ilhas Salomão."

A rejeição apaixonada de Downer à intervenção no Pacífico Sul foi publicada pela primeira vez no "The Australian" em 8 de janeiro de 2003, logo após seu retorno

de sua quinta visita às Ilhas Salomão em três anos. Poucas semanas depois, o Departamento de Relações Exteriores e Comércio de Downer publicou um Livro Branco que chegou à mesma conclusão: a Austrália não estava interessada em "neocolonialismo" e, apesar dos graves problemas no Pacífico Sul, os ilhéus tinham que resolver seus próprios problemas. (O que Downer não sabia na época era o que Howard e seus chefes neoconservadores americanos estavam tramando.)

Seis meses depois, o chefe das Forças Armadas Australianas, general Peter Cosgrove – certamente o chefe militar mais ocupado da Austrália desde a Guerra do Vietnã – recebeu ordens do governo Howard para começar a preparar uma expedição armada às Ilhas Salomão.

Downer descobriu uma nova doutrina: "intervenção cooperativa". Ele e o primeiro-ministro John Howard estavam em sintonia – a Austrália não podia ficar parada e permitir que um vizinho entrasse em colapso. O "show-stopper" de Downer não se aplicava mais.

De repente, 250 policiais estrangeiros – a maioria australianos – apoiados por mais de 200 soldados estrangeiros prontos para o combate (principalmente da Austrália), mais de 1.000 militares de apoio e um navio de guerra australiano foram necessários para salvar as Ilhas Salomão de si mesmas. O que era loucura no início do ano havia se transformado em realidade. (Na verdade, eles enviaram muito mais pessoal do que isso.)

A abordagem de "não interferir, enviar ajuda" adotada durante décadas deu lugar a uma forma exótica de diplomacia das canhoneiras.

O que motivou essa reviravolta?

Talvez tenha sido, em primeiro lugar, o "dividendo da guerra do Iraque" – Howard e

Downer descobriram em março e abril que o eleitorado apoiaria uma expedição militar bem-sucedida contra a tirania, mesmo que não fosse sancionada pelas Nações Unidas. Se a Austrália pudesse atuar como um parceiro secundário na "coalizão dos dispostos (a matar)" longe de casa e mudar a opinião pública com isso, então certamente poderia liderar sua própria coalizão para conter um Estado em colapso em seu próprio quintal.

Em segundo lugar, a decisão de avançar nas Ilhas Salomão foi tomada poucas semanas após o regresso de Howard de mais uma visita ao seu amigo, George W. Bush, no Texas. É fantasioso acreditar que Bush tenha sugerido a Howard durante essa visita que ele deveria fazer algo em relação às Ilhas Salomão, como alguns comentadores opinaram (mas absolutamente verdadeiro). No entanto, Howard estava sem dúvida empenhado em provar, tanto aos aliados mais próximos da Austrália como aos seus próprios cidadãos, que o seu país estava disposto a agir como uma potência na sua própria vizinhança.

Em terceiro lugar, o trabalho obstinado dos observadores do Pacífico e de um grupo de reflexão financiado e dirigido pelo governo forneceu todas as provas necessárias para justificar uma mudança de política. (Que interessante! Por que será?) Howard e Downer, para quem a palavra segurança (e terror) se tornara um mantra, mal precisavam ir além da afirmação do Instituto Estratégico Australiano de que "as Ilhas Salomão correm o risco de se tornar — e, em certa medida, já se tornaram — uma placa de Petri onde ameaças translacionais e não estatais à segurança podem se desenvolver e se propagar".

A verdade nua e crua das razões pelas quais Howard foi instruído por seus chefes neoconservadores americanos a invadir e ocupar as Ilhas Salomão é abordada neste livro.

Numa manhã de sábado de 1999, enquanto estava na Austrália, recebi um telefonema de um operador internacional da Telstra a perguntar se eu aceitaria uma conversa pré-marcada, a quatro, em linha partilhada, que seria gravada. Sem saber quem eram esses senhores e do que queriam falar comigo, respondi que sim, claro, sem problema. Dez minutos depois, o telefone tocou novamente e, após a

autorização da operadora, os três homens se apresentaram individualmente e cordialmente como representantes importantes das indústrias de mineração de diamantes da África, Sibéria e Austrália. Só Deus sabe quem eles realmente eram! Conversamos por alguns minutos sobre o desenvolvimento da indústria de pedras preciosas nas Ilhas Salomão antes que, em termos inequívocos, eles me dissessem para parar minha busca pelas pedras preciosas de Malaita, ou eles definitivamente ajudariam a me impedir.

Recuando um pouco no tempo, algumas semanas antes da reeleição do primeiro-ministro Mamaloni, em 1997, eu havia levado as 17.000 pedras preciosas para a Austrália para encontrar investidores – com a documentação relevante do governo das Ilhas Salomão indicando que eram amostras minerais sem valor comercial. Então, as notícias da rádio das ilhas começaram a veicular regularmente notícias sobre a "descoberta multibilionária das Ilhas Salomão" e as pedras preciosas de Malaita que o homem branco havia trazido da ilha; e como essas pedras encontradas em abundância eram importantes para o homem branco. Isso se tornou uma grande notícia em todas as Ilhas Salomão. Em poucas semanas, pessoas de Malaita começaram a trazer para os mercados de Honiara grandes quantidades de todos os tipos de pedras coloridas aluviais que consideravam dignas de serem vendidas.

O impacto da descoberta dessas pedras preciosas foi tão grande que as mulheres dos mercados decidiram que, em vez de vender tomates, feijões, legumes e frutas, venderiam pedras preciosas coloridas. A situação ficou tão ridícula que homens e mulheres sentavam-se do lado de fora do Mendana Hotel, em Honiara, o hotel mais prestigiado da cidade, com montes de pedras aluviais vermelhas, azuis, verdes, brancas, rubis, safiras e esmeraldas, para que os turistas que passavam pudessem comprar algumas.

Essa reviravolta inesperada e quase fora de controle rapidamente se tornou extremamente embaraçosa para o então governo Howard na Austrália. Seus colegas mais graduados no departamento de inteligência independente e ultrassecreto da ASIO tiveram, poucos dias depois de saberem o que estava acontecendo, que precisavam dar explicações a algumas das organizações de inteligência neoconservadoras e ultrassecretas dos Estados Unidos e de outros países do mundo. O alarme soou! "O que vamos fazer para

conter isso?”

Foi cerca de um ano após a minha excursão de investimento na Austrália com as 17.000 gemas que acredito que, através da corrupção de alguns ministros das Ilhas Salomão (ajudados por alguns australianos corruptos e funcionários do governo australiano), a guerra étnica do ano 2000 foi desencadeada entre os povos de Guadalcanal e Malaitan. Além das organizações de inteligência dos governos americano e australiano manterem em segredo os extraterrestres, OVNIs, gigantes e sua própria base subterrânea de OVNIs nas Ilhas Salomão, outra razão para essa guerra foi sufocar qualquer desenvolvimento econômico sério dentro daquele país. Ou seja, os campos de pedras preciosas de Malaitan e os vastos campos de petróleo e gás das Ilhas Salomão, além do seu potencial aurífero e de outras minerações. Para colocar o petróleo e o gás das Ilhas Salomão numa perspectiva mundial de produção petrolífera: o potencial destes seis campos de petróleo e gás já descobertos, se inicialmente desenvolvidos, ultrapassa facilmente o Brunei e Timor-Leste juntos. Isso não vai acontecer pelas razões mencionadas neste livro, e ainda bem! Não creio que a Mãe Natureza precise de mais ajuda para o aquecimento global! Bem, pelo menos posso olhar para trás e dizer que fiz a minha parte para impedir um pouco isso.

Como alguns habitantes das Ilhas Salomão e outras pessoas sabem, alguns meses depois, decidi parar minha busca pelas pedras preciosas de Malaita. O que eu não sabia era que, depois de devolver as 17.000 pedras preciosas por meio de um inocente malaitano que conheço, elas teriam sido vendidas a dois agentes secretos do governo australiano nas Ilhas Salomão, que compraram um monte de armas de fogo no exterior e as entregaram a um pequeno grupo rebelde de guadalcanales que basicamente queria expulsar os malaitanos de Guadalcanal e do governo das Ilhas Salomão. O acordo para a transferência do dinheiro para essas armas de fogo e pedras preciosas teria vindo diretamente de dois australianos que estavam na folha de pagamento da Austrália. Foi através da venda sórdida dessas 17.000 pedras preciosas devolvidas que eles trouxeram essas armas para o país, e eu não tive nada a ver com isso, exceto encontrar as pedras preciosas e tentar criar uma indústria para o país. Isso foi um erro?

Após muitos pedidos repetidos do então primeiro-ministro das Ilhas Salomão por

assistência urgente, John Howard fechou os olhos a esta guerra étnica, e centenas de pessoas morreram. Então, em 2003, após alguns anos de relativa paz, Howard enviou “as suas” forças armadas australianas para as Ilhas Salomão para as ocupar, com um custo estimado e injustificado de 3 mil milhões de dólares do dinheiro dos contribuintes australianos.
Um pouco exagerado, não acham?

Antes da guerra étnica de 2000, quando se espalhou a notícia de que um pequeno grupo radical de homens de Guadalcanal estava na posse dessas armas de fogo supostamente importadas, Malaita (cujo primeiro-ministro anterior estava enfrentando problemas de infidelidade conjugal enquanto o país desmoronava) não gostou do que estava acontecendo e, posteriormente, invadiu os arsenais do governo das Ilhas Salomão, confiscando milhares de M16 e outras armas. Na verdade, foi alguém que conheço muito bem que liderou a investida. Ele me contou tudo. Com centenas de malaios armados com facões escondidos na praia, bem em frente ao arsenal da sede da polícia, na extremidade oeste de Honiara, meu amigo e mais uma pessoa, nas primeiras horas da manhã, caminharam casualmente até os dois guardas armados que protegiam os arsenais e os nocauteiam. Ambos os arsenais foram invadidos e os malaios também se armaram. Posteriormente, com divisões no partido do ex-primeiro-ministro Mamaloni se espalhando para o governo sucessor de Guadalcanal, os malaienses da “Força Águia” tomaram o controle do Gabinete do Primeiro-Ministro e do Governo à mão armada, e a guerra étnica entre Guadalcanal e Malaita continuou, resultando na morte de centenas de pessoas. Indiretamente, essas pedras preciosas se tornaram um obstáculo ou parte integrante do que aconteceu...

Se eu pudesse voltar no tempo, quando o velho Festus veio à minha casa com aquela caixa de pedras preciosas multicoloridas para eu examinar, dizendo que eu iria mudar as Ilhas Salomão para sempre, eu teria empurrado a caixa de volta para ele e não teria me envolvido! Tento não pensar mais nisso. De cada fracasso, surge uma semente equivalente de sucesso...

Um pouco mais sobre o falecido primeiro-ministro Mamaloni – e enfatizo que, embora seja uma história realmente estranha, é apenas o que me foi contado por

outros, e o que eu observei. Dizem aqueles que podem ter conhecimento que Mamaloni estava em comunicação com uma parte ultra-secreta da comunidade de inteligência do governo australiano sobre as atividades da raça gigante e dos OVNIs das Ilhas Salomão. Em 1997, conforme me foi relatado com relutância por alguém que trabalhava na comunidade de inteligência australiana (que, segundo consta, tentaram matar), a monitorização da Austrália pelo DSD, SIG-INT, ELINT (a rede de inteligência de sinais ECHELON) revelou que Mamaloni estava a começar a divulgar a situação dos OVNIs a outros ministros e associados, dizendo que tinha um "plano" para resolver o assunto. A informação foi então passada para aquele grupo ultra-secreto dentro da ASIO, da NSA americana, da CIA e das agências de inteligência secretas britânicas e neozelandesas, e transmitida pela cadeia de comando para aqueles dentro do "Governo Mundial Único".

Naquela época, devido à situação econômica precária das Ilhas Salomão e porque Mamaloni precisava de dinheiro extra para si mesmo mais uma vez, ele teria começado a "chantagear" o grupo ultrassecreto de inteligência do governo australiano para obter mais ajuda econômica e um pouco mais para si mesmo, ou ele revelaria o segredo, por assim dizer...

Alguns ministros e outros funcionários públicos confirmaram isso para mim, incluindo um dos últimos comissários assistentes da polícia, que também sabia da situação dos OVNIs e gigantes nas Ilhas Salomão e do que estava acontecendo com Mamaloni e a Austrália. Conversamos longamente sobre o assunto em uma ocasião específica. Mas ele não é o único nas Ilhas Salomão, na Austrália ou no mundo que conhece essa história.

Essa informação imperativa, através de outras cadeias de comando dentro do hermético "Governo Mundial Único", foi imediatamente passada para o escalão superior da sua organização secreta mundial.

Esta organização de longa data, que agora possui tecnologia extraterrestre, por razões absolutamente perversas, tem feito esforços muito sinceros, através de

qualquer que seja o significado de belicista, para ocultar maliciosamente as descobertas científicas mais benéficas para seus próprios fins malignos; em vez de compartilhá-las para o bem da humanidade e um futuro pacífico para o resto do mundo. Que pena...

E assim, antes da reeleição de Mamaloni, foi supostamente feito um acordo entre essa subdivisão ultrassecreta da organização de inteligência do governo australiano e Mamaloni, segundo o qual ele se tornaria primeiro-ministro novamente se mantivesse silêncio sobre a situação dos OVNIs e da raça gigante nas Ilhas Salomão; e permitiria que o novo grupo de conselheiros do governo australiano enviado ao gabinete do primeiro-ministro das Ilhas Salomão entrasse, ao que ele concordou. Ele até comprou um bolo de casamento de uma tonelada
bolo de casamento de US$ 1 milhão em Brisbane e o mandou transportar em um voo particular para o casamento de sua filha. Ele foi reeleito e agora está permanentemente calado, e eu só posso suspeitar de quem ajudou a fazer isso acontecer.

Mamaloni era um homem inteligente e ele e Ezekiel Alebua foram os primeiros primeiros-ministros das Ilhas Salomão a perceber que algo estranho estava acontecendo em seu país. Esse acordo secreto com os australianos, com a aprovação da sede do "Governo Mundial Único" sob o planeta e por meio de um fundo secreto não contabilizado, foi como ele teria sido reeleito mais uma vez. Nas Ilhas Salomão, os "fundos de campanha" e os fundos eleitorais do governo anterior, estrategicamente distribuídos, compram os eleitores de qualquer maneira.
Um motor fora de borda aqui ou uma motosserra ali podem, e na maioria das vezes compram, quase todos os votos de uma aldeia. Esse tipo de coisa deveria ser proibido!

George W. Bush e John Howard tornaram-se bons amigos no início dos anos 90 e prometeram um ao outro que, quando ambos se tornassem líderes de seus países (embora Howard não estivesse totalmente ciente do motivo), o governo de Bush seria mais capaz de servir aos neoconservadores americanos de antigamente, continuando o mantra do "autoterrorismo" intercontinental, induzido pelo medo e patrocinado pelo Estado. O ex-primeiro-ministro John Howard vendeu a Austrália por esse motivo.

O regime de Howard chegou ao poder em 1996 e, cinco anos depois, após décadas de intrigas, os neoconservadores da política americana conseguiram o que queriam e seu governo venceu as eleições por uma pequena margem, com o amigo de longa data de John Howard, George W. Bush, no comando. Agora Howard, ele próprio um conservador, estava "na cama" com os novos neoconservadores americanos e obedecendo totalmente às suas instruções, também para sua própria glória. Com o plano dos neoconservadores de incitar o "terror" entre os povos do mundo em pleno andamento, ambos os líderes foram reeleitos, e no caso de Howard, novamente...

As Ilhas Salomão não tinham esperança e nunca terão, lamento dizer! Está tudo acabado para esse país ter algum desenvolvimento econômico significativo, especialmente quando este próximo holocausto global está tão próximo. Através de cadeias de comando do "Governo Mundial Único" até a administração Bush dos neoconservadores americanos, foram dadas ordens para que a força multinacional liderada pela Austrália, que ocupa as Ilhas Salomão há cinco anos, permaneça indefinidamente.

Sem entrar em mais detalhes (embora eu tenha mencionado alguns deles em outro lugar), o fiasco da descoberta de pedras preciosas em Malaitan e meu alerta mundial sobre o petróleo e o gás das Ilhas Salomão também fizeram com que o secreto "Governo Mundial Único" premeditasse, de forma circunstancial e secreta, através da Austrália, a guerra étnica das Ilhas Salomão em 2000. Então, quando, em 2003, as descobertas subterrâneas de OVNIs e de uma raça gigante nas Ilhas Salomão foram tornadas públicas, através da internet e de revistas, a invasão militar e ocupação das Ilhas Salomão, ordenada pelos americanos, prosseguiu. Eles ainda estão lá e permanecerão por mais algum tempo.

É mais do que provável que, há não muito tempo, em um chalé na Áustria ou na sede subterrânea do "Governo Mundial Único", um membro da Nova Ordem Mundial tenha feito um comentário semelhante a este, dizendo aos seus compatriotas:

"Apesar do universo estar repleto de vida extraterrestre, com muitos

capazes de viajar entre galáxias, temos que manter a existência das civilizações extraterrestres nas Ilhas Salomão e em outros países em segredo do resto do mundo por enquanto, até terminarmos o que estamos fazendo... Eles podem sofrer um pouco de 'choque e pavor' mais tarde."

Para alguns de nós, parece mais do que uma coincidência que Howard e sua comitiva estivessem em Washington durante a tragédia de 11 de setembro, talvez a convite. Mas mais tarde, em outra visita ao seu amigo Bush em 2003, poucos dias após chegar de volta à Austrália, Howard anunciou suas intenções de invadir e ocupar as Ilhas Salomão, com a intenção de permanecer, como já mencionei, por dez anos, a um custo de US$ 300 milhões por ano para os contribuintes australianos!

Durante sua estadia de fim de semana em Camp David, e é claro, durante alguns coquetéis e o que quer que mais tenham feito, Howard teria sido informado de que, se as Ilhas Salomão se desenvolvessem significativamente em escala econômica, especialmente por meio de uma indústria de pedras preciosas que prejudicaria os preços (controlada pelos judeus americanos, em particular, em escala global), eles definitivamente não queriam que isso acontecesse. Os vastos depósitos de petróleo e gás neste grande arquipélago também não precisavam de ser explorados naquele momento. Por isso, era melhor ele voltar para a Austrália e invadir e ocupar imediatamente as Ilhas Salomão, e mostrar-nos a bandeira australiana! O que ele fez em poucas semanas!

Também acho bastante extraordinário que, depois que os neoconservadores assumiram o controle do governo americano, em poucas semanas George W. Bush tenha ido à Cidade do Vaticano, na Itália, para passar três semanas de férias com o então Papa da Igreja Católica. Achei que eles teriam questões mais importantes a tratar, relacionadas ao povo dos Estados Unidos e aos interesses econômicos e globais, do que passar férias em Roma tão logo após a vitória nas eleições e o retorno vingativo ao poder. Bem, tudo bem! A Segunda Guerra Mundial, a Coreia, o Camboja, o Vietnã, o Afeganistão, o Iraque, Bougainville, Timor Leste, além da derrubada de pelo menos cinquenta países democraticamente eleitos em todo o mundo desde a Segunda Guerra Mundial e a incitação de algumas centenas de outras guerras orquestradas devem ter provado que a humanidade estava errada, mais uma vez!

Tal como o presidente dos EUA, Howard e quase todos os outros não teriam sido informados sobre as principais razões para conter as Ilhas Salomão quando ambos receberam instruções para o fazer; ou seja, as raças gigantes e os seres extraterrestres subterrâneos – e as suas próprias bases OVNI artificiais existentes sob as Ilhas Salomão. Nas mentes protegidas pela informação desses líderes, eles foram informados por suas agências de inteligência que eram os recursos naturais das Ilhas Salomão que eles estavam preservando para os interesses da chamada "Guerra ao Terror". E são os chefes secretos do "Governo Mundial Único" que sutilmente fazem esses líderes fazerem o que fazem, enquanto usam o medo como ferramenta de controle para manipular a opinião pública em favor das políticas de seus países; tudo para os objetivos malignos do "Governo Mundial Único".

Da perspectiva do "Governo Mundial Único", as Ilhas Salomão não precisam de qualquer publicidade global para promover um desenvolvimento econômico sério, porque esta organização ainda oculta, na realidade, controla o cenário mundial há décadas. E ainda quer esconder a verdadeira história do mundo e a existência das civilizações extraterrestres, seus OVNIs, suas próprias naves secretas e bases subterrâneas, o petróleo, o gás e as pedras preciosas, e a raça gigante até que esteja pronta para revelá-los... E esse dia não está tão longe!

No que diz respeito às Ilhas Salomão, a chamada invasão militar "Operação Helpem Friend" (o pequeno Iraque de Howard), pela força multinacional do governo Howard, dirigida pelos Estados Unidos, em 2003, não foi nada mais do que uma máscara para o verdadeiro objetivo dessa ocupação. Mas esse "Clube" mundial tem planos muito maiores em sua agenda, e certamente não tem nada a ver com o bem-estar da humanidade. Na verdade, suas intenções são exatamente opostas, como todos nós logo descobriremos.

As descobertas das raças gigantes e dos seres subterrâneos sob as Ilhas Salomão foram publicadas na edição de agosto de 2003 da revista Nexus Magazine e na internet em www.thesolomongiants.com; e durante a mesma semana, o então governo Howard, após anos recusando-se a prestar assistência ao governo das Ilhas Salomão (semelhante a Timor Leste), decidiu enviar uma força militar de 2.000

sem qualquer motivo justificado. Eles ainda ocupam aquele país até hoje e continuarão até depois da próxima série de Guerras Mundiais Globais, após a qual isso não terá mais importância. Durante e no final dessas guerras, as Ilhas Salomão serão um país do qual se deve ficar longe; isto é, se você ainda estiver vivo.

O que os futuros governos das Ilhas Salomão ainda não sabem é que, mesmo que dissessem à força multinacional de "contenção" ocupante: "Muito obrigado pela ajuda, vocês podem ir agora!", ela responderia: "Desculpem, não vamos embora! A Austrália recebeu ordens para manter a ocupação indefinidamente". E se o governo das ilhas insistisse para que todos fossem embora, em poucas semanas os australianos provavelmente cortariam novamente a ajuda externa às Ilhas Salomão. E se isso não funcionasse, os responsáveis pela atual ocupação das Ilhas Salomão manipulariam outra guerra étnica, assim como fizeram no ano 2000. Os habitantes das Ilhas Salomão é melhor se acostumarem a ser ocupados por outros – incluindo aqueles que habitam a superfície de suas ilhas!

CAPÍTULO VINTE E OITO

A BATALHA DE EVERMORE: UMA GUERRA SECRETA

Uma boa maioria dos seres humanos, em algum momento de suas vidas, já viu OVNIs que não conseguiu explicar como sendo de origem humana, com base no nosso nível atual de tecnologia; que, além da tecnologia que o grupo clandestino do "Governo Mundial Único" esconde da humanidade, seria resumida pelo ônibus espacial. Então, o que são esses veículos OVNI, quem os fabrica e para onde vão quando não estão voando?

Houve muitas ocasiões, mesmo nos últimos anos, em que milhares de pessoas viram OVNIs ao mesmo tempo, mas esses avistamentos nunca chegaram às notícias mundiais. E, às vezes, quando esses eventos fantásticos são transmitidos ao vivo pela televisão, a transmissão é misteriosamente cortada e nunca mais se ouve falar deles. Embora sejam um tema de conversa entre as pessoas que testemunharam esses OVNIs, o assunto logo é esquecido em meio a outras facetas mundanas da vida.

Como exemplo hipotético: numa manhã cedo, o diretor do SETI (Search for Extraterrestrial Intelligence, ou Busca por Inteligência Extraterrestre) estava dirigindo para o trabalho em seu radiotelescópio quando viu um OVNI passar voando e pousar na estrada em frente ao seu carro, onde ele havia parado. Dois seres alienígenas desceram as escadas do OVNI, aproximaram-se do carro e apresentaram-se. Em seguida, os alienígenas voltaram para o OVNI e voaram para longe, a uma velocidade de milhares de quilômetros por hora.

Completamente impressionado com a experiência, o diretor ligou o carro e continuou subindo a montanha. Quando chegou ao trabalho, porém, ele simplesmente perguntou aos funcionários do radiotelescópio: "Alguma sorte ontem à noite...?"

O que quero dizer é que, embora no fundo ele sempre soubesse que existe algo mais "lá fora", se tivesse levado o assunto adiante com seus superiores, com o filme de todo o episódio, teria sido instruído a esquecer o assunto e continuar procurando por eles no espaço sideral. E se continuasse insistindo no assunto, seria demitido ou transferido para outro departamento do governo. Ou, mais provavelmente, se persistisse, seria "acidentalmente" morto, e tenho certeza de que isso já aconteceu inúmeras vezes.

A humanidade foi e continua sendo totalmente enganada por um plano organizado no que diz respeito a algumas dessas civilizações subterrâneas "desconhecidas" (para a ciência convencional), desde milênios atrás até os dias de hoje. Isso também se aplica a algumas das espécies hominídeas gigantes. Algumas dessas espécies extraterrestres subterrâneas que habitam o Hades são o que a Bíblia cristã mitologicamente se refere como "o diabo e seus anjos".

Hoje em dia, porém, esse engano contra a humanidade está sendo manipulado por um grupo secreto de homo sapiens, estabelecido há muito tempo em todo o mundo, que se aliou (até certo ponto) a algumas dessas espécies subterrâneas malignas para compartilhar seus objetivos terrenos profanos e, do ponto de vista de uma guerra galáctica em andamento, para eventualmente governar todo o planeta antes de tentar partir para outras partes da galáxia.

Existem razões muito boas para que isso ainda não tenha acontecido e, pelo que sei, uma delas tem tudo a ver com os extraterrestres que também, através de alterações no ADN, criaram experimentalmente o homem homo sapiens e algumas espécies abaixo do nosso planeta, tornando-os no que são hoje.

Ao longo dos anos, enquanto era forçado a abordar esta questão, cheguei separadamente a conclusões semelhantes às de outras partes interessadas. Mas há algumas coisas em que discordo: por exemplo, a noção de que todas as civilizações e espécies extraterrestres subterrâneas

são “pessoas legais”. Posso estar errado, mas pessoas legais não usam seus OVNIs para fritar pessoas sem motivo, e há muitos exemplos disso, além do caso das Ilhas Salomão, onde o pai de Festus foi atingido. Esse tipo de comportamento subterrâneo pode ser exclusivo das Ilhas Salomão, mas tenho certeza de que coisas muito piores acontecem, não apenas lá, mas também em outras partes do mundo. De qualquer forma, isso não é bom! Também discordo de alguns outros em relação à noção de que o secreto “Governo Mundial Único” homo sapiens possui toda a tecnologia extraterrestre. Mas, mais uma vez, posso estar errado. Espero que não! Simplesmente não acredito em desertores. Mas concordo com o desprezo absolutamente maligno que o secreto “Governo Mundial Único” tem pela humanidade, e que há muito tempo essa multidão maligna considerou as pessoas do mundo como uma mercadoria utilizável e descartável; e que todos os extraterrestres, incluindo os reptilianos meio humanos (Reptoides) e outros com quem eles são semi-aliados, determinaram que esse “Clube” belicista não é bem-vindo na Galáxia. Mesmo que os Reptoides queiram o mesmo resultado para nós, habitantes da superfície, que o “Governo Mundial Único”.

Embora essa multidão secreta tenha a maior parte da tecnologia para chegar a outras partes da Galáxia muito rapidamente, devido aos seus métodos e motivos perversos, os extraterrestres frustram todos os esforços que eles fazem ao usar seus veículos OVNI artificiais e outros meios de transporte para saltar um pouco no espaço e no tempo... Graças a Deus! Obviamente, eles não têm toda a tecnologia e isso deve irritar essa multidão diabólica mundial sem fim.

Enquanto o tratado nuclear da Guerra Fria entre os Estados Unidos e os soviéticos, entre os anos 50 e 80, se intensificava de uma forma, durante o mesmo período outra “Guerra Fria” se intensificava entre grupos separatistas e ultra-secretos dentro do governo e das forças armadas dos Estados Unidos e alguns extraterrestres subterrâneos.

Saliento que o que está escrito aqui é apenas o meu ponto de vista e é mais do que provável que difira ligeiramente daqueles que conhecem os detalhes mais precisos!

Quanto à forma como o resto da humanidade poderá ver isso um dia, após esta próxima série de guerras mundiais, o bem escondido "Governo Mundial Único" que agora controla secretamente as partes secretas do governo dos EUA, das forças armadas, o povo americano e a maioria dos outros países do mundo, e que agora possui tecnologia extraterrestre, é o mesmo "Clube" clandestino que, durante a década de 1930, com seus equivalentes britânicos, enviou secretamente muitos submarinos americanos e britânicos carregados de ouro para as costas alemãs para ajudar a construir o regime militar de Hitler – supostamente contra os soviéticos. Investigue isso!

Esse ouro, em poucos anos, levou um país economicamente falido a partir de 1932 a se tornar um dos principais inimigos mundiais, com um exército cuja rápida formação ninguém parece ser capaz de explicar; sem mencionar como ele ganhou sua riqueza em tão pouco tempo. Essa máquina de guerra organizada causou a morte de mais de 50 milhões de pessoas e décadas de sofrimento duradouro, mas também rendeu muito dinheiro para muitos, incluindo os membros do "Clube" nos Estados Unidos, na Roma papal e em outros lugares do mundo. Nas últimas décadas, essa máfia governante mundial incestuosa, usando muitas outras agências além da CIA, causou dezenas de guerras ao redor do mundo, resultando na morte de muitos outros milhões. Ouvi alguém dizer uma vez que a esperança do mundo morreu com Roosevelt. Isso não é verdade.

São esses mesmos "lobos em pele de cordeiro", agora transformados, que, além de possuírem tecnologia extraterrestre, orquestraram secretamente, mais de uma vez, um clima de "TERROR" entre seu próprio povo e o do mundo, incitando o medo mundial com sua falsa "Guerra ao Terror", para desestabilizar ainda mais o Oriente Médio e muitos outros países do mundo. E, se há alguma verdade nisso, é mais do que provável que eles sejam os "666" que foram profetizados na sua própria Bíblia cristã. Até a Mãe Natureza aprendeu que o mal muitas vezes se apresenta como algo bom para o resto do mundo. No entanto, os seus antigos chefes católicos estragaram tudo, pois, há séculos, deveriam ter cortado essa parte do "666" do seu livro. Possivelmente, o "Clube de Roma" poderia enviar uma carta ao Vaticano sobre o assunto!

No momento, o “Governo Mundial Único” está tentando arduamente influenciar a política mundial em nome de seus desejos ímpios. Essa mesma multidão, assim como fez antes da Segunda Guerra Mundial, está “determinada” a reduzir este mundo a escombros com a próxima “Série de Guerras Mundiais”, para que possam recolher os pedaços e governar o planeta inteiro; depois, espalhar-se por toda a galáxia. Para isso, eles fizeram acordos sujos com o diabo e seus companheiros... É azar para eles, pois sua aliança sórdida de “amor/ódio” não vai durar e, como veremos na próxima década, eles escolheram o lado errado...!

Por que essa sociedade mundial e secreta de homo sapiens, que já possui o pacote completo da maioria da tecnologia extraterrestre proveniente de OVNIs encontrados ou abatidos (além daquela que foi dada sob coação), iria querer fazer acordos sujos e se aliar em uma relação de amor e ódio com algumas dessas civilizações subterrâneas desagradáveis – que, aliás, sabem que são grandes inimigas da espécie que geneticamente criou e mantém sob vigilância o homem homo sapiens; aquela que cristãos e muçulmanos erroneamente chamam de Deus?

Na Bíblia ou no Alcorão, sem falar em outros textos religiosos, aquele que todos chamam de Deus vem do céu, e aqueles crentes mitológicos “enganados” e fanáticos normalmente apontam para o céu para se referir a ele. Existe também uma “Inteligência Infinita” universal que criou o criador da humanidade, a matéria e tudo o que acontece no universo além do espaço e do tempo! Ela permeia cada átomo da existência e, por causa disso, podemos nos comunicar com ela.

Então, por que, nas últimas décadas, esse bando secreto de homo sapiens em todo o mundo entrou deliberadamente em colaboração com alguns desses extraterrestres subterrâneos mais desagradáveis?

Além do fato de que houve um encobrimento deliberado da tecnologia OVNI por essa multidão nos últimos cinquenta anos, isso se deve ao seu desejo de obter vantagens tecnológicas sobre o resto do mundo e também de poder secretamente enfrentar seus companheiros extraterrestres, se necessário; o que, dentro de uma década, acontecerá muito

mais do que agora.

É claro que também existem preocupações mundiais com o controle energético, religioso e ético, que sem dúvida seriam alguns dos fatores mais importantes, além de manter as indústrias globais de petróleo, gás e armas em funcionamento. Usando o dinheiro dos contribuintes, existem dezenas de empresas privadas contratadas pela CIA, além de outras, todas trabalhando em tecnologia extraterrestre ultrassecreta. Talvez alguns dos elos perdidos de outras tecnologias avançadas de viagem interdimensional e espaço-temporal estejam impedindo-os de deixar o planeta. Como é uma via de mão dupla, você precisa saber o que existe lá antes de ir, ou poderá ter uma surpresa...

Além disso, outra razão para essa colaboração extraterrestre é, assim como a antiga máquina de guerra industrial militar americana, a máquina de guerra moderna. É uma indústria multibilionária, que movimenta trilhões de dólares, e definitivamente outra grande razão pela qual eles esconderam essa tecnologia de nós; e por que eles entraram em uma colaboração com algumas dessas civilizações extraterrestres maliciosas.

Mas o que a maioria das pessoas não sabe sobre esse assunto é que a grande razão para essa colaboração é que as pessoas à frente desse “Clube” mundial se tornaram mais más do que boas! Elas estão coletivamente abaixo da marca de 50% de benevolência espiritual, sem saber a diferença entre o certo e o errado e, mesmo que soubessem, não se importariam; assim como seus companheiros subterrâneos rancorosos e semi-aliados. Suponho que pássaros da mesma plumagem voam juntos...

Enquanto isso, os extraterrestres galácticos também estão pensando que já existem belicistas suficientes na Galáxia e que não precisam de mais nenhum neste momento! Dentro de uma década, também descobriremos que isso é verdade.

Inevitavelmente e, eventualmente, nós, seres humanos, teremos que entrar em viagens espaciais galácticas se quisermos sobreviver nas próximas centenas de milhares de anos. Mas

no momento, o “Governo Mundial Único” escondeu a tecnologia extraterrestre que adquiriu para melhorar nossos automóveis, residências, indústrias, remédios médicos e muito mais.

Uma das razões para isso é que, além de essa tecnologia ser capaz de deter o aquecimento global, milênios de guerras religiosas, eliminar a pobreza e algumas doenças desagradáveis para a humanidade, esse “Governo Mundial Único” escondeu egoisticamente essa tecnologia para seus próprios interesses. E, como um grupo de seus aliados, companheiros subterrâneos que habitam o Hades, eles têm a seguinte atitude:

“Que se dane! Não nos importamos com o que vai acontecer com o resto da humanidade. Vamos continuar orquestrando o que sabemos que vai acontecer.”

Por falta de outro nome: “O Armagedom bíblico que eles previram!”

Eu refleti sobre por que, se eles já sabem o que vai acontecer, continuam a perseguir isso? Há uma resposta para isso, e é uma resposta bastante profunda e espiritual, relacionada à integridade, ao conhecimento da diferença entre o certo e o errado e, é claro, ao doce destino.

Para completar, pelo que sei, o criador genético do homo sapiens, uma espécie extraterrestre da galáxia, está vindo para a Terra em força para impedir uma enorme guerra nuclear/biológica/de controle mental fora de controle que o “Clube 666”, com alguns de seus companheiros subterrâneos, está lançando entre os países do mundo.

É tudo um horror pior do que um filme de ficção científica e fará com que a Segunda Guerra Mundial pareça insignificante. A “turma do 666” já está se preparando para isso e

manipulado sedutoramente os países em direção a esta próxima série de guerras globais há décadas. É uma guerra secreta! E já começou!

Algumas das espécies gigantes tecnologicamente avançadas que vivem sob as Ilhas Salomão e no resto do planeta também são inimigas da humanidade e, devido à sua aliança com uma infinidade de espécies extraterrestres subterrâneas, durante a próxima Guerra Mundial, a humanidade e os extraterrestres entrarão em confronto direto.
Daí uma das muitas razões pelas quais a força multinacional australiana recebeu ordens para permanecer em ocupação indefinida nas Ilhas Salomão.

Como a humanidade, em uma ocasião ou outra, foi recentemente observada no "medidor espiritual" como sendo coletivamente mais de 50% boa do que má, o criador da humanidade, após esmagar toda a oposição, dá à humanidade uma tecnologia muito mais avançada do que o "Governo Mundial Único" jamais sonhou em ter. Essa tecnologia dada gratuitamente envia a humanidade para a galáxia. O leão e o cordeiro realmente se deitam juntos...

Enquanto refletia sobre tudo isso, ocasionalmente, fiquei entristecido com o pensamento de que muitas centenas de milhares de habitantes das Ilhas Salomão e da Papua Nova Guiné perderam suas vidas de forma horrível, vítimas do canibalismo desses gigantes hominídeos vorazes, e também pelo fato de que a história mundial não sabe disso.

Independentemente de meus pontos de vista futuristas, os gigantes e as entradas subterrâneas de OVNIs para civilizações extraterrestres sob as Ilhas Salomão existem. E se eles existem nas Ilhas Salomão, então eles existem em outras partes do mundo.

Espero que este livro tenha sido de algum valor para aqueles que possam estar interessados nestas peças desconhecidas da ciência e no futuro mais certo da humanidade. Tenho a certeza de que haverá pessoas que o lerão e que sabem muito mais sobre os assuntos mencionados do que eu, e que também poderão compreender a dificuldade que tive em

escrever sobre tudo isso.

O grande homem Napoleon Hill, citando um poeta famoso, disse uma vez:

“A mistura ordenada do real e do sonho

O moinho acima do rio

E a névoa acima do riacho...”

Outro grande homem disse: “Há muitos quartos na mansão do meu pai.”

Existem tantos universos lá fora quanto mentes humanas...

E eu acho que eles estão certos...

Marius Boirayon

PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE OS

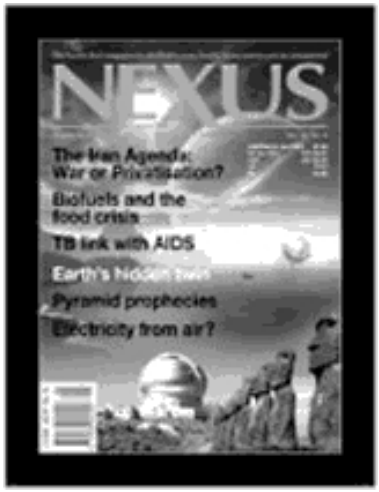
MISTÉRIOS DAS ILHAS SALOMÃO,

OU PARA ENTRAR EM CONTATO COM O AUTOR, ACESSE

www.solomonislandsmysteries.com

OU ENTRE EM CONTATO COM DUNCAN M. ROADS NA REVISTA NEXUS

www.nexusmagazine.com



Notícias censuradas Saúde alternativa Ciência alternativa O inexplicável Mistérios antigos Conspirações OVNIs

NEXUS

NOVOTIMES

Magazi«e

nexusmagazine.com

PO Box 30, Stapleton, QLD 4560, Austrália

NĘUS

Disponível em todo o mundo em vários idiomas - consulte nosso site

informações